

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS

CEILA PORTILHO MACIEL

**TRANSCORPOREIDADE E SABER:  
narrativas performativas e indisciplinares por uma descolonização epistêmica**

**Goiânia  
2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES  
E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

☐ Dissertação      ☒ Tese

**2. Nome completo do autor**

Ceila Portilho Maciel

**3. Título do trabalho**

TRANSCORPOREIDADE E SABER: narrativas performativas e indisciplinadas por uma descolonização epistêmica

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM      ☐ NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Luciana Hartmann, Usuário Externo, em 04/11/2020, às 12:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por CEILA PORTILHO MACIEL, Usuário Externo, em 20/11/2020, às 19:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1655570 e o código CRC 70827225.

**CEILA PORTILHO MACIEL**

**TRANSCORPOREIDADE E SABER:  
narrativas performativas e indisciplinares por uma descolonização epistêmica**

Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás, como exigência para obtenção do título de Doutora em Performances Culturais.

**Orientador(a):** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Hartmann

**Co-orientador:** Prof. Dr. Sérgio Bairon

**Goiânia  
2020**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Portilho Maciel, Ceia Portilho Maciel

Transcorporeidade e Saber [manuscrito] : narrativas performativas e indisciplinadas por uma descolonização epistêmica / Ceia Portilho Maciel Portilho Maciel. - 2020.

CCCXL, 340 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Luciana Hartmann; co-orientador Dr. Sérgio Baíron; co-orientador Dr. Christoph Wulf.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, Goiânia, 2020.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Estudos de Performance. 2. Pesquisa Performativa. 3. Corporeidade Investigativa. 4. Transcorporeidade. 5. Metodologia Intuitivo-Criativa. I. Hartmann, Luciana, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## ATA DE DEFESA DE TESE

Ata 6 da sessão de Defesa de Tese de Ceila Portilho Maciel que confere o título de Doutora em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos vinte e oito dias do mês de outubro de dois mil e vinte, a partir das dezesseis horas, através de webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada "TRANSCORPOREIDADE E SABER: narrativas performativas e indisciplinadas por uma descolonização epistêmica". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Luciana Hartmann (UnB, PPGPC/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Ciane Fernandes (UFBA), membro titular externo; Professora Doutora Marta Simões Peres (UFRJ), membro titular externo; Professor Doutor Carlos Rodrigues Brandão (UNICAMP/UFU), membro titular externo, Professora Doutora Renata de Lima Silva (UFG), membro titular interno e do Coorientador, Professor Doutor Sérgio Bairon Blanco Sant'anna (USP), cujas participações ocorreram através de webconferência. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. A banca salienta o mérito do trabalho e recomenda que para a entrega da versão final sejam acatadas as sugestões feitas durante as arguições orais, dentre as quais salienta: revisar a ordem de apresentação dos capítulos, informar sobre as matrizes corporais da pesquisadora já no início do trabalho, buscar maior síntese no texto, rever a crítica ao movimento negro e ao método científico, procurar estabelecer de forma mais clara os princípios que definem a proposta de transc corporeidade. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Luciana Hartmann, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

- |                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | Documento assinado eletronicamente por Marta Simões Peres, Usuário Externo, em 30/10/2020, às 17:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> .                    |
|  | Documento assinado eletronicamente por Luciana Hartmann, Usuário Externo, em 31/10/2020, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> .                      |
|  | Documento assinado eletronicamente por Renata De Lima Silva, Professor do Magistério Superior, em 04/11/2020, às 13:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> . |

Documento assinado eletronicamente por Luciene De Oliveira Dias, Coordenadora de Pós-Graduação,

[https://seil.ufg.br/seil/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=1771401&infra\\_sistema=1000...](https://seil.ufg.br/seil/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=1771401&infra_sistema=1000...) 1/2

- |                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | em 04/11/2020, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> .                                                                          |
|  | Documento assinado eletronicamente por Ciane Fernandes, Usuário Externo, em 09/11/2020, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <a href="#">Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</a> . |



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://seil.ufg.br/seil/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://seil.ufg.br/seil/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1639930 e o código CRC 335829CC.

À Mãe Terra em todas as suas manifestações

Às nossas e nossos ancestrais desde sempre

Ao meu pai Elter Dias Maciel *in memoriam*

À minha mãe Dulce Portilho Maciel

À minha filha e companheira Luana lua linda.

À todas as pessoas que possam se sentir

contempladas, irmanadas e inspiradas nesta

luta pela validação e emancipação dos

saberes tão preciosos, ainda excluídos e

subalternizados na sociedade e nas

instituições de ensino e pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida, à nossa Mãe Terra, aos meus ancestrais, a minhas famílias, às amigas e aos amigos do coração e a todos os seres animados e inanimados que têm tornado a vida, para mim, uma grande alegria, não obstante todos os desafios e desejos de luta.

Agradeço à leitura atenta de minha orientadora, Luciana Hartmann, no processo de dar forma à tese, com os confrontos, debates acirrados e impasses, que fortaleceram minhas convicções e me levaram a reinventar inúmeras vezes os caminhos e formas de narrar os aspectos fundamentais da pesquisa.

Ao coorientador Sérgio Bairon, pelo caminho já trilhado e aberto entre os muros acadêmicos, por nutrir um diálogo rico e fundamental para a sustentação teórica da tese e para manter viva a convicção em relação ela.

Ao Professor Christoph Wulf, co-orientador na Freie Universität Berlin, durante o período do doutorado sanduíche (bolsa CAPES de pesquisa), agradeço pelo apoio incondicional, pela delicadeza e generosidade em buscar entender as (des)construções e (im)possibilidades da pesquisa que eu me propunha desenvolver, ainda que eu, na época (segundo ano do doutorado), ainda não a pudesse elaborar com clareza.

À parceira, fada madrinha e advogada do diabo, na relação subjetiva com a escrita, Ana Godoy, pela paciência, pela confiança, pelo “olhar crítico e clínico”, mas, principalmente, por me acolher e me dar colo quando eu desmoronava e já não acreditava; assim como pelas broncas quando eu já não queria mais nada e estava disposta a me render ao “fracasso”.

Às todas as pessoas e grupos por que passei, durante as pesquisas de campo pelos territórios das artes e ciências do corpo em movimento sensível e criativo, em busca dos mistérios e saberes do corpo e da corporeidade. Em especial à querida amiga Elisa Abrão e sua linda turma da Licenciatura em Dança na FEFD/UFG; à Ka Rusler, entre outras companheiras de passos da pesquisa em Berlim; ao mestre Sathyan Gurukal, da arte marcial Kalaripayat, do CVN Trivandrum, assim como ao professor Rajan e a todas as alunas, alunos e assistentes, muito queridas e queridos, do CVN, que me acolheram e apoiaram nesta fase da pesquisa, fundamental para a compreensão dos conceitos que eu esboçava intuitivamente. Às eternas

irmãs de alma e de coração da formação em Dança Contemporânea, e à nossa mestra Angel Vianna, e professores da Escola, por tudo e por ter encontrado meu caminho profissional na vida e meu caminho vivo e vibrante na profissão.

Às minhas amigas e amigos, de sempre e de toda uma vida, por compreenderem minhas ausências, meus sumiços, meus silêncios e por continuarem, mesmo assim, sempre ao meu lado quando o desabar me levava de volta ao cais dos corações conhecidos e carinhosos; e pela torcida silenciosa e presente, ainda que distante, me nutrindo a confiança e a força de persistir no rumo que me faz ser quem sou e lutar pelo que luto. E, em especial às minhas primas irmãs Maciéis, irmãs de fé, do grupo Primigrinação (whatsapp), Edna, Patrícia e Renata, que me acolheram, me suportaram, me acalentaram e me curaram, nos piores momentos. Cói, “uai”, e gratidão!

Por fim, aos meus pais, que me ensinaram o amor ao conhecimento, o deleite com os livros, o prazer do ensino, da aprendizagem e da pesquisa, mas, acima de tudo, o amor à vida e aos seres de toda natureza e cores. Ao “Papi”, Elter Dias Maciel, que já partiu e que ainda sinto aqui ao meu lado, pela afinidade das visões de mundo, por também me ensinar um enorme amor ao belo, às flores, aos amigos, ao bem viver e à música, algo que também herdou de minha avó Ordália Pinto Maciel, de quem também recebi muitas inspirações que agradeço de coração; e à dedicação à luta por um mundo melhor para todos, herança do avô que partiu antes que eu pudesse me lembrar dele, Antônio Dias Maciel. À minha “Mainha”, por tudo, e por sempre estar por perto quando preciso, me incentivar a levantar quando eu caio e me dar todos os exemplos de garra e persistência, além da correção, solidariedade humana e ética, que aprendeu com meus avós, a quem agradeço também profundamente, Joaquim Portilho de Gouveia e Mariana Leite de Gouveia. Gratidão eterna.

Um agradecimento muito especial à minha filha Luana Portilho Maciel Carpinteiro, pela parceria incondicional, generosa e amorosa – próprias de alguém especial e cheia de sabedoria. Menina-moça, linda e companheira, sempre comigo e sempre me apoiando, com paciência e compreensão, com alegria e cuidados, por meses que se tornaram anos, vendo a mãe mergulhada nos livros e nos abismos da tela do computador. Pequena grande menina, meu grande amor, minha maior ensinante e minha principal parceira. Minha obra prima. Gratidão infinita.

## MANIFESTO POÉTICO POR OUTRAS CIÊNCIAS

Sueli de Lima Moreira

Alice de Lima Nin Ferreira

Precisamos da poesia para nos auxiliar nas nossas inquietações  
por outras metodologias de investigação científica?

Por que a ciência que nos formou (e hoje estamos a formatá-la)  
nos intimida e nos vigia ao invés de nos encorajar na aventura  
por  
novas perguntas?

Aprendemos que o cuidado epistemológico é um dos distintivos  
mais perseguidos pelos “grandes cientistas”. Toda a tradição  
positivista busca controlar cientistas ao conduzi-los por  
caminhos  
predeterminados em busca de uma resposta certa.

Mas os mundos contraídos e planificados não suportaram esta  
condição.

Manifestaram-se.

Complexizaram-se.

E a realidade não coube no método.

...”saber implica, antes, saber o que ainda não se sabe, porque o  
que não se sabe é sempre a maior parte do saber...”.

Inconformados e curiosos experimentamos os saltos dialéticos e  
voamos por espaços surpreendentes num mundo contraditório,  
insubmisso a tudo.

Queremos a aventura, o risco dentro do campo científico?

Podemos?

SIM.

(...)

Desde sempre são tantos relatos de perseguições a cientistas  
inconformados, suportaríamos conosco?

Sim, talvez em trabalhos coletivos, em diálogos solidários,  
marcadamente desconcertantes para a formação que tivemos.

Ou

seja, para fazermos uma outra ciência precisamos desaprender a  
ser quem somos. Como no Manifesto de Breton: surrealizar  
nossa  
compreensão de nós mesmos na direção de outras condições.  
Ou, pensamos, talvez seja ainda mais simples: o que vale em  
ciência  
é o que a comunidade aceita. Este MANIFESTO é um convite  
para  
aceitarmos as provocações de nossas realidades complexas e  
avan-  
çarmos juntos, colaborativamente, em direção ao que nos desafia.

Agosto 2020

## RESUMO

Esta Tese tem por objetivo apresentar o conceito de transcorporeidade, desde a perspectiva dos saberes do corpo e se propõe a questionar a construção e elaboração do conhecimento, ainda regida por uma herança colonial – de perspectiva epistêmica eurocêntrica – e a crença no método tradicional da ciência moderna como paradigma hegemônico. A investigação no território das artes do corpo sensível e criativo, tendo como referência propostas metodológicas de prática como pesquisa, teve como desafio desenvolver uma corporeidade investigativa e uma metodologia própria, nascidas da experiência do campo e da performatividade indisciplinar, o que veio a desenhar-se como uma metodologia intuitivo-criativa. Os passos iniciais da pesquisa apontaram tanto para a necessidade da descolonização do pensamento e da corporeidade da própria pesquisadora, como para o alinhamento teórico com os movimentos de descolonização epistêmica. Neste percurso construiu-se um forte entrelaçamento de referências epistêmicas do sul global, mais especificamente de epistemologias tradicionais dos povos originários do Brasil e de origem afrolatinoamericana, entre outras, entretecendo uma perspectiva transepistêmica inclusiva, de coexistência e entrelaçamento de saberes. O germinar da noção de transcorporeidade apresentada na tese, e a percepção de diversas dimensões de manifestação da mesma, tornou-se eixo medular e elemento integrador das constelações de conceitos, saberes e experiências, com que a tese se envolve e toma corpo.

Palavras-chave: Estudos de Performance. Pesquisa Performativa. Corporeidade Investigativa. Transcorporeidade. Metodologia Intuitivo-Criativa.

## **ABSTRACT**

This Thesis aims to propose the concept of transcorporeity, from the perspective of the body wisdom and proposes to rethink the question of the construction and elaboration of knowledge, still governed by a colonial heritage - from an Eurocentric epistemic perspective - which includes the belief in the traditional method of modern science as a hegemonic paradigm. The investigation in the territory of the sensitive and creative body arts, having as reference the methodological proposal of the Performative Research, proposed to develop an investigative corporeality and its own methodology born from the field experience and an interdisciplinary performance, which came to be designed as a intuitive-creative methodology. The initial steps of the research pointed to both the need for the decolonization of thought and the corporeity of the researcher herself, as well as the theoretical alignment with the epistemic decolonization movements. In this path, a strong intertwining of epistemic references from the global south was built, more specifically of traditional epistemologies of the peoples originating in Brazil and of African-Latinamerican origin, among others, interweaving an inclusive transepistemic perspective, of knowledge coexistence. The germination of the notion of transcorporeity, and the perception of several dimensions of its manifestation, became a medullary axis and an integrating element of the constellations of concepts, knowledge and experiences with which the thesis is involved and takes shape.

**Keywords:** Performance Studies. Investigative Corporeity. Transcorporeity. Performative Research. Intuitive-Creative Methodology.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                         |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Escultura em barro .....                                                                     | 27  |
| Figura 2 - Belchior.....                                                                                | 42  |
| Figura 3 - Poster Belchior.....                                                                         | 43  |
| Figura 4 - Imagem de fractal .....                                                                      | 49  |
| Figura 5 - Heranças e afetos .....                                                                      | 50  |
| Figura 6 - O “nós-carregador” anônimo .....                                                             | 53  |
| Figura 7 - Peça Espelho da Lua. Dir.: Ceila Portilho. Na foto: Helena Lua .....                         | 60  |
| Figura 8 - Elenco da peça Sand. Direção Shogo Ohta – Tóquio, Japão .....                                | 62  |
| Figura 9 - Post do Plano de Cura Maracá Emergencial.....                                                | 65  |
| Figura 10 - Terra - Foto Roberto Cavanna – Intérprete Ceila Portilho .....                              | 72  |
| Figura 11 - “Amigas eternas” em torno da mestra Angel Vianna – 2019. ....                               | 101 |
| Figura 12 - Pôr do sol. ....                                                                            | 102 |
| Figura 13 - Bonnie Bainbridge Cohen.....                                                                | 103 |
| Figura 14 - Transtecendo.....                                                                           | 107 |
| Figura 15 - Pintura do xamoi José Verá , tekoa Campo Molhado (Nhuũ Porã) RS.....                        | 109 |
| Figura 16 - Redes de transcorporeidade. Por Luana Portilho Maciel Carpinteiro .....                     | 114 |
| Figura 17 - Dirty White Trash (with Gulls).....                                                         | 121 |
| Figura 18 - 2º Symposium DGFE – E <sup>3</sup> - Erfahrung, Entfaltung, Embodiment – Berlim. 2017 ..... | 123 |
| Figura 19 - Encuentro Frente de Generos – La Poderosa – CLACSO 2018.....                                | 124 |
| Figura 20 - Experiência de Campo – FEFD/UFG. ....                                                       | 133 |
| Figura 21 - Experiência de Campo – FEFD/UFG .....                                                       | 134 |
| Figura 22 - Desenho vivo .....                                                                          | 135 |
| Figura 23 - Tipos de assédio.....                                                                       | 153 |
| Figura 24 - CLACSO 2018 - 1º Foro mundial del pensamiento crítico .....                                 | 155 |
| Figura 25 – CLACSO 2018 – 1º Foro mundial del pensamiento crítico.....                                  | 162 |
| Figura 26 - Espetáculo Espelho da Lua. 2004. ....                                                       | 165 |
| Figura 27 - Neon/Bordadeiras da Chapadas do Guimarães, autora desconhecida .....                        | 167 |
| Figura 28 - Symposium DGFE – Berlim.....                                                                | 176 |
| Figura 29 - Ser Natureza.....                                                                           | 179 |
| Figura 30 - Miitxya Fulni-ô. Goiânia .....                                                              | 180 |
| Figura 31 - Miitxya Fulni-ô. Goiânia. ....                                                              | 181 |
| Figura 32 - Repetição como anáfora - CLACSO 2018 .....                                                  | 183 |
| Figura 33 - Coleção desenho vivo .....                                                                  | 187 |

|                                                                                                                    |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 34 - Elenco do espetáculo Espelho da Lua.....                                                               | 188 |
| Figura 35 - Elisa Abrão – Docente das disciplinas, apresentando imagem do Monte Verità, 199                        |     |
| Figura 36 - Em movimento com os corpos no espaço – Turma de primeiro ano da Licenciatura em Dança – FEFD/UFG. .... | 200 |
| Figura 37 - Em movimento com os corpos no espaço – Turma de primeiro ano da Licenciatura em Dança – FEFD/UFG. .... | 201 |
| Figura 38 - Em movimento com os corpos no espaço – Turma de primeiro ano da Licenciatura em Dança – FEFD/UFG. .... | 203 |
| Figura 39 - CLACSO 2018 - 1º Foro mundial del pensamiento crítico .....                                            | 223 |
| Figura 40 - Representação de Fractal. ....                                                                         | 238 |
| Figura 41 - Grada Kilomba – Vídeo na Exposição Desobediências Poéticas na Pinacoteca de São Paulo – 2019.....      | 264 |
| Figura 42 – I Can´t Breathe .....                                                                                  | 265 |
| Figura 43 - Pôr do sol em algum fim de tarde na Índia .....                                                        | 270 |
| Figura 44 - Teatro de Contêiner Mungunzá – Luz – São Paulo.....                                                    | 273 |
| Figura 45 - Imagens da pesquisa sobre Coroação de Reis, de Sérgio Bairon. ....                                     | 274 |
| Figura 46 - Pintor do Fluxo Yóry Felipe Ken – Exposição no Teatro de Contêiner Mungunzá. ....                      | 275 |
| Figura 47 - Pintor do Fluxo Índio– Exposição no Teatro de Contêiner Mungunzá. ....                                 | 275 |
| Figura 48 - Peça Epidemia Prata. Cia Mungunzá de Teatro. ....                                                      | 276 |
| Figura 49 - Cia Mungunzá de Teatro ouvindo Dentinho sobre a experiência de recepção da peça Epidemia Prata.....    | 277 |
| Figura 50 - Fabio Rodrigues dos Santos, poeta, compartilhando saberes do fluxo ao Diversitas. ....                 | 278 |
| Figura 51 - Peça Epidemia Prata. Cia Mungunzá de Teatro .....                                                      | 279 |
| Figura 52 - Programa Integrando as Ações .....                                                                     | 280 |
| Figura 53 - Programa Integrando as Ações .....                                                                     | 283 |
| Figura 54 - Programa Integrando as Ações .....                                                                     | 284 |
| Figura 55 - Programa Integrando as Ações .....                                                                     | 285 |
| Figura 56 - Programa Integrando as Ações .....                                                                     | 286 |
| Figura 57 - Programa Integrando as Ações .....                                                                     | 287 |
| Figura 58 - CVN Kalari Trivandrum – Kelara – Índia. ....                                                           | 288 |
| Figura 59 - Sathyan Narayanan Gurukkal – Foto do livro Inde - Les guerriers guérisseurs – Kalarippayat.....        | 289 |
| Figura 60 - CVN Kalari Trivandrum. Professor sênior Mr. Rajan com aluno .....                                      | 290 |
| Figura 61 - CVN Kalari Trivandrum. Sathyan Gurukkal com aluno .....                                                | 291 |
| Figura 62 - Sathyanarayanan – Fotografia do livro Inde - Les guerriers guérisseurs – Kalarippayat.....             | 292 |

|                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 63 - Alunos do CVN Kalari Trivandrum .....                                   | 293 |
| Figura 64 - CVN Kalari Trivandrum.....                                              | 294 |
| Figura 65 - Nós, Imagens em cena, nas janelas e afetos .....                        | 295 |
| Figura 66 - Perereca no meu jardim e os saberes da ser flexível.....                | 296 |
| Figura 67 - El Afecto .....                                                         | 298 |
| Figura 68 - Saberes do meu jardim.....                                              | 299 |
| Figura 69 - UBUNTU .....                                                            | 304 |
| Figura 70 - Natureza Humana .....                                                   | 312 |
| Figura 71 - Ensaio Terra Mater .....                                                | 316 |
| Figura 72 - No trem para Wardha.....                                                | 317 |
| Figura 73 - Pintura de Dipti Ogre.....                                              | 318 |
| Figura 74 - Escapada dos participantes estrangeiros ao Ashram de Gandhi – Bapu..... | 320 |
| Figura 75 - Ailton Krenak – Assembléia Constituinte de 1988 .....                   | 324 |
| Figura 76 - Territorialidades Transcorpóreas .....                                  | 331 |

## SUMÁRIO

|                                                                                            |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO OU “PINGOS NOS IS” .....</b>                                                 | <b>19</b> |
| In-corporando texto.....                                                                   | 27        |
| Nascimento ou origem .....                                                                 | 32        |
| Do que trata o trabalho ou Bula descritiva livre .....                                     | 33        |
| Em tempo e “pra não dizer que não falei das flores” .....                                  | 35        |
| Autoetnografia ou Da natureza viva no envolvimento com o “objeto” .....                    | 36        |
| Raízes, radicalidades, perder países, liminaridades .....                                  | 38        |
| Honrando a Ciência em tempos negacionistas ou Do que não trata este trabalho.....          | 40        |
| Da natureza poética e silenciosa do Saber .....                                            | 46        |
| Sabor sangue .....                                                                         | 49        |
| Dos saberes do corpo e dos afetos ou Matrizes corporais .....                              | 55        |
| Angel Vianna .....                                                                         | 56        |
| Arte Marcial Kalarippayat .....                                                            | 57        |
| Tai-Chi-Chuan .....                                                                        | 58        |
| Outras matrizes deveras signific-ativas na minha corporeidade.....                         | 59        |
| Paisagem devastada ou cenário contextual .....                                             | 62        |
| Em resumo .....                                                                            | 66        |
| <b>MOVIMENTO I – CORPO, TEOR E TEORIAS.....</b>                                            | <b>73</b> |
| 1.1 O caminho se faz ao caminhar .....                                                     | 73        |
| 1.2 Performatividade investigativa e narrativa indisciplinar .....                         | 75        |
| 1.3 A voz do SerCorpoColetivo.....                                                         | 81        |
| 1.4 Performatividade indisciplinar e narrativa investigativa .....                         | 84        |
| 1.5 Repetições e variações em torno do tema .....                                          | 85        |
| 1.6 Epistemologia Sensível dos Saberes do Corpo .....                                      | 88        |
| 1.7 Narrativas de Risco ou Saberes Vivos em Movimento Indisciplinar .....                  | 89        |
| 1.8 Corpo Social Espetacular: enunciando o Corpo que, ao se revelar, escapa.....           | 90        |
| 1.9 Pesquisa, Performance, Leitura e Escrita: lugares de engajamento da corporeidade. .... | 93        |
| 1.10 Nada como a experiência em campo #NaJanela #Covid-19.....                             | 97        |
| 1.11 O sensível, o afeto e a ternura do encontro com o corpo .....                         | 98        |
| 1.12 Descolonial ou Decolonial? .....                                                      | 104       |
| 1.13 Corporeidade objetificada, (des)colonização e emancipação emergente .....             | 107       |
| 1.14 O (im)possível de dizer em período liminar: tecendo narrativas emCovid-19.....        | 115       |
| 1.15 Da massificação do corpo social à destruição do corpo planetário .....                | 116       |

|                                                                                                                                         |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1.16 O sumo do sumo, do sumo, do sumo.....                                                                                              | 121        |
| <b>MOVIMENTO II – DRAMA, TRAMAS E ENTRELAÇAMENTOS.....</b>                                                                              | <b>124</b> |
| 2.1 Performance e fundamentos da práxis investigativa.....                                                                              | 130        |
| 2.2 07/12/16 – Floresta Viva em que me embrenho .....                                                                                   | 141        |
| 2.3 Germinar possível de uma teoria viva em movimento .....                                                                             | 142        |
| 2.4 Por uma corporeidade narrativa vigorosa da experiência .....                                                                        | 145        |
| 2.5 Memórias das perspectivas originárias e políticas que se entrelaçam na corporeidade insurgente da investigação .....                | 148        |
| 2.6 Por uma perspectiva TransEpistêmica possível .....                                                                                  | 156        |
| 2.7 TransTerritorialidades e desafios nos estudos das performances, nas artes do corpo e em outras redes de transdisciplinaridades..... | 157        |
| 2.8 Saber dionisíaco, razão sensível e derivas epistêmicas .....                                                                        | 160        |
| 2.9 <i>Tate-and-o</i> em movimentos .....                                                                                               | 163        |
| 2.10 Rememorando ou quem conta um conto aumenta um ponto.....                                                                           | 165        |
| 2.11 Retomando o fio da meada .....                                                                                                     | 166        |
| 2.12 Fontes, oásis, musas, cálices, tábulas, fábulas... ..                                                                              | 168        |
| 2.13 Dos Saberes Tradicionais das Florestas de Abya Yala.....                                                                           | 176        |
| 2.14 O encontro com o sujeitobjeto .....                                                                                                | 183        |
| <b>MOVIMENTO III – SENTIDO: TRANSCORPOREIDADE .....</b>                                                                                 | <b>189</b> |
| 3.1 Transcorporificando.....                                                                                                            | 190        |
| 3.2 Do cotidiano à neurocepção – uma possível descrição do fenômeno.....                                                                | 191        |
| 3.3 Princípio integrador .....                                                                                                          | 198        |
| 3.4 Transcorporeidade – um esboço .....                                                                                                 | 207        |
| 3.4 O mal-estar capital quando atravessa e nos transcorpori-fica.....                                                                   | 209        |
| 3.5 Tessitura transcorporal e a noção de Transcorporeidade .....                                                                        | 210        |
| 3.6 A Transcorporeidade do Saber .....                                                                                                  | 212        |
| <b>MOVIMENTO IV – NARRATIVAS EM (DES)ENVOLVIMENTOS INDISCIPLINARES .....</b>                                                            | <b>214</b> |
| 4.1 A transdisciplinaridade viva no pensamento do corpo .....                                                                           | 223        |
| 4.2 Constelações, galáxias e fractais.....                                                                                              | 235        |
| 4.3 Narrativas possíveis dos saberes do corpo.....                                                                                      | 239        |
| 4.4 Em busca do texto e do sentido do texto ou girando em círculos.....                                                                 | 242        |
| <b>MOVIMENTO V – PERFORMANCES NARRATIVAS, SABERES EM DEVIR.....</b>                                                                     | <b>248</b> |
| 5.1 A dor sem palavras e sem razão comum, a voz sem lugar .....                                                                         | 250        |

|                                                                                                                  |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 5.2 Como calar a dor? .....                                                                                      | 254        |
| 5.3 A opressão sistêmica e onipresente da/na corporeidade social ou I can't breathe.....                         | 264        |
| 5.4 Semanas depois.....                                                                                          | 265        |
| <b>MOVIMENTO VI – EXPERIÊNCIAS EM CAMPO .....</b>                                                                | <b>268</b> |
| 6.1 Como diz o outro: a outra, as outras, os outros, es outres tantes de tantas histórias ....                   | 270        |
| 6.2 Como diz o outro em produção partilhada.....                                                                 | 272        |
| 6.3 Pesquisas registradas na memória.....                                                                        | 279        |
| 6.4 Kalaripayatt, a mãe das artes marciais: o que move a tradição na terra que se move?<br>.....                 | 287        |
| 6.5 Os lugares de saber e o giro epistemológico-existencial durante a pandemia.....                              | 294        |
| 6.6 Lugares de saber em devir Ubuntu .....                                                                       | 300        |
| 6.7 Saberes do corpo em movimento.....                                                                           | 305        |
| 6.8 Saberes arcaicos e nosso ser animal .....                                                                    | 310        |
| 6.9 19/01/18 – Madrugada no trem de Wardha para Bangalore, no meio da viagem, já 12<br>horas transcorridas ..... | 317        |
| 6.10 Lugar de fala mestiça e o corplaneta feminino .....                                                         | 321        |
| <b>VII - POR FIM.....</b>                                                                                        | <b>325</b> |

## INTRODUÇÃO OU “PINGOS NOS IS”

*Penso que assim como os grãos, as pessoas precisam conhecer sua origem, a fala que habita em cada semente. Todo ser que consegue escutar a voz do silêncio, ouve as suas verdades... Há uma ponte existente entre o conhecimento visível, letrado e o saber que habita nas profundidades de cantos, danças, trançados e em toda a complexidade da arte e espiritualidade dos povos nativos do mundo. Porém é necessário romper as barreiras da aparência, sempre penso nisso... Porque enquanto alguns ficarem se baseando e presos no não ser das coisas (aparência), jamais chegarão à dimensão maior do verdadeiro conhecimento, da sabedoria dos que sabem e conseguem sentir sua própria sombra!*

Cristine Takuá

*O saber é um longo, lento sabor.*

Paul Zumthor

É de corpo e alma, com o desejo da inteireza da minha corporeidade<sup>1</sup>, que me desafio a entrar nessa escrita. Escrita-desafio de uma narrativa que possa ser sentida, vivenciada e lida, com toques e tons que expressem algo da corporeidade existencial humana – que busca se inscrever no texto. Texto que se quer inscrição, gravada em letras e imagens, narrando experiências e elaborações da *corporeidade investigativa* fundante, proposta na pesquisa.

A palavra nasce do corpo, ela é corpo. A palavra falada, mas também a palavra escrita. E é preciso, portanto, deixar de lado a “dicotomia Corpo X Mente”. Especialmente no que concerne o desafio de uma *narrativa corporificada em palavras escritas* – esse paradigma há que ser abandonado, de início. Assim, busco um caminho do meio, um caminhar dialógico e transdimensional, sem perder de vista que, para construir essa narrativa corpórea relacionada aos *saberes do corpo* – aonde se enraíza a minha experiência – seja necessário me lançar radicalmente no entrelugar das artes, das performances e das ciências; no *limen* entre fronteiras da corporeidade, do Real e da conceitualidade; às margens, interstícios e atemporalidades; nos movimentos entre a vida pulsante, o desejo do saber e a teoria da vida, por desconhecidos

---

<sup>1</sup> Apesar de que, no campo da performance, vemos comumente o uso da palavra *corporalidade* se referindo a dimensões próprias do corpo e do movimento expressivo, optamos pelo uso do termo *corporeidade*, utilizado no campo da dança e da educação somática, posto que essa noção traz um aprofundamento vivenciado e uma perspectiva própria em relação à compreensão do sentido, da abrangência, da complexidade, das nuances e elementos do universo sistêmico do corpo. Segundo Preston-Dunlop e Sanchez-Colberg: “a space, which is in itself social-personal, political, domestic, abstract, conscious, unconscious, etc.” (*apud* MIRANDA, 2011, p. 3) (“Um espaço, que é em si mesmo sócio-pessoal, político, doméstico, abstrato, consciente, inconsciente”. Tradução minha). Podemos dizer que se trata de um espaço/tempo/fluxo/conexões, que fala não só dos elementos próprios ao corpo em seus entrelaçamentos, desdobramentos e extensões, mas das inumeráveis dimensões deste corpo e elementos constitutivos, em suas relações com o entorno e com o todo, na experiência de existir. Corporeidade é, em si, o movimento de ser/estar/existir/relacionar-se no mundo, ou, ser corpomundo.

movimentos, por estados de não-saber e aventurando entre fronteiras. Tema a que o escritor moçambicano Mia Couto, na conferência *Repensar o pensamento*<sup>2</sup>, nos brinda com sua delicada e lúcida visão, tão poética quanto acurada, das contradições e nuances da existência social e do desafio de um pensamento que construa pontes e não fortalezas:

Eu escolhi fazer um texto que se chama *Repensar o pensamento*, porque nós acreditamos à partida que o pensamento não tem fronteiras, o pensamento foi feito para superar essas fronteiras, esses limites, foi feito para rivalizar com o sonho nessa visita que nós fazemos ao impossível. A realidade, porém, é que este mesmo pensamento, enquanto entidade viva, nasce para se vestir de fronteiras; essa invenção é uma espécie de vício da arquitetura porque não há infinito sem linha de pensamento, sem linha do horizonte. Desde a mais pequena célula até os organismos superiores toda a criatura pede uma capa, uma espécie de invólucro, que é separador do mundo. A verdade é esta, a vida tem fome de fronteiras; e assim que se passa e não haveria nada a fazer, nem lamentar, porque essas fronteiras naturais são... não fecham, elas foram feitas, são entidades orgânicas, foram feitas como entidades que são vivas, permeáveis. O problema é que o nosso pensamento, ao contrário dessas entidades vivas, facilmente se encerra em si próprio e nós não sabemos fazer paredes vivas e permeáveis; erguemos paredes inteiras como se fôssemos tucanos cegos, erguemos fortalezas onde deveriam haver pontes; e aprendemos a demarcar-nos do outro e do estranho como se fossem ameaças à nossa integridade, mesmo que a gente não saiba exatamente o que é essa integridade. Temos medo da mudança, temos medo da desordem, temos medo da complexidade. [...] (COUTO, 2014, 0').

Mas, é exatamente neste lugar da mudança, da desordem e da complexidade – me nutrindo no eco inspirador do pensamento sem fronteiras, por exemplo em Mia Couto – que se coloca o desejo nesta narrativa. E em que possa inspirar a navegar também no universo da poesia e da literatura, posto que – ainda que sem ser poeta, ou romancista – possa encontrar uma narrativa que vibre algo da experiência e da corporeidade investigativa. Algo que, por outro lado, de alguma forma, possa adentrar e dialogar com o espaço/tempo/fluxo/conexões do fazer acadêmico, de maneira criativa e que nutra a corporeidade investigativa do trabalho.

O que significa, entre outras coisas, assumir o lugar e o movimento do *limen*, mergulhar em mais um período de pesquisa em que eu, enquanto artista pesquisadora, me lance e esteja à margem, em, ou entre, fronteiras; período que também seja, para mim, como um “rito de passagem”, segundo a definição de Van Gennep (1960) no sentido de “ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade” (GENNEP, 1960 *apud* TURNER, 2005, p. 138). Neste caso, mudança de perspectiva, passagem das posições prévias e zonas de conforto – tanto do universo da linguagem corporal na dança, quanto dos previsíveis jargões, protocolos e cânones acadêmicos – para uma zona desconhecida, a ser tecida, a ser (re)criada, desconstruindo modelos e metodologias hegemônicas pré-estabelecidas.

---

<sup>2</sup> Vídeo: *Mia Couto - Repensar o pensamento* - No canal Youtube: Fronteiras do Pensamento. <https://youtu.be/ahb9bEoNZaU>

Em outras palavras, me toca assumir e me entregar ao movimento de transformação, ao movimento de devir, neste caso, pelo movimento da corporeidade nas dimensões dos saberes do corpo, *rumo à tessitura de um vir-a-ser narrativa textual que não se sabe*. Mas que se anuncia na possibilidade de “estar no saber”, como desenvolve Octavio Paz, em *A imagem*. (PAZ, 2012, p. 110). O “*estar no saber*”, *também vibrante no território das artes e ciências do corpo sensível*, e que, acredito, *apontar para além de qualquer paradigma ou cânone; para além de qualquer dogma ou ortodoxia, que não nasça ou ressoe em sintonia na experiência e no instante de cada contexto*.

Quero ressaltar, de início, que a performatividade crítica, indisciplinar, quando possível insurgente e transgressora, em busca de emancipação epistemológica – em relação à hegemonia dos paradigmas, cânones e dogmas da ciência moderna eurocêntrica e do método científico tradicional – em momento algum quer aqui questionar o valor, as inúmeras contribuições, avanços e desenvolvimentos que estes proporcionaram, e ainda proporcionam, nos percursos e saltos cognitivos e tecnológicos da humanidade. Mas, sim, enfatizar a importância fundamental – e hoje urgente – de questionarmos a separação e hierarquização entre os conhecimentos reconhecidos como científicos, na modernidade, e todos os outros tipos de saberes que foram secularmente excluídos do fazer científico e da construção do conhecimento nas ciências e nas instituições de ensino e pesquisa.

O que, em países invadidos e tornados “colônias”, como o Brasil, significa a exclusão e marginalização dos saberes e fazeres tradicionais, de valor fundamental para as culturas locais e para as culturas que vieram a formar a população então colonizada.

Porém, tal movimento excludente de saberes e perspectivas epistemológicas tomou conta, de maneira hegemônica, da elaboração dita científica e reconhecida como válida, nos países do ocidente. Como explica o professor da Escola de Comunicação e Artes, pesquisador do Núcleo Diversitas<sup>3</sup> da USP, e coorientador deste trabalho, Sérgio Bairon – apresentando o trabalho de Peter Burke sobre *Uma história social do conhecimento* – no artigo *Experiência estética e produção do conhecimento*:

[...] quando a sociedade passou a ser considerada mais um conjunto de elos individuais do que o resultado da pertença a um coletivo; e quando o conhecimento passou a ser mais o resultado de uma soma de técnicas e métodos institucionais calcados em habilidades individuais do que propriamente da ação do saber oral coletivo. O autor também destaca a posição do Estado Moderno e da Igreja como grandes financiadores e reguladores da produção do conhecimento, delegando o *sensus communis*, a expressividade estética e a cultura oral ao esquecimento, enquanto participantes do conhecimento científico e da educação. [...] Na mesma proporção que a produção do

---

<sup>3</sup> Diversitas - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos - USP

conhecimento vai se especializando, vão diminuindo as múltiplas competências do pensador (sábio), tão características até o século XVI. (BAIRON, 2018, p. 169).

Assim, neste bojo foi excluído e subalternizado também o corpo, a corporeidade e a perspectiva dos saberes deste corpo. Como se a mente e o cérebro não fossem parte e manifestação do mesmo e como se os processos cognitivos se dessem em um cérebro sem conexão com o todo corporal e sistêmico que possibilita todo e qualquer processo existencial – em que as capacidades cognitivas se incluem. Neste sentido, quando falamos do corpo no contexto social moderno, hoje globalizado pelo planeta, há que se considerar esta subalternização e silenciamento. Corpo moderno colonizado, de saberes invisibilizados, excluídos ou subalternizados.

Mesmo dialogando, durante as disciplinas do doutorado, com inúmeros autores que me inspiraram de maneira genial e generosa, percebi cada vez mais claramente que, antes de tudo, era necessário desenvolver tais questões desde a perspectiva e experiências das artes e práticas corporais, com que desenvolvi uma outra maneira de compreender, processar e recriar os Saberes do Corpo. Senão por tantos motivos, simplesmente por ser outra perspectiva, por funcionar com uma outra lógica.

Dessa maneira é que fui compreendendo, dia após dia, um passo após o outro, que a investigação só podia se desenvolver radical e verdadeiramente, desde a perspectiva dos caminhos e modos de caminhar em que me fiz pesquisadora do movimento. O que inclui a perspectiva construída pelos Saberes que me foram chegando nas vivências e errâncias de uma vida, nos encontros reais e virtuais, nos diálogos com pares e mestres presenciais, virtuais e, eu diria, até imaginários. Assim como pelos caminhos, atalhos, desvios, derivas e descaminhos, da própria vivência e performance investigativa no doutorado, que estava apenas começando.

Já agora – na sistematização da pesquisa em tese – e tendo percorrido todo um caminho próprio, autônomo e em muito emancipador, re-encontrei, de maneira um tanto arrebatadora, o desafio de tecer uma narrativa signi-fica-ativa do movimento da pesquisa. Uma necessidade ética em com-textualizar, quem sabe por narrativas diversas, ensaios múltiplos e espiralados, alguma expressão possível da realidade do território, da corporeidade e dos fluxos de todo esse processo. Afinal, como diz Chimamanda Ngozi Adichie em *Sejamos todos feministas*:

Para que serve a cultura? A cultura funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade a um povo. (...) A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. **Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.** (NGOZI ADICHIE, 2017, p. 47-48).

Desejei e assumi enfrentar o desafio – investir na quebra de paradigmas – ao menos como um exercício de tentativa e erro, no sentido da busca em interpretar/traduzir o conteúdo potencial da tese, de modo que pudesse se afinar com o território dos saberes do corpo, se expressar em harmonia com a multiplicidade de dimensões constituintes, e, em ressonância com a transversalidade e a perspectiva panorâmica e heterárquica que nele pulsa. Além dos sentidos, afetos, órgãos e fluidos e... Simplesmente por ser esse o único caminho em que posso vislumbrar encontrar “a verdade” e o sentido de uma narrativa possível que, ao menos, aponte na direção transepistêmica e fecunda de interações e (re)significações e/ou transsignificações de saberes da investigação. Ou seja, se colocou para mim, o desafio de uma tessitura narrativa que ao menos anunciasse uma manifestação possível – ainda que impura, fugidia, incompleta, irreduzível – do multiverso dos Saberes do Corpo em Movimento, pela verdade subjetivo-coletiva, pulsante, na transcorporeidade em que coexistio.

O desejo, enfim, de inscrever nesse com-texto de interpretação sistêmico – em/com/desde a voz, a fala e o canto da corporeidade – as percepções, compreensões e composições vivenciadas nos movimentos dessa dança investigativa. A fala/escrita de alguns autores me inspirava esperança, especialmente no sentido de uma possibilidade remota de encontrar caminhos, meios e narrativas se não ainda próprias, ao menos afins, condizentes e reveladoras das vozes da corporeidade. Cito uma, entre várias inspirações, que anunciam possibilidades de linguagens outras reveladoras das “verdades” da existência. Em Verdade e Método Gadamer aponta, já na introdução, para a relatividade dessa hegemonia e consagração do método científico tradicional:

O fato de sentirmos a verdade numa obra de arte, o que não seria alcançável por nenhum outro meio, é o que dá importância filosófica à arte, que se afirma contra todo e qualquer raciocínio. **Assim, ao lado da experiência da filosofia, a experiência da arte é a mais peremptória advertência à consciência científica, no sentido de reconhecer seus limites.** (GADAMER, 1997, p. 33, grifo nosso).

Desde esta perspectiva complexa e sistêmica é que se fez fundamental *assumir a corporeidade como locus da construção do conhecimento no processo investigativo, assim como, a conexão dos saberes do corpo com o todo dos saberes invisibilizados ou marginalizados* – na e pela ciência e sociedade moderna, colonial, capitalista, eurocêntrica, patriarcal, racista etc. Questões medulares da pesquisa e na tessitura da Tese. *Pensar no paradigma da construção do conhecimento a partir dos saberes do corpo e do multiverso da corporeidade* – dentro desse modelo civilizatório de matriz colonial, onipresente e onipotente. Compreender elementos de um contexto de corpos assujeitados pela lógica da exploração e do

capital, de um corpo social oprimido, colonizado, *midiotizado*, onde a servidão voluntária<sup>4</sup>, em suas variações e sutilezas, assim como a “monocultura do saber”, nas palavras de Boaventura de Souza Santos (SANTOS, 2002) determinam a (de)formação dos corpos/corporeidades/existências/relações. Me mover, portanto, entre autores, pares e trabalhos que mergulharam na noção, nos conceitos, nas relações e derivações, relativas ao assunto colonialidade e descolonização tornou-se, então, inevitável.

Corporificar, portanto, o período da *liminaridade linguageira* e, nesta *performatividade narrativa*, percorrer os espaços entre, navegar pelas margens, acolher ruídos e não-saberes, buscando construir pontes, arriscando estar à deriva, beirando e muitas vezes me atirando nos abismos da incerteza e do desconhecido, veio como desenvolvimento natural. Em outras palavras, tecer e entretecer movimentos textuais – desde a corporeidade investigativa que conduziu a pesquisa – rumo a *narrativas performativas indisciplinadas*, foi o movimento minimamente coerente e em consonância com o corpo da pesquisa.

Assumo aqui, inicialmente, a proposta de uma *narrativa performativa*, baseando-me na noção do “performativo” como em sua definição original, cunhada pelo filósofo da linguagem, o inglês J.L.Austin, e em suas derivas – como descrito por Richard Schechner em *Qué son los estudios de performance y por qué hay que concenlos?*:

*El performativo de Austin es una categoría del lenguaje que realmente “hace” algo: promesas, contratos, matrimonios, bautismo de barcos. Sobre la base de las ideas de Austin, de que la lengua hace algo más que describir o expresar, otros, como Judith Butler y Peggy Phelan, encontraron el performativo en muchas esferas de la vida humana personal y social, incluidas actividades tan diversas como la escritura y el género (“mujer” no es un supuesto biológico sino algo “decidido” o “construido” culturalmente). (SCHECHNER, 2000, p. 12).*

Quanto à noção de liminaridade neste contexto, idealmente, me interessa um dos aspectos apontados por Victor Turner, no livro *Floresta de Símbolos* (2005, p. 141): “A liminaridade pode, talvez, ser encarada como o Não a todas as asserções estruturais positivas, mas sendo, de certa forma, a fonte de todas elas, e, mais que isso, como reino de pura possibilidade do qual novas configurações de ideias e relações podem surgir.” Falamos, então, de um fazer performático narrativo que se quer, idealmente, livre dos cânones. Sem entrar nos desdobramentos das distintas fases dos ritos de transição: “separação, margem (*limen*) e agregação”, entendo que estas fases estão presentes também aqui nessa proposta de processo,

---

<sup>4</sup> A expressão se originou no *Discurso da Servidão Voluntária* ou *O Contra Um* de Étienne de La Boétie, escrito após a derrota do povo francês contra o exército do Rei. O Discurso, publicado pela primeira vez em 1576, após a morte de La Boétie, apresenta reflexões inclusive quanto aos benefícios e benesses estruturais que fazem com que os povos e classes se submetam, voluntariamente, à opressão de um ou mais tiranos.

quase como uma sugestão metodológica, ainda que sem nenhuma pretensão definidora do percurso, mas, sim, como inspiração e desafio de um processo (im)possível.

Por essas e outras é que entendo que o campo dos estudos de performance seja um campo especialmente fértil para construções ao mesmo tempo teórico-críticas e performáticas de experiências descoloniais no meio acadêmico. E considero este trabalho não apenas uma manifesto crítico-performático, como também um chamado epistêmico neste sentido. Robson Corrêa de Camargo, fundador guerreiro e um dos principais responsáveis pela criação e consolidação do primeiro Programa de Pós Graduação em estudos de performance na América Latina, o Programa de Pós Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás, aonde esta pesquisa se tornou possível, descreve em *Milton Singer e as Performances Culturais*: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise:

Performances Culturais é um conceito que, primeiramente, está inserido numa proposta metodológica interdisciplinar e que pretende o estudo comparativo das civilizações em suas múltiplas determinações concretas; visa também o estabelecimento do processo de desenvolvimento destas e de suas possíveis contaminações; assim como o entendimento das culturas através de seus produtos “culturais” em sua profusa diversidade, ou seja, como o homem as elabora, as experimenta, as percebe e se percebe, sua gênese, sua estrutura, suas contradições e seu vir-a-ser. Neste movimento as performances são sempre plurais, pois solicitam o estudo comparativo, seja a partir de uma perspectiva macro (os grandes elementos da cultura, as Grandes Tradições, assim chamadas por Singer e Redfield) em contraste com as micro experiências (as variadas formas não oficializadas e diversas a que temos acesso) ou mesmo entre as pequenas tradições ou vice-versa. (...) As performances culturais a serem examinadas devem ser também entendidas como uma concretização da auto percepção e da auto projeção dos agentes desta cultura, do entendimento que estes fazem ou constroem de si mesmo, determinando e sendo por eles determinados. (...) Assim as possíveis ligações entre as pequenas culturas manifestas e os elementos canônicos e idealizados da grande tradição de determinada sociedade nos evidenciam as formas contraditórias da cultura, sua instabilidade e sua estabilidade, seu ponto de equilíbrio e os possíveis movimentos estabelecidos. (CAMARGO, 2013, p. 1 a 4)<sup>5</sup>.

Vejo este processo de elaboração da Tese como um período fronteiro, e, como neófito, me sinto como um “ser transicional” ou uma “persona liminar” (TURNER, 2005, p. 140). Trago a noção de liminaridade, portanto, menos com o objetivo de me amarrar a um referencial teórico e, muito mais, pela inspiração do grande desafio em que me vejo adentrando, quando penso na “floresta de símbolos”, imagens, ideias, noções, conceitos e palavras em que devo mergulhar em busca da tessitura de uma narrativa corporificada, sem ter noção precisa de por onde começar, que caminhos seguir e o que vou encontrar. “Não estamos diante de contradições

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.calstatela.edu/al/karpa/karpa-6>

estruturais quando discutimos a liminaridade, mas diante do que é essencialmente não estruturado.” (TURNER, 2005, p. 142).

E diante do “essencialmente não estruturado”, e em um não lugar, me lanço corpointeiro em *performatividade narrativa de busca*, a navegar:

*Viajar! Perder países!  
Ser outro constantemente,  
Por a alma não ter raízes  
De viver de ver somente!*

*Não pertencer nem a mim!  
Ir em frente, ir a seguir  
A ausência de ter um fim,  
E da ânsia de o conseguir!*

*Viajar assim é viagem.  
Mas faço-o sem ter de meu  
Mais que o sonho da passagem.  
O resto é só terra e céu.*

Fernando Pessoa

Figura 1 - Escultura em barro



Foto Roberto Cavanna – Intérprete Ceila Portilho. Itabirito, Minas Gerais, 1992.

*E, nesse navegar, em percurso indireto e liminar, caminho entre linhas e  
interstícios...*

### **In-corporando texto**

*A noção moderna de corpo é um efeito da estrutura individualista do campo social, uma consequência da ruptura da solidariedade que mescla a pessoa a um coletivo e ao cosmos por meio de um tecido de correspondências no qual tudo se entrelaça.*

*David Le Breton*

[...] o sul corpóreo não somente tem uma reação na dimensão artística, esta metáfora também clama por enunciar aquele lugar do corpo que é crítico e anárquico por excelência. Crítico e anárquico porque desconstrói, questiona e (re)significa em sua ação, tanto sua historicidade pessoal como a historicidade do meio que o rodeia, transgredindo, através de seu arquivo corporal, as convenções sociais. A prática corpórea do ator transcende e (re)significa a cultura hegemônica da cotidianidade porque a questiona e a reconfigura a partir do elemento medular da transgressão de uma época: o corpo.

Rocio Del Carmen Tisnado Vargas

Corpo que te quero corpos, corpos que busco abraçar em palavras. Me rendo à impossibilidade de enunciar em palavras aquilo do que desejo falar, eu, que sem palavras compreendo a vida no movimento, nas cores, texturas, aromas, sensações, conexões, relações e entrelaçamentos de afetos, formas, ritmos, dinâmicas. Porém, por obra da minha insanidade moderna colonial, misturada com minha pulsão descolonizante, me vejo na situação “doutoral” essa, e sei que me toca aqui expressar – em palavras – algo do tudo que me moveu, que movi, que entrelaçamos e entretecemos na pesquisa: corporeidades em contatos, encontros e experiências entrelaçadas. Faz-se desafio trazer para a narrativa algo como o que o sociólogo David Le Breton chamou de “tecido de correspondências” coletivo e cósmico, em *Antropologia do Corpo* (LE BRETON, 2016, p. 18). Algo este que me parece semelhante ao que vim a chamar de transcorporeidade ao longo da pesquisa.

Experiências e correspondências, percepções e elaborações essas, possíveis na medida da escolha e germinar de uma *corporeidade investigativa*. Uma investigação desde/pela/na corporeidade, no *território dos saberes do corpo*; por encontros que se teceram *corporeidade coletiva*, em entrelaçamentos orgânicos. Tessituras e transtecituras inicialmente inspiradas por uma proposta metodológica de prática como pesquisa, mais especificamente o que Brad Haseman chamou de “pesquisa performativa”, como veremos (HASEMAN, 2006).

Por ora, acredito que seja legítimo afirmar que trago muito mais questões que respostas, muito mais curiosidades e percepções das nuances, contradições, ruídos, rasuras, vazios e derivas do que certezas; muito mais desejos de seguir, do que vontade ou possibilidades de finalizar a investigação. Pois assim, plena de incertezas e desejos, chego ao final deste processo de investigação, no território de experiências da corporeidade. Chego ao final do doutorado, porém, mais atenta à corporeidade que sou/somos e à vibração coletiva entre corposmundos, que habitamos e que somos, especialmente nos processos de investigação. Corporeidade nossa constituída, também, neste espaço/tempo/fluxo a que a atriz e pesquisadora Rocio Del Carmen

Tisnado Vargas nomeou com a metáfora que deu nome à sua pesquisa *O sul corpóreo* (2016). E que, também, aqui nesta pesquisa, se constitui dos ideais insurgentes daquele “lugar do corpo que é crítico e anárquico por excelência”. (VARGAS, 2016, p. 372).

O que parece dizer que a proposta de uma pesquisa performativa deu alguns frutos. Frutos em que, neste caso, *a experiência, os afetos e a corporeidade se colocaram como o lugar da pesquisa, como locus da elaboração, entrelaçamento e re-significar de saberes*. Porém, frutos com as qualidades e características próprias do *território dos saberes do corpo sensível* e deste processo investigativo que começo a narrar.

Começo a narrar, um tanto com desejos de compartilhar a experiência, como quem conta uma história vivida. Um tanto inspirada pela possibilidade de aproximação e cumplicidade com as leitoras e leitores. Outro tanto movida pela compreensão de que, no caso desta pesquisa performativa – de uma pesquisa pela prática e na corporeidade, com as características peculiares que se desvelaram ao longo do caminhar – tornou-se importante contar sobre diferentes momentos do processo investigativo, o que inclui esta última etapa de construção narrativa.

Narrativa, também, muito inspirada na transmissão de saberes pela oralidade, na performance das narrativas orais e de contação de histórias. Algo que me fez compreender, em algum momento da pesquisa, que deveria assumir o lugar de narradora. Buscando incorporar, em certa medida, uma performance de contadora de histórias ao narrar experiências e elaborações da pesquisa desde a corporeidade. Me lembro como, ao ler o texto da minha orientadora Luciana Hartmann, sobre o *Tomazito, eu e as narrativas*: “Porque estoy hablando de mi vida”, me marcou a ideia do

[...] valor de testemunho atribuído a essas histórias. Como elas se referem às experiências vividas pelo narrador, no momento em que são transmitidas elas são ouvidas pela audiência com a legitimidade de um testemunho, já que quem narra viveu, direta ou indiretamente a situação narrada: “*The stories contain a reasonably reliable confession or information of at least one, not necessarily first-hand and not necessarily immediate, eyewitness*” (DÉGH, 1995, p. 78 *apud* HARTMANN, 2012, p. 188).

Assim entendendo, espero que as leitoras e leitores estejam agora comigo, me acompanhando neste percurso, de mãos dadas. Mas, que questionem, que se levantem um pouco e se movimentem, de vez em sempre de novo, para que o sangue possa circular melhor no corpo, oxigenar o cérebro e as células, renovar o espírito e despertar a percepção sensível de quem está aí deste lado, quando o cansaço de tantas “páginas-sentadas” chegar e começar a anestesiar o corpespírito. Metáfora contundente do sedentarismo que tende a acompanhar a vida

acadêmica, que me vêm inspirada na fala da dançarina e pesquisadora Ciane Fernandes sobre o “pensar-sentado”.

Voltando a esse desejo de conexão e contato *perform-afetivo* com leitoras e leitores, retomo a fala de Rocio quando diz que “A prática corpórea do ator transcende e (re)significa a cultura hegemônica da cotidianidade porque a questiona e a reconfigura a partir do elemento medular da transgressão de uma época: o corpo.” (VARGAS, 2016, p. 372). Desde a corporeidade presente e, portanto, insurgente, almejo entretecer espaços e micro-movimentos de transgressão sensível e afetiva também na construção da narrativa, como o foi ao longo da pesquisa.

(Re)unindo estes aspectos até aqui citados, entre outros também fundamentais que apresento aos poucos e em espirais, é que me conectei com a ideia de uma narrativa autoetnográfica. A simples força simbólica que a palavra traz em si, me tocou de início. Perpassando algumas leituras sobre pesquisas auto-etnográficas, na área da educação, conclui que seria um caminho interessante. Porém, pude realmente assumir como uma metodologia de escrita, a partir do encontro com a proposta da autoetnografia, como apresentada pela cientista social e artista plástica Daniela Beccaccia Versiani no livro *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção* (VERSIANI, 2005). Em seu livro a autora apresenta um panorama do questionamento das supostas fronteiras na relação entre antropologia, etnografia e narrativa literária nas últimas décadas.

Vale citar um momento do livro em que Daniela fala do trabalho de Caroline Brettell, enfatizando diferenças entre “os preceitos de uma antropologia mais tradicional” e as propostas que vêm se construindo como autoetnografias, na relação com proposições de antropólogos especialmente caros para o nosso campo de estudos de performance:

Como se sabe, nesta perspectiva mais tradicional de construção de etnografias, as anotações pessoais produzidas durante a fase da pesquisa de campo [...] são excluídas da escrita etnográfica final que, obedecendo aos critérios de elaboração do texto científico, deve ser construída por um narrador objetivo e distanciado de seu “objeto”. Essa perspectiva pressupõe não apenas a convicção de que sujeito produtor de conhecimento e objeto de conhecimento pertencem a esferas distintas, mas, também, e sobretudo, um narrador que goze de autoridade para descrever esse “objeto”. [...] A legitimação de uma escrita elaborada por um “etnógrafo participante”, tal como sugere a argumentação de Brettell, pode ser entendida como a reiteração – na instância textual – das proposições da antropologia interpretativa de Clifford Geertz. Brettell, no entanto, amplia a perspectiva de Geertz a partir do momento em que valoriza também a inclusão de outras vozes narrativas – de não-antropólogos – na construção de etnografias, vozes estas que ganham *status* de válidas como expansão de pontos de vista circunstanciados, com valor etnográfico, [...] (a quais vozes) Brettell reconhece a autoridade necessária para que atribua a não-antropólogos o *status* de autoetnógrafos, desestabilizando o princípio de autoridade do antropólogo e estabelecendo aquilo a que James Clifford se refere como uma “negociação

construtiva” entre “sujeitos conscientes e politicamente significativos”? (VERSIANI, 2005, p. 195-196).

Seguindo, como já disse, os movimentos da corporeidade investigativa e indisciplinar a que me propus performar, essa perspectiva da autoetnografia, além de instigante, provocativa e inspiradora, me pareceu um caminho natural e organicamente certo para narrar o caminhar e o processo de investigação. Caminhos descobertos e desvelados nos movimentos muitas vezes sutis e efêmeros, inefáveis da corporeidade, em se constituir experiência, em trans-tecer saberes.

Neste sentido, se há alguma maneira de descrever, interpretar, falar sobre o que me parece indizível, imagino que há que ser/fluir na vibração, no movimento, na vida mesma do fenômeno da experiência na qual participo e participa o escrever. Há que ser, visceralmente, parte do fenômeno, no sentido de ter a própria existência atravessada, contaminada, povoada pela memória e as marcas do que se quer contar, dar conta, ser contado. Contando, cantando, murmurando, recitando, declamando, sussurrando, se recriando narrativa em ser a vivência mesma da experiência corporificada. Corporificada e (re)significada na corporeidade dos momentos coletivos, *transcorpóreos*, como vividos ao longo desses anos de investigação.

*Transcorpóreos enquanto fenômenos das conexões, ressonâncias, influências, entrelaçamentos, atravessamentos, transtecituras e composições – energéticas, expressivas, simbólicas, afetivas, signific-ativas – entre corporeidades e coletivos de corporeidades. Transcorporeidade: conexões, comunic-ações, sinapses espaciais sutis, atravessamentos e entrelaçamentos entre corpos – noção germinal resultante da pesquisa, que se tornou progressivamente central na elaboração teórico-conceitual do processo de investigação. Noção que se desvela ao longo da tese, em doses homeopáticas, e em movimentos narrativos espiralados, por diferentes dimensões e constelações de significantes. Em busca de também permitir às leitoras e leitores o espaço/tempo/fluxo sensível, imagético e cognitivo de elaboração e co-criação da noção de transcorporeidade – em suas próprias corporeidades, constelações de saber, afetos.* Eis a proposta de apresentação da noção de transcorporeidade que faz sentido com o corpo teórico, metodológico e epistemológico da pesquisa e da Tese

Não sei se é possível, e se me cabe ou me coube, se encontrei ou fui encontrada, ao menos em alguns momentos, com essa possibilidade para mim mágica, e hoje grande objeto de desejo. Contudo, quero crer e me entrego à ideia de que o que importa é o caminho. A experiência do caminhar. Assim, inicio caminhando nessa busca da escrita, de uma escrita em que meu, seu, nosso corpo, corporeidade e transcorporeidade possa entrelinhas e nos silêncios se encontrar, se trans-formar e se manifestar. Uma narrativa que possa, minimamente, “dar conta” de apontar para a experiência viva no território dos saberes do corpo sensível – lugar da

viagem cognitiva desta pesquisa. Uma narrativa que também se desenhe reflexiva, em meta-narrativa.

Partimos assim de um estado germinal de experiência do Real no corpo – ou seja, do germe da experiência viva de uma corporeidade investigativa transcorporal – para um movimento de desejo rumo à experiência liminar de devir temporal transdimensional e transtextual. *Uma experiência languageira e simbólica de atravessamentos, entrelaçamentos e derivas na tecitura de um vir-a-ser palavras escritas, de um devir texto acadêmico, meta-acadêmico.* Um mergulho performático da corporeidade em textualidade palavreira. *Uma performatividade em que a corporeidade investigativa investe e se lança no movimento de escrita autoetnográfica em busca de – inscrevendo-se – tornar-se corponarrativo, em movimento teórico textual.*

Escrita que nasce corpori-ficando-se arquivo digital para a posteridade, em contexto definido de frases, parágrafos e textos para uma transtessitura que se eterniza, enquanto dure a efemeridade virtual... Bem diferente de como os *saberes do corpo nas artes da cena e do movimento sensível/criativo* se movem, marcam corporeidades e signi-ficam na materialidade do instante, da experiência, dos encontros, conexões e entrelaçamentos *transcorporais* no espaço/tempo/fluxo.

### **Nascimento ou origem**

A proposta da pesquisa surgiu do encontro entre os sonhos e visões originárias das experiências profissionais no campo das artes do corpo com a inquietação em relação à produção do conhecimento na Academia. Uma inquietação relacionada tanto às minhas experiências do mestrado e início do doutorado, quanto às leituras que eu havia feito, especialmente leituras no campo da dança, das artes do corpo e do movimento.

Me parecia que os processos passavam muito mais pela repetição e reificação dos saberes seculares e eurocêtricos, especialmente em sua formalização, o que – para mim – acabava definindo o teor, a performatividade com que as narrativas se colocavam no mundo. O que eu percebia, generalizando, como algo demasiadamente hermético, frio e distante do território das artes e ciências do corpo em movimento.

O campo dos estudos da performance, inicialmente, me encantou exatamente pela possibilidade e a potencialidade de quebra de paradigmas e de alargamento de fronteiras, práticas e perspectivas. E, foi assim que entrei no Programa (interdisciplinar) de Pós-graduação em Performances Culturais. Com esses desejos, demandas e desafios.

## **Do que trata o trabalho ou Bula descritiva livre**

Optei por definir inicialmente apenas o território da pesquisa, inspirada pela perspectiva metodológica da cartografia e da proposta “afetiva” de Suely Rolnik. Me propus a lançar-me no território e encontrar no próprio caminhar as questões, os problemas, as perguntas, os possíveis temas ou “objetos”. Também me inspirava a experiência prática das pesquisas em artes, especialmente nas artes da cena, entre tantas influências do meu caminhar artístico e docente.

Me afinei, então com as propostas metodológicas de prática como pesquisa e assumi como desafio o Manifesto da Pesquisa Performativa, de Brad Haseman, especialmente no sentido de levar à fundo a prática como lugar central da investigação. Inclusive da investigação teórica. O que se afina e faz ressonância com as pesquisas em dança e nas práticas somáticas de consciência pelo movimento, em que teoria e prática se entrelaçam e se constituem saberes em uníssono, na construção do conhecimento. Como podemos citar a proposta da pesquisa somático-performativa de Ciane Fernandes. Porém, meu coração me dizia para seguir um caminho próprio, de entrega aberta ao processo, no compasso do caminho e nos movimentos e encontros do caminhar.

Assim, o território de pesquisa se configurou como o território dos saberes do corpo sensível e criativo em movimento, tendo como pano de fundo problematizar os paradigmas da ciência moderna como caminho hegemônico e de maior valor. Retornando, então às raízes do território, me entreguei aos processos de pesquisa performativa, inspirada ainda por um ideal afetivo de pesquisa participante, de antropólogos com quem me identificava especialmente. Entre os quais temos aqui presente a referência valiosa de Carlos Rodrigues Brandão.

Tinha poucas convicções, entre as quais, uma necessidade intuitiva de que, ao menos inicialmente, se dissolvesse a dicotomia sujeito-objeto e em que o lugar da investigação fosse o corpo, a corporeidade, as corporeidades em movimento e em com-tato. Na prática vi surgir o que mais tarde vim a chamar de corporeidade investigativa e fui elaborando a percepção de que a construção de saberes no território acontecia nos encontros, nos espaços/tempos/fluxos entre os corpos e corporeidades. E desejando cada vez mais seguir minha intuição e preservar a abertura para o desconhecido, para caminhos incertos e processos criativos.

Desde o início, trouxe também uma urgência ético-política interna: que era pensar o corpo e a corporeidade no contexto da sociedade capitalista globalizada de consumo, em que corpos são consumidos e consomem em moto contínuo, de maneira mecânica e alienada de si, das próprias corporeidades. Tal percepção, me levou ao encontro inevitável e inspirador com os

movimentos de descolonização do pensamento. Passei por diferentes etapas e diálogos, com diferentes autores e tendências, para, então, me irmanar com a perspectiva sugerida por Silvia Rivera Cusicanqui, de manter a denominação descolonização, em contraponto à terminologia acadêmica de “decolonização”, “decolonization”, proposta pelo grupo modernidade/colonialidade. Cusicanqui insiste em diferenciar os trabalhos acadêmicos ditos decoloniais, das propostas e práticas descoloniais, orgânicas, originárias nos movimentos e lutas populares de resistência, insurgência e emancipação em relação aos paradigmas coloniais e neocoloniais, externos e internos.

Neste percurso percebi progressivamente a necessidade de investir na perspectiva não apenas inter, mas também transdisciplinar. O que me abriu as fronteiras para me embrenhar na literatura indígena brasileira, política e academicamente engajada, no ativismo da teoria crítica latino-americana, assim como nas teorias críticas e práticas de re-existência e desconstrução do racismo estrutural, com autoras do movimento negro nacional e internacional.

Desde a perspectiva das artes do corpo e da dança, assumi a proposta indisciplinar, anunciada por Christine Greiner como sendo própria aos saberes do corpo. Perspectiva que compunha bem o desafio da descolonização do pensamento, de (des)construção metodológica e de emancipação epistemológica – em relação aos parâmetros eurocêtricos, patriarcais, racistas, misóginos etc. Parâmetros paradigmáticos, que se confundem e se ocultam estrutural e hierarquicamente dentro dos paradigmas do método tradicional da ciência moderna, como praticado hegemonicamente nas academias, de maneira dogmática e ortodoxa, no que concerne ao menos às áreas de artes e humanidades.

Desta maneira, e seguindo a corporeidade investigativa que passou a mover meus passos e caminhos de pesquisa fui desenvolvendo o que passei a chamar de metodologia intuitivo-criativa, sem pretensão nenhuma de concebê-la enquanto um modelo, mas, apenas para compreender melhor o processo e o percurso no caminhar metodológico ao qual me entregava. Caminho orgânico e peculiar responsável por tornar possível a percepção, conscientização e gradual elaboração do conceito/noção de transcorporeidade. Transcorporeidade que se tornou paulatinamente nevrálgica na leitura dos elementos e saberes do território do corpo em movimento sensível e criativo e, progressivamente, na maneira de olhar e (re)conhecer o mundo.

Transcorporeidade que veio a ser o conceito medular na elaboração da Tese. Uma noção em construção, uma percepção que extrapola quaisquer fronteiras de disciplinas e nasce com tons e tonalidades fecundas – no sentido de construir pontes e entrelaçamentos férteis entre diferentes matrizes e fontes de saber. Entre diferentes práticas de pesquisa e perspectivas

epistêmicas. Transcorporeidade que germina vigorosa e desejante de ser ela mesma uma construção coletiva, transcorporal. E que conclama, de início, que as corporeidades que com ela se encontrem e assim desejem, assumam a performatividade colaborativa de criação coletiva de seus significados, ressonâncias e variações.

Atentando que, porém, mantenham suas qualidades essenciais relacionadas aos saberes do corpo e aos movimentos da natureza e que evitem, radicalmente, uma transformação teórico verborrágica e/ou os deslizos retóricos para um hermetismo abstrato. Ou seja, que se mantenha viva a noção da transcorporeidade que existe, e é, expressão da realidade vibrante na dinâmica existencial/vibracional entrecorpos.

### **Em tempo e “pra não dizer que não falei das flores”**

“Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não.” A música de Geraldo Vandré, que povoou minha infância aterrorizada pela ditadura e que nutriu meus melhores sonhos adolescentes de revolução vem me inspirar no instante em que preciso ainda esclarecer certas coisas, buscando mais uma vez convidar as leitoras e leitores para me dar as mãos nesta dança performática ou nesta cantiga textual que me propus a tecer em forma de Tese.

Isto não é uma Tese, uma Tese ortodoxa! Isto não se quer uma Tese no sentido tradicional e canônico do entendimento de Tese. Antes, aqui, desenvolvo algumas hipóteses, que entrelaço em teses, de maneira indisciplinar, como quer o corpo. Me lanço em uma performatividade narrativa de transgressão teórica, num exercício de questionamento metodológico, numa proposta de Manifesto Epistemológico. Um Manifesto que se quer dialógico. Uma trans-Tese em Movimentos descoloniais indisciplinados.

Uma trans-tessitura entremundos, entrelugares, entremeada de silêncios e vazios e questões sem resposta – entrelaçando arte e ciência – em busca de esboçar uma tecitura teórico-linguajeira transcorporea. Uma meta-Tese que se quer anti-Tese. Uma narrativa performativa indisciplinar pela descolonização e emancipação do pensamento, dos espaços de ensino e pesquisa, dos processos de formação das corporeidades e existências. Uma U-topia transtextual insurgente. Uma autoetnografia em busca de teSer-se transcorporalmente universal.

Assim, chamo em canto: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer.” E, sussurro ao seu ouvido: por gentileza, se abra ao meu convite, deixe para trás as ideias pré-concebidas do que seja uma tese, uma pesquisa, um trabalho acadêmico e se permita sentir, vivenciar, explorar e entregar-se a esta experiência narrativa.

Dance livremente sua performance de leitura, com a totalidade de seu corpo e corporeidade, memórias, imaginação e criatividade, buscando não controlar, mas estar presente na experiência, como quem lê um livro de ficção, um romance, ou uma biografia. Talvez, seja esta a maneira possível de compreender e acessar os saberes e sabores que busquei trazer, entretecer e compor aqui neste encontro com vocês. Isto, posto que na busca de novas formas de se elaborar processos de conhecimento, é imprescindível que busquemos também novas maneiras de acessar e integrar os mesmos.

### **Autoetnografia ou Da natureza viva no envolvimento com o “objeto”**

Retornando, em variações, sobre a perspectiva de uma construção narrativa em Tese autoetnográfica, quero trazer palavras escritas, em resenha de Pedro Mourão Roxo da Motta e Nelson Filice de Barros, sobre o livro *Handbook of Autoethnography*. Resenha em que ressaltam que o livro de 736 páginas e 34 capítulos, escritos por diferentes autores, “em linhas gerais tem como objetivo requalificar a relação entre objeto e observador, ressaltando a importância desta interação e da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento.” (MOTTA; BARROS, 2015).

Não obstante ter entrado em contato com a resenha e a informação sobre o livro já agora ao final da revisão do texto da tese, percebo que as mesmas reflexões que foram emergindo “em mim” ao longo da pesquisa e ao longo desta escrita que está por findar, estão ali descritas, quase que *ipsis litteris*, como a maneira que entendo não apenas a escrita autoetnográfica, mas também o processo investigativo como busquei e experienciei. O que me parece demonstrar a sinergia e o fenômeno da “sincronicidade”, como descrita por Fritjof Capra em *O Tao da Física* (CAPRA, 1975). E que, no contexto desta pesquisa, podemos compreender como manifestação da transcorporeidade, na dimensão da consciência coletiva, noosférica, que nos compõem. Noosfera como consciência planetária, que revela a perspectiva de uma autoria inevitavelmente coletiva e transcorporal na construção do conhecimento – a que retornamos mais tarde.

Assim, peço licença para citar quase que a totalidade da resenha, por considerar todos os aspectos apontados como medulares para as reflexões e elaborações que se apresentam ao longo desta Tese. Mas também, por uma opção que se tornou um aspecto da escolha metodológica na escrita, *priorizo citar as palavras das autoras e autores, sempre que as considero relevantes ou especialmente precisas, sábias ou poéticas – ao invés de transcrever com minhas palavras, trocando seis por meia dúzia, e perdendo a força original*. Entendo essa

opção, por um lado como uma homenagem e por outro, como uma forma de assumir a coletividade na construção dos saberes e conhecimentos aqui entretecidos.

A pesquisa social na maior parte das Ciências Sociais busca a impessoalidade, já a autoetnografia emerge para estudar a experiência pessoal, para ilustrar como esta experiência é importante no estudo da vida cultural, não clamando a produzir um método melhor ou mais válido do que outros, mas provendo outra abordagem nos estudos socioculturais. Autoetnografia representa a experiência pessoal no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais, de forma que o método procura revelar o conhecimento de dentro do fenômeno, demonstrando, assim, aspectos da vida cultural que não podem ser acessados na pesquisa convencional.

O método da autoetnografia propõe a pesquisa social numa prática ainda menos alienadora, em que o pesquisador não precisa suprimir sua subjetividade, pois pode “refletir nas consequências do [seu] trabalho, não só para os outros, mas para [si] mesmo também, e onde todas as partes – emocional, espiritual, intelectual, corporal e moral – podem ter voz e serem integradas” (2013, p. 53).

Existem cinco chaves para a construção da autoetnografia: (1) visibilidade para o si: é o eu do pesquisador se tornando visível no processo, este eu não é separado do ambiente, ele só existe na relação com o outro, é, portanto, o eu conectado com o seu entorno; (2) forte reflexividade: representa a consciência de si e a reciprocidade entre o pesquisador e os outros membros do grupo, o que conduz a uma introspecção guiada pelo desejo de entender ambos; (3) engajamento: em contraste com a pesquisa positivista que assume a necessidade de separação e objetividade, a autoetnografia clama pelo engajamento pessoal como meio para entender e comunicar uma visão crítica da realidade, de forma que engajamento, negociação e hibridez emergem como temas comuns de uma variedade de textos autoetnográficos; (4) vulnerabilidade: a autoetnografia é mais bem sucedida quando é evocativa, emocionalmente tocante e quando os leitores são tocados pelas histórias que estão lendo, certamente isto traz algumas vulnerabilidades ao explorar a fraqueza, força e ambivalência do pesquisador, evocando a abertura de seu coração e mente; (5) rejeição de conclusões: a autoetnografia resiste à finalidade e fechamento das concepções de si e da sociedade, pois é concebida como algo relacional, processual e mutável.

Além disso, para Jones, Adams e Ellis é possível escrever autoetnografia com diferentes características: (1) imaginativo-criativa: representa o tipo mais inovador e experimental [...] (2) confessional-emotiva [...] (3) realista-descritiva [...] (4) analítico-interpretativa [...]

A autoetnografia tem sido utilizada, dessa forma, para criticar discursos dominantes e hegemônicos, pautados no poder da colonização ocidental [...]. O corpo oferece o nexó epistemológico e ontológico, para a emergência de novos insights, é o ponto zero da percepção, o centro onde se define o horizonte do eu. Afirma Pelias, no capítulo *Writing Autoethnography*, que: “escrevendo sobre mim eu falo a partir do corpo, é uma escola sintonizada no visceral e somático, meu corpo e minha mente trabalham como numa orquestra, como o lugar onde a história é gerada internamente, somaticamente, para se manifestar externamente, semanticamente; eu sou meu corpo falando” (PELIAS, 2013, p. 388, *Apud* MOTTA; BARROS, p. 1-2, 2015). [...]

Na autoetnografia escreve-se pessoalmente oferecendo emoção, abertura à vulnerabilidade e desafio ao texto ortodoxo que pretende ser objetivo, super-racional e textualmente distanciado. Abrir a vulnerabilidade implica visibilizar o “irracional, particular, privado, e subjetivo”, em contraponto com o racional, universal, público e objetivo. [...]

Assim, conclusivamente, o texto autoetnográfico pretende abrir a perspectiva científica para além da racionalidade objetiva, integrando os aspectos negligenciados pela cultura científica ocidental na produção do conhecimento. Além disso, a autoetnografia busca alcançar dimensões maiores que a de um método científico, propondo, por meio do engajamento e reflexividade, que cada autor viva e escreva sobre a vida de forma honesta, complexa e apaixonada. (MOTTA; BARROS, 2015, p. 1-2).

Curiosamente, como já disse, essa perspectiva autoetnográfica foi o que busquei, essencial e intuitivamente, também ao longo do trabalho de pesquisa de campo, ao longo da pesquisa teórica e, agora, como desdobramento na tessitura da forma/conteúdo/ritmo/fluxo da textualidade narrativa. Não obstante os entraves dos cânones, ortodoxias e estruturas hierárquicas institucionais, com que foi necessário me haver, ceder e rever, muitas vezes, antes de encontrarmos uma forma possível para o contexto acadêmico colonial.

### **Raízes, radicalidades, perder países, liminaridades**

*Necesitamos seguir combatiendo, cuando sea necesario, el sentido común que sentencia desde arriba sobre la artísticidad de cualquier práctica que la institución necesite disciplinar o hacer desaparecer. Más de dos décadas llevamos argumentando en el actual ciclo de conflictos contra la separación institucional del arte y la política, doctrina que en buena medida se ha logrado momentáneamente contrarrestar. Pero las recientes tendencias de valorización institucional o académica de las artes politizadas resultan contraproducentes si únicamente se solidifican como conocimiento encapsulado. Ha llegado el momento de narrar ampliamente los desbordamientos.*

Marcelo Expósito

Tenho como ponto pacífico o fato de estar em busca de uma (im)possibilidade, de me desafiar a tecer imagens dos saberes do corpo por entrelaçamentos e transbordamentos corporificados em palavras, para contar o indizível, para esclarecer o inefável, para conceituar o que escapa a qualquer definição sistemática cientificista e que certamente não respira dentro de uma perspectiva pragmática, positivista, racionalista ou logocêntrica, “como conhecimento encapsulado” (EXPÓSITO, 2012, p. 17). Então, já era claro que a linguagem em questão, passível e possível de tecer essa narrativa, não poderia ser a de uma linguagem estritamente acadêmico-científica, como manda a cartilha tradicional da ciência moderna. Marcelo Expósito, em *La potencia de la coolaboración*, aprofunda a questão dentro da perspectiva da arte politizada:

*El ciclo histórico de conflictos en curso se encuentra en un momento crucial. La crisis sistémica ha empujado al planeta hacia el borde de un precipicio; pero en su interior palpan las luchas y las resistencias, se construyen las autonomías y se ejercitan las experimentaciones institucionales. La podredumbre de los sistemas institucionales herederos de la modernidad (parlamento, museo, universidad...) es tal que, a excepción del área de experimentación posneoliberal a gran escala que conforman algunos países de América Latina, en el resto del mundo el sistema de representación política hiede como un cadáver sostenido en pie. Por eso la nueva onda global de movimientos [...]. (EXPÓSITO, 2012, p. 20).*

Sinto e compreendo, como Expósito, e como vimos na proposta autoetnográfica, a importância das tessituras experimentais de resistência, e de transgressão, diante do “apodrecimento” dos sistemas institucionais que levam a humanidade ao precipício – o que inclui a modernidade colonial, sua lógica eurocêntrica e capitalista, seus cânones e estruturas retrógradas – também nas universidades. Universidades que continuam, de modo geral, regidas por uma lógica racionalista e produtivista à serviço do mercado e gerando práticas de ensino e pesquisa que se constroem também de maneira individualista, competitiva, excludente, hierarquizada, norteadas por dogmas e paradigmas seculares, entretecidos de pré-conceitos teóricos e epistemológicos que referenciam a práxis acadêmica em todos os níveis.

Tive a oportunidade de ver, vivenciar e comprovar esse cenário, de maneiras diversas, também nas viagens de pesquisa à Alemanha e à Índia, e entre pesquisadores de várias partes do planeta. Onde ficou claro que, mesmo nos casos em que professores, pesquisadores e até mesmo os programas e departamentos tivessem a intenção de abrir e questionar o *status quo* hegemônico, “na prática a teoria é outra”. Ou seja, o que continua regendo a lógica das Universidades é a secular referência colonial eurocêntrica do método tradicional da ciência moderna, especialmente no que este tem de mais dogmático e hermético: seus paradigmas intocáveis. Sobre o modelo de racionalidade de tais paradigmas, ou do “paradigma dominante” que, segundo Boaventura de Souza Santos, constitui a ciência moderna, o autor afirma em *Um discurso sobre as ciências* que:

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem. (SANTOS, 2008, p. 21).

Boaventura apresenta o contexto e características em que se desenvolvem as bases, a perspectiva e a lógica do método científico tradicional, desde a revolução científica do século XVI, se desenvolvendo “basicamente no domínio das ciências naturais”, e se estendendo “às ciências sociais emergentes” somente no século XIX. E explica:

*Um conhecimento baseado na formulação de leis tem como pressuposto metateórico a ideia de ordem e de estabilidade do mundo, a ideia de que o passado se repete no futuro. Segundo a mecânica newtoniana, o mundo da matéria é uma máquina cujas operações se podem determinar exactamente por meio de leis físicas e matemáticas, um mundo estático e eterno a flutuar num espaço vazio, um mundo que o racionalismo*

*cartesiano torna cognoscível por via da sua decomposição nos elementos que o constituem. Esta ideia do mundo-máquina é de tal modo poderosa que se vai transformar na grande hipótese universal da época moderna, o mecanicismo. Pode parecer surpreendente e até paradoxal que uma forma de conhecimento, assente numa tal visão do mundo, tenha vindo a constituir um dos pilares da ideia de progresso que ganha corpo no pensamento europeu a partir do século XVIII e que é o grande sinal intelectual da ascensão da burguesia. Mas a verdade é que a ordem e a estabilidade do mundo são a pré-condição da transformação tecnológica do real.*

*O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar. (SANTOS, 2008, p. 30).*

### **Honrando a Ciência em tempos negacionistas ou Do que não trata este trabalho**

Talvez não fosse necessário, ressaltar o que me parece óbvio. Porém, tornou-se urgente e imprescindível, diante do contexto político em que nos afundamos, chafurdamos, nestes tempos sombrios que dominam nossa *terra brasilis*.

[#VivaaCiência](#)

[#VivaoSUS](#)

[#VivaVida](#)

[#VivaaEducação](#)

[#VivaoPovoBrasileiro](#)

Será preciso dizer da importância e do valor do desenvolvimento científico e tecnológico na história? Será preciso diferenciar a Ciência dos usos da Ciência pelo capital e pelos “podres poderes”? Será preciso ressaltar que uma coisa é a hegemonia obrigatória e opressora dos paradigmas do método tradicional da ciência moderna – secularmente engessados e tornados dogmas mecânicos, frequentemente dentro de hierarquias supremacistas, à serviço dos usos e abusos de uma elite acadêmica a nos colonizar do berço ao caixão – e que, outra coisa é a Ciência e o fazer Ciência enquanto meios vivos, legítimos, éticos e criativos nos caminhos do saber e do conhecimento – valorizando e beneficiando a vida, as sociedades e o planeta?

Se for preciso, que esteja claro – como pano de fundo de toda a reflexão e questionamentos deste trabalho – que a Tese trata do fazer ciência e dos sentidos e práticas da ciência, nos contextos e constelações aqui citados e abordados. Esteja claro, definitivamente, que não se trata de uma crítica vazia e gratuita à Ciência e ao fazer científico como um todo, às Universidades ou ao método tradicional da ciência moderna – em si – mas, sim, uma problematização em relação ao como fazer, aos sentidos do fazer, ao que foi deixado de fora e

ao que continua sendo excluído, subalternizado e invisibilizado, entre os saberes e conhecimentos reconhecidos e acolhidos nos espaços acadêmicos, particularmente nas áreas das artes e humanidades.

Por tanto, fique claro, também, que esta Tese não trata da dança, não pretende sistematizar dimensões e aspectos relacionados aos saberes do corpo e, acima de tudo, não pretende sistematizar, definir ou provar nada. Ao contrário, enquanto uma MetaTese – que busca tecer reflexões acerca do próprio fazer científico – assume uma performatividade indisciplinar transepistêmica, em busca de experiências e tecituras descoloniais, que se propõe a problematizar a rigidez de formato e dos cânones aceitos e ainda exigidos hegemonicamente nos meios acadêmicos das ciências sociais, humanas e das artes. Manifesta a urgência em abriremos espaços e mentes para novas perspectivas, novos modos de fazer e novas relações com os saberes ainda excluídos ou subalternizados.

Esta Tese, incorpora, portanto, a importância de se colocar como anti-Tese no sentido ortodoxo, levanta questões e aponta para possibilidades ainda não exploradas, buscando explorar algumas, enquanto performatividade de re-existência, enquanto performance de provocação e práxis crítica. Incorpora o intuito de alertar para a urgência de valorizarmos a coragem, de enfrentarmos caminhos incertos e riscos, no sentido de abrir os horizontes dos saberes e fazeres acadêmicos para novos modos de pensar, de fazer e de tecer os discursos, de nutrir as práxis e os processos de elaboração do conhecimento.

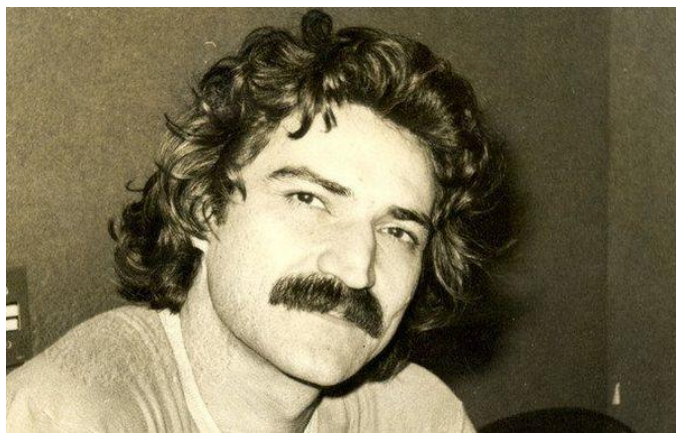
E lembra que, para tanto, é fundamental que tenhamos humildade e coragem de acolher o não saber, de abraçar os riscos e de sermos capazes de aceitar e aprender com os erros, de maneira criativa e inovadora, na prática do dia a dia. Posto que pelo discurso somente, podemos escrever artigos e livros com teorias críticas valiosas e até muito inovadoras em relação aos paradigmas seculares, como já se faz desde o início da ciência moderna; podemos, sim, após sermos doutores e reconhecidos enquanto intelectuais de peso. Porém, a prática há que ser acolhida, estimulada e enfrentada aqui e agora, desde a graduação, em cada disciplina, em cada pesquisa, em cada defesa e, principalmente nas relações institucionais, inspirando em nossos passos, todas as pessoas que realmente desejem ver as instituições de ensino construírem real e coletivamente, caminhos e práticas verdadeira e radicalmente descoloniais.

Não apenas por ideal, ou por identificação, não apenas nos belos discursos e referências revolucionárias, mas acolhendo verdadeiramente a incerteza, os riscos e o não saber, necessários ao florescimento da criatividade, da autonomia e do verdadeiro processo de tessitura do conhecimento – para além de quaisquer paradigmas e cânones. Deixarmos as zonas de conforto, e os pedestais dos títulos, em detrimento do status de conhecedores autorizados,

tornou-se imprescindível, senão por princípio ou ética, ao menos pela urgência que se coloca no mundo atual.

Sob a pena de que, do contrário, fiquemos para trás. Já dizia Antônio Carlos Belchior, nos idos dos anos 70, em plena ditadura: “Você não sente não vê, mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo, que uma nova mudança, em breve, vai acontecer... O que algum tempo era jovem, moço, hoje é antigo... E precisamos, todos (e todes), rejuvenescer... E precisamos, todos, rejuvenescer...”. Sentindo vontade, por favor, levante-se, dance e cante conosco.

Figura 2 - Belchior

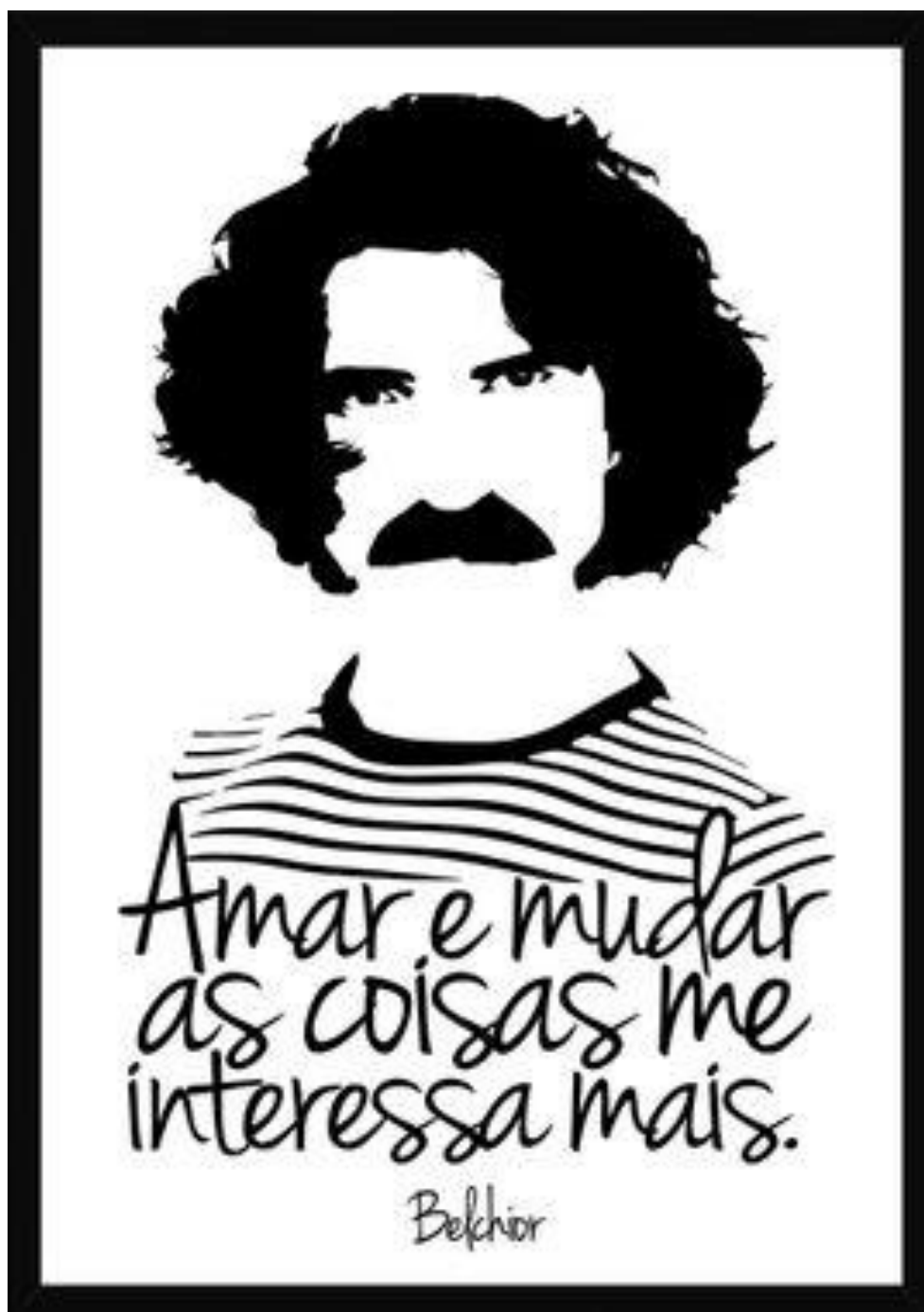


Fonte: Internet

Você não sente, não vê  
 Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo  
 Que uma nova mudança em breve vai acontecer  
 O que há algum tempo era novo, jovem  
 Hoje é antigo  
 E precisamos todos rejuvenescer  
*Antônio Carlos Belchior*

No projeto original de formatação desta Tese as músicas, áudios, sons, vídeos, etc, entrariam automaticamente, nos locais específicos, em meio ao texto ou às imagens, em linguagem e tessituras hipermidiáticas. A proposta não foi, porém, aprovada, seguindo as regras do Programa. Que pena! Que pena...

Figura 3 - Poster Belchior



Fonte: Internet

Para que possamos nutrir as experiências coletivas e a nossa práxis institucional, de maneira a permitir que a academia possa, também, se abrir estrutural e radicalmente para um mundo cujas transformações têm estado acelerando anos luz adiante, do que as artes e as humanidades nos meios acadêmicos têm conseguido acompanhar, somente se nos lançarmos no fluxo do presente que hoje se coloca, de total incerteza e de aceleradas transformações. Neste contexto, me parece clara a urgência de que façamos um esforço de desconstrução dos

paradigmas seculares que nos colonizaram e que nos constituem colonizados, internamente, externamente e em nossas práticas, ortodoxias e protocolos acadêmicos.

É curioso como, apesar de ser este um claro cenário, hoje globalizado nas instituições pelo planeta de leste a oeste, tenho me deparado, sempre de novo, com o argumento de que se faz desnecessária, imatura ou inconsequente a elaboração de críticas à Universidade e às estruturas e protocolos universitários. Já que, segundo consta e dizem os argumentos, atualmente encontramos diversas práticas e teorias que se dizem “decoloniais” e outras tantas propostas inclusivas de “encontros” de e com saberes antes excluídos das ciências. Saberes que, contudo, insisto em dizer, continuam majoritariamente subalternizados e às margens da práxis hegemônica, dos paradigmas intocáveis, dos protocolos seculares e da ortodoxia inquestionável dos processos e estruturas reinantes nas instituições de ensino e pesquisa. O que, na prática, se traduz como projetos de extensão ou similares, sendo acolhidos como concessões, e segundo a boa vontade dos envolvidos.

Mas, ao final, a ortodoxia colonial eurocêntrica continua determinando a perspectiva, a linguagem e a forma das elaborações acadêmico-científicas. Salvo preciosas e raras exceções, é claro, que têm nos nutrido a esperança e nos fortalecido adiante nesta luta emancipatória. Algumas entre as quais trazemos para o diálogo nas reflexões e transtecituras desta MetaTransTese.

Insisto que falo especialmente das ciências humanas e das ciências das artes, por onde transito, e onde as práticas coloniais de opressão continuam se repetindo e se propagando, justificadas e autorizadas sob os papéis e fachadas hierárquicas, consolidados sob argumentos das estruturas disciplinares, metodologias, dogmas, ortodoxias e protocolos. Fazendo com que a prática e a realidade acadêmica ainda se encontrem muito distantes dos discursos que se apresentam e que pretendem representar movimentos decoloniais e emancipatórios. O que remete, cabe aqui ressaltar, ao cenário que se oculta em cada instante do cotidiano e das “representações do eu”, em suas máscaras, papéis e fachadas. (GOFFMAN, 1985).

Portanto, não surpreende ouvir tantas vezes o discurso resistente de que nos encontramos dentro da academia e que, portanto, seria contraditório questionar, problematizar, trazer à tona reflexões sobre o sentido, o teor e as práticas acadêmicas. Como se fosse uma ofensa aos acadêmicos, uma falta de ética e consideração em relação aos colegas, nossos pares; ou mesmo “um tiro no pé” – questionarmos a estrutura na qual estamos inseridos e da qual estamos nos “beneficiando”. Casos em que, mesmo se reconhecendo o valor dos saberes subalternizados, e a necessidade da abertura para propostas criativas e inovadoras, na prática continua-se reafirmando a validade da ortodoxia do método tradicional da ciência moderna, e

o todo de seus cânones e paradigmas, como o caminho absoluto, inquestionável e assertivo para a construção do conhecimento “verdadeiramente” científico. Com o discurso do “novo”, porém nos pautando e exigindo “o velho”.

Muitas vezes sem dar-nos conta de que, ao buscar sistematizar ou apontar soluções pretensamente alternativas, como fórmulas específicas para se fazer pesquisa, podemos estar reproduzindo essencialmente as estruturas cartesianas e positivistas na qual fomos (de)formados e aprendemos a pensar, ao longo de uma vida. Falando especificamente agora do território dos saberes sensíveis do corpo em movimento, há que se perguntar, com honestidade e com a inteireza de nossa corporeidade, o que nos move quando buscamos uma sistematização dos saberes vivos em conhecimentos acadêmicos. Mas, principalmente, com que estratégias metodológicas e com que estruturas cognitivas estamos dando forma às nossas propostas. Posto que o risco de reproduzirmos estruturas do método tradicional, com criativas variações em torno do tema, e de estar consolidando a perspectiva eurocêntrica do que seja a elaboração do conhecimento é demasiado forte em nossa colonialidade internalizada.

Desde este olhar, e diante das regras e regulamentos nos quais se inseriu a pesquisa acadêmica, compreendi que interpretar ou “sistematizar” as experiências do território, neste caso, significaria moldar o trabalho à perspectiva, práticas e modelos de sistematização os quais eu procurei questionar e desconstruir ao longo da investigação. Posto que, como disse, no contexto do Programa as (de)limitações formais e estéticas, entre outras, não permitiam explorar a linguagem narrativa que se desvelava para mim necessária, no sentido de realizar este objetivo. Linguagem que se construía multimidiática e que tendia para o campo da hipermídia.

Sem solução definitiva, mas determinada a ser minimamente coerente com o processo e com as elaborações desenvolvidas durante a pesquisa, optei por priorizar as reflexões e o compartilhar das mesmas, partindo das experiências de campo e apontando para as elaborações entretecidas no caminho, sem engessá-las em soluções ou conclusões definitivas. O que inclui – e isto é fundamental para a proposta e a perspectiva transepistêmica e indisciplinar da Tese – a apresentação do conceito de transcorporeidade de maneira aberta e sistêmica, em movimentos espirais, ao longo da narrativa. Ou seja, não definir, “clara e sistematicamente” a noção de transcorporeidade faz sentido e compõe a tessitura teórico-crítica e epistêmica que se quer esboçar e para onde se quer apontar.

Assumi, portanto, o lugar indisciplinar de questionamento do próprio fazer acadêmico – especialmente no que este traz de secular e inquestionavelmente ortodoxo – também na elaboração do trabalho final: a tese. Neste ponto nasceu a busca por tecer narrativas

performativas indisciplinadas, que determinaram o teor e o tom do trabalho final, enquanto um questionamento do próprio fazer acadêmico, enquanto performance de provocação, manifesto ou metaTese. Ainda que com o dever de apresentá-la como texto acadêmico, no formato Word e atendendo a certos preceitos do que seja uma Tese acadêmica.

Não obstante, e considerando o contexto em que se insere esta metaTese, o objetivo específico aqui foi o de buscar uma narrativa viva, entretida de experiência e de corporeidade, mas que, de alguma forma, pudesse adentrar e dialogar com o espaço/tempo/fluxo do fazer acadêmico, como se encontra hoje. Qual seria, então, esta narrativa que se quer construir?

### **Da natureza poética e silenciosa do Saber**

Buscando enriquecer e desconstruir esse aparente paradoxo, e nutrindo a complexidade das contradições, dou um salto e trago a questão do divino como algo que faz parte das minhas experiências, vivências transcendentais e vigorosas da corporeidade: tomo a noção de fé como algo maior e onipresente, que sabemos que existe, mas que está para além da significação intelectual, para além do racionalizável. Falo de fé para aquelas instâncias *mágicas*, ou *místicas* da vida que são inefáveis e, mesmo assim, dispensam explicações para serem compreendidas. Buscando, porém, trazer mais clareza ao indizível, recorro a um Mestre dos meus afetos, um daqueles mestres em conceituar o inefável, posto que “palavra bunita assim, só memo cum Mestre dêssis”. Falo de Ernst Cassirer, aqui em *Linguagem e mito*:

O divino, em vez de entrar na infinita multiplicidade das propriedades e dos nomes próprios, no mundo policrômico dos fenômenos, isola-se dele como algo desprovido de atributo, já que qualquer “propriedade” limitaria sua pura essência: *omnis determinatio est negatio*. A mística de todos os tempos e povos volta sempre a debater-se com esta dupla tarefa espiritual: conceber o divino em sua totalidade e em sua máxima interioridade concreta e, ao mesmo tempo, mantê-lo à distância de qualquer particularidade do nome ou da imagem. Assim, toda a mística aponta para um mundo além da linguagem, para um mundo do silêncio. (CASSIRER, 1992, p. 91, grifo nosso).

Assim, com Cassirer, entendo que da fé não preciso falar, dizer mais nada. O interdito está anunciado, e em seu silenciar se faz contemplado. Assim, com fé, vou adiante em busca do narrar coletivo corporificado. Cabe, porém, dizer o que me faz falar da mística buscando a corporeidade. Pelo que o corpo pulsa, vibra e é parte da energia cósmica-divina, da força criativa, ainda que não saiba ou ainda que o negue. Mesmo que seja pela ausência de fé. Fé, enquanto conexão com a força divina de criação, essa mística do *religare*, que vai para além da

lógica e que conta, canta e encanta a existência de sentido, mesmo que o sentido, para uns, seja a ausência de sentido.

Há sempre uma crença que move o homem, que de certa forma o conecta, (re)liga ao todo. A isso chamo aqui de fé. E minha fé é no corpo, no corpomundo, na corporeidade cósmica coletiva que somos – a que estou chamando de transcorporeidade. Então, é com essa fé na potência da corporeidade, inclusive para me guiar na busca dessa escrita corporificada, que mergulho de corpoalma na aventura rumo ao desconhecido. Entendendo a noção de corpo conectada à noção de fé. Ou seja, relacionando a dimensão da corporeidade, em sua totalidade, à uma dimensão mística e assumindo o *universo dos saberes do corpo enquanto universo que, na totalidade de sua expressão é da ordem do coletivo e do divino em nós*.

Seguindo os caminhos de Cassirer, em relação ao divino, ao mito e à arte, parto da premissa, que, além da mística, também a corporeidade, em sua concepção global, aponta para um mundo além da linguagem. Sim, ponto pacífico. Aponta, claro! Posto que a vida, a experiência, a corporeidade e o corpo em movimento expressivo são plenos de poesia, de afetos, de mitos, arquétipos, intuições, espiritualidade, memória, coletividade, ancestralidade. O corpo, enquanto corporeidade plena, é da ordem do divino e da mística, no que pode ser concebido conceitualmente. O que não impede que se encontre caminhos narrativos, em palavras, que iluminem ou apontem para esse *além corporificado dos saberes do corpo*.

Pois, “o poder e a profundidade espiritual na linguagem evidenciam-se precisamente no fato de que ela mesma prepara o terreno para dar este último passo, para aplainar o caminho ao fim do qual se encontra a sua própria superação.” (CASSIRER, 1992, p. 91-92).

Eis o nosso início, essencialmente um paradoxo: *saber que tudo o que possamos construir em termos de narrativa será apenas um apontar para a real corporificação ou corporeidade da narrativa*. Assim o é com a poesia, com a literatura, com os mantras, com a música, com a dança – as narrativas escritas mais corporificadas de que temos notícia – sempre apontam para o além! Fazem sentido sempre por conter em si, nas entrelinhas, nos interstícios, nos silêncios e nos interditos o que não foi narrado; ao menos não pela lógica das palavras, e sim pela imanência mística encantadora, do que quer que seja, de que realmente se trata a vivência real<sup>6</sup> do corpo.

---

<sup>6</sup> Assumo aqui a noção de real, inspirada na noção lacaniana de Real, no que de mais simples contem: Real enquanto o inapreensível daquilo que existe e pulsiona na realidade do sujeito; o que move o sujeito, mas, que escapa a qualquer tentativa de significação ou simbolização do imaginário. Trago uma definição sintética da Prof.<sup>a</sup> Maria Bernadette Soares de Sant’Ana Pitteri: “Não se confunda o registro psíquico do Real com a noção corrente de realidade: o Real é aquilo que sobra, o resto do Imaginário a que o Simbólico é incapaz de capturar – é o impossível. [...] ‘o que é o Real?’ Parece uma questão indevida visto que falada, pois o Real é mudo,

[...] *todo signo esconde em si o estigma da mediação, o que o obriga a encobrir aquilo que pretende manifestar.* Assim, os sons da linguagem se esforçam para "expressar" o acontecer subjetivo e objetivo, o mundo "interno" e "externo"; mas o que retêm não são a vida e a plenitude individual da própria existência, mas apenas uma abreviatura morta. Toda essa "denotação" que pretende dar às palavras faladas, não vai, na verdade, além da simples "alusão", alusão que deve parecer mesquinha e vazia diante da concreta multiplicidade e totalidade da percepção real (CASSIRER, 1992, p. 21, grifo nosso).

Compreendo que, aquilo que escapa à conceituação e à significação simbólica possível de se reduzir, de se deduzir, *aquilo que é inefável e da ordem do silêncio, aquilo que as palavras não podem abarcar, mas apenas anunciar é, então, do que se trata uma narrativa própria para expressar os saberes do corpo, com a presença plena da corporeidade que sou e da transcorporeidade que me/nos habita e me/nos compõe.*

Até aqui o objetivo que me move foi se desenhando enquanto um paradoxo, certamente pleno de contradições, e ficando claro que o que busco *há de ser uma narrativa sensível, uma narrativa intuitiva, uma narrativa poética, uma narrativa criativa e uma narrativa corporificada, que, necessariamente, aponte para além da própria narrativa.* E uma autoetnografia que anuncie tessituras para além da autoria. Eis o desafio! Nada simples, mas certamente instigante e inspirador. Vou, então, em busca de inspirações que me levem rumo a esse potencial e à *promessa fractal desse caminho do desejo*, caminho ainda meu desconhecido e, talvez, aqui ainda irremediavelmente utópico.

---

impossível de ser captado pelo Simbólico ou pelo Imaginário. Mas por não ser falado, o Real não engana: falta na ordem simbólica, são os restos não elimináveis pela articulação significante – só pode ser aproximado, jamais capturado.” (São Paulo, 3 de maio de 2010 - Texto apresentado pela Professora Convidada (EBP-SP), no Curso de Psicanálise da CLIPP. Disponível em: [http://clipp.org.br/biblioteca-artigos\\_18.php](http://clipp.org.br/biblioteca-artigos_18.php). Acesso em: 24 out. 2016.

Figura 4 - Imagem de fractal



Fonte: Internet, livre acesso.

Assim, vou construindo um entrelaçar de sentidos que fazem sentido para a verdade que busco. Seja o que for que “verdade” possa significar.

Quando alguém fala em captar a verdade, pensa nos livros. Mas os livros são feitos de palavras. As palavras, claro, têm um valor. O valor das palavras reside no sentido que elas escondem. Pois bem, esse sentido não passa de um esforço para alcançar algo que não pode ser alcançado realmente pelas palavras. (WALEY, 1999 *apud* PAZ, 2012, p. 111).

### **Sabor sangue**

E, já que (im)possível de ser alcançada pelas palavras, me entrego e me rendo às (im)possibilidades de minha corporeidade buscante e desejante de falar da verdade que me toca e que me move. Diga-se de passagem, aqui neste caso, falo da verdade não do sujeito moderno, indivíduo da psicanálise, mas da pessoa que sou, Mulher entretecida da Mulheridade coletiva e ancestral.

Assim, me sentipensando corporeidade mestiça, batalhando pela sobrevivência e buscando mais que sobreviver ao doutorado, vou desejando contraditoriamente um restinho de viver também. Quando vejo partir, assim sem mais, um pedaço enorme e precioso de mim, uma parte vigorosa e eterna da transcorporeidade que me compõe. Que me compõe eternamente,

mas que também se vai, na corporeidade efêmera, neste caso do meu querido pai. Alma gêmea que se foi de repente para outro plano. Em meio às palavras que insistem em ficar.

De meu pai aprendi o belo, o bem e a essência do sabor e do saber. Gratidão e amor eternos.

Figura 5 - Heranças e afetos

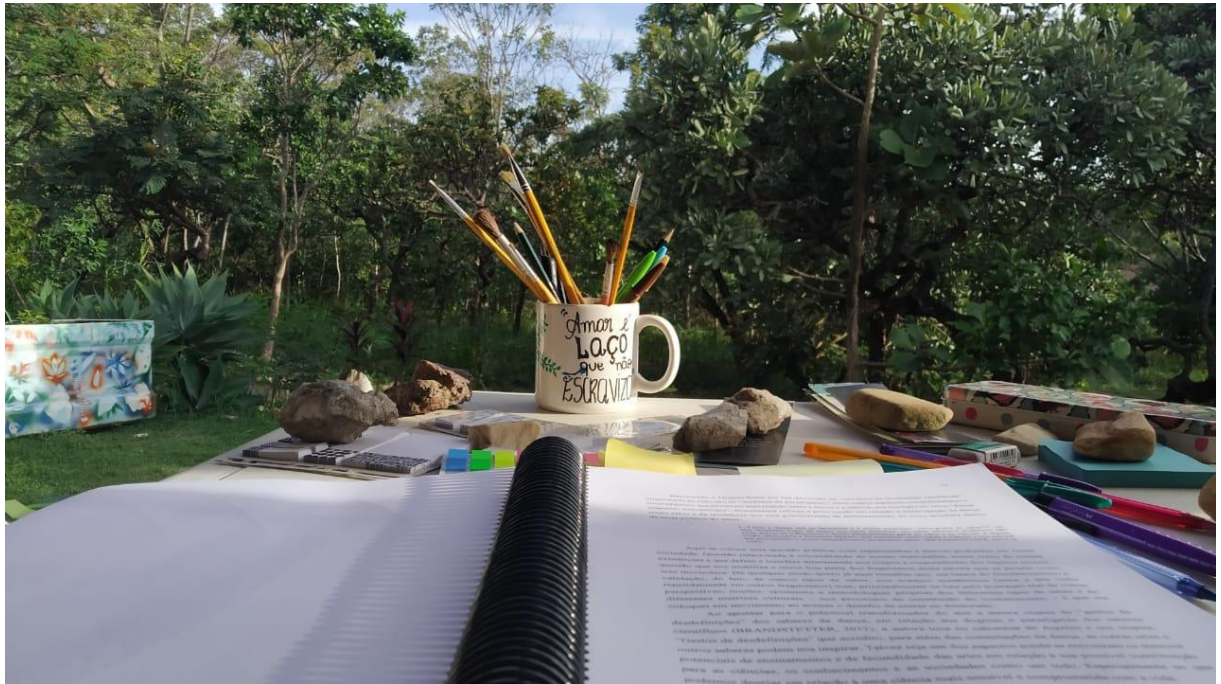


Foto: Ceila Portilho

Para inscrever desde já o deleite e o prazer na riqueza das contradições trago, no fluxo do falar da fé, a fala da carne; no que ela nos proporciona a existência terrena inclusive da alma e da fé. Posto que os saberes do corpo e da alma são saberes, por natureza, rebeldes e libertários! Saberes como aqueles que aprendi com o “Rubão” dos afetos de meu pai – o escritor de saberes e sabores, Rubem Alves – serem saberes parte de mim, mesmo não sendo meus:

Mas há outras ideias que são parte de mim. Nietzsche dizia amar somente os livros que haviam sido escritos com sangue. *Livros escritos com sangue são aqueles em que as palavras são apenas a carne de ideias nascidas no corpo.* A diferença entre os livros escritos com sangue e os outros escritos com conceitos é fácil de ser percebida. *Os livros escritos com sangue mexem com o corpo e a alma. Os outros mexem só com a cabeça.* O corpo fica do jeito que sempre foi. (ALVES, 2004, p. 9, grifo nosso).

Não tinha dúvidas de que o território me pedia um percurso com sangue, suor e lágrimas. Gosto de textos escritos com sangue! Não posso crer em uma construção do conhecimento sobre o corpo que mexa só com a cabeça. Como não tenho dúvidas nesse instante que o caminho percorrido, durante essa pesquisa, merece uma narrativa escrita com sangue. Agora, como foi

em outros momentos do percurso, é necessário abrir mão da segurança, assumir definitiva e inexoravelmente o risco de incorrer em erros, frustrações e até mesmo no que costumamos chamar de “fracasso”. Para que também se possa abrir a possibilidade de uma elaboração autêntica e legítima, no que diz respeito ao expressar, através da corporeidade, algo do universo dos saberes do corpo em movimento. Precisei, logo de início, compreender e vivenciar na práxis, que, mais do que responder às perguntas iniciais ou seguir planejamentos prévios – rumo a um resultado esperado – era importante percorrer o caminho que se desvelava no processo. O que significa caminhar sempre no momento presente, me entregar aos movimentos fecundos da investigação e às incertezas de suas surpresas e revelações possíveis.

...

E, eis que senão quando, me vi escrevendo em meio ao pandêmico suposto isolamento Covid-19 e à quase onipresente “necropolítica”<sup>7</sup> atual, que por aqui a extremos, eu buscava esquecer. “Necropolítica” (MBEMBE, 2006) que, no panorama global, foi assim tão acuradamente nomeada, pelo historiador e teórico político camaronês Achille Mbembe. Necropolítica que hoje, se configura globalmente e vem aprofundando, planeta a fora, a política de extermínio que decide sobre a vida e morte dos sujeitos e coletivos. Política com teor de necrofilia, reveladora do perverso prazer que rege sua necrológica.

Neste contexto, segui em busca de insurgências, transgressões e re-existências utópicas possíveis e (im)possíveis – por uma emancipação e descolonização sociopolítica e cultural, pela tessitura de novos mundos e, ao menos, pela formulação dos saberes e experiências da pesquisa, em Tese.

Neste sentido, (re)pensar e questionar a lógica, os cânones, a estrutura hierárquica, os protocolos e as práxis acadêmicas hegemônicas que reproduzem a colonialidade, o racismo, o supremacismo branco patriarcal, o epistemicídio – entre outros aspectos de opressão e dominação cultural – deixa de ser uma temática externa aos estudos do corpo e da corporeidade. Ao contrário, tal questionamento e problematização passam a compor aspectos medulares das reflexões acerca do território de saberes do corpo sensível. Posto que, vale repetir e se necessário desenhar: o sistema educacional, que define a (de)formação dos sujeitos e corpos

---

<sup>7</sup> Conceito apresentado por Achille Mbembe, inicialmente em um ensaio, em 2003, e posteriormente desenvolvido no livro *Necropolítica* (2006), que “pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.” (Trecho do resumo do livro). Utilizo aqui a noção de necropolítica dentro da perspectiva de Peter Pál Pelbart desenvolvida no artigo *Necropolítica Tropical: Fragmentos de um pesadelo em curso* (2018).

sociais e a produção científica que, juntos, influenciam e determinam inúmeros espectros socioculturais das sociedades têm, hegemonicamente, seguido no bojo do desenvolvimentismo produtivista colonial, servindo, se submetendo e reproduzindo nas corporeidades a lógica “necropolítica” do capital. Segundo Peter Pal Pélbart:

Necropolítica é a política de morte, que remonta a colônia. Em Mbembe, ela é racializada, mas extrapola essa dimensão, na medida em que a negritude, por exemplo, não é apenas uma condição subalterna reservada aos negros. É o devir-negro do mundo, que abarca desempregados, descartáveis, favelados, imigrantes, mas em contextos agudos, podemos acrescentar: mulheres, gays, trans, drogaditos, esquizofrênicos, etc. Que a política seja declinada como necropolítica, como política de extermínio, diz algo sobre a sobrevivência da matriz colonial no contexto contemporâneo. (PELBART, 2018, p. 16).

Em entrevista exclusiva à CNN, conduzida por Márcia Tiburi, a escritora e artista plástica portuguesa Grada Kilomba falando sobre a questão do colonialismo/racismo, e de sua capacidade de atualizar seu vocabulário, ressalta que precisamos “nos concentrar nesse saber de dismantelar o racismo”, entendendo que “o racismo não é algo biológico, é algo discursivo, é algo que funciona através do discurso, ou seja, através de associações, imagens e de palavras. Que não são reais, mas que se tornam reais através da associação.” (4’50”). Aponta para o fato que “o Brasil é uma história de sucesso colonial” (6’20”), que nunca passou por um processo de descolonização. Kilomba, que trabalhou muitos anos como professora universitária, assim como no teatro, responde à pergunta de Tiburi sobre as diferenças (facilidades, profundidade) ou complementaridades entre a linguagem artística e a acadêmica:

Eu acho que é tudo complementar, acho que a arte trata as questões de uma forma extremamente profunda. E de uma forma muito importante porque fala com a linguagem do inconsciente. (...) Todo conhecimento é importante. O que eu acho mais interessante na arte e na literatura é que a mim interessa muito mais construir obras que levantam questões que não estavam antes, do que dar respostas. Isso eu acho extremamente importante. Não só dar respostas, que muitas das vezes ficam aprisionadas numa relação de poder. (...) E há um jogo de poder entre quem tem o poder de definição, quem é que pode definir. E que é algo que nós estamos constantemente confrontados, esse poder e essa violência do conhecimento. A arte permite criar uma instalação, criar uma instalação, criar uma obra, que confronta o público ou levanta questões que o público formula por si próprio (...). (KILOMBA, 2020, 18’30”).

Portanto, digamos que, enfrentar a necropolítica não é para amadores. E, tecer caminhos de práticas descoloniais, também academicamente, passa por muitas esferas para além do campo teórico, especialmente se nos arraigamos às referências colonizantes da ciência moderna eurocêntrica, seja na metodologia, na forma ou na perspectiva epistemológica.

Figura 6 - O “nós-carregador” anônimo



Foto: Ceila Portilho

Portanto, urge enfrentarmos questões complexas, e nos fazer perguntas como: se a colonização inclui dimensões internas e subjetivas, imagéticas e discursivas, será que falar de epistemologias e teorias descolonias, de maneira coerente e radical, não deveria passar, necessariamente, também por desconstruções e experiências estéticas, semióticas, políticas e éticas radicalmente transformadoras?

...

Desde algo de tudo isso e mais – pela transcorporeidade coletiva que sinto ser/sermos – indo em busca da “verdade” e convicções da pessoa coletiva mulheres, mães, artistas, donas de casa, pesquisadoras, “filhas que cuidam” (que sou agora), em sermos tantas. Agora, na verdade, o eu de nós que é filha, mãe, dona de casa, jardineira, e que – com os inesperados e os atravessamentos potentes na coletividade da Covid-19 – se moveu pro interior, do interior do Brasil. Como tantas pessoas fizeram. Uma espécie de retorno à natureza, em busca de espaço e de respir-ar, para não pirar. E dali, como daqui, outra visão, outro olhar. Aqui, um sentirpandêmico a sentirpensar outras re-existências possíveis, deste narrar dos saberes do corpo, na corporeidade do corpo social. Na corporeidade do corpomundo, do corpo território coletivo que somos. CorpoTerra que vejo sermos, sem saber, em nossas existências modernas.

E eu, em busca ao menos de inspirar-me na escritura enunciação, cheia de sabor, que anuncia Roland Barthes, “sujeito incerto”, em sua *Aula*, de 7 de janeiro de 1977:

Segundo o discurso da ciência – ou segundo certo discurso da ciência – o saber é um enunciado; na escritura ele é uma enunciação. O enunciado, objeto habitual da linguística, é dado como um produto de uma ausência do enunciador. A enunciação, por sua vez, expondo o lugar e a energia do sujeito, quicá sua falta (que não é sua ausência), visa o próprio real da linguagem; ela reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de rendentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e no entanto reconhecido segundo uma inquietante familiaridade: as palavras não são mais concebidas como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa. (BARTHES, 2007, p. 19-20).

Buscando fazer do saber uma festa, da escrita uma escritura e do texto carne e sangue, trago imagens, que me ajudem a inscrever, crivar nessa narrativa, algo dessa nossa/minha existência mundana, ou terrena. Existência minha que sinto *transcorporificada, pelas existências todas no país e no planeta*. Existências atravessadas e marcadas pelas dores silenciosas, e pelos uivos de revolta da humanidade; invadidas, ainda que não saibam, pelos gritos de dor da natureza, pelo que queima, pelo que intoxica e degenera; mas também pelo gozo da vida dos seres que escapam e se revigoram, sem saber do ledó engano. Lindamente retomando espaços, quando a humanidade e o sistema de produção/consumo pareceram se

recolher. Só miragem? Tempo efêmero de esperança que, infeliz ou felizmente, durou pouco, muito pouco; tempo que, agora, parece não ter passado de um sonho, um momento-oásis, ilusório, no deserto árido da civilização; com promessas demasiadamente utópicas de reconstrução da lógica humana na Terra. Terra, *Gaia*, *Pachamama* hoje ardendo em fogo, evaporando-se planeta água, pelos ecos da ganância colonial, capitalista, racista, patriarcal, etnocida, misógina, hetero-e-etccera-normativa – de uma civilidade humana hoje mais que “necropolítica” (MBEMBE, 2006), auto-cida.

Neste momento presente, não obstante, vou, vamos em frente, em busca desta tessitura narrativa autoetnográfica, paradoxal e idealmente criativa e vigorosa dos saberes do corpo, sem saber aonde vou/vamos dar. Buscando tecer em palavras escritas saberes constituídos plenamente pelos sabores sensíveis, contraditórios e complexos, das artes do corpo em movimento: saberes vivos e coletivos da experiência.

### **Dos saberes do corpo e dos afetos ou Matrizes corporais**

Buscando honrar, em tempo, minhas matrizes corporais, ou seja, os saberes da experiência que constituem minha transcorporeidade quero mencionar e indicar, brevemente, para leitoras e leitores interessades, as fontes onde bebi e vivenciei os saberes do corpo. Saberes da experiência vivida que fazem possível minha escrita, minha pesquisa, minhas questões e elaborações, assim como uma certa dose de liberdade e criatividade que me permitem assumir o risco e incorporar essa performatividade indisciplinar em metaTese. Pois, ainda que o trabalho tenha tomado outros rumos e deixado de ser uma tese sobre os saberes do corpo – para transcrever-se em Manifesto pela emancipação destes saberes, entre outros – nos meios acadêmicos, é destas raízes e matrizes corporais que se construiu o desejo desta escrita.

Posto que, foram estes saberes e estas matrizes preciosas que tornaram possível as percepções, elaborações e tessituras que aqui desenvolvo, mesmo desde minha corporeidade um tanto anestesiada e engessada pelo sedentarismo. E, ainda principalmente, como insistiu a goiana Ciane Fernandes na minha banca de defesa, pelo fato de serem estas matrizes as minhas maiores referências; referências que estão dentro de mim. “São dados de 50 anos de vida. Isso é transcorporeidade.” (FERNANDES, em diálogo na banca de defesa, 2020).

Assim, trago aqui, em poucas palavras, minhas principais matrizes corporais fundamentais e fundadores dos saberes que me constituíram dançarina, docente e pesquisadora do movimento. Porém, deixo claro que sem a intenção de sistematizar e sem pretensões de sintetizar tais matrizes e saberes em tópicos ou tabelas. Mas, sim, para que as leitoras e leitores

possam se situar e, eventualmente, de acordo com seus interesses, buscar maiores informações. Trago também, em imagens e fragmentos, ao longo deste trabalho, menções e relances destas matrizes, assim como das experiências artísticas que vivi, nascidas desta formação múltipla e fértil em que minha corporeidade se lançou, desde meu (re)encontro com o SerCorpo.

Deixo claro e peço licença para falar sobre essas práticas desde uma perspectiva pessoal, subjetiva e de maneira unicamente relacionada à minha experiência e às minhas memórias. Sem pretensão nenhuma de dar conta da importância, das qualidades e aspectos peculiares de cada uma das práticas corporais, e do curriculum dos professores e mestres, no contexto das artes do corpo e da dança. Mas, sim, insisto, apenas com o intuito de apontar para algo da contribuição das mesmas na minha formação e em relação aos saberes que constituem minha corporeidade. Experiências que marcaram minha memória corporal e afetiva e que fazem parte dos saberes que me compõem. Com os riscos de imprecisão, e perda de detalhes e fatos, que corremos ao contar com nossas memórias afetivas para falar de histórias acontecidas.

### **Angel Vianna**

Na escola Espaço Novo, de 1988 à 1990, reaprendi a Ser. Reaprendi a existir e a me reconhecer ser humano, ser vivo, ser social, com todas as dimensões que isso traz. Não cabe aqui me estender, mas, posso dizer sem exagero que a escola da Angel foi uma escola de vida que me formou para o que quer que eu decidisse fazer na vida. Foi uma escola que trouxe de volta para mim o que a natureza nos dá de nascença: a plenitude de ser/estar/conectar consigo e com o entorno. A formação estruturada na escola – à época Profissionalizante em Dança Contemporânea, a partir da experiência da Angel e nutrida também pelas experiências compartilhadas com seu marido Klaus Vianna e seu filho Rainer Vianna, entre atores, bailarinos, intelectuais e pessoas de toda arte e campos – foi uma formação que posso dizer completa, no sentido vigoroso da palavra. Uma formação que prepara para a vida. E, principalmente, uma formação que traz à consciência e faz aflorar em cada um o potencial vivente, relacional e criador próprio e de todo ser humano.

Não à toa, minhas colegas de turma foram atuar em campos diversos do conhecimento, porém, sempre relacionadas ao corpo e ao desenvolvimento humano de maneira global e integrada. Além disso, a formação na escola da Angel nos possibilitou fazer escolhas, em um mundo que já havia escolhido por nós nossos caminhos de vida. Nos possibilitou construir novos mundos entre os mundos já dados e estabelecidos. Nos proporcionou sermos criadoras

de nossas vidas e de novas, sempre novas possibilidades de ser/existir e nos relacionar, em todos os campos da vida e do saber.

Pode parecer *naïve* e soar exagerado. E, talvez seja, em parte. Porém, foi exatamente assim que vivi e que levei comigo essa formação global da Escola Angel Vianna. Foi lá que percebi que o que eu vivera até então como formação, incluindo os dois anos de formação em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, não passava de um acúmulo de conhecimentos herméticos, no fundo sem vida e sem vigor. E que, no fundo, não me faziam nem mais nem melhor ser humano do que já nasci. E, talvez, muito ao contrário. Já a formação na escola da Angel teve a qualidade de reavivar, desvelar e fazer frutificar, não apenas o que eu já trazia em mim, como o que a natureza e os seres humanos trazem em si como potencial de saberes, conhecimentos e habilidades.

Assim, sem exageros, a formação na escola da Angel, possível por uma vida de dedicação às pesquisas e experiências do corpo consciente e criativo em movimento, nos proporcionou à época, e acredito que continue proporcionando, uma formação que entendo ser, essencialmente, o tipo de formação que deveria ser oferecido e estar acessível para todas as crianças humanas no planeta.

Vale mencionar que o trabalho de pesquisa corporal da Angel inclui práticas de conscientização corporal pelo movimento, desenvolvidas nos anos de experiência pela própria Angel, por seus pares e com os anos por suas alunas e alunos. Práticas que, porém, Angel fazia questão de complementar em diálogo com outras práticas oferecidas na escola à época, e que foram também fundamentais para a integridade desta formação, tais como: Sistema Laban e Laban-Barthenief, Eutonia, Técnica de Alexander, Feldenkrais, Eutonia, Cinesiologia, Dalkroze, Teatro, Dança Moderna, Ballet Clássico, Composição Coreográfica, Improvisação, Contato-Improvisação etc. Práticas que considero, todas, fundamentais na minha formação como performer, como docente e pesquisadora do movimento.

### **Arte Marcial Kalaripayat**

Arte marcial milenar originária da Índia e baseada no movimento dos animais e da natureza, o Kalaripayat é, ainda hoje, uma arte praticada majoritariamente nos kalaris (centros de treinamento desta arte). O Kalaripayat, segundo seus mestres, chamados de Gurukkal, e segundo consta nos livros (inclusive nos Vedas), se originou e se desenvolveu nas guerras entre tribos, nos estados de Kerala e Tamil Nadu, no sul da Índia, aproximadamente há cerca de 3.000 a 5.000 anos atrás. A arte continua resistindo, enquanto patrimônio cultural, seguindo os

preceitos milenares, sendo passadas de pai para filho ou, quando muito, de mestres para discípulos, dentro dos preceitos da tradição. Salvo espaços mais comerciais e turísticos, que aqui não interessa comentar.

Tive a oportunidade e a graça de treinar esta arte marcial no Brasil, por três anos seguidos, também durante minha formação na escola de dança, entre 1988 e 1990, quase que diariamente, com um professor que estudara com um indiano (incógnito) e posteriormente na Índia. O professor, Jô Brito, não conectou os grupos às origens da prática, o que fez com que posteriormente os grupos se desfizessem e, diante de conflitos, o professor tivesse que sair do Brasil. Porém, há que se reconhecer que ele foi um grande professor e que, apesar de ocultar as origens da arte, trazia em sua corporeidade e proporcionava nas práticas, diárias, um profundo e denso conhecimento corporificado do Kalaripayat.

Sou grata ao Jô, pelo que considero uma formação para mim tão fundamental e matricial quanto a formação que recebi na escola da Angel. Claro, guardadas as devidas proporções e esferas, porém, igualmente basilar e determinante das qualidades e habilidades com que desenvolvi meus trabalhos artísticos e docentes ao longo da vida.

Posteriormente, em 2007, tive a oportunidade de viajar pela primeira vez para a Índia, quando e onde pude mergulhar de cabeça/corpo/alma no universo de saberes desta arte e tradição milenar. Também durante o período do doutorado pude visitar novamente a Índia, em 2017/2018, e, então, voltar um outro olhar para o Kalaripayat. Quando busquei naquela experiência de campo relacionar os saberes da prática milenar às questões que se colocavam na minha pesquisa de doutorado. E, foi exatamente em uma entrevista a um aluno no CVN Kalari Trivandrum, que compreendi as qualidades de transcorporeidade vigorosas e pulsantes na prática e na transmissão de saberes desta tradição.

Vale dizer que, já na minha primeira viagem à Índia, assim como na viagem de 2018, fiz questão de visitar vários kalaris e que, finalmente, escolhi o CVN Kalari Trivandrum não apenas por ter sido um dos principais locais em que o professor Jô Brito estudou, e tampouco por ser um dos mais tradicionais e mais reconhecidos kalaris da Índia. A escolha se deveu principalmente pela minha afinidade intuitiva e pela confiança imediata no mestre responsável, o Sathyan Narayanan Gurukkal, que me recebeu e acolheu como mais uma aluna iniciante e também como paciente do centro de Kalari Marma Chikitsa, medicina tradicional milenar, parte constituinte da tradição.

## **Tai-Chi-Chuan**

Me lembro pouco e tenho pouquíssimas informações concretas sobre essa prática que, porém, também foi determinante na minha formação. Sei apenas que foi também durante o período em que cursava a Escola Angel Vianna que tive a oportunidade de mergulhar no Tai-Chi, com um grande mestre. Essa prática milenar me encantou e me fez perceber sutilezas profundas e saberes ancestrais, na simplicidade e beleza do movimento e respiração conscientes. Eu acordava mais cedo e me juntava a um grupo de pessoas silenciosas e dedicadas, no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, sob a batuta do Mestre Wu (um dos pioneiros em trazer a prática do Tai-Chi para o Brasil). O que ficou gravado na minha memória e corporeidade foi principalmente a percepção da densidade e do movimento da energia vital, ou da “bola de energia” que movimentávamos nas sequências do Tai-Chi. Sequências e atenção que nos traziam para o presente e para a conexão dos nossos corpos com a energia do cosmos.

### **Outras matrizes deveras signific-ativas na minha corporeidade**

As próximas referências ou matrizes corporais que elenco aqui, mais ou menos em ordem cronológica de aparecimento na minha prática e formação, trago como forma de ilustrar a riqueza de influências e saberes que vieram a compor minha corporeidade e constelações de saberes do corpo. Porém sem possibilidades de dar conta de me aprofundar realmente na descrição ou apresentação das mesmas, opto por simplesmente elencar, ressaltando minha gratidão e respeito porá cada uma delas.

**Dança espanhola / Danças de origem africana / Dança-Teatro / Dança-Teatro Ritual, Teatro Coreográfico / Teatro-Físico / Teatro do Silêncio / School for New Dance Development / Body-Mind-Centering / Contato-Improvisação / Composição Instantânea / Release Technique / Autentic Movement / The V Rythms**

Saberes que se entretecem nas relações e conexões pulsantes, plenas de vida e morte; e nos entrelaçamentos, transcorporais – próprios das constelações do território planeta, do corpomundo e da vida. Experiências e território que expressam o que diz Zumthor (2014, p. 99), como contei a pouco, que:

*“o saber é um longo, lento sabor” ...*

Figura 7 - Peça Espelho da Lua. Dir.: Ceila Portilho. Na foto: Helena Lua



Fonte: arquivo pessoal.

Para a tradição oriental, a verdade é uma experiência pessoal. Portanto, em sentido estrito, é incomunicável. Cada um deve começar e refazer sozinho o processo da verdade. E ninguém, exceto aquele que empreende a aventura, pode saber se chegou ou não à plenitude, à identidade com o ser. O conhecimento é inefável. Às vezes, esse “estar no saber” se manifesta com uma gargalhada, um sorriso ou um paradoxo. Mas o sorriso também pode indicar que o adepto não encontrou nada. Todo o conhecimento se reduziria então a saber que o conhecimento é impossível. Uma e outra vez os textos se entregam a esse gênero de ambiguidades. A doutrina se resolve como silêncio. O Tao é indefinível e inominável. (PAZ, 2012, p. 110).

Almejando ouvir o silêncio do conhecimento impossível, pelo intuitivo do conhecimento, busco o caminho (Tao), deste saber que nasce da experiência e da presença.

Desejando manter a conexão e a presença neste “estar no saber” dos saberes do corpo, e na corporeidade viva, decido levar uma atenção especial aos movimentos narrativos que ecoaram e ecoarem principalmente da experiência viva, da elaboração cognitiva integrada, da memória e da intuição, assim como dos influxos transcorporais que me chegarem, marcarem e/ou nutrirem neste tempo de escrita.

Venho, assim, convidar as leitoras e leitores, para mergulharmos nesse movimento que se propõe a ser um movimento de (des)construção; sabendo que tudo está em transformação, e que o que está escrito aqui pode estar diferente, contradizendo o que foi dito, já na próxima página, capítulo ou parágrafo. Ainda que oculto sob alguns cânones e formas, quando inegociáveis, que cercam a escrita acadêmica. Ou, ainda que dissonantes, pelos ruídos, falhas, incertezas e rasuras na manifestação de subjetividades e coletividades, em suas elaborações e incompletudes.

Para fazer jus à pesquisa desenvolvida e às elaborações e noções medulares do trabalho, entendo que a composição narrativa deveria ter, sim, suas estruturas e regras, seus elementos que se repetem, se espiralam e se enraízam, mostrando-se como elementos estruturais em seu potencial de recriação e variações. Mas, que a regra acima de todas – pela própria qualidade de liberdade inerente à criação que desejei – deveria ser que “toda regra foi criada para ser quebrada”<sup>8</sup>. E que o convite se colocasse semelhante ao de uma dança compartilhada no instante – uma espécie de *Jam Session* – em que adentramos, autoras, autores, leitoras e leitores, como cocriadoras(es) em uma experiência de criação, desconstrução e recriação de percepções, reflexões, saberes e conhecimentos em movimentos coletivos de devir.

O que entregaria, em sua própria estrutura, a continuidade da tessitura narrativa de elaboração dos saberes nas mãos e desejos que recebem o texto. Porém, pelo contexto acadêmico em que se inscreve, esta ideia não se fez aqui possível. Assim, deixo esta empreita para uma próxima oportunidade. Não obstante, talvez eu ainda busque criar espaços, aqui e ali, para apontar nesta direção. E convido leitoras e leitores a fazer o mesmo.

Para o que contribui o fato de que o trabalho se (re)construiu neste ponto da escrita, “em meio ao crescendo da Pandemia Covid-19”, como um mosaico inacabado, uma espécie de caleidoscópio sem fronteiras visíveis e com limites borrados entre o mundo acadêmico, a experiência investigativa e a vida que invade pelas mãos do Real inabarcável. *Uma performance*

---

<sup>8</sup> Frase recorrente da artista performer, pesquisadora e professora Katie Duck, nos idos dos anos 90, em um momento específico do desenvolvimento do seu trabalho de pesquisa com improvisação e performance, desde a pesquisa da composição cênico-coreográfica. Trabalho de pesquisas que naquela época em que estive participando de suas aulas e eventos performáticos coletivos, era por ela e por nós chamado de *instant composition*. Disponível em: <http://katie duck.com/>.

*narrativa que se foi tecendo e sendo entretecida, transgredindo em fragmentos – entre expressões espontâneas dos eus outros em mim, e, dos eus nos outros todos que somos. Fragmentos autoetnográficos expressivos e performativos de uma corporeidade narrativa atravessada, envolvida, movida e povoada por essas constelações de corporeidades coletivas que nos constituem; que no tempo/espaço/fluxo/movimento das experiências, encontros e entrelaçamentos, nos torna ressonância da coletividade e da transcorporeidade viva que somos.*

Figura 8 - Elenco da peça Sand. Direção Shogo Ohta – Tóquio, Japão



Fonte: Revista Japonesa, acervo pessoal

### **Paisagem devastada ou cenário contextual**

*Caminhe suavemente, disse um poeta, toda a Terra é sagrada.*

*Pierre Teilhard de Chardin*

*Em tempos de extermínio, as mulheres indígenas fazemos da luta melodia, recuperamos a terra roubada, fazemos questão de*

*celebrar a nossa existência, semeamos esperança, somos a própria terra a curar-se.*

*Das Américas Central e do Sul e do Caribe; da África, do Ártico; da Europa Oriental, da Rússia, da Ásia Central e da Transcaucásia; da América do Norte e do Pacífico, nós nos encontramos. Somos tão diversos quanto as gotas de um rio, mas juntos transbordamos de vida.*

*Site: Cura da Terra*

Tenho hoje, 20 de setembro de 2020, o olfato impregnado e o pulmão asfisiado pelo cheiro das queimadas criminosas e/ou que, por negligência do poder público, se alastram pelas florestas e biomas do nosso país. Sinto a pele seca, como que queimada e entumecida pelo eco doloroso dos grunhidos, gemidos e agonia de milhões de vidas animais e vegetais que ecoam às multidões. Tenho hoje, 30 de agosto de 2020, a corporeidade tomada pela realidade invasiva, opressora e genocida que vive o nosso país, Brasil. Brasil que – sob o comando dos especialistas em “crimes de colarinho branco<sup>9</sup>”, endossados agora por mecanismos como o do famoso “gabinete do ódio” – nos tem envergonhado mundialmente, mas, acima de tudo, tem nos feito olhar para nós mesmos e (alguns de nós) nos perguntar quem somos e para onde vamos.

Hoje, quando oficialmente contabilizamos mais de 136.000 mortos pela Covid-19, contando com a total irresponsabilidade e cumplicidade do desgoverno federal. E, hoje, sabendo que este número de mortes deve já ser bastante superior, devido a provável subnotificação em curso – vemos o país rolando pirambeira abaixo, sem perspectiva de algum freio ou obstáculo que possa reverter o quadro “necropolítico” (MBEMBE, 2006). Uma necropolítica criminosa que, no Brasil, vem sendo acintosa, vergonhosa e progressivamente institucionalizada.

Sendo neste contexto histórico que se insere essa pesquisa pelo *território dos saberes do corpo sensível*, insisto ser imprescindível tecer reflexões também em relação aos efeitos sociopolíticos e culturais nos corpos/corporeidades/existências, atravessadas pelo colonialismo moderno capitalista, no qual se estruturou nosso país – assim como em relação às reverberações que se aprofundam na atualidade, dentro da realidade necropolítica neocolonial atual.

Assim, quando falo do território dos saberes do corpo, nesta pesquisa, entendo *corpo como a totalidade dessa corporeidade/existência/relações que somos. Essa presença, ao mesmo tempo morada, território, existência e movimento, com suas características coletivas e*

---

<sup>9</sup> “A expressão “white collar crimes” (crimes de colarinho branco) foi usada pela primeira vez em 1940 por Edwin Sutherland. No Brasil esse termo define o ato delituoso cometido por uma pessoa de elevada respeitabilidade e posição sócio-econômicos e, muitas vezes Presidentes e Altos - Diretores de Estatais, representa um abuso de confiança do Estado.” Fonte: Wikipédia em 30/08/2020

*particulares, com as quais integramos o corpo social, planetário e cósmico.* Portanto, neste momento sócio-histórico da modernidade capitalista ocidental, corporeidades que se inserem no contexto dito neoliberal, muito mais (neo)colonial fascista, de um capitalismo predatório globalizado, necropolítico e mais que tardio, à beira da destruição das condições da própria existência humana no planeta.

Portanto, abraço como imprescindível a urgência ético-política de contextualização social e de problematização teórico-prática dos estudos e pesquisas acadêmicas nos processos de formulação do conhecimento. Entendendo que, nos movimentos e constelações coletivas de re-existência – seja dos movimentos indígenas, dos movimentos negros, dos movimentos de povos da floresta, dos movimentos pelo direito à terra, dos movimentos LGBTQI+ etc. – é que temos tido as maiores lições e aprendizados, os mais significativos exemplos e experiências de ressignificação política, teórica, cultural e epistemológica. Neste contexto, creio que temos diante de nós, talvez, uma chance única de (re)aprender, desconstruir, descolonizar e ressignificar nossos pensamentos, corporeidades e práticas colonizadas e subalternas, na criação de novos mundos.

Hoje, quando ouvimos e sentimos as florestas queimando e sendo sequestradas pelos rios e portos de nossa Abya Yala<sup>10</sup>. Hoje, quando ouvimos muito de perto nossas irmãs e irmãos indígenas contabilizando, em lágrimas, cada dia mais mortes nas próprias aldeias e nas aldeias vizinhas. Hoje quando vivemos a progressão da contaminação pandêmica, principalmente nas periferias e bairros pobres, efetivando um genocídio anunciado pelo governo federal, das populações que “não interessam ao capital”. E hoje, junto a esse genocídio de povos indígenas e de populações racializadas e excluídas, em condições precárias de existência – populações que sabemos serem constituídas majoritariamente por pessoas pretas, afrolatinoamericanas, mestiças – presenciamos também um ecocídio de toda a vida no planeta.

Segundo imagem do movimento indígena Maracá, postada no Instagram da liderança indígena e hoje coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Sonia Guajajara, o que estamos vendo/vivendo em relação às florestas “Não é queimada. É holocausto florestal”.

---

<sup>10</sup> Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darién e vive atualmente na costa caribenha do Panamá, na Comarca de Kuna Yala (San Blas). Fonte: site Abraço Cultural

Figura 9 - Post do Plano de Cura Maracá Emergencial



Fonte: Brasil, Agosto de 2020.

No *II Seminário de Formação Política do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturais*, a pedagoga e ativista de referência na luta contra o racismo, Nilma Lino de Gomes, compondo a mesa *O que é pedagogia decolonial?*, começa renomeando como “pedagogia de resistência” e destaca o protagonismo do movimento negro “como resistência e como um organizador, um produtor, um sistematizador de saberes na sociedade” (GOMES, 2019, 8’30”). Nilma situa o contexto brasileiro no que tem chamado de “golpe do século XXI” e na situação de perplexidade e imobilismo que tende a nos assolar. Porém, nos chama para a luta e inicia uma aula imperdível sobre o tema em questão.

Narrativa que reforça e elucida sua tese de que “o Brasil tem sido re-educado pelo movimento negro.” (GOMES, 2019, 12’) Um movimento negro que tem se desenvolvido no século XXI e que, como educador, tem gerado saberes e conhecimentos “nascidos na luta” e nas práticas culturais, políticas, existenciais. Uma luta anti-racista, luta pelos direitos humanos, etc. que tem gerado “saberes emancipatórios”. Ou seja, “essa articulação entre os saberes identitários, políticos, estético-corpóreos, ela dá origem a um corpo de formulações, conceitos novos, conceitos ressignificados...” e reeduca a juventude, a universidade, a sociedade. (GOMES, 2019, 38’).

Temos aprendido, também com os movimentos das mulheres indígenas, entre outros, que nosso corpo é nosso território e que nosso território é nosso corpo. Seja este o corpo pessoal, o corpo coletivo como compreendido em algumas culturas originárias, seja esse o corpo social da humanidade, seja esse o corpo planetário da Terra, *Pachamama*, *Gaia* que hoje queima e sangra. Corpo nosso, nosso CorpoTerra, “planeta água”, que hoje queima, sangra e grita.

A leitura/narrativa aqui proposta, com intenção de tecer uma perspectiva pluridimensional, transcultural e transdisciplinar, tem como *cerne anunciar reflexões relacionadas aos saberes pertencentes potencialmente a esse corpo/corporeidade coletiva e aos efeitos da civilidade, mais especificamente da colonialidade de nossa modernidade, sobre esse corpo/corporeidade social adestrado, domesticado, objetificado e alienado - entre outras dimensões de si mesmo e de seu potencial original*. Neste contexto, o trabalho incorpora a indignação e a urgência pulsionais, ao mesmo tempo seculares e emergentes, e busca, em síntese, elaborar reflexões no sentido de entretecer contribuições e derivas que possam vir a dialogar com os movimentos pela descolonização dos corpos/corporeidades/relações/existências na contemporaneidade, no SerCorpoTerra cósmico.

### **Em resumo**

Desde a perspectiva inicial proposta no projeto de pesquisa – de busca e construção de *uma teoria-prática sensível e integradora das múltiplas faculdades cognitivas e criativas do ser humano* – e assumindo *uma perform-atividade indisciplinar descolonial* condizente, me propus a mergulhar integralmente na corporeidade, como disse, enquanto perspectiva e *locus* da investigação. A essa disposição passei a chamar de *corporeidade investigativa*: me referindo ao lugar mesmo da construção do conhecimento pela e na corporeidade – integrada. Corporeidade que, em geral, existe, se desvela e se desenvolve nas práticas corporais sensíveis, conscientes e criativas. Neste caso, porém, uma corporeidade investigativa tendo como cenário e objetivo o desenvolvimento da pesquisa acadêmica a que me propus fazer no doutorado.

O processo se deu, inicialmente, entre trancos e barrancos, pelos muros e abismos, assaltos e quedas, sobressaltos e ataques – encontrados e vividos na prática acadêmica – assim como, pela própria distância em que me encontrava, eu mesma (após alguns anos priorizando as dinâmicas acadêmicas) do contato com minha corporeidade. Porém, progressivamente, num crescendo que acompanhou o clarear da intenção, foram se desvelando – orgânica e naturalmente – os caminhos, as direções, os sentidos de cada gesto, cada passo, cada movimento investigativo.

Caminhar que se foi compondo – enquanto perspectiva metodológica – intuitiva e criativamente, pela percepção, expressividade, movimentos e relações dessa corporeidade transcorpórea que habito, se entrelaçando no território. Caminhar que passei a chamar de *metodologia intuitivo-criativa*, pela entrega e conexão com os *acazos*, o *caos*, a *intuição*, os *afetos* e a *criatividade*, e pela abertura para a *presença* e a *experiência* de “*estar no saber*”. (PAZ, 2012).

Assim, assumindo o desafio de (re)descobrir uma corporeidade investigativa no contexto acadêmico – e de construir uma performatividade inter, trans e indisciplinar de pesquisa – coerente com a proposta de *emancipação e descolonização epistemológica* – é que se deu o mergulho no *território dos saberes do corpo sensível*. Uma perspectiva transepistêmica foi sendo, então, organicamente construída. Transepistêmica no sentido de buscar integrar e tecer diálogos entre diferentes perspectivas epistemológicas. Transepistêmica na busca por integrar diferentes olhares, saberes, matrizes e fontes de saber – nas tessituras de um conhecimento idealmente inspirado na possibilidade de co-existência de saberes e epistemes. Epistemes que pudessem coadunar, não obstante possíveis divergências e aparentes contradições, em tessituras afinadas pela construção de novos mundos e no compartilhar práticas de descolonização, emancipação, cura e re-existência coletiva.

Quero compartilhar, aqui, alguns aspectos estruturais da tese, que podem facilitar a recepção e envolvimento das leitoras e leitores com esta performance que, como disse, se quer indisciplinar, descolonial e transepistêmica: essa emergência narrativa descontínua, incerta, talvez um mínimo possível insurgente, e em fragmentos:

1. A narrativa, inspirada na noção da autoetnografia, busca compartilhar Movimentos perceptivos, subjetivos, reflexivos e/ou analíticos do desenvolvimento da pesquisa. Assim como fragmentos narrativos de perspectivas e conceitos do território de investigação, do campo de estudos da performance, entre outros relacionados – apresentando progressivamente, em contextos diversos e por diferentes conexões, a noção de transcorporeidade – como fruto do processo.
2. A corporeidade investigativa, inicialmente pensada para o processo de investigação, acabou extrapolando as etapas anteriores e invadindo o processo de escrita, se entrelaçando à ideia da autoetnografia. Trazendo, porém, uma outra qualidade, cotidiana e ainda mais subjetiva/coletiva para a performance narrativa que, então – se construiu também e prioritariamente desde o território dos saberes do corpo, em relação com a corporeidade e com o corpo-contextual da experiência subjetivo-coletiva da Pandemia Covid-19.

3. Seguindo qualidades das constelações de saberes do corpo, a narrativa se constituiu de maneira mais circular do que linear, mais sistêmica e holográfica do que objetiva; se entretecendo por movimentos espirais, próprios da dinâmica da vida. Movimentos em fragmentos, cujas temáticas se multiplicam e retornam, em repetições, variações e derivas; buscando, porém, compor um todo/corpo fractal, dinâmico e indefinível em sua abertura e infinitude.
4. A narrativa incorpora imagens e poemas, e por vezes até citações, como parte de uma transtextualidade complementar, propondo que as mesmas falem por si. Posto que compreendo serem mais que uma representação, ou interpretação visual, estética, do conteúdo textual; elas assumem o lugar de narrativas transtextuais, intermediáticas, que comunicam pelo próprio sentido estético, poético etc., entretecendo signos complexos. Assim, salvo exceções, a interpretação e as possíveis relações sensório cognitivas das imagens, e de certos textos, são deixadas para a elaboração das leitoras e leitores. Como um dos lugares de silêncio e espaço em que a continuidade da elaboração e criação é entregue a você: leitora, leitor, leitor.
5. O conceito de transcorporeidade, que emergiu no processo investigativo, é uma noção que nasce e se quer aberta, com características sistêmicas e complexas. Podendo, portanto, ser vista de forma global e/ou específica nas suas diversas e complementares dimensões, aspectos e constelações interpretativas, que se entrelaçam, infinitamente. Proponho aqui que as leitoras e leitores acolham aos poucos, essa diversidade e complexidade dos aspectos constelares da noção de transcorporeidade, na medida do desvelar do texto e permitindo aflorar em seus imaginários, interpretações próprias, antes (e/ou depois) de chegarmos ao movimento final da tese.
6. Ao longo do texto a narrativa assume diferentes sujeitos – singulares, plurais, impessoais e metafóricos. Assim como diferentes tempos narrativos, ou temporalidades. O que quer enfatizar a noção da transcorporeidade que permeia a narrativa e, também, apontar para uma perspectiva coletiva de autoria. Busquei também abrir espaços para relativizar e desconstruir a onipresença do masculinismo na linguagem, priorizando, por vezes, o gênero feminino e acenando espaços para o exercício do não binarismo. Sem, porém, ter compromisso com uma ou outra vertente, mas, sim, assumindo uma liberdade no exercício da harmonia na composição estética, poética, política ou ética, no contexto de cada frase ou parágrafo.
7. É preciso lembrar que as perspectivas transestêmica e transdisciplinar, de que falamos mais no caminho, têm suas riquezas e limitações, como todas as escolhas

metodológicas. Almejo que, no caso desta pesquisa, mas, principalmente na formulação da pesquisa em metaTese, possamos contribuir para uma visão mais sistêmica, panorâmica e ampla das questões que levaram à elaboração da noção de transcorporeidade. Por outro lado, ao menos neste espaço/tempo/fluxo e contexto narrativo, limitaram-se as possibilidades de um aprofundamento teórico maior de certos aspectos; especialmente em questões que não se colocaram como centrais neste momento. Entendo que, não obstante, tal escolha significou a construção de uma base mais ampla e com raízes profundas – as quais, por vezes, talvez, não tenham se tornado visíveis em palavras, permanecendo como potencial, nas entrelinhas, nos entretextos, nos entrelugares e entredimensões, para outros desdobramentos.

Espero ter anunciado aqui as principais questões de (des)estrutura desta performance narrativa, que, em busca de ser/entretecer-se como um exercício descolonial, emergiu em fragmentos insurgentes, assumindo prioritariamente o desafio e o risco de contemplar as constelações de saberes e as experiências vivenciadas no território de investigação. Porém, tal investimento se viu atravessado pelos limites ortodoxos, hierárquicos e corporativos que, muitas vezes, fizeram necessário ceder aos cânones e normas do método tradicional acadêmico hegemônico. Talvez de maneiras e em questões majoritariamente desnecessárias e/ou equivocadas.

Neste sentido, enfatizo a importância de permitir, por vezes e o quanto possível, esse lugar do texto impuro, inacabado, incerto e atravessado por ruídos e espasmos, próprios das pulsões da corporeidade. Quisera um texto invadido pelo fluxo dos fluidos e expressões dos movimentos corporais, desde os mais ternos, sutis, entrelineares, aos mais deseducados, e, se não indecentes, talvez um pouco incandescentes... Porque buscava a voz do corpo com algo das suas cores e nuances de matizes e semitons, dizendo desde seus sabores, tessituras e saberes com sangue – sem papas e pompas; as verdades que lhe são próprias, as cruezas que lhe são constituintes, e que compõem – sem vergonha e sem limites – o multiverso de significados e sentidos nas constelações de conhecimentos que são. Conhecimentos que se criam, se recriam e se entretecem anarquicamente em outras derivas, libertárias, de sabedorias corporificadas e *transcorporificadas*, sempre em movimento vivo, pulsante, imprevisível.

Entendo, ainda que os saberes do corpo sejam, de certa forma e em muito, avessos a elaborações definitivas e demasiadamente sistematizadas. Tema que já toquei e desenvolvo aqui, insistentemente, sob perspectivas diversas. Neste eco, libero as palavras que eu possa

entretecer aqui dessa responsabilidade inatingível de expressar o inexprimível. Entendendo que esta performance narrativa autoetnográfica, subjetiva, não se coloca como almejando expressar uma “verdade do sujeito”, sujeito da psicanálise. Mas, talvez, como verdade dos caminhos percorridos, na compreensão da pessoa coletiva, dessa corporeidade transcorporal que sou, ou sinto ser.

Assim, compreendido que almejo o impossível, que o objetivo da minha pesquisa é um paradoxo pleno de contradições e sem solução palpável ou previsível, me aquieto. Abaixo o nível das expectativas e vou beber nas fontes que me inspiram, sem mais nenhuma obrigatoriedade de chegar a algum lugar além do percurso em si. Me inspiro uma vez mais nas palavras de Octavio Paz no texto *A imagem*, quando diz que “É preciso voltar à linguagem para ver como a imagem pode dizer o que a linguagem, por natureza, parece incapaz de dizer.” (PAZ, 2012, p. 112).

Desejo que eu, e nós, a nossa e a minha voz – na corporeidade que sou e na transcorporeidade do coletivo e do cósmico que me/nos compõem – se misturem, se entrelaçem e se transcorporifiquem no sujeito da escrita/leitura. Ou seja, o eu lírico, enquanto condutor da narrativa é também um eu híbrido, um eu que se mistura e se percebe atravessado pelo nós coletivo, hora eu, hora tu, hora nós, hora isto ou aquilo – sem uma lógica prévia que determine a mudança, mas apenas seguindo a sensibilidade subjetiva que move a escrita. E, quiçá, apenas pelo movimento da corporeidade transcorporal dessa voz, um tanto nossa, que se expressa em palavras.

Voz que busca, também, convidar você – cara leitora, care leitor e caro leitor – para mergulhar comigo nesta escrita incerta e inconstante, pedindo permissão para conectar com lugares de fala coletivos. Lugares que ressoam e entrelaçam minha/nossa corporeidade coletiva em transcorporeidade nossa. Algo como o que encontrei dia desses nas palavras da Vivi. Vivi, que um dia conheci menina, hoje Mãe de menina, conta, do seu jeito o que chamo transcorporeidade, em sua dimensão humana universal:

Nos últimos dois dias Tainá teve crises longas e inconsoláveis de choro e raiva. Ontem durou 25 minutos, foi logo antes de dormir. Ela gritava, se jogava no chão, queria tudo mas não aceitava coisa alguma.

Eu fiquei surpresa foi com minha capacidade em manter a calma. Não gritei, não me tranquei no quarto e nem fiz chantagem. Fiquei ali ouvindo, oferecendo possibilidades, observando em silêncio. Dando contorno e alguns limites, mas respirando.

Pude perceber que estava muito difícil para ela, foi uma avalanche que implodiu. Vulcão em erupção. Em alguns momentos quis chorar junto por sentir-me impotente ao vê-la em um estado de tanta dor.

Mas aceitei que eu não tinha controle sobre a situação e que isso tudo faz parte do crescer. Estava dando o meu melhor e esse melhor estava muito, muito bom. Fiquei olhando, disponível e em um dado instante ela aceitou meu colo. E ali, no conforto do

meu abraço, deu aquele último choro profundo, sentindo-se segura. Comecei a embalar, cantando Peixe Vivo. Aos poucos o soluço cedeu lugar a suspiros e depois de um tempo uma pequena voz melosa me disse "merci".

Ela agradeceu.

E foi minha vez de ser tomada por uma emoção inexplicável. A cabecinha dela apoiada em meu ombro, minhas lágrimas escorriam ininterruptas pelo rosto. Ali eu percebi que a única coisa que me permitiu estar tão inteira para ela foi um amor imenso que eu estava sentindo por mim mesma, antes de qualquer coisa. *Reconheci em minha filha um estado de dor humano e universal que me atravessa ainda aos 25 anos. Como esperar que ela, com dois anos e meio, se desvencilhe disso sozinha?*

Eu, que tanto me cobro, escrevo esse texto agora para honrar o acolhimento que consegui dar e o encontro tão profundo onde minha filha sem saber, lembrou-me: estamos aprendendo. Acolher o sentir - seja ele nosso ou de outrem - é dos atos mais nobres que se pode fazer. E eu só consegui realizá-lo ali por conjugar o amor na primeira pessoa do singular e do plural.

Eu que te agradeço, Taíná.

Eu que te agradeço. (FALCÃO, perfil no Facebook, 2020, grifo nosso).

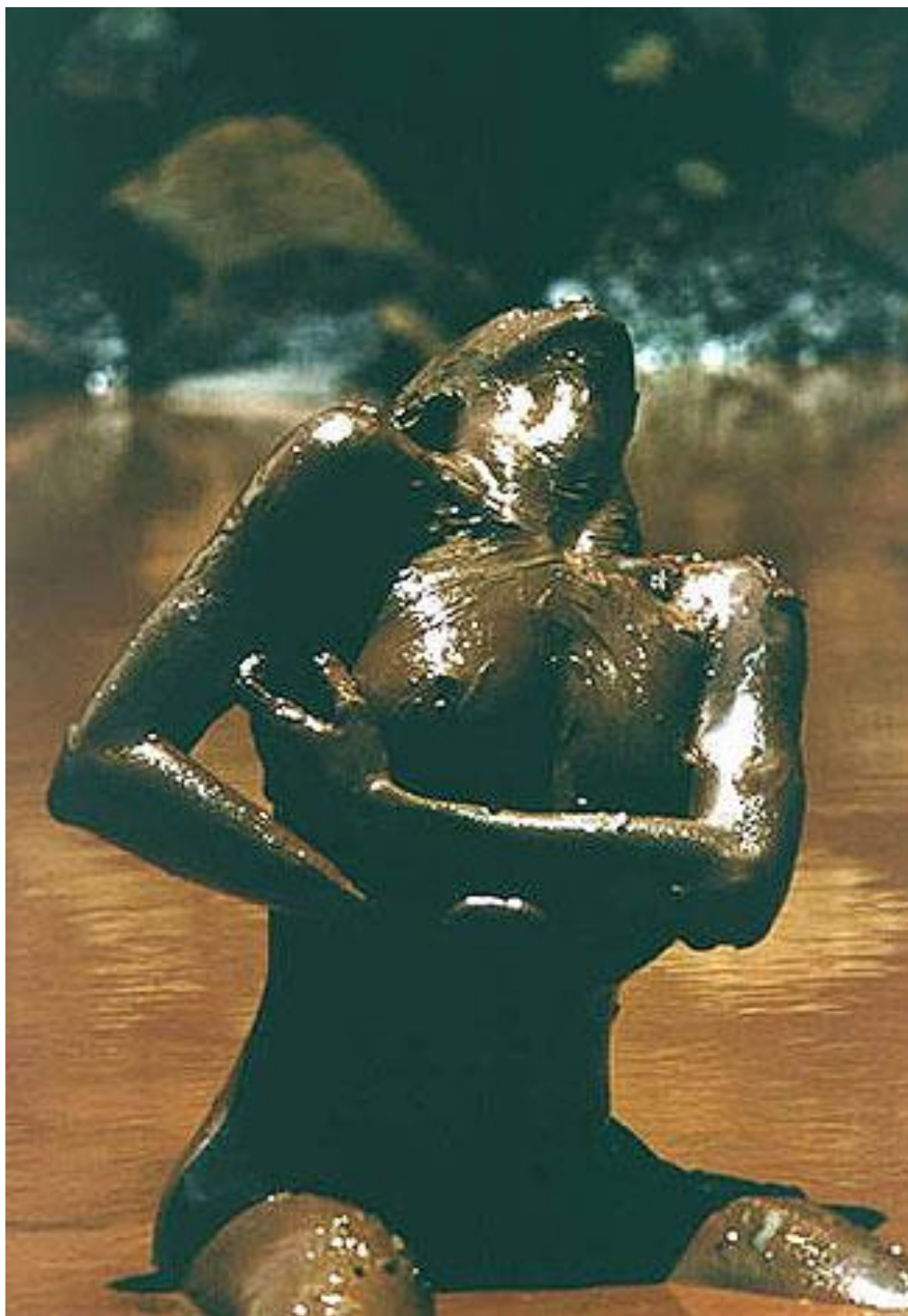
E eu te agradeço Vivi.

E te agradeço pequena grande Taíná.

Agradeço pela beleza e pureza com que a expressão da transcorporeidade humana e universal que vivo e sinto, se inscreveu nesse narrar vigoroso da experiência transcorporal: “Reconheci em minha filha um estado de dor humano e universal que me atravessa ainda aos 25 anos. Como esperar que ela, com dois anos e meio, se desvencilhe disso sozinha?” Experiência transcorporal que nos move, que nos comove, que nos afeta e nos constitui. Ainda que na maior parte do tempo sequer tenhamos noção.

Um grande, enorme e eterno abraço e gratidão, também por este presente em forma de contação de história, Viviane Morel Falcão. Eu te honro, honro nosso ser Mãe, honro nosso ser Mulher, honro nossa coletividade, nossa ancestralidade e nossa irmandade de almas.

Figura 10 - Terra - Foto Roberto Cavanna – Intérprete Ceila Portilho



Fonte: Acervo pessoal

## MOVIMENTO I – CORPO, TEOR E TEORIAS

*Em primeiro lugar, inspire! Com toda sua presença e consciência e perceberás que tens um corpo. Inspirando, eu sei que tenho um corpo. O corpo é uma parte muito importante de você mesmo. Você gasta duas horas em seu computador, você está estressado, e não sabe como parar... E esquece completamente que tem um corpo durante essas duas horas. Você está procurando algo no futuro, em seu trabalho, enquanto seu corpo sofre... Então, o primeiro ato de amor é inspirar e ir para casa, para teu corpo.*

Thich Nhat Hanh

Sobre o corpo, a corporeidade, os saberes do corpo sensível e a noção de transcorporeidade em construção, conversaremos nas curvas do caminho, nos entrelaçamentos e interstícios dos Movimentos do texto. Convido, assim, desde a minha corporeidade existencial, as leitoras e leitores a entrarem na dança deste nosso encontro, se permitindo fluir, entre os gestos, expressões, passos e composições narrativas. Inspirada nos movimentos descoloniais e na proposta autoetnográfica, provooco as leitoras e leitores – uma vez mais – a se entregarem à narrativa como exercício de mergulho no potencial de corporificação simbólico-afetiva de insurgências epistêmicas, desobediências e micro-re-existências acadêmicas. Micro-re-existências que como disse, neste texto, buscam fluir por trajetórias sinuosas e circulares em uma performance narrativa em espirais, repetições, variações e derivas. Me permitam, então finalmente, desejar as boas-vindas!

### 1.1 O caminho se faz ao caminhar

- Mestre, como faço para me tornar um sábio?
- Boas escolhas.
- Mas como fazer boas escolhas?
- Experiência.
- E como adquirir experiência, mestre?
- Más escolhas.

Conto Zen

*O corpo de ensino tem de chegar aos postos avançados do mais extremo perigo, que é constituído pela permanente incerteza do mundo.*

Martin Heidegger

*Historicamente, a etnodramática emerge justamente quando a sabedoria sobre outras culturas, outras visões de mundo, outros estilos de vida está aumentando; quando ocidentais no empenho de*

*compreender filosofias, dramas e poesias não ocidentais, nos currais de suas próprias construções cognitivas, descubrem que se depararam com monstros sublimes, dragões orientais que são os senhores do caos frutífero, cuja sabedoria faz nosso conhecimento cognitivo parecer algo pequeno, rústico e inadequado para nossa nova compreensão da condição humana.*

Victor Turner

Como já dito (adiante), os estudos da performance se originam assumindo a dinâmica das contradições, fecundas controvérsias e não saberes, nas dimensões do conhecimento, o que inclui a contemplação dos ruídos, indefinições e restos – próprios da vida que buscamos compreender. Victor Turner, um dos precursores a investir com Richard Schechner nesse encontro de experiência dialógica e *transepistêmica*<sup>11</sup> entre o teatro e a antropologia, afirma no livro *Do ritual ao teatro* que:

O dualismo cartesiano tem insistido em separar o sujeito do objeto, em separar nós e eles. Na verdade, também fez do homem ocidental um voyeur, concentrando-se na visão por instrumentação macro e micro para melhor compreender as estruturas do mundo com um “olho” para sua exploração. Os laços profundos entre corpo e mente, pensamento inconsciente e consciente, espécie e indivíduo têm sido tratados sem respeito, como se irrelevantes para os propósitos analíticos.

*A reflexividade da performance dissolve esses laços e democratiza de forma criativa: a medida que nos tornamos uma única noosfera na terra, a separação platônica entre uma aristocracia do espírito e “as ordens baixas ou estrangeiras” não pode mais ser mantida. Ser reflexivo é ao mesmo tempo ser sujeito de si e objeto direto. O poeta, que Platão rejeitou em sua República, subjetiva o objeto, ou melhor, faz da intersubjetividade o modo humano caracteristicamente pós-moderno.* (TURNER, 2015, p. 143, grifo nosso).

Em sendo sujeito de si e objeto direto – pela intersubjetividade – fronteiras metodológicas, cognitivas, relacionais e existenciais desaparecem, de forma criativa. O outro em mim, o eu no outro são um e o mesmo; e podem se revelar no entrelaçamento em que o Real escapa. Porém de modo imprevisível e gerado na experiência dos encontros, vivências, relações em que se expressam. A representação/interpretação do processo pede inevitavelmente outras formas, padrões e linguagens narrativas, é o que penso. Ao tema dessa intersubjetividade retornamos adiante, em variações e derivas.

Voltando à perspectiva de Turner na citação anterior, se coloca, diante do reconhecimento de uma abordagem “instrumental” – da ciência moderna na relação com este

---

<sup>11</sup> A perspectiva *transepistêmica* se construiu organicamente no percurso cognitivo, enquanto práxis necessária à coerência do trabalho, sem ter até então referências teóricas ou conceituais específicas. Mais tarde, já na revisão da Tese, soube que existem trabalhos que se utilizam da nomenclatura, já há tempos, pelo planeta. Não pude, porém, ainda, aqui indicar.

*outro/mundo* alvo de sua exploração secular – uma questão ético-política e filosófica complexa, mas, a meu ver, necessária:

- Por quanto tempo ainda a ciência e as instituições de ensino e pesquisa podem continuar a serviço da lógica do capital e da reprodução do colonialismo necropolítico, em detrimento do bem estar dos seres humanos e da natureza planetária? Com isso, quero novamente evidenciar o contexto em que se faz aqui o questionamento da subalternidade acadêmica aos paradigmas e à institucionalização das estruturas e hierarquias coloniais eurocêntricas capitalistas, que se ocultam e se reproduzem por traz do que costuma ser incluído na conta do chamado “método tradicional da ciência moderna”.

Apenas para lembrar a complexidade e historicidade em que se insere o desafio da quebra de paradigmas, para além da rigidez e do determinismo dos cânones e dogmas do método tradicional da ciência modernos que, por mais que desejemos ao contrário, seguem ostensivamente hegemônicos na produção acadêmica das ciências humanas e das ciências das artes – contexto das nossas reflexões. Portanto, como já disse, sem intenção de questionar o valor e as contribuições da ciência moderna, indubitáveis, e dos diversos paradigmas que a acompanham, o que me parece imperativo é abriremos espaços, de fato, para o reconhecimento e legitimação de outras matrizes de saber na Universidade, como nos outros espaços de ensino e pesquisa. Já não é sem tempo!

De qualquer modo, trata-se de uma busca por outros olhares, caminhos, epistemes, práxis e estéticas na construção do conhecimento. Assim como, uma busca pela possibilidade de relacionar e compor saberes entrelaçando e entretecendo outras epistemes, matrizes e fontes de saber, de maneiras transversais, heterárquicas; o que inclui, por vezes também, a perspectiva epistemológica da ciência moderna eurocêntrica, em suas variações. Mas, a luta pelo direito a tecer outros modos de olhar, saber e fazer, na tessitura e elaboração do conhecimento acadêmico, coloca-se hoje mais que nunca como urgente – de fato. Para além dos projetos de extensão inclusivos, dos louváveis casos de exceção e, principalmente, dos discursos retóricos alheios à prática – tão em moda.

## **1.2 Performatividade investigativa e narrativa indisciplinar**

*Do mesmo modo, pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, teoria é sempre cartografia - e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, naturalmente). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. não tem o menor racismo de*

*freqüência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado.*

Suely Rolnik

Venho, movida por pulsões utópicas desejanter e antropófagas – falar também do prazer estético, poético, filosófico, assim como dos desafios éticos, políticos e socioculturais – que nortearam esse processo investigativo. Venho, portanto, almejando me juntar ao coro dos que buscam e reivindicam outros caminhos e caminhar possíveis, e potencialmente revolucionários, abrindo todas as portas, janelas e brechas ao meu alcance, que apontem para possibilidades de transformações radicais, no modo hegemônico e comumente imposto, de se fazer pesquisa e de se construir conhecimento nas universidades. E, portanto, de se nutrir seres humanos e sociedades.

Utópica e radicalmente almejando e vislumbrando transformações em todos os sentidos e, essencialmente, em todas as estruturas e modelos que se cristalizaram em rígidos paradigmas e regras acadêmicas. Regras que, via de regra, inibem a curiosidade, a espontaneidade e fazem adormecer a criatividade. *Por essas e outras é que, repito, me norteia o pressuposto de que as instituições de ensino, em seus aspectos negativos, estão entre os mecanismos fundamentais de colonização interna e objetificação das subjetividades e corporeidades, no processo de alienação dos indivíduos de seus potenciais, de sua originalidade, de sua natureza vital.* Basta um olhar atento às sociedades e seus corpos sociais.

Trago palavras de Francisco Sá Barreto, na apresentação do livro *Curupiras: colonialidades e outras epistemologias*, que, representando um grupo de instrumentos desse coro incomensurável, ilustram o que busco dizer:

A impostura traduziu, nesse esforço, o que procuramos constituir como uma espécie de convenção de malditos, interessados diretamente na denúncia do que genericamente poderíamos chamar de paradigmas coloniais, de um lado, e, de outro lado, esforços para apontamentos de estruturas epistêmicas alternativas, transversais, cortantes em relação àquelas que já caracterizam a si mesmas a partir de altos níveis de esgotamento. Nesse contexto, a figura mitológico-subversiva do Curupira converte-se em mote a partir do qual procuramos organizar um grupo que tem a impostura como lugar metodológico, a fratura do colonial como premissa e a reflexão sobre outras epistemologias como objeto-problema. (BARRETO, 2017, p. 6).

Coro que, utópica, porém apaixonadamente, continuamos nutrindo pelos quatro cantos do planeta e que vem se expandindo e se fortalecendo, atualmente, na mesma medida em que o recrudescimento das forças retrógradas. Forças que, de outro lado, trabalham pela reificação das necropolíticas e mecanismos de neocolonização desse capitalismo tardio autocida. Forças que corroboram na manutenção de uma civilização em decadência, que vem se consumindo progressivamente, em um processo autofágico. Uma civilização em que não caibo, em que não cabem nossos corpos e não cabemos todos nós: nós todos humanos ou não, seres na terra, mas, especialmente nós que nos importamos, para além do espetáculo social e a quem a realidade opressora da dita civilidade invade e mutila. Se assim permitimos, se assim seguimos permitindo!

Mas, como disse Barreto, faço parte do coro re-existente que investe na “fratura do colonial”, assumindo a “impostura como lugar metodológico”, ainda que sujeitas a tempestades, fracassos e erros, porém, nesta busca por tessituras criativas, vigorosas e, portanto, insurgentes.

Apesar de a pesquisa partir de pressupostos, no sentido da compreensão do contexto em que os corpos individuais, coletivos e a corporeidade social se (de)formam, volto a frisar que não é do alcance dessa investigação aprofundar a questão ou problematizar teoricamente uma crítica à estrutura e à lógica colonial hegemônica pelos quatro cantos do planeta. Porém, é imprescindível contextualizar não apenas o espaço/tempo/estrutura em que a pesquisa se desenvolve – acadêmica e socialmente – mas, principalmente, levar um olhar crítico e tecer uma reflexão em relação aos efeitos desse cenário na (de)formação dos corpos, corporeidades, relações e existências em sociedade no momento atual.

O desafio específico dessa investigação, nesse contexto, é o de dar voz à corporeidade e – buscando soltar as amarras da racionalidade logocêntrica – permitir que a própria corporeidade se expresse sobre o território dos saberes do corpo em movimento e em relação ao contexto social. Que a corporeidade, suas qualidades, perspectivas e sentidos possam tecer reflexões também com outras dimensões cognitivas, desde diferentes níveis de expressividade, e, em diferentes formas, ritmos, qualidades, intensidades ao longo da narrativa. Um exercício de expressão dos saberes deste território do corpo sensível, consciente e criativo – através de uma narrativa que, idealmente, se movimente também em direção a uma sistematização “científica” que, porém, evite encaixotar, engessar ou enjaular os saberes/sabores em questão. E, enquanto se pergunta o sentido e significado do que seja “científico”.

Tal desafio é para mim tão novo quanto excitante e inspirador, na medida em que pertence a esse processo de busca da desconstrução de uma rigidez e formatação imposta dos

caminhos, processos e formas de construir o conhecimento acadêmico. A pesquisa teve, portanto, como pano de fundo o pressuposto de que o método científico tradicional e a perspectiva moderna logocêntrica de produção do conhecimento – calcados prioritariamente na lógica de uma racionalidade intelectual positivista, excludente de perspectivas, saberes, lógicas e processos cognitivos outros – ou seja, a narrativa acadêmica tradicional, não seria adequada ou suficiente para a investigação no território dos saberes do corpo em movimento. Território em que coexistem outras perspectivas e dimensões de saber, outras qualidades e processos cognitivos e em que se movem e se nutrem lógicas integrativas e sistêmicas; constelações epistêmicas complexas e transversais em suas dinâmicas.

Vale ressaltar, portanto, que no corpo narrativo desta tese, as (in)definições pretendem apresentar-se em uma dinâmica aberta, com um quê de expressividade estética e poética, com um quê de emoção e afeto, com um toque de intuição e criatividade, e um tanto de vazio, descontinuidade e incompletude, importando muito mais a legitimidade e organicidade nesse movimento de busca da narrativa corpórea, do que o resultado estético e o nível de “sucesso” da formalização teórica – especialmente no que concerne as regras e parâmetros do método científico tradicional. Não no sentido de negar ou excluir previamente tais regras e parâmetros, mas, efetivamente, em busca de dar voz, movimento, e expressividade às perspectivas, lógicas, movimentos e formas próprios de outros lugares, outras práticas e matrizes de saber. Próprios ao território de saber das artes e ciências do corpo em movimento sensível.

Nos próximos Movimentos, exercitei quando pude a busca de uma linguagem narrativa que, pela contação de histórias ou pela elaboração afetiva e metafórica dos fenômenos, acontecimentos, percepções, desvelamentos e in-definições de experiências, foi se compondo. Uma linguagem narrativa que conta histórias e elabora fenômenos, porém, desde a perspectiva de dimensões da corporeidade pouco exercitadas nas escritas acadêmicas; ou seja, por caminhos e dimensões mais subjetivo-coletivas que objetivas e autorais. Mais abstratas e imagéticas do que concretas, sem a obrigatoriedade de descrever dados empíricos de analisar a partir de categorias definitivas, mas, de outro modo, trazendo representações, interpretações e variações em derivas dos efeitos da experiência sobre a corporeidade da investigadora e seus pares. Corporeidades que, em movimento de investigação performativa, se entrelaçam e se (com)fundem no território. David Le Breton, em *Antropologia do Corpo*, alerta para o fato de que:

A ciência e a técnica, fiéis ao seu projeto de domínio do mundo, tentam, no mesmo movimento paradoxal, ao mesmo tempo eliminar o corpo e imitá-lo. Por um lado, ultrapassar seus limites, reconstruí-lo, interferir em seus processos. Como se a condição humana se assemelhasse, em uma perspectiva agnóstica, a uma

queda do corpo, este último tornando-se um membro supranumerário do homem, do qual convém livrar-se o quanto antes. Lugar da precariedade, da morte, do envelhecimento, aquilo que é preciso combater em primeiro lugar para conjurar a perda. Sem consegui-lo, sem dúvida, mas na insistência permanente da esperança. O corpo, lugar do inapreensível cujo domínio deve ser assegurado. (LE BRETON, 2016, p. 12).

Porém, o corpo, rebelde e insurgente como é, manifesto em pulsões vigorosas e arrebatadoras, insiste em re-existir por espasmos, imposturas, pulsões espontâneas deselegantes e inusitadas, nos veios e interstícios da vida, da cultura, do vivo.

Christine Greiner e Helena Katz, no artigo *Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo*, trazem reflexões em relação à questão epistemológica do corpo propondo uma teoria do *corpomídia*, que não vem ao caso aqui desenvolver. Porém, em relação à questão da linguagem e da narrativa relacionada à experiência e saberes do corpo, trago um trecho que acredito ser frutífero para a discussão em andamento:

As relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos coevolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com as perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo. Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo – processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado do semprepresente, o que impede a noção do corpo recipiente. O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo. O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. (GREINER; KATZ, 2005, *online*).

Aqui, neste trabalho, a busca é por uma cartografia corpórea performativa cuja narrativa também vai se tecendo, se (re)criando em um exercício intencional de transcorporeidade consciente com o ambiente. Uma narrativa que se quer sensível, afetiva, integrativa e mnemônica dos contatos, dos encontros, dos movimentos e experiências compartilhadas no território de pesquisa. Assim, repito e repito, que esta narrativa se inscreve de maneira não linear, sem as amarras de uma logicidade externa à experiência e longe de pretender afirmações ou conclusões definitivas. Assim como se deu ao longo da performatividade e da coreografia investigativa – que foi se compondo no caminhar, dançar, cirandar e performar pelos caminhos do território. Narrativas, portanto, de uma história autoetnográfica, permeada pelas

corporeidades/subjetividades/existências e encontros desse processo de busca e exercício de uma corporeidade investigativa.

Em outras palavras, uma narrativa que se pergunta e se questiona, em meta-narrativa, enquanto se tece. E busca seguir o caminho de movimento performativo indisciplinar e descolonial e em permanentemente encontro co-criativo – pelas danças, andanças e cirandas, muitas vezes insubordinadas, rebeldes e incertas pelo território de investigação. Uma narrativa desejante de risco, que deseja expressar, em síntese, algo do que Eagleton apresenta no diálogo reflexivo com Heidegger sobre a linguagem:

Se a existência humana é constituída pelo tempo, é igualmente constituída pela linguagem. *A linguagem para Heidegger não é um simples instrumento de comunicação, um recurso secundário para expressar “ideias”: é a própria dimensão na qual se move a vida humana, aquilo que, por excelência, faz o mundo ser.* Só há “mundo”, onde há linguagem, no sentido especificamente humano. Heidegger não vê a linguagem principalmente em termos daquilo que poderíamos dizer: ela tem uma existência própria, na qual os seres humanos chegam a participar, e só assim chegam a ser humanos. A linguagem sempre pré-existe ao sujeito individual, tal como o próprio espaço no qual ele se desdobra; *e ela contém a “verdade”, menos no sentido de ser um instrumento para a troca de informação exata, do que no sentido de ser o lugar aonde a realidade se “revela”, se entrega à nossa contemplação.* (EAGLETON, 1983, p. 68, grifo nosso).

É desde esse lugar de contemplação dos momentos/movimentos/processos de desvelamento, ao longo da investigação e da performance narrativa insurgente, que desejo e almejo dar voz a essa escrita reflexiva, subjetiva, corpórea e corporificada, em forma de metatese acadêmica. No instante em que me identi-fico com Heidegger, pelos olhos de Eagleton, rememoro assim meu sonho inicial de tese em outro momento da espiral saborosa do conhecimento vivenciado, entretecido e penso em uma tese do desejo que me constitui, enquanto artista pesquisadora.

Uma tese que vibre essencialmente o objetivo ético, estético, afetivo, político e existencial dessa escrita; e penso em uma tese ideal, que fosse *Um manifesto vivencial do corpo, uma reivindicação corpórea utopicamente constituída de saberes do território da corporeidade*. Uma meta-tese-manifesto, ou uma anti-tese, que pudesse dentro do possível, e quebrando impossibilidades, fortalecer o movimento descolonial nos espaços acadêmicos, através da presença, da voz, do movimento e da expressividade do corpo e seus saberes.

Mas, trazendo os pés ao chão, me dedico a que eu possa ao menos narrar essa urgência – como disseram os Titãs na música *Comida*, enquanto desejo/necessidade/vontade – de compartilhar, apresentar, interpretar, traduzir as verdades subjetivo-coletivas, que foram sendo construídas e se construindo nesses encontros de campo, como verdades do momento presente, das situações e relações, das complexas constelações e relações transpessoais e trans-sistêmicas

que se dão, se deram e ecoam nas vivências dessa corporeidade e transcorporeidade investigativas.

Urge reconhecer que os saberes do corpo, assim como os estudos da performance, entre outros tantos campos de saber das ciências das artes e das ciências humanas, têm em comum algo da impossibilidade de significação exata, assim como algo da impossibilidade de controle operacional e funcional dos elementos, fenômenos e contextos. Algo da impossibilidade de “comprovação científica”, dentro dos cânones tradicionais. Claro, sem adentrar nas questões das especificidades características de cada campo. Assim, dar espaço para que se manifeste uma linguagem narrativa que, ao menos nos entremeios e entrelugares do texto, seja entretecida dessas nuances de incertezas, de espaços vazios, de pausas expressivas que ecoam a expressividade do silêncio no movimento, torna-se consequência inevitável.

### 1.3 A voz do SerCorpoColetivo

*Die Vielfalt an Seinsmöglichkeiten, an Richtungen, Geschwindigkeiten, Qualitäten, Bewegungen und Begegnungen, die eine Jam uns eröffnet, ruft uns lachend ins Gesicht, dass dualistisches Denken unsere Wahrnehmung sehr begrenzt und nicht den grundsätzlichen Lebensprinzip entspricht. Während wir uns satt in den Kontaktpunkt lehnen und uns mit allen zur Verfügung stehenden Extremitäten in den verschiedensten, ständig wechselnden Richtungen des Raumes verankern, wird deutlich erfahrbar: Das Leben ist selten entweder-oder. Viel öfter ist es sowohl-als-auch oder je-nachdem.*

Heike Pourian

E se eu pudesse escrever o que tenho a dizer? E se eu pudesse soltar a voz da sabedoria que habita o SerColetivo em mim? Se as palavras elaboradas na corporeidade que habito pudessem expressar, com todas as letras, a sabedoria dos anos vividos, das memórias inscritas, das mensagens recebidas – nos genes que compõem nossa/minha existência terrena em um corpoespírito? Se o Ser em mim pudesse anunciar em palavras algo dos Saberes da Vida, ainda que entremeadas das verdades relativas e efêmeras do sujeito que escreve? Ainda que utilizando apenas os dedos, mãos e braços e uma parcela diminuta do potencial da minha mente intelectual, mas, incorporando também ainda as parcelas diminutas da minha/nossa sabedoria ancestral – corporificada em minhas células, em meus corpos, do mais físico aos mais sutis. E se eu pudesse abrir minhas faculdades sensíveis, cognitivas e expressivas para dar vida, forma, cores e palavras aos saberes que nos fazem um SerOrganismoUno, enquanto Planeta e Cosmos? E se... Me perguntei tantas vezes ao longo deste processo do doutorado e, especialmente, durante o processo de escrita da tese.

Curiosamente, na maioria das vezes ouvia imediatamente a resposta de minha subjetividade civilizada e colonizada dizendo que tudo, mas, tudo mesmo entre as coisas que têm real valor para mim e que sei ser o melhor que tenho a compartilhar, não representa nada e não tem nenhum valor para a sociedade; ao menos não do ponto de vista acadêmico-científico no contexto ciência moderna ocidental. E, ainda que eu, teimosamente, tenha me perguntado também paralelamente, sempre de novo, se não era “de direito” reivindicar espaço para, ao menos, questionar e contribuir com a reflexão em relação ao que tem valor, ou não, para estar nos centros institucionais de formação e construção de saberes e conhecimentos na sociedade – terminava derrotada. Terminava derrotada pela minha subalternidade introjetada, certa de que – ainda que tivesse algum sentido naquelas miríades de desejos ou sonhos utópicos pelo “bem maior” – eles provavelmente não tinham valor para além do que meu próprio umbigo ou meu próprio ego... Algo assim foi o que ouvi todo o tempo, não foi? Mas, quando? De onde? De dentro ou de fora? Do fora que está dentro ou do dentro que está fora? Em que momento de todo este processo me convenci de que o que me importava dizer, o que compreendo como sendo valioso e importante de ser compartilhado, e que me movia adiante, eram sentimentos egóicos ou autocentrados?

Curiosamente, compreendo agora, já ao final do tempo e do processo de escrita que não; que realmente essa voz que gritava alto, em tantas instâncias da minha psiquê e fisicalidade, fazem parte desse “colonialismo interno” (GONZÁLES CASANOVA, 1963) introjetado. Ou seja, materialização do que podemos chamar, com Michel Foucault, de procedimentos (neste caso internos ou já internalizados) de controle, produção e delimitação do discurso (FOUCAULT, 2014, p. 8-24). Fato é que, não importa o quanto eu tivesse convicção de que buscava exatamente transgredir a essa lógica mecânica de sujeição, eu acabava entendendo que não seria possível de outra maneira e que a única saída seria me render ou fracassar. Ainda que sabendo estar sendo aconselhada a deixar de fora o que mais tem valor, de tudo o que eu percebo, sinto e compreendo – como sendo algo dos saberes coletivos autênticos e preciosos a serem compartilhados nesta escrita – que passa pelo meu teclado doutorando. Que passa pelo meu teclado, mas que não me pertence. E, antes, ao que eu pertença e busco me conectar enquanto ser coletivo.

Esse paradoxo, que assumo na busca de tecer uma escrita que não é minha, nem de ninguém, mas que é de todas e todos nós que assim compreendam; ainda que se utilize do lugar de escrita de uma tese – que se subentende autoral. Não me importo realmente com esse lugar da autoria, ainda que saiba que preciso dar forma e cor de autoria; almejei uma escrita que fosse maior do que qualquer compreensão lógica analítica por si só pudesse abarcar. E, por mais que

saiba das limitações e impossibilidades pessoais que enfrento neste intento, creio que, no fundo, acabei decidindo contar com a sensibilidade possível das pessoas que cheguem a mergulhar na leitura. Torcendo para que estas possam generosamente se abrir para os silêncios e para a incompletude aqui expressa e se coloquem em movimento criativo para entretecer, desde as entrelinhas e interstícios, o que aqui se expressa como falta; movimento de criação coletiva que, espero, inspire pontes e “paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019, p. 30) para os saberes de todas e todos nós. Acredito, desde a experiência das práticas do corpo, que basta acessarmos. Basta termos a simplicidade, a espontaneidade, a coragem e a humildade de receber e reconhecer, como sendo parte dos saberes que nos compõem, dos saberes da Noosfera – algo dessa nossa consciência terrena una e comum.

Nesse sentido e em relação aos fenômenos que chamamos de busca e construção do conhecimento, características da espécie humana, Montagu apresenta dados relativos às funções da pele no que tange ao acesso tanto à realidade objetiva do mundo quanto ao “mundo vivo que existe no interior do corpo”.

Voltamos a um elemento fundamental com que entramos em contato ao iniciar uma jornada de autoconhecimento pelo corpo em movimento: a pele. A pele, maior órgão do corpo humano é parte do sistema nervoso e, apesar de a relacionarmos comumente apenas ao sentido do tato, está relacionada à praticamente todas as dimensões dos processos cognitivos. Como nos ensina Ashley Montagu, em seu livro *Tocar: o significado humano da pele* (MONTAGU, 1988):

Tanto a pele quanto o sistema nervoso originam-se da mais externa das três camadas de células embrionárias, a ectoderme. A ectoderme constitui uma superfície geral que envolve todo o corpo embrionário. A ectoderme também se diferencia em cabelo, dentes e nos órgãos dos sentidos do olfato, paladar, audição, visão e tato, ou seja, em tudo o que acontece fora do organismo. O sistema nervoso central, cuja função principal é manter o organismo informado do que está se passando fora dele, desenvolve-se como a porção da superfície geral do corpo embrionário que se vira para dentro. O restante do revestimento de superfície, após a diferenciação do cérebro, da medula espinhal e de todas as demais partes do sistema nervoso central, torna-se pele e seus derivados: pêlos, unhas e dentes. Portanto, o sistema nervoso é uma parte escondida da pele ou, ao contrário, a pele pode ser considerada como a porção exposta do sistema nervoso. (MONTAGU, 1988, p. 22-23).

A pele, enquanto órgão dos sentidos “mais antigo e mais extenso do corpo” é responsável por uma série de funções interrelacionadas, “pertencentes ao plano físico da pele”, que permitem ao nosso organismo aprender o que é o ambiente ao nosso redor, assim como, receber e transmitir ao cérebro informações relacionadas ao “sistema nervoso interior”. O que aprendemos a chamar de tato, como nos referindo a apenas um sentido, reúne em realidade “vários sentidos táteis”. Na leitura do livro, vamos descobrindo várias dessas habilidades

cognitivas relacionadas à pele, em suas várias dimensões, além do que costumamos considerar como plano físico. Por exemplo, “O termo *háptico* é usado para descrever o sentido do tato em sua extensão mental, desencadeada diante da experiência total de se viver e agir no espaço.” (MONTAGU, 1988, p. 23-31).

#### 1.4 Performatividade indisciplinar e narrativa investigativa

Aprendo um mundo com autores que se expressam abrindo um espaço de construção infindo. Trago aqui Paul Zumthor, quando ele faz uma diferenciação potente entre o processo de análise da performance e/ou do texto, a qual me inspira, me contamina e me coloca em movimento de aprendizado criativo rumo ao infinito. Um processo que se inicia na leitura, cuja continuidade extrapola o momento presente e se coloca em movimento de devir, nas qualidades do desconhecido, do incerto e no espaço criativo intersticial (potencialmente de construção contínua pelo leitor), contido nas entrelinhas e silêncios de suas afirmações:

*Da performance à leitura, muda a estrutura do sentido. A primeira não pode ser reduzida ao estatuto de objeto semiótico; sempre alguma coisa dela transborda, recusa-se a funcionar como signo... e todavia exige interpretação: elementos marginais, que se relacionam à linguagem e raramente codificados (o gesto, a entonação), ou situacionais, que se referem à enunciação (tempo, lugar, cenário). Salvo em caso de ritualização forte, nada disso pode ser considerado como signo propriamente dito – no entanto, tudo aí faz sentido. A análise da performance revelaria assim os graus de sematicidade; mas trata-se, antes, de um processo global de significação. O texto escrito, em compensação, reivindica sua semioticidade. Só o “estilo” como tal escapole daí em parte. (ZUMTHOR, 2014, p. 73, grifo nosso).*

E se no texto escrito exercito uma performatividade insurgente de impostura, tanto semiótica quanto epistêmica? No caso da escrita acadêmica, se tornaria um caso de análise semiótica ou de interpretação performática? Em que estilo se enquadraria, ou não?

Desde esses questionamentos e perspectiva reencontro, no momento da escrita da tese, o desafio de dar continuidade aos princípios e fundamentos da pesquisa performativa, também no processo de criação e construção da linguagem narrativa. Como uma consequência natural da pesquisa, optei aqui por dar continuidade à corporeidade investigativa com suas qualidades de performatividade indisciplinar descolonial – qualidades que deram o tom e o sentido da pesquisa, e que querem retornar aqui, ao inscrever-se textualidade. Imagino que tal opção já esteja, neste ponto, clara para as leitoras e leitores que me acompanham nesta contradança.

### 1.5 Repetições e variações em torno do tema

Retorno assim, meio fita de *Moébius*, às memórias e afetos outros que me moveram na tecitura e desenvolvimento desta pesquisa. A intenção, portanto, de contribuir para o reconhecimento, legitimação e acesso à vivência dos saberes do corpo sensível – para o maior número de pessoas no planeta – tem a ver com um pressuposto utópico, porém central da pesquisa: *o potencial (trans)formador das vivências dos saberes do corpo sensível no sentido da possibilidade de transformação dos indivíduos, das sociedades e da relação da espécie humana com o planeta – na direção de um bem viver comum.*

Pode soar *naive*, ingênuo e até infantil, porém, tal convicção que me moveu até aqui, mais que representar uma hipótese ou uma tese inicial frágil e sem sustentação científica, traduz e representa a minha experiência vivida e corporificada, que entre outras tantas questões, tem sido cultivada ao longo das mais de três décadas dedicadas a este território – dos saberes do corpo em movimento sensível, consciente e criativo. Então, o que buscava eu quando pensei em desenvolver uma pesquisa, no mestrado e depois no doutorado, com essa temática abrangente e aberta? Com mais experiência, desejos e sonhos do que perguntas ou formulações claras? Com a abertura de quem viveu intensamente as pesquisas no mundo das artes e das artes do corpo, mas era novata e ingênua quanto aos cânones e paradigmas do ambiente acadêmico?

De início ouvi muito e entendi a contragosto, que não seria possível configurar um projeto de pesquisa da maneira como eu o compreendia. Me foi afirmado ser absolutamente indispensável fazer um recorte, o mais fechado possível, ter um claro objeto a que a pesquisa deveria se limitar, até para tornar possível ser aceita em um programa de doutorado. Um “recorte afunilado” que tornasse possível elaborar a respeito do objeto umas poucas perguntas ou objetivos que seriam então respondidas, ou atingidas, como alvo ao final da pesquisa.

Mas como recortar uma perspectiva sistêmica, que trazia em si exatamente o germe da integração entre a multiplicidade de campos e perspectivas que se entrecem na práxis desse campo múltiplo dos saberes do corpo? Como afunilar um tema de pesquisa que se pretendia desenvolver com uma perspectiva que, nas artes do corpo, podemos chamar de visão periférica? Uma visão ou qualidade do olhar que não foca em um objeto, mas que abrange simultaneamente a totalidade do espaço e dos movimentos em torno. Algo como uma perspectiva constelar, que era o exato oposto de um recorte afunilado. Optei por chamar de perspectiva transepistêmica, mas, nomear ou me alinhar à alguma proposta, ou mesmo reivindicar autoria, não fazia parte das minhas preocupações e objetivos. Fui simplesmente adiante seguindo minha intuição.

A convicção de que a liberdade e a criatividade, assim como a experiência e outros lugares de saber deveriam ser, entre outros, fatores necessários e indispensáveis nos processos de construção e criação dos saberes, também nas academias, continuava vigorosa. O que, na verdade, para mim parecia eticamente imperioso dentro do contexto da pesquisa pela prática e desde a corporeidade, no território dos saberes do corpo sensível – elementos fundamentais já claramente estabelecidos no pré-projeto. Assim, a percepção e compreensão inicial dos paradigmas acadêmicos, dos impasses e amarras, metodológicas e epistemológicas que significavam minha proposta de pesquisa, o que, como já disse, me colocou rapidamente diante da perspectiva dos movimentos descoloniais, como caminho único passível de permitir, antes de tudo o que à época chamei de *descolonização do imaginário, do pensamento e da corporeidade deste pesquisador que aqui escreve e se inscreve*.

Os desafios estruturais que se apresentavam nesse contexto, me levaram a abraçar a necessidade de assumir então, uma *performatividade indisciplinar*, para além das questões prioritariamente relacionadas aos campos de estudos. E, abracei o desafio de transpor limites e olhar de frente para o que na dança contemporânea e em outras artes do corpo sensível são uma realidade de ausência de fronteiras disciplinares. Em se tratando da produção acadêmica de saberes e conhecimentos – esses lugares de fala por tanto tempo mantidos sob o monopólio da elite intelectual branca, supremacista, masculinista, euroepistêmica e logocêntrica – que costuma, em seu corporativismo incondicional, determinar quais sujeitos (dominantemente os que já se encaixam de antemão nos padrões hegemônicos reinantes) podem ser aceitos no restrito clube, desde que se adequem a cumprir os ritos, protocolos e regras e a acatar os níveis hierárquicos e a reprodução eficaz do “colonialismo interno” (GONZALES CASANOVA, 2006) acadêmico. Tema a que retorno em outros fragmentos.

Nesse contexto, e antes de introduzir a ideia da condição *ch'ixi*, apresentada por Silvia Rivera Cusicanqui, no livro *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde um presente em crisis* (CUSICANQUI, 2018), chamo-a ao diálogo com a intenção de desdobrar e assumir a complexidade e a pluralidade de contradições, nas reflexões em relação ao colonialismo e seus derivados, entre eles o epistemocentrismo logocêntrico, o masculinismo, o racismo e a discriminação estrutural e normatizada. O que talvez signifique dar um ou alguns passos atrás, e assumir riscos, nos lançar por trajetórias incertas, em busca de contribuir com a construção de caminhos e práticas coletivas outras, rumo a outros mundos possíveis. No caso de Cusicanqui, pensando o contexto da construção do pensamento crítico dentro de condições de opressão e subordinação e em meio a diferentes movimentos e interesses políticos, referindo-se inicialmente aos anos 70 e 80, e contextualizando nos dias de hoje, a autora problematiza:

El racionalismo hiperbólico de esos años fue una suerte de obscurantismo, y la aproximación entre investigadores e investigados (si acaso se salía fuera del gabinete) dio lugar a las más burdas instrumentalizaciones. Si hablo en tempo pasado es porque intento describir la atmosfera intelectual en la que pensamientos marginales como los de estxs autorxs (me incluyo) salieron a la luz en forma poco marcada o incluso abiertamente desdeñada. Pero está claro que tales gestos de instrumentalización racionalista siguen asfixiando a nuestros pueblos y bloqueando el pensamiento crítico, tanto en las universidades como en la esfera pública y el debate político. *Con el agravante de que hoy el fenómeno se há exacerbado en una profusión de declaraciones misioneras por el “desarrollo” y el “cambio”, que intentan encobrir los núcleos más duros del ethos colonial: doble moral, autoritarismo y actos flagrantes de perversión ética, todo lo cual acusa uma irresponsable falta de lucidez política.* (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 21, grifo nosso).

Qualquer semelhança não seria mera coincidência e, guardadas as devidas proporções, especificidades e gravidade, mas ainda reconhecendo meu lugar por vezes de privilégio, por vezes de marginal – a que o racismo colonial capitalista, estrutural na nossa sociedade, exclui e estigmatiza massivamente: indígenas, pretos e diferentes matizes da afrobrasilidade mestiça, entre pobres, pardos, mulheres, LGBTQIs, artistas, anarquistas e toda a “corja da sociedade”. Ou seja, o lugar de exclusão, lugar à margem das benesses da elite, a que todas e todos os que não se enquadram perfeita e satisfatoriamente à função servil de reprodução das estruturas de poder são relegados. Todas e todos os libertários, libertinos e marginais, “quase-humanos” (KRENAK) que se atrevam a andar fora dos trilhos, a levantar os olhos ou a voz para apontar outros caminhos, outras danças, outras possibilidades, se colocam na linha de mira dos que se querem manter privilegiados. E, desta forma, a qualquer momento, podem ser colocados no paredão legitimado dos podres poderes institucionais.

Importante, porém, ressaltar a diferença grave e de pauta absolutamente urgente e prioritária, que faz com que principalmente negros, índios e “pobres” já nasçam e permanecem até a morte nesse paredão perverso, dessa corporeidade/existência “quase-humana” – independente de que rumo tomem ou de que caminho escolham. Existência quase humana que me transcorporifica, tão coexistente quanto corresponsável. E que faz com que essa luta, por uma emancipação epistemológica ultrapasse anos luz, também para mim, o território dos saberes do corpo.

Contexto que abrange uma realidade complexa e contraditória em relação à qual acredito ter passado de hora de nos posicionarmos. E, mesmo desde uma suposta “branquitude”, ainda que orgulhosamente mestiça, reconhecer privilégios e reforçar a luta. O que, desde meu olhar, significa assumir a transcorporeidade que me compõe, de todos os lados, e mover a corporeidade no sentido da transformação do corpomundo que somos em um melhor corpomundo por todas e todos nós.

## 1.6 Epistemologia Sensível dos Saberes do Corpo

Retomando a questão da construção do conhecimento em busca de uma perspectiva integrada da corporeidade na totalidade das faculdades humanas (e possivelmente inspirada nas lembranças do olhar do Merleau Ponty dos últimos tempos - a que volto depois), imagino a contemplação ou a observação de uma paisagem ou de um fenômeno; a apreciação de uma situação, questão ou de um tema; o olhar atento, acurado, detalhista, investigativo sobre algo que queremos conhecer, compreender; a abertura ao que nos chama a atenção e desperta nosso interesse, a curiosidade, a presença plena, a sensibilidade, a percepção, a consciência integrada; o movimento mesmo, existencial, de aproximação, identificação, investigação, reflexão e desvelamento, que nos afeta o ser, a existência; o entusiasmo pelo desvelar, pelo movimento intencional no envolvimento das nossas faculdades e potencialidades rumo à uma melhor percepção, análise, compreensão, reflexão e descoberta do que nos atrai enquanto algo desconhecido. Zumthor trouxe outra questão relacionada com a colonialidade do fazer científico que, creio, vale retomar, repetir, retomar e repetir:

*A questão é a da natureza de um conhecimento. O que queremos saber, e qual será o estatuto do que teremos aprendido? Importa clarificar de vez a perspectiva, desde que recorramos ao paradoxo. A operação de todo historiador é da ordem da arte. [...] De fato, em história tem-se menos necessidade de uma “ciência” (e especialmente naquela que se diz literária) que de um saber. Um, infelizmente, exclui muitas vezes o outro: a ciência tomou, entre nós, durante dois ou três séculos, hábitos de tirania; e o saber, como reação, se cobre das roupas velhas de uma sabedoria. (ZUMTHOR, 2014, p. 95-96).*

Em outras palavras, foi retomando o que para mim representa, subjetivamente, uma perspectiva originária mais naturalmente orgânica e integral do processo cognitivo, que se deu o início da busca pelos saberes e conhecimentos no território de investigação desta pesquisa. Foi assim, desde a corporeidade, dentro do possível, orgânica integradora e presente de uma percepção e compreensão das ciências do conhecimento – com um olhar sensível, afetivo, intuitivo e criativo, que caminhei e me movi no território e nos lugares de investigação e encontros. *E é nessa corporeidade em movimento de reflexão e tessitura dos conhecimentos vivenciados, cocriados e compartilhados, no processo de investigação, que desejei entretecer e compor, em narrativas espirais, as noções e categorias do território, assim como a interpretação das perspectivas metodológicas, teóricas e epistemológicas que germinaram. Uma narrativa da experiência que, dentro do possível, pudesse ressoar e vibrar os conhecimentos e verdades vivas e pulsantes no território dos saberes do corpo – que não costumam fluir de maneira linear ou atender a uma lógica racionalista, cartesiana e funcional.*

Foi se compondo, então, uma narrativa espiralada, de fragmentos complementares em sua qualidade sistêmica e não linear, com o intuito de, ao menos, anunciar o potencial fecundo e urgente de uma perspectiva epistemológica corpórea, intersticial, intuitiva e criativa, sensível e afetiva. Buscando expressar, traduzir e interpretar, de maneira condizente e potente, algo que caminhe no sentido de vislumbrar possibilidades da tessitura de uma *Epistemologia Sensível dos Saberes do Corpo*. Ainda que me pareça uma opção ideal, me defronto com a necessidade de encontrar um caminho do meio e fazer compromissos, entre o que imagino pudesse ser uma narrativa autêntica da expressividade da corporeidade e uma narrativa que possa também chegar e tocar nossas mentes coloniais. De modo a que, ainda que ausentes de nossa corporeidade e atrelados às nossas mentes colonizadas e tão condicionadas à uma racionalidade restritiva e a um logocentrismo positivista, possamos abrir outras formas de racionalidade, para além do que convencionou-se chamar de razão.

### **1.7 Narrativas de Risco ou Saberes Vivos em Movimento Indisciplinar**

Ou seja, a possibilidade de construção de uma narrativa que acolha e possa expressar, com algum vigor e verdade, as perspectivas de uma outra lógica e de uma outra racionalidade integradora; contendo qualidades de infinitude, indefinição e trânsitos, assim como qualidades das dimensões sensíveis envolvidas nos processos cognitivos.

Resumindo insistente para que se firme ao menos como desejo: *uma narrativa que possa conter a perspectiva epistemológica dos saberes do corpo em movimento, perspectiva sistêmica e integrativa, sempre em transformação. Uma narrativa que, em sua estrutura, dinâmica e formas, contenha espaços vazios e dimensões atemporais, próprias desse multiverso de saberes. Uma narrativa que acolha também qualidades e dimensões do saber, outras, e que possa tecer construções de linguagens e de estilos diversos – sem as amarras das formas e cânones cientificistas modernos. Uma narrativa que, em sua liberdade criativa, possa contemplar a noção e a potência de uma teoria-prática sensível e integradora das múltiplas faculdades cognitivas e criativas do ser humano, entre outros tantos aspectos. E que, também, enquanto narrativa, possa apontar para transformações e criações, vivas e vigorosas, em todos os níveis e etapas no processo de construção do conhecimento.*

Uma busca utópica, talvez, sem sentido para o que é considerado o papel da universidade e da produção acadêmica; e talvez impossível, para mim, nesse momento e nessa tese. Mas, como diz um dito popular que não sei de que mestre ou sabedoria veio: “Não sabendo que era impossível, foi lá e fez”. Assim, somente assumindo o risco do fracasso, e com a convicção de

que vale o caminho de busca e o desafio criativo, é que podemos começar a tecer outros modos de construir conhecimento, também nas produções acadêmicas. Em que pese incorrer em erros e fracassos. Vale o preço. Certamente, há muitas culturas vivas, desaparecidas, ou em processo de aculturação, que podem nos inspirar com a riqueza de narrativas vivas e essencialmente conectadas com a natureza da corporeidade, com a corporeidade da natureza. Narrativas que contém, compõem e entretêm muitos modos de saber em suas imagens e construções linguageiras.

Busco aqui inspiração em um relato, retirado de outro contexto, mas também relacionado às limitações da compreensão de dimensões alheias à racionalidade moderna. Nesse caso relacionada ao que seja a noção de “pessoas coletivas”, desenvolvida no contexto acadêmico, por antropólogos, Ailton Krenak, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, escreveu:

*Há centenas de narrativas de povos que ainda estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos com essa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente. (KRENAK, 2019, p. 30, grifo nosso).*

Deixo ecoar aqui a questão sobre a natureza do conhecimento produzido nas universidades e a sua relação com a sociedade. E, ainda, a relação da ciência com o saber e com os saberes outros, plenos de sabedoria e potentes fontes de conhecimento. Michel de Certeau, em *A invenção do Cotidiano*, discorre sobre a indústria do conhecimento e os saberes deixados de fora da indústria cultural, em diferentes contextos. “Ao se recusar o 'consumo' tal qual ele foi concebido e desenvolvido por essas empresas de 'autores', cria-se a oportunidade de descobrir uma atividade criadora exatamente onde ela foi negada.” (DE CERTEAU, 1993, p. 34).

Desejo que ecoe essa reflexão, com o intuito de nutrir a questão sobre o papel e o lugar possível destes saberes secularmente excluídos – no momento civilizatório atual e em relação ao sentido e à natureza dos conhecimentos – e os processos de elaboração e registro dos conhecimentos no âmbito acadêmico-científico.

## **1.8 Corpo Social Espetacular: enunciando o Corpo que, ao se revelar, escapa**

*Consideramos aqui o corpo já não como um “fenômeno”, um percebido concreto, visível, evoluindo no espaço cartesiano objetivo, mas como um corpo metafenômeno, visível e virtual ao mesmo tempo, feixe de forças e transformador de espaço e de tempo, emissor de signos*

*e transsemiótico, comportando um interior ao mesmo tempo orgânico e pronto a dissolver-se ao subir à superfície. Um corpo habitado por, e habitando outros corpos e outros espíritos, e existindo ao mesmo tempo na abertura permanente ao mundo por intermédio da linguagem e do contato sensível, e no recolhimento da sua singularidade, através do silêncio e da não-inscrição. Um corpo que se abre e se fecha, que se conecta sem cessar com outros corpos e outros elementos, um corpo que pode ser desertado, esvaziado, roubado da sua alma e pode ser atravessado pelos fluxos mais exuberantes da vida. Um corpo humano porque pode devir animal, devir mineral, vegetal, devir atmosfera, buraco, oceano, devir puro movimento. Em suma, um corpo paradoxal.*

José Gil

Re-tomo, re-toco, re-significo e re-crio, de modo agora narrativo, então, os fundamentos e princípios que foram germinando ao longo do processo dessa investigação – resultado da observação das conexões e relações de uma corporeidade investigativa com o território de investigação dos Saberes do Corpo em Movimento. Inscrevo alguns elementos, nessa curva da espiral, rememorando uma certa ordem cronológica, ao longo da pesquisa, que, porém, não significa que tenha havido um desenvolvimento linear e muito menos causal. Reforço uma vez mais que boa parte das percepções, reflexões, descobertas, associações e compreensão dos elementos estruturantes da pesquisa – fossem metodológicos, teórico-práticos, semióticos ou epistemológicos – se deram de maneira em muito intuitiva e graças a uma entrega intencional, por princípio e posteriormente por convicção, a elementos tais como o afeto, o caos, a intuição e o acaso.

Quero, com isso, dizer que o olhar e a contemplação do processo de investigação no território, seus efeitos e ressonâncias – tanto na corporeidade e performatividade do investigador, quanto dos pares ou dos movimentos próprios ao território – passaram a interferir e a direcionar a qualidade e o sentido do movimento investigativo e da dinâmica de reflexão e compreensão dos elementos da pesquisa. *Em um certo momento, percebi que, mais que investigar os elementos dos saberes do corpo, me interessava perceber e compreender melhor os elementos e dinâmicas metodológicas favoráveis à investigação “científica” de tais saberes.*

Foi quando comecei a sistematizar a percepção de elementos que pulsaram e pulsionaram minha corporeidade analítica desde a gestação do processo. Aspectos esboçados como intenção e reflexões teóricas intuitivas, já no projeto de pesquisa, que se tornaram emergentes no caminho e foram se consolidando organicamente entre os principais desafios e objetivos da investigação. Posso dizer que, inicialmente, graças à liberdade que me foi anunciada já pelo encontro inicial com a perspectiva metodológica da cartografia; perspectiva na qual mergulhei de corpo e alma. Em *Trechos de Suely Rolnik: Cartografia Sentimental*,

*Transformações contemporâneas do desejo*<sup>12</sup>, escapam e ganham asas as palavras vibrantes da autora:

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. *O cartógrafo é antes de tudo um antropófago.* (ROLNIK, 1989, p. 1).

Penso que as palavras de uma liberdade ousada de Rolnik dispensem comentários outros. E desejo que o silêncio, em seguida, permita que o eco dos signos e significados se aprofundem em nosso ser e corporeidade.

Ser em Si... Em Silêncio

---

<sup>12</sup> Texto composto de recortes do livro da autora. Disponível no site da PUCSP.

### 1.9 Pesquisa, Performance, Leitura e Escrita: lugares de engajamento da corporeidade.

Considerar o leitor como um dos fatores constitutivos de um texto, perspectiva desenvolvida a partir da teoria da recepção, ainda que lugar comum dos estudos literários nos dias de hoje – como afirma Zumthor ao início de seu livro – era para mim, até pouco tempo, um universo novo que se abre, me desafia e encanta, especialmente enquanto pessoa que está a escrever. Claro que endereçando um texto a leitores específicos, como a um professor, aos colegas, a um GT ou a uma plateia, se pensa nisso, de certa forma, pré-sentindo o público que irá ler, receber estas imagens, estes símbolos, estas reflexões e relações sintáticas e semióticas; mas daí a ver tais leitores, espectadores como coautores, sim, se apresentou um universo totalmente excitante e estimulante. Ainda que eu não saiba, e talvez não seja de se saber, o quanto de consciência ou percepção podemos ter disso enquanto no ato da escrita... Ou, ainda menos, se importa a consciência.

Dito isso, volto ao ato da escrita, desde meus vícios dogmáticos coloniais e hábitos expressivos nesta linguagem, mas, de um modo que jamais será como antes. Graças à forma e movimento com que Zumthor apresenta essa perspectiva, passo a perceber a minha leitura dos textos, assim como o meu exercício de escrita, como um processo corporal e como um ato performático. Seria mesmo através de um autor assim que eu, “uma pessoa do corpo”, poderia compreender melhor, experienciando corporalmente, o estatuto de corporeidade que ele dá à leitura e à recepção.

O corpo lê!! O corpo percebe, vivencia e co-cria o texto que lê. A corporificação do texto, assim como o tornar vivo o texto no ato da leitura, fica evidente nas palavras de Zumthor, já no início de suas reflexões em *Performance, Recepção, Leitura* – enquanto abraça explicitamente a sensibilidade e a “percepção poética”, como elementos metodológicos e epistemológicos, assim como, as “disposições interiores” enquanto elementos constitutivos da inteligência crítica. (ZUMTHOR, 2007, p. 15 a 17).

Estou particularmente convencido de que a idéia de performance deveria ser amplamente estendida; ela deveria englobar o conjunto de fatos que compreende, hoje em dia, a palavra *recepção*, mas relaciono-a ao momento decisivo em que todos os elementos cristalizam em uma e para uma percepção sensorial – um engajamento do corpo. (ZUMTHOR, 2007, p. 21).

Sem entrar nos méritos da poesia vocalizada e do lugar da voz na poesia, como compreende Zumthor, ou mergulhar na extensa, rica e complexa definição de performance que ele desenvolve no texto em questão, nos interessa, nessas breves reflexões, relacionar

especialmente os paradigmas da performance e da corporeidade, neste texto de Zumthor com o cerne do texto *Rethinking Ethnography: Towards a Critical Cultural Politics*, de Conquergood. Com Zumthor entendemos que “o ‘literário’ se articula na percepção” (Zumthor, 2007, p. 26) e com ele somos convidados, não só a considerar as percepções sensoriais nos estudos literários, mas a interrogar-nos sobre “o papel do corpo na leitura e na percepção do literário” (ZUMTHOR, 2007, p. 31):

No entanto, é ele que eu sinto reagir, ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos [...]. Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos; [...] (ZUMTHOR, 2007, p. 27).

Um método que inclui o corpo, as percepções sensoriais e as “disposições interiores”, em suma – a “presença corporal” e a corporeidade como elemento constitutivo da inteligência crítica – não apenas contraria o “preconceito positivista”, mas reforça a quebra de paradigmas da dicotomia secular corpo/mente, e reitera a compreensão de *embodiment*, enquanto perspectiva de conhecimento corporificado, conhecimento vivido e ressignificado no corpo do sujeito.

Sobre o corpo como um lugar do conhecimento, perspectiva, reconhecidamente privilegiada nos estudos etnográficos, no trabalho de campo da pesquisa participante, Conquergood apresenta algumas reflexões, não sem antes lembrar o quanto essa proposta contrasta com a maioria das disciplinas acadêmicas, em que a hierarquia Mente/Corpo predomina, e a “abstração mental” e o “pensamento racional” são vistos como epistemológica e moralmente superiores à experiência sensitiva, às sensações corporais e às paixões. “Indeed, the body and the flesh are linked with the irrational, unruly, and dangerous – certainly an inferior realm of experience to be controlled by the higher powers of reason and logic.” (CONQUERGOOD, 1991, p. 180).

Contrastando com essa perspectiva ainda hegemônica nas ciências e nos estudos acadêmicos, a etnografia consolida, ao menos no trabalho de campo, um método de pesquisa distinto, que pede uma imersão corporal, em um tempo suficiente para que o pesquisador vivencie, participando corporalmente da cultura que pesquisa. “Ethnography is an *embodied practice*; it is an intensily sensuous way of knowing.” (CONQUERGOOD, 1991, p. 180). O que Erving Goffman chama de “corporeal nature of fieldwork” (GOFFMAN *apud* CONQUERGOOD, 1991, p. 180).

Essa “participação corporal” ideal, do pesquisador nas pesquisas de campo etnográficas – que permite ao pesquisador mergulhar de fato e vivenciar um processo interpessoal de comunicação que constitui o “fazer” etnográfico – enraizada em uma experiência sensitiva, que instaura a possibilidade de ultrapassar os rótulos e as ideias pré-concebidas (do observador) e acessar (desde dentro) a realidade da cultura em questão (CONQUERGOOD, 1991, p. 181) – permite fazer relações à corporeidade das ações performáticas, assim como da performance do leitor no ato de ler, apresentada por Zumthor: no que concerne um estado, uma qualidade e uma presença.

O “saber-ser” e o *Dasein*, enquanto uma competência necessária própria das ações performáticas, só existe através da presença, pelo ser e saber do corpo. “É um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo” (ZUMTHOR, 2007, p. 34). Me parece que Zumthor assume a noção de *Dasein*, como existência do ser no momento. Do alemão poderíamos traduzir, literalmente como “ser aí”, “estar aí”. Sendo este lugar da presença, da experiência de existir, então, o lugar do conhecer. Assim como o “estar no saber” de Octavio Paz.

Nesse sentido, ficaria fácil compreender também que “A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca.” (ZUMTHOR, 2007, p. 35). E é dentro desta perspectiva que Zumthor desenvolve a ideia de que a leitura – enquanto “percepção plena de um texto literário, mesmo se essa percepção permanece puramente visual e muda, como geralmente é a leitura em nossa prática” (ZUMTHOR, 2007, p. 36, 37), enquanto presença e ação humana intencional de comunicação, que gera conhecimento – pode ser explicada como um ato performático. E, eis aqui vocês leitores-performers, nesse nosso encontro atemporal; nessa relação de transcorporeidade, em que te toco pela performance narrativa, em que vivencias corporalmente a narrativa por mim inscrita, em sua performance receptiva...

A leitura constitui-se, portanto, por um procedimento cognitivo que passa pela ordem da interiorização, passa pela “corporeidade (interiorizada) do conhecimento”, um processo que fala de vísceras, ritmos orgânicos, da relação curiosa e apaixonada com o saber, da intuição, dos afetos e do “inefável contato do qual nasce o amor”. Tais conceitos e dimensões da existência e da realidade podem parecer estranhos ao conhecimento, desde a perspectiva corrente nas academias, mas, seguindo o autor vislumbramos com ele que; “exaurida intelectualmente, a humanidade aspira a ser assim ‘arrebataada’, de tal sorte que o critério último de validade dos conhecimentos seja que ‘isto se pense em mim’.” Um conhecimento e um saber

vivenciados no corpo, com desejo, afeto e sabor. “O saber é um longo, lento sabor” (ZUMTHOR, 2007, p. 99-100).

Como na proposta da escrita autoetnográfica, o lugar do objeto não é mais o de observado, contemplado, examinado, como a tendência hegemônica secular positivista da modernidade pregava, e em que insiste em se agarrar. Tendência que revela certas “*schizochronic tendencies*” como Johannes Fabian (1975 *apud* CONQUERGOOD, 1991, p. 182) nomeia a postura entre os antropólogos, em relação ao que podemos chamar de “distanciamento científico”; distanciamento este que, segundo Fabian, é espacial e temporal, como se o “outro” estudado, vivesse em um outro tempo; de qualquer modo são práticas, metodologias e perspectivas que ocultam, ou revelam, uma forma de exclusão, de manutenção do “outro” à margem, fortalecendo rótulos, estigmas e conceitos pré-concebidos.

Por outro lado, uma relação de presença, encontro e envolvimento, de entrega curiosa e criativa ao devir, em que o conhecimento, ou o outro, “se pense em mim”, (ZUMTHOR, 2007), permite um *movimento investigativo em processo de integração e transtessitura afetiva. Um movimento de interrelação, eu diria transcorporal, em que o conhecer germina na experiência mesma do encontro, no espaço/tempo/movimento entre*. Me parece que na perspectiva de um saber com sabor, a busca de uma experiência corporificada de fato, que se vivencia no corpo, nos afetos, na relação viva e dinâmica com o universo experienciado pode fazer muito sentido. Nesta prática, de um conhecimento que se constrói no corpo, presente, na relação de encontro, me parece que o distanciamento sujeito-objeto definitivamente não seja mais desejável.

Como tampouco continuar isolando o lugar da ciência e de seus paradigmas como modelos do conhecimento. Parece que estamos vivendo uma tendência progressiva e irremediável, uma emergência de tantas outras perspectivas e práticas, em que o lugar do conhecimento possa ser também o lugar de uma paixão, “o lugar do nosso encontro” um envolvimento de “natureza poética”, que toca, vive e corporifica as dimensões da presença, da beleza e do prazer: “Procuro minha própria história na singularidade do meu objeto; e ele encontra em mim, como em prospectiva, a sua. Encontra uma paixão: a minha; aquela em que meu discurso conseguirá talvez comunicar à minha volta” (ZUMTHOR, 2007, p. 103-104).

Me rendendo ao fluxo das palavras de Zumthor, posso dizer que foi nos passos e movimentos em busca da minha história, das minhas utopias e paixões que vi os saberes do corpo se expressando nas experiências, nos encontros e em minha corporeidade. Corporeidade esta que percebi entrelaçada nas corporeidades em movimento ao redor. Movimentos que me constituíram corporeidade investigativa, por tantos encontros férteis de afetos e experiências de “estar no saber” (PAZ, 2012). *Estar no saber entre corporeidades e saberes em movimento*

*transcorporeal pelos encontros e contatos. Encontros e movimentos que revelaram para mim o pulsar vigoroso da experiência que, como dito, vim a chamar de transcorporeidade. Inicialmente a transcorporeidade que se revela presente nas tessituras coletivas de saberes, em movimentos de devir. Outras dimensões e variações constelares da noção aberta de transcorporeidade, vão sendo tecidas no caminho, até a (in)conclusão do trabalho.*

### **1.10 Nada como a experiência em campo #NaJanela #Covid-19**

A aprendizagem no período de isolamento social, dentro ou não das regras de distanciamento e quarentena pela qual estamos passando e vivendo já há praticamente 3 meses, nos tem ensinado – à sociedade – mais que as últimas décadas, provavelmente. Tudo durante a pandemia está elevado a potências infinitas e em progressões geométricas exponenciais, sem precedentes, ao menos nas vidas das gerações vivas neste momento... Ainda que haja controvérsias e que a questão seja deveras mais complexa. O fato de hoje estarmos conectados globalmente transforma a pandemia, ainda que não fosse nas dimensões que a pressinto, ser algo sem precedentes.

Assim, ainda que eu quisesse me poupar deste enfrentamento temático e transtextual com a Covid-19, a possibilidade de omitir a realidade pandêmica planetária em que estou escrevendo, seria, além de demasiadamente contraditório em relação à proposta da pesquisa, em relação às tessituras em, desde e pela corporeidade que sou, que pulso, que existo e com que me movi ao longo da investigação. E ainda, da corporeidade no contexto atual atravessada pela corporeidade coletiva. Portanto, se fortaleceu o desafio dessa busca transtextual pela voz da corporeidade em conexão com as vozes da transcorporeidade planetária. Ou seja, se fez ainda mais fundamental enfrentar os desafios de um “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019) e de uma narrativa corpórea e sensível, desde essa corporeidade investigativa – agora atravessada e implicada nos movimentos do novo Corona vírus e de seus efeitos em nossos corpos subjetivos, coletivos, sociais e planetários.

Muitos foram os atravessamentos, inúmeras as dimensões e constelações de conexões e experiências transcorporais, que não seria possível sequer anunciar. Não obstante, procurei trazer os efeitos e afetos que invadiram minha corporeidade/existência, nos ecos da “pessoa coletiva” (KRENAK) que somos e que se evidencia neste momento histórico. E a Tese, que já vinha de duas versões anteriores – uma que foi rejeitada e rechaçada, outra que não era satisfatoriamente acadêmica e sim, aparentemente, bastante fraca – o que me fez perder definitivamente o tesão, foi substituída do dia pra noite por esta nova versão que se teceu, muito

mais do que foi tecida, em Tese viva, com qualidades de me fazer vibrar de novo alguma vontade de escrever. Coisa que deveria ser pulsante em programas de pós-graduação. SQN<sup>13</sup>.

### 1.11 O sensível, o afeto e a ternura do encontro com o corpo

*Os afetos em Spinoza são as modificações do corpo que aumentam ou diminuem sua capacidade de agir. Spinoza especifica que elas podem ser forças ativas e positivas se vierem de dentro de nós, ou forças passivas e negativas (“paixões”) se o que as provoca estiver fora de nós. Assim, a sua ética é uma exortação para cultivar afetos ativos e fortalecedores, como a alegria, e para nos libertar dos passivos e negativos, que podem impedir-nos de agir e nos deixar escravos das paixões. É essa noção de “afetividade”, como a capacidade de agir e ser alvo da ação dos outros sobre nós, que é incorporada na visão política de Hardt e Negri. “Afeto” não significa um sentimento de ternura e amor. Significa, antes, nossa capacidade de interação, nossa capacidade de movimento e de sermos movidos em um fluxo interminável de trocas e encontros, que supostamente expandem nossos poderes e demonstram não apenas a infinita produtividade de nosso ser, mas também o caráter transformador – e, portanto, já político – da vida cotidiana.*

(Silvia Federici)

Presença, contato, com tato... Presença e contato com tato, delicadeza, generosidade, afeto e ternura. Se eu pudesse expressar, em uma palavra, minha percepção/compreensão/experiência das dimensões e constelações nesse território pluridimensional dos saberes do corpo sensível, essa palavra seria presença. E uma segunda palavra seria contato.

Uma constelação de dimensões fractais em que os saberes se entrelaçam e se fecundam, na experiência da presença. Presença que permite o caminhar pelo contato sensível, consciente e criativo. Presença e contato que abrem caminhos de conexões, abrem caminhos para o perceber, compreender, conhecer, mover e transformar. Transformar que, como lembra Federici mencionando Hardt e Negri, na vida cotidiana “já é político”.

Aprendi com Saskya Nordhoek, grande mestra de teatro físico com quem pude estudar em Amsterdam, e que havia trabalhado com o diretor teatral Jerzy Grotowsky, algo muito simples e que nunca me esqueci. Saskya sintetizava o universo do teatro assim: teatro é relação. Desde a primeira vez que ouvi ela falando, entendi que era uma afirmação poderosa e muito precisa, mas, me perguntava se poderíamos mesmo sintetizar assim algo tão múltiplo e diverso como o teatro e suas dimensões. Levei anos para realmente chegar ao ponto de acreditar que,

---

<sup>13</sup> SQN – gíria atual de escrita entre internautas, que significa: Só Que Não. E costuma trazer tom irônico.

sim, agora podia entender o que é simples assim. Teatro é relação. Tudo o mais deriva desse princípio básico.

Então, se eu fosse, hoje, buscar sintetizar os saberes nas artes do corpo sensível, creio que a palavra mais precisa, para traduzir um estado de abertura as dimensões dos saberes do corpo, que pude pensar seria presença. Já que relação, no sentido radical (radice – raiz) da palavra, se manifesta na presença.

Como exercício, busco agora traduzir minha compreensão/experiência/relação com o que entendo por presença. O estado de presença, que envolve múltiplas qualidades e habilidades, é permeado por múltiplas dimensões também do que podemos chamar de processos cognitivos. Presença é uma conexão ou um estado de ser da ordem da inteireza, da ordem da totalidade e integridade no ser presente. Envolve sensibilidade, percepção, atenção consciente, intuição alerta, vivacidade, prontidão e, ao mesmo tempo, uma receptividade íntegra e generosa, despida de julgamentos e expectativas. Voltando aos movimentos da memória, sentipenso neste instante que, o que o diretor de teatro japonês Shogo Ohta, com quem trabalhei em um projeto nipo-alemão, nos ensinava sobre o ritmo atemporal em que suas peças fluíam – e que gerava um estado profundo de prontidão e consciência – trazia consequente e vigorosamente essa condição de presença. Presença que ele buscava conduzir e criar em suas encenações, em seu teatro.

Desde a minha primeira formação, na escola da bailarina e mestra Angel Vianna, que me foi descortinada essa experiência da percepção, da presença, da consciência pelo movimento, e das habilidades afins que podem se desenvolver a partir daí, e que incluem as faculdades da imaginação, da criatividade, da interação consciente e da capacidade de transformação de si e da própria corporeidade/relações/existência/realidade.

Na mesa realizada no canal webTVUFRJ, *Live 20/07 – 14:30 – S106 A Química do Corpo: dança e afeto*, a bailarina, professora e atualmente vice-diretora da Pós-graduação e Faculdade Angel Vianna, Márcia Feijó – minha colega de turma e amiga do coração, desde esta primeira formação em dança contemporânea, fala sobre a metodologia do trabalho da Angel:

Um trabalho somático de educação e conscientização do corpo através do movimento. É na ação e no movimento que ela vai conscientizando as partes do corpo, pra que esse todo consiga se expressar, se auto gerir. Então, tem pontos muito importantes que são considerados nessa metodologia: a pele, como esse invólucro do nosso corpo, que media o espaço interno e o espaço externo. E através dessas informações dos órgãos

sensórios do corpo inteiro, o tato como um informante do dentro e do fora. E aí buscar o tato interno, uma busca muito profunda. (FEIJÓ, 2020, 17'25''<sup>14</sup>).

Marcinha Feijó, como a chamamos carinhosamente nós, as *amigas eternas*, que viveram e conviveram, naquele período, um renascer e um desabrochar em “*communitas*” (TURNER, 1969), continua falando da Angel e das ressonâncias deste trabalho nas nossas vidas:

Angel é uma pessoa brilhante, forte, uma mestra viva, com 92 anos ela ainda dança, ela ainda cria, ela ainda é uma artista, uma educadora, uma diretora. E eu acho que o afeto que nós alunos transmitimos no nosso trabalho, essa paixão pelo nosso trabalho, por ser professor, por ser artista, por ser um orientador, vem dela. Ela nos transborda isso, desde o primeiro momento em que nos encontramos. E eu acho que é por isso que ela nos chama a falar assim: o que que você quer ser? [...] Ela encoraja esse caminho para cada pessoa. Ela sempre tem umas máximas impressionantes, né? [...] Como ela fala uma coisa que todo mundo já ouviu falar: “Gente é como nuvem, sempre se transforma.” São sempre muitas oportunidades de ser e ela te encoraja, sempre, a conhecer mais de si mesmo. Isso é um afeto. Isso é um afeto profundo. De você aceitar-se, de gostar de si, de você encontrar com o outro e dizer o que você quer, o que você precisa. E eu acho que a gente se encontra nesses momentos. [...] A qualidade de presença é uma das coisas mais trabalhadas. Você estar junto, frente a frente, dialogando. Seja no palco, seja na aula, seja no seu diálogo, seja no cuidado com os filhos, com a família... O que for. É sempre um trabalho afetivo. (FEIJÓ, 2020, 19'30''<sup>15</sup>).

Perco um pouco as palavras e meu peito, coração, se aquece ao ouvir, ao transcrever, ao reler as palavras da Marcinha. É indescritível a força e a consistência desses laços que nos unem ainda e sempre, 30 anos após a nossa formatura. Somos amigas irmãs, amigas eternas, como vivemos dizendo, creio que pelo fato de termos (com)vivido experiências tão significativas e tão transformadoras, juntas. Uma experiência profunda e radical, que entendo como tendo sido um processo liminar iniciático e cosmogônico coletivo. Uma recriação transcorporeal de nosso ser/existir no mundo. Uma recriação de nossas corporeidades e de nossos mundos. Quero ressaltar aqui a força transformadora deste tipo de trabalho, que, não apenas transformou as perspectivas existenciais de todas nós naquele momento, como continua conduzindo e nutrindo nossa prática e nossas experiências, além de nossa relação de *communitas* e de exercício contínuo de nossa transcorporeidade, até hoje. Um exemplo pequeno é que temos feito reuniões online nesse período de isolamento, em que rimos, choramos, compartilhamos nossas reflexões e experiências, brindamos e nos nutrimos. E continuamos, também nos reencontrando em movimentos de trabalho, assim como em situações pessoais, familiares, etc.

---

<sup>14</sup> No vídeo da Live: 20/07 – 14:30 – S106 - A Química do Corpo: dança e afeto. Do canal webTVUFRJ.

<sup>15</sup>

Figura 11 - “Amigas eternas” em torno da mestra Angel Vianna – 2019.



Fonte: arquivo pessoal.

Alguns anos e um tanto de vida adiante, compartilhando, expressando e transmitindo as ressonâncias das experiências de saberes no ninho da Angel, pelos quatro cantos do mundo, caminhando no girar da roda planeta entre projetos de dança, teatro e musicais, nos entrelaçamentos e derivas deste encontro de linguagens e narrativas nas artes da cena, resolvi voltar a estudar. Voltei a questionar tudo e a desejar recomeçar. Foi quando ouvi falar na SNDO – Schol for new dance development, em Amsterdam.

E foi lá que tive meu primeiro contato com o Body-Mind Centering. Uma experiência de vida. Uma outra maneira, ainda, de ser/estar no corpomundo, em conexão com cada e todos os elementos do organismo corpovivo. Um conhecimento tão precioso quanto fecundo, conhecimento em movimento na experiência. Saberes que desabrocham na presença e relação com as conexões e interconexões entre os diversos sistemas corporais, orgânicos e planetários.

Atualmente, graças ao isolamento social imposto pela pandemia covid-19, Bonnie Bainbridge Cohen, filha, mãe e avó do BMC, está realizando o curso de verão de 2020, online. Pela primeira vez em 25 anos – o tempo que faz que eu conheci o BMC – estou tendo a oportunidade de realizar o sonho de estar junto com a Bonnie, explorando, percebendo,

descobrimo e apreendendo no mesmo espaço/tempo/fluxo com a Bonnie. Confesso que para mim é uma benção e uma honra. Possível pelo projeto “pay from the heart”, e pelas bolsas de participação oferecidas por Bonnie e sua equipe. Gratidão que levo comigo por onde for. Poderia falar do trabalho de Bonnie por diversos aspectos e prismas e ainda que buscasse falar de todos os que posso imaginar não daria conta de zero vírgula um por cento da magnitude do trabalho desenvolvido pela Bonnie em cerca de 50 anos.

Figura 12 - Pôr do sol.



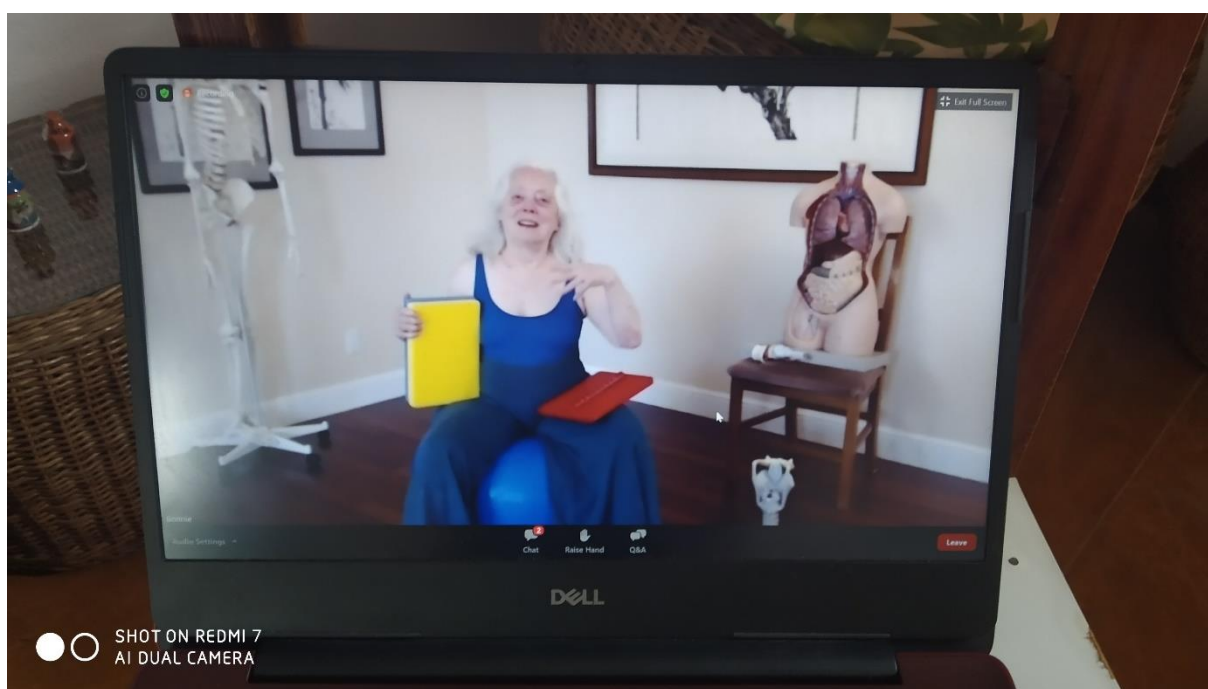
Fonte: arquivo pessoal.

Poderia falar, por exemplo das semelhanças com o trabalho da Angel, ou de como perceber a vida pelos saberes do BMC é absolutamente life-changing. Ou de como todas as vezes que tenho a dádiva de viver/vivenciar/ser a experiência do BMC vejo a vida com novos olhos e as descobertas são infinitas. Sim, a dimensão dos saberes que acessamos, encontramos, experienciamos, recriamos nas vivências BMC são da ordem do infinito. Experiências e saberes que se espiralam infinitamente até o infinito e retornam, infinitamente até o âmago do ser, já revertendo a espiral em expansão de volta pro infinito além. Infinito interno e infinito externo. Um só movimento espiralar contínuo e eterno. Sempre uma experiência liminar, sempre um ritual cosmogônico e iniciático ao mesmo tempo. Na medida em que percebemos, exploramos e vivenciamos tais conexões profundamente elucidativas e transformadoras, somos novos seres. Novos porque renascemos em nosso ser/saber/viver no movimento mesmo da experiência e

novos porque passamos a outro estágio de percepção/experiência/relação na vida. Simples assim.

Imagino que essas palavras e frases soem como o vazio. E, talvez, talvez seja isso: o vazio. E o infinito de possibilidades. Como diz a Bonnie (algo como): do Big bang até aqui e de volta pro Big-bang... Todas as informações nesse caminho estão em nossos corposvidas, corposmundos, constituídos desta transcorporeidade cósmica. Somos um. E, curiosamente, ainda que possa soar contraditório, aparentemente, como no ditado popular: “todos os caminhos levam à Roma”. Digo isso pelo fato de, ao final das contas, seja nas *artes do corpo*, seja em filosofias e práticas orientais, seja em janelas quânticas da neurociência, ou seja no *kalarippayat*, por exemplo, somos/estamos vidas conectadas, expressões entretecidas da transcorporeidade cósmica.

Figura 13 - Bonnie Bainbridge Cohen.



Fonte: arquivo pessoal.

Vale dizer, apenas para registrar a força da conexão, da comunicação e interação transcorporal, que o contato com a Bonnie nas aulas-live dela, acontecem com um nível de profundidade e intensidade afetiva, mimética e amorosa, que poucas pessoas possivelmente poderiam imaginar sem ter vivenciado. Outra coisa interessante é a vibração plena de uma amorosidade fraterna entre todas e todos os conectados. Se estou certa, cerca de 700 pessoas aproximadamente, “around the globe”, ao redor do mundo. Lindo! Lindo, abençoado, mágico

encontro. Gratidão, sempre, a todas e todos que tornaram esse encontro planetário, sensível e amoroso, possível! Gratidão, gratidão, gratidão!!! \_/\_

Retornando pela cauda de outra espiral, retorno em voos fractais:

### 1.12 Descolonial ou Decolonial?

*Os diálogos entre arte e ciência já foram profundamente analisados por inúmeros filósofos e correntes teóricas, mas essas reflexões ainda não foram suficientes para criarem as condições institucionais de renovação entre escrita e metodologia científica. Haja vista que a totalidade dessas propostas de ruptura, apesar de terem inovado as noções de documento, de abordagens, de temas e estilos, não o fizeram de outra forma senão pela impressão de textos. [...] Nossa visão aponta à necessidade do surgimento de novos princípios epistemológicos, que sejam fruto da crítica à noção de estética aplicada às artes, a partir do século XVIII, como forma de expressividade incompatível com noções conceituais analíticas. Daí poderá brotar, no contexto do encontro entre arte e ciência, uma desvinculação da noção de racionalidade metodológico-científica das discussões em torno da relação entre arte e estética. Condição sine qua non para que possamos rearticular os critérios de classificação do que vem a ser pensamento científico no contexto da utilização dos recursos das tecnologias digitais, pois, em certa medida, o conceito de estética sempre colaborou com a ruptura institucional entre arte e filosofia.*

Sérgio Bairon

A necessidade de contextualizar criticamente a pesquisa e as reflexões sobre os saberes do corpo e da corporeidade, dentro do panorama sociopolítico contemporâneo – um dos preceitos do projeto inicial – me levou a buscar um alinhamento com as perspectivas ético-políticas e socioculturais presentes nas origens e nos desdobramentos de movimentos populares descoloniais, particularmente no Brasil e América do Sul. Entenda-se aqui os movimentos descoloniais de raízes populares, inseridos ou nascentes nos ativismos culturais das comunidades e sociedades civis, em suas ações políticas de resistência e insurgência. Diferente de elaborações fundamentalmente teóricas de autores e grupos acadêmicos, atendendo a demanda mercadológica de exploração dos fenômenos sociais – desde as cadeiras e muros das universidades.

Digo isso por entender, com Silvia Rivera Cusicanqui – socióloga e historiadora boliviana de origem Aymara e ativista de referência do movimento e do pensamento crítico descolonial – que, tais grupos, criam por exemplo, neologismos como decolonial e decolonialidade:

[...] y enredan el lenguaje, dejando paralogizados a sus objetos de estudio – los pueblos indígenas e afrodescendientes – con quienes creen dialogar. Pero además, crean un nuevo canon académico, utilizando un mundo de referencias y contrareferencias que establece jerarquias y adopta nuevos gurus: Mignolo, Dussel, Walsh, Sanjinés. Dotados de capital cultural y simbólico gracias al reconocimiento y la certificación desde los centros académicos de los Estados Unidos, esta nueva estrutura de poder académico se realiza en la práctica a través de una red de profesores invitados y visitantes entre universidades y a través del flujo – de sur a norte – de estudiantes indígenas o afrodescendientes de Bolivia, Perú y Ecuador, que se encargan de dar sustento al multiculturalismo teórico, racializado y exotizante de las academias. [...] y que más bien se contradisise a través de gestos de recolonización de los imaginários y las mentes de la intelectualidade del sur. (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p. 64-65).

Ainda que os pesquisadores citados por Cusicanqui, entre tantos outros em todas as instâncias e lugares acadêmico-institucionais, possam originalmente mover-se por desejos legítimos de contribuir com o questionamento do *status quo* – e quero acreditar nisso – concordo com a autora em relação à importância nevrálgica do questionamento do nosso papel, e do enfrentamento autorreflexivo coletivo, em relação aos efeitos de nossas ações e práticas cotidianas neste contexto. O perigo de que nossas práticas, ainda que customizadas de discursos teóricos “decoloniais” e de resistência venham, de fato, a corroborar com a perpetuação da lógica, das hierarquias, dos paradigmas e tabus, próprios aos mecanismos hegemônicos colonizadores dos imaginários, corporeidades e mentes é muito maior do que o contrário. Mecanismos de reprodução da colonialidade institucional, epistemológica e cultural – são habitualmente utilizados em nome do método científico tradicional, dos cânones e protocolos da ciência moderna – uma ciência que, historicamente, se estruturou colonial eurocêntrica, capitalista, patriarcal e supremacista, além racista, classista, epistemicida etc.

Por outro lado, os movimentos descoloniais, que chamei de movimentos de raízes populares, por terem origem na experiência das lutas descoloniais do cotidiano, inspiram e nutrem olhares inter, trans e indisciplinados, tendo contribuído assim, desde o início da investigação, para nutrir a perspectiva insurgente de uma descolonização possível de corporeidades e existências – utopia responsável pelo meu retorno à academia, após décadas de trabalho no campo das artes da cena, arte-educação e terapias corporais. Tal premissa inicial que trouxe um desafio ético imprescindível para a investigação: a busca de descolonização da corporeidade, do imaginário e do pensamento, antes de tudo, do pesquisador.

Vale dizer que nesse mergulho identitário rumo a um descolonizar imagético, corpóreo, epistemológico e existencial, os encontros foram muitos, profundos e potentes. Vigorosos em dimensões que as palavras não abarcam, mas que espero possam se anunciar em detalhes, entrelinhas, imagens e espaços de silêncio pela narrativa. Narrativa em fragmentos entretecidos e interconectados. Fragmentos aqui entendidos como partes de um todo integrado, ou como

células complementares e interligadas, que com Edgar Morin podemos relacionar a princípios sistêmicos ou organizacionais, como inspiram os hologramas e a proposta de “um pensamento do contexto e do complexo” (MORIN, 2004, p. 92-94).

Essa busca emergente pela descolonização do Ser, inserida no contexto das corporeidades/relações/existências colonizadas e subalternas na modernidade capitalista epistemocêntrica, se configurou imediata e progressivamente como o lugar central a conectar e inspirar diálogos entre perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas de matrizes diversas. Além, e fundamentalmente, de nutrir afetos e conexões preciosas com nossas raízes e saberes ancestrais, e com o organismo planetário que somos. Cristine Takuá, filósofa, educadora e artista indígena, alerta para a importância, ou a urgência, de cultivarmos o que chamo aqui *de perspectivas e práticas descoloniais na educação e na produção do conhecimento, no sentido da descolonização das corporeidades, das existências, das relações e da vida*. Na roda de conversa do Selvagem ciclo 2019, Takuá sintetiza com vigorosas imagens essa urgência:

Nas nossas sociedades, não existia [...] nenhuma forma de trancamento, ou, como eu posso dizer, unificação das formas de produzir conhecimento ou modelar as pessoas. [...] *a monocultura mental, está fazendo com que as pessoas se unifiquem, fazendo com que as pessoas percam o sentido de entender a própria fruição da vida, a própria complexidade desses diálogos criativos, que te colocam noutro lugar, que te coloca na sua relação natural da relação com os outros seres. [...] Repensar, e recriar novas formas de existência, é uma coisa meio doída. Porque mudar de hábito, você pensar em mudar hábitos, é como você trocar de pele. Tem que ter coragem.* (TAKUÁ, 2019, 11')<sup>16</sup>.

Nas artes e práticas do corpo sensível a presença/percepção/consciência que o contato sensorial/cognitivo/criativo torna possível, abre caminhos para a percepção da corporeidade e a consciência dos estados e relações entre os sistemas que compõem essa corporeidade que somos, na relação com os corpos/corporeidades/outros no espaço/tempo/fluxo/movimento. É, então, desde esse lugar de presença, acolhimento, contato e consciência – que se torna possível, através do movimento – abrir espaços de experiência, consciência e transformação, descolonização das corporeidades/existências. Transformação de hábitos e padrões, couraças e bloqueios, posturas e movimentos que impedem ou limitam o bem-estar e a saúde corporal/vital. Em outras palavras, as artes e práticas que envolvem a sensibilização, conscientização e reeducação postural/existencial pelo movimento, proporcionam e potencializam a transformação de modelos, hábitos e padrões que empobrecem e anestesiaram

---

<sup>16</sup> Roda de conversa do Selvagem ciclo 2019. Canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://youtu.be/7hzJVxUOjc8>. Acesso em: 11 jul. 2020.

nossa energia vital, nossa corporeidade, nosso potencial de ser/estar/existir/relacionar – e, assim, “trocar de pele”, recriar novas formas de re-existência. Descolonizar estruturas/realidades/existências. Entretecer novos mundos.

Figura 14 - Transtecendo



Fonte: Imagem coletada no perfil de Cristine Takuá, no Facebook, sem referência de autoria.

### 1.13 Corporeidade objetificada, (des)colonização e emancipação emergente

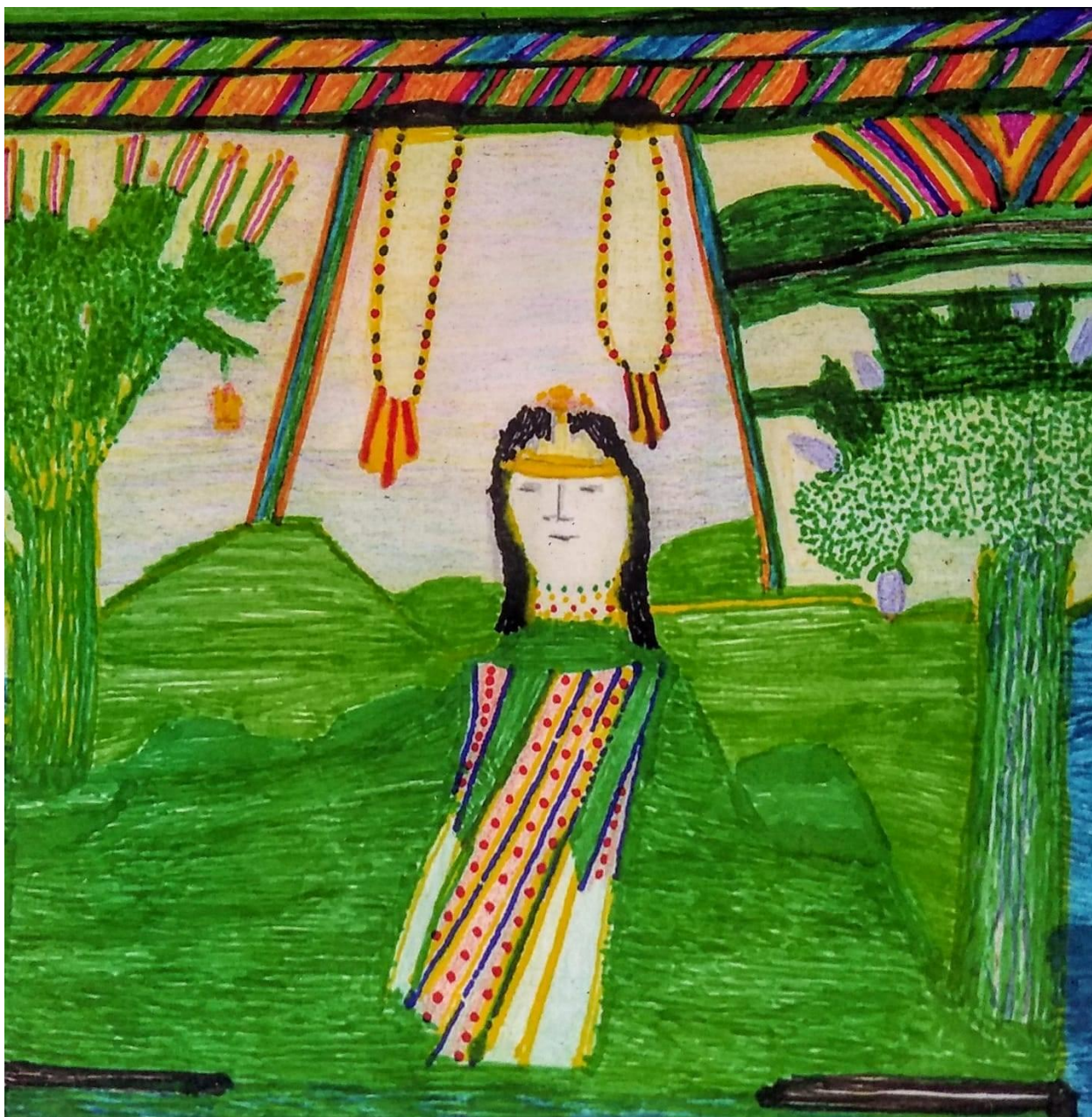
Porém, vivemos no espaço/tempo/fluxo de uma lógica capital, midiática e necropolítica, uma “monocultura mental” (TAKUÁ, 2019) que domina, explora e (de)forma os corposmundos e o todo do corpo planetário a seu serviço. Na prática, vale repetir, um mecanismo disciplinar predatório que modela, globalmente, as corporeidades/existências/relações para servirem como objetos funcionais de manutenção do *status quo* dominante.

Sob o moto do progresso civilizatório, a necropolítica desse capitalismo insustentável e mais que tardio tem reificado uma realidade de manipulação e exploração extrema, constituindo subjetividades assujeitadas, de corporeidades e imaginários adestrados, alienados, massificados. Ou, o que podemos, com Suely Rolnik, chamar de “uma vida cafetinada” (ROLNIK, 2019). Corpos que, em grande escala, se (com)formaram com o lugar de objetos. Objetos de consumo, consumidores e consumíveis, atravessados por todas as esferas da indústria cultural e midiática, inclusive em dimensões que sequer imaginamos, em nosso cotidiano. Um dos motivos pelos quais os estudos do corpo têm conquistado espaço de relevância nas últimas décadas. Como ressalta a dançarina, educadora e pesquisadora Marta Simões Peres em sua tese doutoral *Corpos em obras*, os estudos do corpo situam-se “numa zona de interseção entre campos”:

Constata-se que, por sintetizá-las de modo extremamente evidente, o corpo situa-se num ponto de vista privilegiado para compreender as relações entre indivíduo e sociedade. As ciências sociais vêm despertando para o fato, o que resulta numa recente proliferação de estudos que têm o corpo como tema. Esses vêm chamando a atenção para posto assumido pelo corpo enquanto elemento essencial na construção da identidade na modernidade tardia. Apresentam-no, assim, coberto de significações, refletindo hábitos, estilos de vida, modos de consumo, assim como valores de bem-estar e de felicidade. (PERES, 2005, p. 17).

Neste contexto, quando falo do corpo no trabalho estou falando da corporeidade, em princípio integrada, que inclui a totalidade das faculdades e qualidades corporais em sua constituição, expressão, relações e pertencimento ao meio existencial, em todos os aspectos e dimensões, seja qual for o contexto e as constelações em que esteja inserido. Nesse sentido, Christine Greiner cita Michel Bernard e o “exercício epistemológico” necessário para “evitar o entendimento do corpo como um produto pronto”. Entendendo o corpo como um processo, em busca de estudar, nas palavras da autora: “um corpo vivo, em ação no mundo.” Perspectiva que, como explica, está presente na cultura oriental. (GREINER, 2005, p. 21-2).

Figura 15 - Pintura do xamoi José Verá , tekoa Campo Molhado (Nhuã Porã) RS.



Fonte: Perfil de Takuá no Facebook.

Ao observar a pintura de José Verá, imediatamente relaciono à noção de corporeidade enquanto uma organicidade em movimento, integrada e manifesta no movimento do todo a que pertence. Uma corporeidade conscientemente integrada no todo, o que remete à consciência da transcorporeidade; e, especialmente, à presença consciente na transcorporeidade.

Porém, a percepção ou a interpretação de outras pessoas que aqui chegam, pode ser tão diversa quanto as experiências de vida, a formação, as crenças e a imaginação de cada uma e cada um. Como também a recepção em relação às palavras e frases do discurso analítico, ou dos trechos mais coloquiais, claro. Meu intuito é, portanto, ressaltar aqui a riqueza de

possibilidades representativas e interpretativas que o entrelaçamento e a complementaridade entre duas ou mais linguagens expressivas pode trazer. Neste sentido é que busquei incorporar na tese, dentro do possível, linguagens como a pintura, a fotografia, o desenho e a poesia. Assim como me aventurei, por vezes, a um exercício linguageiro transtextual, por exemplo incluindo no texto uma linguagem coloquial, gírias e expressões idiomáticas, advindas da oralidade.

Prática que, como explica Sérgio Bairon no livro *Texturas sonoras*, tornou-se tabu na produção do pensamento científico:

Não podemos esquecer que existem inúmeros fatores que influenciaram a valorização determinista da escrita metodológica em detrimento das expressividades imagéticas e sonoras com referência à produção do pensamento científico. [...] O que ocorreu ao longo dos últimos três séculos foi uma espécie de anulação do mundo das imagens e do mundo sonoro como processo de compreensão, pelo menos na instituição científica. Em nome da evidência racional, combateu-se a metáfora, ou melhor, a linguagem imagética. (BAIRON, 2005, p. 25-26).

A recuperação desta possibilidade, ainda que como zona de risco, vem com o intuito, por um lado, de acolher o pressuposto de que diferentes matrizes de saber podem ser melhor representadas através de linguagens e formas diversas, para além da linguagem acadêmico-científica. Mas também, neste caso, com o intuito de abrir espaços para entretecer uma narrativa translinguagem, ou transmidiática, possivelmente mais favorável à representação e interpretação dos saberes do corpo sensível e da transcorporeidade. Saberes que têm sua linguagem original nas vozes da corporeidade, do movimento, do contato, conexões, encontros etc. O que inclui as palavras, na oralidade e também na escrita analítica, mas não só.

Movida por esta hipótese e desafio, compreendi ser necessário permitir ou deixar brotar outras linguagens e textualidades, mais afins à representação de elementos, significados ou imagens conceituais com características mais fugidias. Linguagens narrativas que favorecessem a interpretação das dimensões de energia, ritmos, qualidades e estados que buscava expressar e que pareciam perder o sentido em uma escrita lógica racionalista. Entendo que, como afirma Sérgio Bairon no livro *Multimídia*:

Não se trata de desvalorizar a escrita, ao contrário, os recursos da multimídia, quando oferecidos ao texto, tendem a ampliar o mundo dos sentidos e, involuntariamente, subvertê-los. Basta o criador/leitor querer e o texto se transforma em tato, imagem, som etc., assim como acontece imaterialmente quando lemos. (BAIRON, 1995, p. 86).

De acordo com essa percepção, acolhi vozes, imagens e murmúrios, representativos de outras instâncias da corporeidade narrativa que estava a mover os dedos no teclado, com frequências diferentes da linguagem textual analítica logocêntrica com a qual costumamos escrever os textos acadêmicos. Ainda que de maneira experimental e enquanto busca por

caminhos incertos, procurei abrir a percepção, a curiosidade e acolher narrativas dos fluxos de imagens, sensações, sentimentos, pensamentos e conexões que viessem como expressão da corporeidade em suas diversas manifestações. Para ilustrar melhor o que quero dizer, recorro aqui ao trabalho de Marília Librandi a partir da preciosa noção de “escrita de ouvido” expressa por Clarice Lispector. Em *Escritas de ouvido na literatura brasileira* Librandi explica:

“Escrevo de ouvido” quer, então, dizer que se escreve com a língua pré-consciente, com a língua que se ouve antes que se entendam seus significados, com a língua que é significante antes de ser significado; com a língua que é antes do som, tom, nuance, e vibração [...]. (LIBRANDI, 2014, p. 138).

E ainda,

Como pode o sussurro ser escrito senão pela criação ficcional, isto é, senão através de um texto que busca imprimir rítmica e contato-poeticamente o que está atrás do pensamento (título anterior do livro *Água viva*), ou que está aquém ou além da linguagem, como as sensações, pulsações, reverberações e timbres? (LIBRANDI, 2014, p. 137).

Com este olhar, inspirada em Clarice e em seu “escrever de ouvido” é que entendo que as diversas linguagens expressivas têm, neste trabalho, lugar de igual valor e importância. Ou seja, uma foto, uma poesia, uma expressão coloquial ou idiomática e, até mesmo uma citação, não são necessariamente uma ilustração do que disse ou irei dizer na sequência do texto. Por vezes vêm para dizer, ou anunciar, algo além do que as palavras podem expressar e, assim, dizem por si. Ou podem, da mesma maneira, buscar trazer uma perspectiva instigante e contraditória. Sendo assim e buscando uma certa coerência com a proposta, metodologicamente optei por abrir mão, por vezes, da necessidade protocolar de explicar ou justificar a entrada ou pertinência de cada elemento representativo ou interpretativo. Ou seja, justamente, com o propósito de reconhecer, acolher e oferecer a força e vigor expressivo de cada linguagem narrativa no todo. E, por outro lado, com sorte, permitir entrelugares de silêncio e vazio a serem criativamente percorridos pela imaginação, corporeidade e “performance” das leitoras e leitores, enquanto “natureza poética desse envolvimento” no encontro com o texto. (ZUMTHOR, 2014, p. 104).

No artigo *Emoção Agregadora*, o sociólogo Elter Dias Maciel (2007), meu pai que já não está entre nós, propõe uma série de reflexões em relação à importância da imaginação e das dimensões estéticas na construção do pensamento e do conhecimento. Neste sentido, insiste que “o que mais interessa é o que a arte pode nos dar a conhecer, exatamente porque, aí sim, incidem as lacunas dessa visão ‘apressada’ da realidade.” (MACIEL, 2007, p. 70).

Não é mais possível pensar que a noção de totalidade possa excluir simplesmente o estético das formulações humanas.

Para superar o quadro seria preciso que os agentes que conduzem a luta por uma sociedade fraterna desenvolvessem uma relação maior com a arte, uma vez que se trata de forjar um novo pensar que permita ao homem imaginar um novo mundo, uma nova sociedade.

A estética trata do corpo, ou das relações deste corpo com o meio ambiente: a natureza e a sociedade. As diferentes manifestações destas relações que se expressam através da música, da pintura, da literatura e da escultura são abordadas pela estética. (MACIEL, 2007, p. 69).

Sem poder escapar a esta reflexão sobre as possibilidades de um *novo pensar* e da imaginação e ações por um *novo mundo*, volto à questão fundamental da perspectiva descolonial que busquei incorporar na pesquisa, à cada passo e em todo movimento. Como já disse, parti do princípio de que seria necessário, antes de tudo, me mover com o desafio de descolonizar a corporeidade, o imaginário e o pensamento, do investigador, pesquisadora que sou, nessa busca. E, assim foram se construindo e sendo fortalecidas a proposta, a perspectiva e a práxis de uma *corporeidade investigativa* e de uma *performatividade indisciplinar* nesse caminhar, como revela o fluir em espirais dos Movimentos narrativos. De qualquer modo, esses dois estados, práxis ou perspectivas, foram elementos fundamentais e fundadores dos processos investigativos, das constelações de encontros, parcerias e entrelaçamentos que vieram a possibilitar o desenvolvimento da pesquisa, da noção de transcorporeidade e da tese.

Inclusive no que diz respeito à narrativa que aqui se constrói. Que se constrói enquanto busca, incerteza e experiência. Insisto nisso, creio que para ressaltar a importância da utopia e da imaginação criadora que moveram o processo, do início até agora e que busco acolher nesta escrita. Ora, de certa forma, não teria outra saída, eu, que tinha como desafio central um processo investigativo passível de germinar no ventre da corporeidade, que nascesse e se movesse pelos movimentos dessa corporeidade integrada, seja o que fosse essa corporeidade integrada, desde que eu pudesse me manter ouvindo todas as vozes e dimensões desse corpo que sou (e que somos em mim) em sua totalidade. O que inclui essa relação com a percepção coletiva transcorporal que me habita e que habito.

A percepção de diferentes dimensões, intensidades, espacialidade e temporalidade na conexão/comunicação/interação entre os corpos/corporeidades/existências – em níveis invisíveis e que normalmente não temos consciência – é o que nomeio transcorporeidade. Enquanto noção em construção, foi sendo tecida na medida em que passei a focar na percepção do fenômeno e a desenvolver como categoria de observação.

Assim, tenho buscado encontrar maneiras de descrever, interpretar, traduzir e representar tal noção, o que inclui o que estou chamando livremente de *sinapses*

*transcorporais*<sup>17</sup>: ou seja, as trocas vibracionais e energéticas, mais ou menos sutis, entre os seres humanos, assim como entre os diversos organismos e partículas desse organismo Terra que somos e que compõe uma transcorporeidade cósmica.

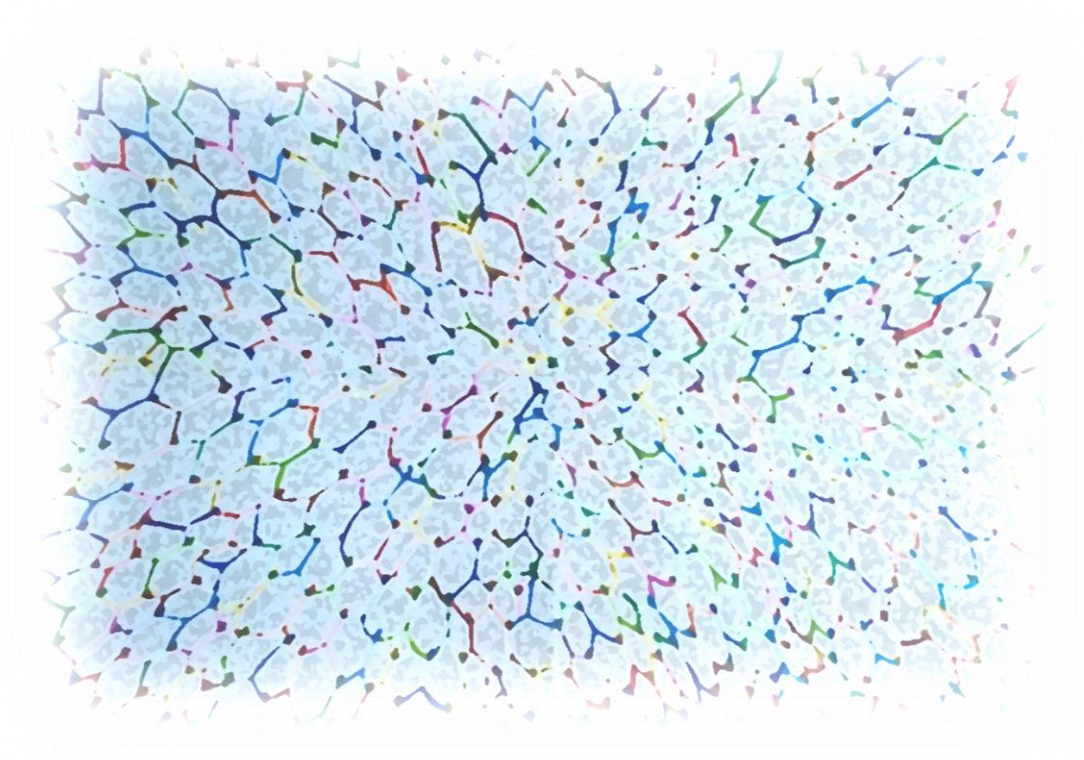
A metáfora das sinapses me veio quando buscava uma maneira de traduzir, para mim mesma inicialmente, a percepção do fenômeno da Transcorporeidade. Assim, apenas adianto aqui esta imagem das *sinapses transcorporais*, como um recurso imagético e simbólico, sem pretensões de relacioná-la diretamente às definições científicas das sinapses cerebrais e neuromusculares como definidas nas ciências biológicas. Ainda que se possam traçar paralelos, deixo claro que utilizo este recurso pelo fato de entender que seja esta uma metáfora bastante rica a qual pretendo desenvolver no Movimento dedicado à noção da Transcorporeidade. Por enquanto, apenas convido, leitoras e leitores para que se abram a esta imagem, que aponta para a dinâmica de comunicação e interação sutil entre os organismos. *A essas malhas de corporeidades em constelações de sinapses, ou relações energéticas vibracionais sutis, entre corporeidades é que chamei de transcorporeidade.*

Uma noção com miríades de aspectos e dimensões ainda a serem (re)conhecidas e desenvolvidas. Mas que, na medida em que fui compreendendo melhor suas características, como fenômeno, e explorando suas possibilidades, enquanto categoria de observação e interpretação, melhor pude identificar suas múltiplas dimensões e manifestações constelares, no cotidiano, na vida, no organismo planetário. Assim como, na narrativa da tese.

---

<sup>17</sup> Sinapses Transcorporais – Importante ressaltar que se trata de uma associação livre com o conceito e formulação dos fenômenos chamados de sinapses nas ciências biológicas e na neurociência. Neste trabalho trata-se do movimento sutil das trocas e interações vibracionais, energéticas e de informações entre os corpos, nas dimensões invisíveis da transcorporeidade.

Figura 16 - Redes de transcorporeidade. Por Luana Portilho Maciel Carpinteiro



Fonte: arquivo pessoal.

Revertendo uma vez mais a espiral, volto ao tema da narrativa: como poderia apresentar o trabalho em uma forma que não buscasse expressar a corporeidade investigativa transcorporal que foi se desenvolvendo ao longo da pesquisa, com suas características propostas de uma *performatividade investigativa descolonial e indisciplinar*? A tese foi, portanto, se construindo em busca de preservar algo do movimento pulsional de origem e se manter coerente com as propostas e desafios iniciais da pesquisa. Almejando com Suelly Rolnik, aceder “esferas da insurreição” e cultivar “em cada situação um limiar que permita que a força vital criadora se libere, pelo menos suficientemente, de sua cafetinagem” (ROLNIK, 2019, p. 142).

Neste sentido, a maneira como percebo e acolho esse movimento narrativo – que por vezes escapa como pulção e que sinto como vigorosamente expressivo da corporeidade e dos atravessamentos transcorporais que sou/habito/existo neste momento – está relacionada em muito à sensação liminar de entremundos, nesse estado excepcional de transição que estamos vivendo no ano de 2020. Esse estado de distopia existencial pelo qual passa a humanidade nesse momento Covid-19. Uma sensação subjetiva e coletiva, transcorporal e onipresente, de total incerteza e de tsunamis virais e pandêmicas de toda ordem.

### 1.14 O (im)possível de dizer em período liminar: tecendo narrativas em Covid-19

De um pulsar interno, tenho engatinhado por diferentes momentos no caminhar investigativo, que perpassa diferentes estágios de compreensão e elaboração das temáticas no território. Desde movimentos mais orgânicos e internos até movimentos mais externos e desafiadores, todos fundamentais para o desenvolvimento das tessituras analíticas que envolvem e atravessam as questões estruturais relacionadas aos saberes do corpo; e, em especial, *insisto*, às dimensões relacionadas às formulações do conhecimento no campo acadêmico – contexto em que esta pesquisa e a respectiva tese se inserem e que ganhou naturalmente importância estrutural na investigação.

Ainda que em meio a inúmeros paradoxos – relacionados às (im)possibilidades de expressão das artes e dos saberes sensíveis no contexto acadêmico científico – e enfrentando engessados paradigmas próprios à hegemonia do método científico tradicional, ao longo do processo, sequer podíamos imaginar o contexto em que me toca tecer a tese de conclusão da pesquisa e do doutorado: em meio a pandemia do Covid-19. A decisão em relação a como lidar com a realidade circundante no processo da escrita, ou a lidar com a escrita em meio à gritante realidade circundante, não foi fácil. Falar de realidade tão complexa, estando mergulhada nela até o pescoço, ou seja, relacionar as questões e temáticas da pesquisa com o contexto em que vivemos, estando “no olho do furacão”, não parecia algo possível e ainda menos indicado.

Porém, não relacionar as reflexões tecidas durante a pesquisa ao contexto em que se dá a escrita – tendo como um dos objetivos principais da pesquisa uma investigação tecida na e pela corporeidade – seria, a meu ver, uma negação de tudo a que me propus no corpo teórico do projeto inicial, assim como no movimento investigativo da pesquisa. Assim, o impasse está posto e entendo que me resta abraçá-lo, mais uma vez, com todos os riscos e incertezas que ele e a realidade relacionada trazem, que não são poucos.

Confesso que o que diz hoje minha corporeidade, e que tem dito com todas as forças nesses dias, e quanto mais mergulhamos neste estado pandêmico, é que “o tempo nos dirá” ... No meio dessa tempestade anunciada que toma conta da “terra *brasilis*”, vejo os temas estudados por mim perdendo sentido, as hipóteses iniciais desenhadas, assim como as reflexões tecidas e as análises desenvolvidas perdendo o contexto, perdendo o rumo, vagando “sem pé nem cabeça”. E, ainda, as poucas convicções relacionadas à todas essas instâncias cognitivas e reflexivas se enfraquecendo, ou mesmo se dissolvendo, junto à derrocada do modelo civilizatório que tínhamos como referência, quando do início desta pesquisa.

Parece que tudo, tudo mesmo, ao redor desmorona, enquanto tudo o que era forte dentro se silencia, diante da urgência vida e morte; diante da exclusão e genocídio de milhares no país, e logo de milhões no planeta. Sem intenção de “fazer drama” ou de esvaziar as questões que, no fundo, sabemos serem as mesmas e que continuam sendo fundamentais – já que, possivelmente os meios de reificação do poder capital não tardam em refazer seus mecanismos de reabsorção utilitária e mercadológica seja do que for que somos, que sejamos. Ou não. Sim, sabemos que apesar do cenário de crise extrema e excepcional, inevitavelmente continuamos enfrentando os mesmos princípios e lógicas existentes nos mecanismos dos “dramas sociais” (TURNER) – das sociedades, na modernidade colonial global capitalista – só que, agora, em níveis extremos. Porém, em uma situação de choque e suspensão, também global, das estruturas sociais dessa modernidade capitalista, diante do que, os “dramas sociais” em outros cenários e com seus estados marginais, liminares elevados ao extremo.

Sem dúvidas, as estruturas encontram-se ameaçadas, e estamos vivendo agora coletivamente, o que aprendemos com Victor Turner a chamar de estado liminar. Uma “liminaridade” coletiva, agora a nível planetário, como nunca se viu antes. Ainda que de maneira certamente mais radical, com as mesmas questões que nos moviam anteriormente. Que moviam aqueles que se importam com o que acontece em nosso entorno.

### 1.15 Da massificação do corpo social à destruição do corpo planetário

*Segundo um boato corrente nos anos 1990, além da Muralha da China, a outra “construção” humana visível do espaço era o Aterro Sanitário de Fresh Kills, em Nova Iorque: sintomaticamente, um limite e uma wasteland. Esse boato trazia consigo uma profunda verdade: depositado no mar, deslocado para as periferias, o lixo é a grande obra da modernidade, e sua maior produção, a Ilha de Lixo do Pacífico. Ou seja, o mundo foi contaminado pela indigestão consumista [...]*

Alexandre Nodari

Começo a escrever esse tópico movida pela sensação de corpo oprimido, corpo tenso, corpo exaurido na labuta de um dia de contratempos e urgências, mas, certamente, ainda muito distante da exaustão de um corpo diariamente oprimido, extremamente explorado, diariamente exaurido.

A exaustão extrema de um corpo explorado, até ou além dos seus limites, talvez seja a mais cruel e absoluta forma normatizada de massificação e objetificação dos corpos e existências em corporeidades ausentes, em corpos e corporeidades alienados de si e da própria natureza. Trata-se aqui de vidas objetificadas no nível máximo, escravizadas pelo sistema, cuja

possibilidade de existir talvez não se resume ao sobreviver e ao servir à demanda socialmente construída, mas que tampouco ultrapassa essa perspectiva, posto que a luta pela sobrevivência diária e constante, de uma massa humana subalternizada, não deixa espaço/tempo para mais que a luta – 24/365.

Em seu livro *24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono*, Jonathan Crary inicia suas reflexões e elaborações nos apresentando o seguinte caso:

Nos últimos cinco anos, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos gastou quantias enormes de dinheiro para estudar essas criaturas. Com recursos do governo, pesquisadores de diversas universidades, notadamente em Madison, no estado de Wisconsin, têm investigado a atividade cerebral dos pássaros durante esses longos períodos de vigília, com a esperança de obter conhecimentos aplicáveis aos seres humanos. O objetivo é descobrir como as pessoas poderiam ficar sem dormir e funcionar produtiva e eficientemente. O objetivo inicial é simplesmente a criação do soldado sem sono, e o projeto de estudo dos pardais de coroa branca é apenas uma pequena parte de um esforço militar mais amplo para obter domínio ao menos parcial sobre o sono humano. (CRARY, 2014, p. 7).

Lembro agora das meninas e meninos em situação de rua dos meus afetos, com quem convivi em contato frequente e próximo, no início da minha jornada como arte-educadora, no centro da cidade do Rio de Janeiro<sup>18</sup>. Queridos corpos massacrados de corporeidades atordoadas e pouco mais que reativas, que vivenciavam nas práticas de dança e teatro um breve oásis de fantasia, uma estranha alegria efêmera e vibrante que trazia não mais que relances de uma possibilidade de existência pulsante de vida. Não mais que um breve vislumbre da sensação de se conectar consigo, com a força de vida e a energia potente do próprio brilho. Meninos e meninas, entre 6 e 17 anos, algumas arrastando, meio sem saber seus bebês que, durante as aulas, vinham pro meu colo e pro aconchego de uma canga, dando a essas órfãs mães, a possibilidade de junto com as outras crianças sem infância buscar, tateando dentro de si, a infância perdida ou nunca vivida e, talvez, nem mesmo desejada.

Talvez nem desejada essa infância negada, pois o tempo da vida que tiveram não lhes dera tempo de vida imaginada e bem vivida, mas apenas fluxo de vida oprimida, excluída, esfomeada, violentada. Uma camada da massa humana que talvez represente bem o que a opressão do corpo social pode materializar no corpo do indivíduo assujeitado; assujeitado a ser objeto da exploração, da massificação, da mecanização, da objetificação das sociedades ditas civilizadas. Realidades de uma civilidade desumana, subumana, inumana, em nome do progresso da humanidade. Esse corpo humano colonizado, explorado e subserviente,

---

<sup>18</sup> Trabalhando como voluntária, tendo tido como entrada para o contato, o espaço de almoço popular organizado pela Fundação São Martinho, na Catedral da Lapa, em 1987.

escravizado pela lógica civilizatória, que gera e reproduz corporeidades/existências distantes, ausentes e alienadas de si. Nas palavras de Suely Rolnik, sujeitos sem acesso à nossa “condição de viventes” e desviados da nossa “pulsão vital”, do “saber-do-vivo, ignorando nossa capacidade de acessar “a esfera da fábrica de mundos” Eis como, com Suely Rolnik, entendo que se configura o corpo social da espécie humana no regime “colonial-capitalístico: reduzida “à sua experiência como sujeito” (ROLNIK, 2018):

Os destinos da vida variam; eles resultam de uma disputa entre forças, das mais ativas às mais reativas. Esse é o campo da micropolítica. Se a insurreição nessa esfera é indispensável nas sociedades sob o poder do regime colonial-capitalístico (que hoje logrou abarcar o conjunto do planeta), é porque o que predomina neste regime é o desvio da pulsão vital de seu destino ético. Nós simplesmente ignoramos essa esfera da fábrica de mundos, pois perdemos o acesso à nossa condição de viventes na qual se dá a experiência desta produção: uma dimensão da experiência subjetiva que propus chamar de “fora-do-sujeito”. É nesse âmbito que acessamos os afetos: efeitos das forças e suas relações que agitam o fluxo vital de um mundo e atravessam singularmente todos os corpos que o compõem, fazendo deles um só corpo, em variação contínua. Dessa perspectiva, o outro, humano ou não-humano, vive efetivamente em nosso corpo (sob a forma de afetos) e o fecunda, produzindo gérmenes de mundos em estado virtual. Separados desta experiência, não temos como desenvolver o saber-do-vivo ou saber-eco-etológico que nos permitiria decifrar o que nos acontece por meio do poder de avaliação dos afetos. Com o corte do acesso à nossa condição de viventes intrínseco à política de subjetivação no regime colonial-capitalístico, a subjetividade tende a reduzir-se à sua experiência como sujeito, própria à nossa condição sociocultural e moldada por seu imaginário. (ROLNIK, 2018, online).

Desde essa perspectiva Rolnik propõe a noção de “fora-do-sujeito”, como retorno ao que nos é próprio e como lugar de insurgência do que seria uma experiência de subjetividade que potencialmente existe, como devir do fluxo vital, próprio do “saber-do-vivo”. Experiência e potencial do qual temos vivido separados – como efeito do “regime de produção da fábrica do inconsciente”, esse nosso “inconsciente colonial-capitalístico”.

A espoliação dessa fábrica de futuros se dá por meio de uma operação de cafetinagem: o movimento pulsional é desviado de seu curso ético, no qual produziria “novos mundos” em função do que pede passagem, para que, em seu lugar, produza “novidades”, mais e mais cenários que multiplicam as oportunidades de investimento e acumulação de capital e excitam a voracidade de consumo numa velocidade exponencial. O abuso da pulsão é a medula micropolítica do regime colonial-capitalístico. Para viabilizá-lo, o inconsciente é um dos alvos essenciais do mega-empresamento colonial operado pelo capitalismo, que hoje tornou-se globalitário. Sendo assim, é impossível transformar o atual estado de coisas sem intervir na esfera micropolítica: descolonizar o inconsciente é o que almeja a insurreição nesta esfera. (ROLNIK, 2018, online).

Nesse sentido, falar de subjetividades, de corporeidades e, portanto, dos saberes do corpo é falar de faculdades e potencialidades silenciadas, adormecidas e excluídas do rol de desenvolvimento humano praticado em sociedade. Não interessa ao sistema “colonial-

capitalístico” corpos sensíveis, autênticos, íntegros, conscientes, emancipados, criativos e conectados com o próprio potencial e tampouco com o potencial de conexão e integração harmônica e ecológica com o meio, com a comunidade, com os pares. Muito ao contrário, a possibilidade do desenvolvimento integrado das faculdades humanas em sua totalidade e potência – potencial natural do território das artes do corpo sensível, consciente e criativo – representa um quadro perigoso e ameaçador dentro do sistema colonial-capitalístico. Já que a lógica da divisão do trabalho, própria da acumulação capitalista, só pode funcionar pela opressão, exploração e subalternidade dos corpos individuais, coletivos e, portanto, dependente de um funcionamento de massa passivo e adestrado. De um corpo social alienado. Um funcionamento que é naturalmente colocado em risco na medida da possibilidade de conscientização, fortalecimento e emancipação das corporeidades, subjetivas, coletivas e sociais.

Quero, portanto, trazer alguns aspectos, elementos ou dimensões do território dos saberes do corpo que, pela experiência e práxis do território, operam essa intervenção transformadora “na esfera micropolítica”, de que fala Rolnik, potencializando descolonizações do inconsciente, do imaginário, da corporeidade/subjetividade, ou seja, possibilitando descolonizações nas existências e relações – pela conscientização do corpo e do movimento. Não se trata de descolonizações no sentido de um retorno ao mundo perdido, mas no sentido de desconstrução, de transformação e ressignificação. Um processo de autoconhecimento potencializador de intervenções – enquanto desobediência e insurgência – que possibilita uma reorganização das estruturas corpopsíquicas, uma desconstrução da subjetividade/corporeidade colonial, e reconstituição de realidades existenciais. Um processo consciente de re-existência, emancipação e desenvolvimento, que possibilita a assunção da autonomia criativa e da ressignificação das subjetividades e corporeidades, do ser/estar/fluir/relacionar-se no mundo.

Esse processo de contato, percepção e conscientização do corpo, da corporeidade e do movimento se relaciona diretamente a uma conscientização de si, do outro e do todo. Um processo que nutre o autoconhecimento, o reequilíbrio e harmonização das faculdades e potencialidades do indivíduo e que, reorganizando a corporeidade, fortalece a vitalidade, a força de emancipação e reconstituição da subjetividade, das habilidades de movimento, expressão, interação e criatividade, em todos os níveis da existência. Nesse pluriverso das artes e práticas do corpo em movimento – aqui me refiro especialmente àquelas que trabalham a conscientização do corpo e do movimento pela sensibilidade, percepção, experiência, interação e criatividade – é evidente a relação entre corpo e mente, corporeidade e personalidade, habilidades corporais e habilidades existenciais. Na verdade, não é uma relação binária entre

dimensões diversas, mas, justo ao contrário, desenvolve-se uma reintegração, reintegra-se a unidade potencialmente nata entre essas dimensões social e culturalmente alijadas, separadas, exiladas entre si pela fragmentação e mutilação do ser e das faculdades humanas. Mutilação inculcada, impelida, impingida em nossos imaginários, corporeidades, pensamentos e existências – desde a primeira infância – em todas as camadas da sociedade, em nome de uma civilidade artificial espetacular, à serviço do regime “colonial-capitalístico”.

Condição da massa trabalhadora e/ou faminta que somos, subnutrida em inúmeros sentidos. Subnutrição que também se reflete e se faz presente na corporeidade da elite, em muitas formas. De qualquer maneira, por hora basta compreender que a lógica da exploração, do capital, do consumo – essa lógica que colonizou imaginários, subjetividades e corporeidades, que massificou e objetificou existências –, é a lógica que torna o corpo social um corpo composto de corpos ausentes e corporeidades alienadas de si e de sua própria natureza. Essa lógica exploratória da sociedade de consumo é a mesma que faz com que a sociedade se autoconsume num processo autofágico. Uma lógica autocida que se reproduz em todos os espectros, do micro ao macro, também nos mecanismos de exploração, objetificação e destruição do corpo planetário.

Alexandre Nodari, no artigo *Limitar o limite: modos de subsistência*, aborda a questão da ausência de limites da lógica capital, destruidora do organismo planetário. O autor argumenta que para sair dos mecanismos de consumo seria necessário “consumir a lógica do consumo”. Trazendo como exemplo a obra de Hélio Oiticica, cita o artista que, em suas próprias palavras propunha “estar livre das amarras do consumismo, ou seja, da *demanda de produção de obras*” (OITICICA, 1967 *apud* NODARI, 2014, online), afirmando que a arte dessa maneira estaria saindo da lógica de uma “produção infinita de objetos”, para tornar-se “a formulação de uma possibilidade de vida” (OITICICA, 1967 *apud* NODARI, 2014, online). Nodari ressalta que

[...] o capitalismo se funda sobre uma limitação do acesso aos recursos, por meio do cercamento de terras, da redução à propriedade dos inúmeros direitos reais (das coisas), e da criação da forma jurídica vazia do sujeito de direito. Mas o fundamento “ontológico” do consumo capitalista foi a conversão das coisas do mundo em recursos, a “metafísica da utilidade”, enunciada, entre outros, por Hegel: “Como tudo é útil ao homem, assim também o homem é útil a tudo” – sendo medida de todas as coisas, o homem é o animal que mede todas as coisas. [...] O consumo capitalista começa, portanto, já nessa transformação de coisas em mercadorias, no esvaziamento de sentido que marca o modo de produção globalizante. (NODARI, 2014, p. 5-6).

E nesse contexto de esvaziamento de sentido da própria existência humana, enquanto produto consumível e de consumo, as corporeidades/existências não passam de objetos/produtos que, como tais, tornam-se cada vez mais velozmente substituíveis e

descartáveis. Existências/corporeidades objetificadas e consumíveis cujo destino inevitável é o descarte. Descarte representado em imagem na obra *Dirty White Trash (with Gulls)* dos artistas Sue Webster e Tim Noble, de 1988, e referida por Nodari em seu artigo.

Figura 17 - Dirty White Trash (with Gulls)



Fonte: Tim Noble & Sue Webster (site).

E, se nem todas as imagens valem mais que mil palavras, essa imagem certamente vale.

#### 1.16 O sumo do sumo, do sumo, do sumo...

Nesta alturas do movimento narrativo, quero dizer que a necessidade de questionamento do *status quo* das práticas de pesquisa hegemônicas na academia e da quebra dos paradigmas modernos – nesse movimento de investigação pelo território das artes e ciências do corpo –

ainda que estivessem presentes, germinalmente, desde a elaboração do projeto, foram gerando percepções e relações espontâneas ao longo do caminhar que, por sua vez, abriram caminhos e atraíram diálogos, encontros, trajetórias e movimentos inesperados. Movimentos que acredito podermos dizer, vieram da sincronicidade do “acaso” ou do que o físico Fritjof Capra nomeou de “Mente Cósmica”, em *O Ponto de Mutação* (1986).

Claro que existia um questionamento intelectual, anterior e paralelo, o qual eu buscava sistematizar racionalmente na elaboração do projeto, em relação ao qual eu acreditava saber algumas coisas. Tinha hipóteses fortes, vindas da minha experiência de vida e das reflexões que me foram possíveis desde que comecei a pensar um percurso acadêmico. Uma delas era, claro, relacionada à sabedoria inerente à corporeidade, assim como aos conhecimentos próprios da experiência vivida na prática dos saberes do corpo. Saberes e conhecimentos que, eu acreditava, fossem capazes de, de alguma maneira, me guiar no percurso de investigação. E, realmente foram, não apenas pela força viva dos saberes que reavivavam minha corporeidade, mas, principalmente pela força transcorporal que me nutriu, dos encontros e bailes compartilhados.

Mas, por mais fé que eu tivesse na minha intuição e na conexão com o que aprendi com Capra, nos idos de 1988, a chamar de mente cósmica e na força presente da corporeidade, tinha também minhas dúvidas e inseguranças. Por mais que a utopia revolucionária e a tendência indisciplinar em relação ao *status quo* civilizatório, sempre tenham pulsado radicalmente em mim, racionalmente eu não poderia saber como, nem poderia imaginar, com toda a minha criatividade, o quanto tais forças e pulsões, próprias à vida e à vida dos saberes, ainda para mim em muito inconscientes, seriam capazes de assumir o protagonismo do processo investigativo. Ou, se, em última instância, mesmo eu, ou tu, ou ele, nós, voz, eles e o sistema – *status quo* – permitiriam, permitiríamos, permitisse-iam que viessem à tona. Pois, pois... Vejamos! Caminhando um pouco mais com Rolnik:

O critério de avaliação do cartógrafo você já conhece: é o do grau de intimidade que cada um se permite, a cada momento, com o caráter de finito ilimitado que o desejo imprime na condição humana desejante e seus medos. É o do valor que se dá para cada um dos movimentos do desejo. Em outras palavras, o critério do cartógrafo é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento. Seu critério tem como pressuposto seu princípio.

O princípio do cartógrafo é extramoral: a expansão da vida é seu parâmetro básico e exclusivo, e nunca uma cartografia qualquer, tomada como mapa. O que lhe interessa nas situações com as quais lida é o quanto a vida está encontrando canais de efetuação. Pode-se até dizer que seu princípio é um antiprincípio: um princípio que o obriga a estar sempre mudando de princípios. É que tanto seu critério quanto seu princípio são vitais e não morais. (ROLNIK, 1989, p. 3).

Sinto e compreendo, sem medo de errar, que realmente a vida e a vida dos saberes no território em que me movi com a inteireza de minha corporeidade, assumiram a regência do

processo. E, a sinfonia da investigação foi se compondo no momento, na presença e na experiência de uma transcorporeidade – uma transtessitura sutil de corporeidades e saberes – na medida em que dançamos, nos relacionamos e nos constituímos pares e coletividades em movimentos de saberes no território. Posso dizer que vivenciei, portanto, o processo investigativo, como uma composição instantânea ao longo do tempo, em que eu, enquanto corporeidade investigativa, fui apenas um dos instrumentos interagindo em uma longa e saborosa *Jamm Session* de construção cognitiva coletiva e transcorporal. Um processo, em muito liminar, que me foi conduzindo entre diferentes encontros, alguns com qualidades preciosas que me fizeram lembrar a noção de *communitas*, em Victor Turner (TURNER, 1969).

Figura 18 - 2º Symposium DGFE – E<sup>3</sup> - Erfahrung, Entfaltung, Embodiment – Berlim. 2017



Fonte: Arquivo pessoal.

## MOVIMENTO II – DRAMA, TRAMAS E ENTRELAÇAMENTOS

*No espelho mágico de uma experiência liminar, a sociedade pode ver-se a si mesma a partir de múltiplos ângulos, experimentando, num estado de subjuntividade, com as formas alteradas do ser. [...] Abrem-se passagens em sistemas classificatórios estáticos. Surgem áreas de contágio. Espaços híbridos. Escândalos lógicos. Nos momentos de suspensão das relações cotidianas é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas. Despojadas dos sinais diacríticos que as diferenciam e contrapõem no tecido social, e sob os efeitos de choque que acompanham o curto circuito desses sinais numa situação de liminaridade, pessoas podem ver-se frente a frente. Sem mediações. Voltam a sentir-se como havendo sido feitas do mesmo barro do qual o universo social e simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta, recria-se. A essa experiência Turner dá o nome de *communitas*.*

John Dawsey

Figura 19 - Encuentro Frente de Generos – La Poderosa – CLACSO 2018



. Fonte: arquivo pessoal.

As palavras desaparecem como que de súbito, logo após terem povoado incessante e intensamente a minha mente, com elucubrações, reflexões, associações e dissociações advindas dos ecos que Turner provoca. O Victor Turner, da antropologia, do estudo dos mitos, rituais e

dramas sociais, o Turner que revirou positiva, humana e sensivelmente o campo da antropologia e da pesquisa etnográfica; o mesmo Victor, que se lançou como um dos pioneiros a abrir o horizonte das ciências sociais para o estudo das performances culturais, em suas relações com o campo do teatro, e trilhou, junto a outros “marginais”, os primeiros passos apontando para a construção de um (anti)campo, terreno mais que fértil – ao menos na perspectiva dos que insistiram em apostar nessa utopia, nessa quebra de paradigmas.

Passaram-se décadas, viramos o século e Victor Turner continua sendo uma das principais referências tanto para a antropologia da experiência e para a etnografia, campo de origem e lugar maior de desconstrução e construção do seu trabalho científico, como para outros campos afins, em especial, o nascente anticampo teórico/prático dos estudos das performances culturais.

Nesta breve reflexão, de alguém que ainda tateia, curiosa e afetivamente, esse novo campo, estão em questão alguns capítulos de Turner relacionados à antropologia da experiência, que são: *Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência*; *Betwixt and Between: The Liminal Period in Rites de Passage*; *Liminality and Communitas*; e *Passages, Margins and Poverty: Religious Symbols of Communitas*. Textos em que, partindo da perspectiva do que chama de “drama social”, ele apresenta e desenvolve, alguns paradigmas relacionados a experiências significativas, vivências formativas, situações de crise e rituais de passagem, normalmente transformadoras das relações nas estruturas sociais (ainda que para posteriormente reafirmá-las). Nos três últimos textos citados os conceitos de “liminaridade” e “communitas”, são fundamentais e centrais, mais ou menos desenvolvidos em um e outro e foram apenas introduzidos no primeiro texto. São esses conceitos que busco aqui bordejar.

Quanto a ideia de liminaridade, esse processo ou “rito de transição”, “período liminar”, “período de margem”, essa “situação interestrutural” própria dos momentos de passagem de um “estado” a outro, no que se refere às estruturas, posições e códigos sociais, parece não haver grandes questões ou contradições. (TURNER, 2005 - II, p. 137). “O *limen*, ou limiar – um termo emprestado da segunda das três fases dos ritos de passagem de van Gennep – é uma terra-de-ninguém entre o passado estrutural, tal como antecipado pelo controle normativo da sociedade” (TURNER, 2005 - I, p. 183). Esses processos “liminares”, segundo Turner, fazem parte da existência do ser social em inúmeras situações da vida, sejam estas construídas e vivenciadas individual ou coletivamente, sejam elas movidas por necessidades subjetivas e pontuais. As estruturas sociais, em muito, dependem inclusive desses momentos de saída e abandono da estrutura, por parte de seus membros, individual ou coletivamente, até para reafirmar muitas vezes as estruturas vigentes.

São inúmeras as situações de liminaridade analisadas por Turner nestes 4 textos específicos e, nelas, fica clara a divisão feita inicialmente por Genep, das três fases marcadamente distintas dos processos “liminares”: “separation, margin (or *limen*, signifying threshold in Latin), and aggregation.” (TURNER, 1969, p. 359). O que podemos traduzir por separação, margem ou *limen* e reagregação. Simplificando os três momentos distintos dos rituais de passagem e situações liminares, Turner, em *Liminality and Communitas*, afirma que

[...] a primeira fase (de separação) compreende um comportamento simbólico de distanciamento, do indivíduo ou do grupo, seja em relação a um ponto anteriormente estabelecidos na estrutura social, seja em relação a um conjunto de condições (um “estado”), ou em relação a ambos. Durante o período “liminar” que se segue as condições do sujeito de passagem (o “passageiro”) são ambíguas; ele passa através de uma região cultural que tem nenhum, ou quase nenhum atributo, dos estados culturais anteriores ou futuros. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), a passagem está consumada. (TURNER, 1969, p. 359, tradução nossa).

Cada um dos termos, conteúdos e universos que estão contemplados apenas nestes primeiros conceitos de análise dos dramas sociais, na perspectiva da antropologia da experiência, suscitam em um pesquisador que adentra o campo dos estudos das performances culturais um sem fim de reflexões, férteis e contraditórias, que não cabe nestas breves reflexões sequer mencionar. Porém, fica evidente a importância e a centralidade do conceito de liminaridade para a análise da sociedade, em todas as suas estruturas e interstícios, obviedades e nuances, posto que a possibilidade da existência da estrutura e das estruturas se dá na possibilidade de se afastar e escapar das mesmas.

As fronteiras, as margens, os limites, e o além dos limites são o que faz a realidade subjetiva e objetiva modelar sua materialidade, o que dá corpo as estruturas. Neste sentido, arriscamos dizer que a liminaridade se apresenta, de início, como um dos principais conceitos para o estudo das estruturas sociais e, portanto, também, das performances culturais. Conceito aparentemente simples e, em princípio, facilmente palatável.

“*Communitas*”, em contrapartida, para mim se revela já se ocultando. Desde as primeiras menções que encontramos em Turner sobre “*communitas*”, tive a impressão que a expressão nos leva para além do que seria facilmente analisável ou simples de sistematizar e traduzir em categorias. A menos que, como aconteceu comigo, inicialmente, tomemos por *communitas* apenas um dos aspectos, talvez ideal, da complexidade do conceito. *Communitas* traz em si o paradoxo e o contraditório, o que é, e o seu oposto, e o entre lugar. No estado de *communitas* estudado por Turner, nos rituais de passagem Ndembu, por exemplo, é relativamente simples compreender que, no período liminar, se estabeleça uma cumplicidade, uma intimidade e até uma amizade, “chamada *wubwambu*” entre os *mwadi*, os neófitos ou

iniciados, (TURNER, 2005 - II, p. 140 e 146). Aqui temos um espírito de *communitas* facilmente reconhecível, assim como o que se apresenta em forma de reverência e identificação do povo em relação ao chefe ou ao rei, quando este passa por rituais de sacrifício pelo bem da comunidade, ao longo desse período intersticial.

Sim, entendo que também na modernidade das sociedades complexas, todos nós passamos, em algum momento da juventude, por exemplo, pela situação de identificação com os colegas de turma, hoje as chamadas tribos urbanas, quando nesse estado de passagem da infância para a adolescência, ou da juventude para a maturidade, identificamos no grupo algo diferente do que se apresenta nas estruturas sociais. Ali estamos, de certa forma e em certa medida, protegidos e às margens das estruturas, dos estados, das funções e das máscaras sociais. Entre iguais, e por nossa “pobreza” em relação aos códigos e atributos necessários para funcionar na estrutura social, estamos relativamente protegidos, e, “entre iguais” podemos ser “nós mesmos” (TURNER, 1974).

Me parece que alguns dos aspectos que determinam o fenômeno liminar ocorrem em situações diversas ao longo da vida, e, nessas situações percebemo-nos em relação de *communitas* com outros membros de alguma comunidade na mesma situação. Quando, por exemplo, convivemos em um núcleo ou grupo, seja político, de preferência ou prática cultural, filosófica, religiosa, esportiva etc. Especialmente quando o grupo se percebe como um grupo capaz de se abster, ou fazer sacrifícios, em função de uma condição de privação ou em prol de um ideal.

Algo semelhante ocorre com frequência nas artes do corpo, especialmente nos processos em que o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal/relacional se aprofundam coletivamente. Como se deu em algumas situações de campo nesta pesquisa, em que, entre pares com interesses comuns, saberes, utopias e sensibilidades compartilhadas, entretecemos amizades e nos entrelaçamos em movimentos sensíveis, afetivos e criativos de reconhecimentos e experiências coletivas entre os saberes do território. Uma espécie de *communitas* gerada pela experiência e cultivo da comunhão, no exercício coletivo de percepção e cognição nas corporeidades em movimento de saberes. Uma das fontes perceptivas e afetivas que permitiu a elaboração da noção de transcorporeidade a que dedico maior atenção no último movimento.

Fica claro com Turner que o mergulho no estado de *communitas* parece ser uma “real necessidade” das pessoas para sobreviver à opressão da estrutura social, em que o homem é destinado a viver papéis sociais, em detrimento da totalidade da sua capacidade, integridade e autenticidade. Portanto, nesses casos as pessoas vão em busca das situações de *communitas*, de

maneira voluntária, muitas vezes renunciando à boa parte ou à totalidade dos atributos que garantem o seu status e condições sociais (TURNER, 1974, p. 99). É fato que, a vida de cada indivíduo (que não passe a vida em brancas nuvens) passa por situações alternadas de estrutura social e *communitas*, estados culturais e períodos de transição (TURNER, 1969, p. 361).

A relação dialética de complementaridade entre estrutura social, estado liminar e de *communitas* vai se clareando na medida em que aprofundamos a leitura dos textos, sem, porém, se desnudar ou se clarear por completo. A semelhança, ou proximidade, entre as definições que compõem as noções de liminaridade e *communitas* muitas vezes pode confundir, assim como a diferenciação entre os indivíduos ou grupos que vivem à margem das estruturas, em relação aos que vivenciam a *communitas*. A elaboração dos conceitos me parece tão plena de interstícios, como as próprias experiências, que quando relacionamos aos casos reais, pode paradoxalmente tanto clarear quanto confundir.

Uma questão que parece ser relativamente clara é o fato de que as experiências de *communitas*, por mais vigorosas e originais que possam ser, tendem a caminhar na direção de uma estruturação social, que, em si, elimina a essência do ser *communitas*. Continuo me perguntando os porquês, porém sem necessidade de buscar respostas, já que relaciono intuitivamente aos mecanismos de entropia e sintropia da natureza. Por outro lado, podemos pensar com Turner que a própria condição de estrutura social tenda a produzir, nos indivíduos e na coletividade, essa necessidade natural de vez ou outra, escapar das regras estabelecidas e se lançar às margens, para além das condições socialmente dadas. Talvez em busca da própria autenticidade e potencial ou de uma promessa de liberdade e re-existência.

A angústia que pode pairar nos ecos da impossibilidade de se reduzir ou se definir o conceito de *communitas*, como um conceito oposto ao de estrutura social, pode ser acalentado por uma colocação de Turner, que nos aponta para o entre - lugar, ao final do texto *Passages, Margins, and Poverty*, a qual traduzo aqui livremente:

*A tarefa vã de tentar encontrar de que forma precisa alguns símbolos encontrados no ritual, na poesia ou iconografia de uma dada sociedade, “refletem” ou “expressam” sua estrutura social ou política pode ser abandonada. Símbolos podem refletir bem não a estrutura, mas a anti-estrutura, e não apenas refletir, mas contribuir para criá-la. Em vez disso, podemos considerar que o mesmo fenômeno, em termos de relação entre estrutura e communitas, pode ser encontrado em tais situações relacionais como passagens entre estados estruturais, os interstícios das relações estruturais, e nos poderes dos fracos. (TURNER, 1974, p. 101, grifo nosso).*

Trazendo agora para o momento pandêmico da covid-19 e pensando nesse longo momento de liminaridade involuntária e inesperada pelo qual estamos passando nós – a humanidade no planeta – percebo que talvez seja este o período de transição ou o momento

liminar mais global e devastador por que muitas gerações vivas já passaram. Sem me alongar na questão neste momento, parece claro que estamos mesmo, enquanto coletividade ou como corpo coletivo planetário, em um momento liminar de passagem, um “período de margem”, uma “situação interestrutural”. (TURNER, 2005). Ou ainda, talvez mais precisamente, um período tanto liminar quanto “liminóide”; como explica John Dawsey, em *Victor Turner e antropologia da experiência*, já que Turner diferencia posteriormente fenômenos liminares de fenômenos liminóides, pelo “fato de (os últimos) se manifestarem em espaços exteriores às arenas centrais da produção industrial”. (DAWSEY, 2005, p. 167). E ainda, como conta Dawsey, entre outras características, os

Fenômenos liminóides desenvolvem-se às margens dos processos centrais da economia e da política. Trata-se de manifestações plurais, fragmentárias, e experimentais que correm nas interfaces e interstícios do conjunto de instituições centrais. [...] frequentemente surgem como manifestação de crítica social que, em determinadas condições, podem suscitar transformações com desdobramentos revolucionários. (DAWSEY, 2005, p. 168).

Então, me parece que se configuram características tanto de fenômenos liminares, quanto liminóides em que a antiga estrutura social e todas as estruturas sociais, centrais e às margens, coletivas e individuais têm se desestruturado significativamente, sem previsão e sem parâmetros anteriores; momentos liminares e liminóides em que nos vemos às margens e quase na beira do abismo da estrutura, sem nada além da incerteza, esperança e conjecturas remotas que nos possam assegurar em relação à reagregação ou ao retorno da estrutura; ou, quiçá a uma transformação radical da estrutura, ao menos como a conhecíamos até então. O que, de certa forma e em muitos aspectos, tem feito brotar e se propagar, em ondas globais e planetárias sensações, experiências e movimentos que talvez possamos chamar com Turner de relações e vivências de *communitas*, claramente por uma “real necessidade”. (TURNER, 2005).

Por outro lado, como próprio aos rituais iniciáticos e cosmogônicos, esse período tem gerado entre nós, em nossos corpos, subjetividades e imaginários, ou seja em nossa corporeidade, uma abertura antes desconhecida para perceber, encontrar e conectar outras corporeidades, antes alheias, como muito próximas neste isolamento social. Em outras palavras, parece que estamos nos abrindo, neste aparente isolamento físico, aos fluxos e conexões sutis e afetivas de nossa corporeidade coletiva, de nossa transcorporeidade imanente. Temos nos permitido vivenciar e aprofundar experiências de entrelaçamentos transcorporais sutis, ainda que sem muita consciência disso, e por necessidade de sobrevivência. Encontros que têm nos nutrido, permitindo relações de intimidade e cumplicidade inesperadas e até então desconhecidas, inexistentes ou inusitadas.

Talvez estejamos, nesse estado de passagem e desestruturação, reaprendendo o lugar daquele tipo de amizade compassiva, fraterna e cúmplice “chamada *wubwambu*” entre os *mwadi* – os neófitos ou iniciados – nos rituais de passagem *Ndembu*. (TURNER, 2005, p. 140 e 146). Posto que, neste momento, somos todas e todos neófitos. Estamos todas e todos, seres humanos no planeta, vivendo um ritual de passagem que ainda não compreendemos ou identificamos, mas que traz esta característica de iniciação em relação ao mundo que está por vir, o mundo pós-pandemia 2020. O corpo coletivo da humanidade, ainda que não perceba ou reconheça, parece estar vivendo com maior consciência que nunca, a realidade de nossa transcorporeidade latente – tema do Movimento VI.

Em outros momentos narrativos voltaremos também à questão da pandemia, suas liminaridades, derivas e atravessamentos coletivos. Porém, parece que apesar de toda a dor, temores e perdas que temos vivido (sem mencionar a questão política no nosso país e no mundo), a fertilidade das relações emergentes e insurgentes de *communitas* e o germinar de anti-estruturas coletivas marginais vigorosas, pode trazer também algum alento e alguns alimentos para nossas utopias, força de luta e comunhão. Quem sabe até para devires possíveis e insurgências transcorporais férteis; férteis de um novo mundo na Terra, de uma nova corporeidade coletiva que permita novas coexistências, integradas, nesse organismo planetário que somos.

## 2.1 Performance e fundamentos da práxis investigativa

*A imagem corporal e a imagem sensível que fazemos de nós mesmos como pessoas dotadas ou não de sensibilidade, sensuais ou frias, tensas ou descontraídas, calorosas ou frias, é em grande medida baseada em nossas experiências táteis durante a infância, subsequentemente reforçadas por nossas experiências ao longo da meninice. A pele dos que foram submetidos a carências táteis está “desligada” para as experiências que agradam aos que tiveram satisfação tátil. O indivíduo desligado pode estar tão tenso a nível cutâneo que ele chega a recuar ao mais leve toque. [...] Para tais pessoas, há uma sensação de endurecimento por toda a pele, como se estivessem usando uma roupa mal ajustada ou estivessem metidas numa armadura da qual, mesmo que o desejassem, não conseguiriam se safar. O sentimento e a sensação de estar “encouraçados” geralmente dão a tais pessoas uma impressão de invulnerabilidade diante das tentativas do mundo externo de assediar seu ego. [...] Em alguns casos, ele realmente gostaria de se “sentir mais vivo”, mas infelizmente não sabe como. [...]*

*As pessoas insensivelmente alheias às necessidades humanas, que ficaram tão “duras” que não estão mais em contato com a condição humana, não o são apenas a nível metafórico: fisiologicamente também estão claramente endurecidas.*

O ser humano precisa de afeto, o corpo/mente/espírito precisa de afeto. Se a pele se alimenta do toque<sup>19</sup>, do contato, o espírito também se nutre de ternura, de amor, de carinho, de compaixão. Quero dizer que o ser humano, enquanto ser inteiro e no sentido de seu potencial de completude ou integridade – no que concerne o desenvolvimento de todas as suas faculdades de maneira integrada e potente – necessita de um entorno acolhedor e de relações afetivas que nutram sua sensibilidade, sua afetividade, sua amorosidade, seu potencial de empatia, compaixão e solidariedade. Sendo essa uma via de duas mãos, no sentido da aptidão para receber e dar, que, de fato, estabelece uma rede aberta de potencial afetivo pela vida, em todas as suas dimensões. Abertura que possibilita, também, gerar a curiosidade, o desejo, o amor e o entusiasmo pelo conhecimento.

Nesse sentido, entre outros aspectos que apresento a seguir, a busca por uma perspectiva e uma compreensão do conhecimento como processo desde a sensibilidade – desde a ternura e do amor pela vida, desde as vivências, relações e experiências do viver, dos fenômenos naturais, sociais e culturais – se coloca como um caminho orgânico e legítimo, no reconhecimento dos Saberes do Corpo. No reconhecimento e na tessitura de saberes pelas vias da corporeidade. Falo da tessitura de vivências em saberes, de saberes em conhecimento, pelas vias do ser feto, do afeto, do ser gesto vivo, na gesta-ção, do sensível, da sensação, da ternura, da terna alegria de ser vida. *Pelas vias da afetividade que move o ser/estar/existir/fluir/relacionar-se no mundo. Trata-se, portanto do conhecimento vivo, afetivo, da vivência incorporada, pelo con-tato, pelo afeto, pelo encontro sinestésico, pela experiência transcorpórea<sup>20</sup>, pelos saberes compartilhados, coletivos.*

A vivência prático-teórica, na construção e transmissão do conhecimento, pela corporeidade – como a que está proposta nessa investigação – é algo comum e fundamental no território de práticas e artes do corpo em movimento, especialmente aquelas relacionadas aos enfoques da dança educativa moderna, da dança contemporânea e de práticas terapêuticas como as que, hoje, são chamadas de práticas somáticas. Assim, nesse sentido, trata-se de um lugar meu conhecido. Porém, a entrada ou o reencontro com esse território, meu lugar de fala profissional – trazendo a perspectiva e o desafio de uma pesquisa acadêmica – era algo completamente novo para mim. E, o campo de estudos das performances culturais me pareceu um campo extremamente promissor, especialmente no que concerne a perspectiva de um campo

---

<sup>19</sup> Sobre o tema recomendo o livro *Tocar: o significado humano da pele*, de Ashley Montagu.

<sup>20</sup> A noção de transcorporeidade nasceu em ressonância com a perspectiva de uma metodologia intuitivo-criativa, desde a corporeidade. Ambos elementos gerados e constitutivos no desenvolvimento da investigação performativa apresentada a longo do corpo desse trabalho.

em construção, com a premissa de desconstruções de paradigmas, dogmas, cânones, perspectivas e de acolhimento criativo de novos caminhos de investigação e formulação de saberes. Proposta que inclui acolher contradições e que propõe de início manter-se sempre em movimento de questionamento e transformação.

Nas palavras de Richard Schechner, um dos fundadores do campo, no texto *Qué son los estúdios de performance y por qué hay que conocerlos*:

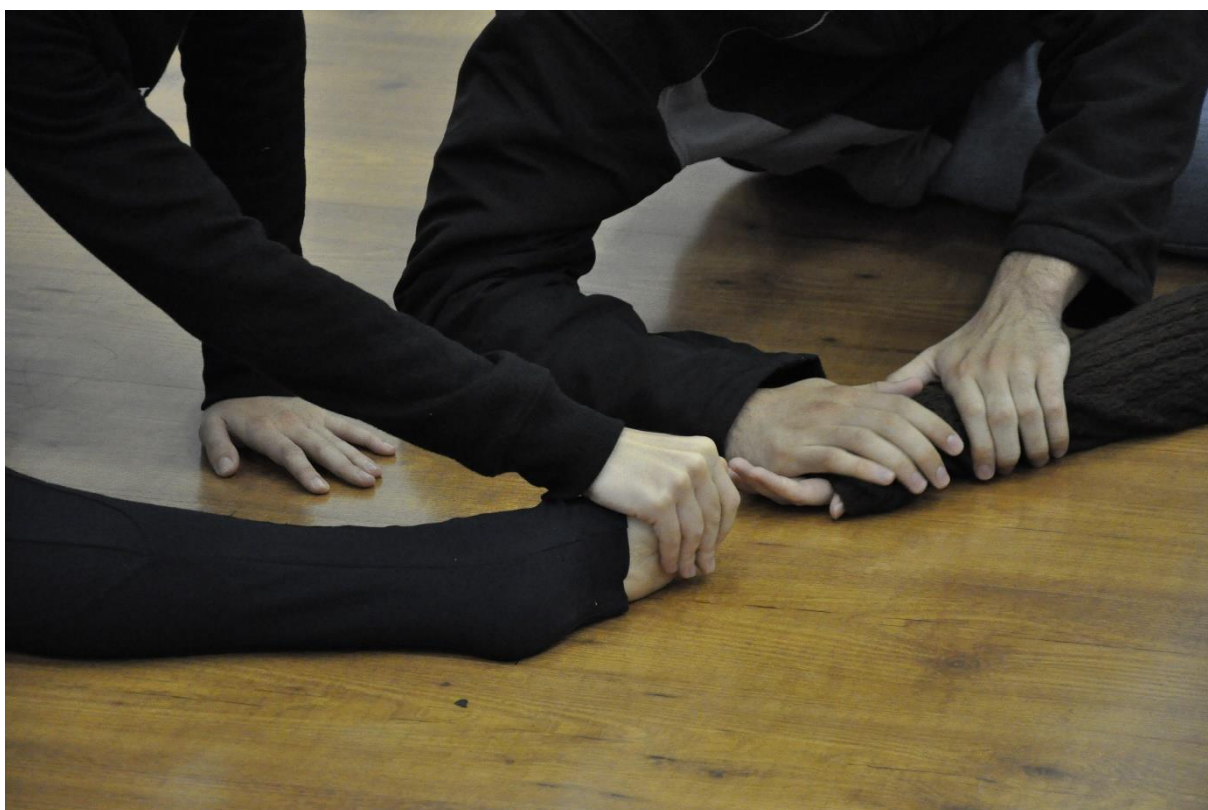
Los estúdios de la performance toman sus instrumentos de las ciencias humanas, biológicas y sociales; de la historia, de los estúdios de género, del psicoanálisis, etcétera. Es un campo que agresivamente “toma prestado” de muchos otros, una disciplina interdisciplinaria. [...] El continuum es de final abierto. Las categorías que he incluido son al mismo tiempo “definidas” e “indeterminadas”. [...] Los estúdios de performance son “inter” - en el medio, intergenéricos, interdisciplinarios, interculturales - y por eso, inherentemente inestables, resistiendo y rechazando toda definición fija. La “pureza” no constituye un valor. El campo es más dinámico cuando opera en el teatro y la antropología, el folklore y la sociología, la historia y la teoría de la performance, los estúdios de género y el psicoanálisis, las instancias reales de performance y la performatividad, etcétera - con el tiempo, se añadirán nuevas intersecciones y se abandonarán las que resulten anticuadas. [...] Los estudios de la performance son inclusos, abiertos, multívocos y auto-contradictorios. [...] Los estúdios de la performance trabajan con - y a través de - la miríada de puntos de contacto y yuxtaposiciones, tensiones y lugares sueltos, separando y conectando seres humanos y las telas de significación que nuestra especie sigue tejiendo. (SCHECHNER, 2000, p. 11-15).

O primeiro desafio se compôs, intuitivamente, no sentido do desenvolvimento de uma *corporeidade investigativa* que se integrasse ao território dos saberes do corpo, o máximo possível em uma relação orgânica de pertencimento e conexão, de convivência e atravessamento sensível, afetivo, perceptivo, criativo, de proximidade, contato, interação e do que eu viria a nomear depois como transcorporeidade. Desenvolver a pesquisa teórico-prática desde/na/com/pela a corporeidade em movimento, na e pela experiência no território colocou-se, desde o início, como um caminho necessário. Ou seja, assumi o pressuposto de que, tendo a prática como eixo e *locus* da pesquisa e seguindo a práxis das artes do corpo, *parte fundamental da pesquisa teórica poderia e deveria ser desenvolvida prioritariamente na experiência de campo*. E assim foi.

Os primeiros dois semestres de investigação de campo aconteceram na Faculdade de Licenciatura em Dança da FEFD/UFG, em Goiânia, nas disciplinas de Estudos introdutórios em Laban e Improvisação e composição, respectivamente. As aulas que acompanhei, ministradas pela labaniana Elisa Abrão – amiga do coração e professora generosa e competente – foram com a turma do primeiro ano. Turma recém-chegada, a descobrir e desvelar esse multiverso de saberes e a se desvelar, (re)conhecer, recriar(-se) no território. Contexto propício para iniciar a investigação. Importa aqui dizer que, as sementes da compreensão e tessitura dos

elementos metodológicos que progressivamente se desenvolveram foram plantados nesses dois semestres que, para mim signi-ficaram, também, um re-encontro com o território, agora um tanto estranho e incômodo, que costumava ser meu Lar. Um tanto estranho e incômodo após alguns anos de academia e sedentarismo.

Figura 20 - Experiência de Campo – FEFD/UFG.



Fonte: arquivo pessoal.

O fato, fundamental para esse trabalho, de que o conhecimento, necessariamente, passa pela corporeidade, pela afetividade e pela imaginação – entre outras e múltiplas dimensões do conhecer – é uma compreensão aparentemente óbvia, mas que foi negligenciada e negada na práxis dos últimos séculos da história das ciências. Esse momento inicial da pesquisa de campo me trouxe a possibilidade de relembrar na pele, músculos, ossos, movimentos e corporificar a experiência desses, entre inúmeráveis saberes em movimento no corpo sensível. Fundamental para que voltassem a representar um *conhecimento da experiência*, mais que um conhecimento teórico, ou adormecido na minha memória corporal.

Nesse multiverso de saberes em movimento do território, encontram-se saberes específicos da corporeidade, que hoje podem ser resgatados e desenvolvidos pela experiência sensível, consciente e criativa em técnicas, sistemas e práticas contemporâneas específicas. Mas, também, abrem-se nesse mesmo território da corporeidade espaços/tempos/fluxos de

conexões com saberes ancestrais, originários, saberes da tradição oral e da experiência popular; assim como torna-se possível conectar saberes da experiência do cotidiano, secularmente acumulados e repassados através das gerações, entre saberes e conhecimentos que vão se construindo dia a dia, entre gestos, contatos e movimentos.

Figura 21 - Experiência de Campo – FEFD/UFG



Fonte: arquivo pessoal.

Entendo que *a riqueza de saberes e pluricidade ou multiversidade de saberes que se entretecem no território das artes do corpo é uma das principais características que torna indispensável e premente a conquista/construção do lugar/lugares/espço/tempo/fluxo desses saberes nas instituições de ensino e nos processos formativos*. Uma das premissas que norteou essa pesquisa. Mas há inúmeras outras características, vivas em tais saberes, que esbarram constantemente em paradigmas e tabus instituídos nos meios acadêmicos – assim como se estabeleceu e foi instituído “o método científico”, aceito e consagrado desde a colonização Europeia pelo planeta. Neste sentido, entendo que nunca é demais retomarmos a reflexão sobre o que faz com que continuemos a reproduzir hegemonicamente tal modelo e estrutura de construção do conhecimento – desde então institucionalizado e socialmente reconhecido como o único realmente válido – renegando os outros conhecimentos e saberes, não eurocêntricos e

não logocêntricos à um plano inferior, ao lugar marginal, de exclusão, silenciamento e/ou subalternização.

Tal perspectiva e prática secular, estrutural – oculta sob a lógica do método científico ocidental como modelo único de racionalidade – assim como as crenças e dogmas desenvolvidos a partir desse olhar, se enraizaram institucional e culturalmente, passando a fazer parte, a meu ver, do que Rolnik chama de “política de subjetivação do regime colonial-capitalístico” (ROLNIK, 2018, online). Dessa maneira, entendo que a universidade – enquanto instituição acadêmica, em suas hierarquias, regras e dogmas – tem fortalecido o “corte do acesso à nossa condição de viventes” (ROLNIK, 2018, online), que como mostra Rolnik é intrínseco a esse megaempreendimento colonial, em sua política de subjetivação. O que faz com que o questionamento dessa condição, do meu ponto de vista, se coloque premente ao se pensar as realidades dos corpos/corporeidades/existências na contemporaneidade.

Figura 22 - Desenho vivo



Fonte: arquivo pessoal.

Nesse contexto secular e ainda atual, penso que, ainda que a vida vibrante/pensante em parte proporcionada pelos encontros e experiências frutíferas nos espaços universitários – como deveria ser – tende e acaba sendo suplantada por essas forças e mecanismos estruturais de manutenção do colonialismo externo e interno e da colonialidade como regime hegemônico.

*Fenômeno que, repito, do ponto de vista dos saberes do corpo, molda, adentra e determina a formação das corporeidades/subjetividades ocupando, marcando e (de)formando os imaginários, os inconscientes, as sensibilidades, as mentalidades, existências e relações dos indivíduos e dos corpos sociais, em massa, pelo planeta. O que determina, ainda, a (de)formação de todas as corporeidades/subjetividades/pensamentos de corpos-docentes, em massa, nos mesmos moldes coloniais, subalternos, adestrados e eficazes na reprodução da lógica, dos moldes e fazeres “colonial-capitalísticos” (ROLNIK).*

Ainda que esta tese não pretenda, tampouco deixa de ser, entrelinhas, um manifesto, ou um chamado à reflexão em relação à dominação cultural, política e econômica da modernidade colonial que continua imperando como realidade hegemônica nas universidades e espaços de ensino e pesquisa. Desde os mais de 30 anos de práticas de ensino, no território dos saberes do corpo, entendo que, ao menos institucionalmente, nos espaços de produção de conhecimento, essa realidade merece ser enfrentada com a seriedade e transparência que merece, radicalmente, e sem mais delongas. Não pelo fato de que o território dos saberes do corpo, seja uma entre as constelações de saberes excluídos. E não me refiro a existirem ou não cursos de artes e de dança e práticas corporais. Me refiro ao que se espera e se exige dos alunos em termos de “produção acadêmica”. E, que fique claro uma vez mais, não se trata, absolutamente, de negar, excluir ou denegrir o modelo científico eurocêntrico tradicional.

Mas, trata-se sim de perceber que as tantas contribuições científicas e tecnológicas da ciência moderna, que vieram no bojo dessa invasão e dominação cultural, neste ponto, merecem e necessitam se abrir e se beneficiar com diálogos e entrelaçamentos criativos, entre outras perspectivas e práticas de construção e/ou experiências de saberes. Saberes oriundos de outras fontes, tradições e matrizes epistemológicas, entre os quais os saberes tradicionais que compõem a cultura brasileira, como apontam Luciana Hartmann, José Jorge de Carvalho, Renata de Lima Silva e Joana Abreu, no artigo *Tradição e tradução de saberes performáticos nas universidades brasileiras*:

As universidades brasileiras foram constituídas tendo como modelo as universidades europeias modernas e, para isso, operaram sob o signo de uma dupla negação, científica e cultural. Nesse processo, foram excluídos os saberes científicos e tecnológicos dos nossos povos tradicionais – indígenas, afro-brasileiros e quilombolas – e também as tradições culturais, inclusive populares, dos nossos povos e comunidades, como se o ambiente universitário comportasse apenas as expressões culturais de cunho ocidental associadas com a modernidade e com uma ideia de erudição – música erudita, teatro, artes plásticas, dança moderna, cinema etc. (HARTMANN *et al.*, 2019, p. 10).

Artigo em que debatem “a inserção de saberes das tradições populares” nas universidades brasileiras e apontam experiências, metodologias e estratégias possíveis, no sentido de conceber e compreender “a potencialização do encontro desses dois mundos, bem como com a possibilidade de reconhecimento da importância dos saberes tradicionais como uma referência para o ensino, a pesquisa e a extensão nas universidades, especialmente no que tange às artes da cena.” (HARTMANN *et al.*, 2019, p. 10-11). Neste contexto, vejo como fértil e inspiradora a relação de entrelaçamento entre campos de saber e, insisto, acredito que, assim como as ciências das artes, o campo dos estudos da performance represente, atual e potencialmente, um dos terrenos mais férteis de insurgência e re-existência, no sentido de construir espaços de retomada e valorização de outros lugares de saber ainda periféricos e invisibilizados nos processos de formulação de conhecimento, especialmente no que se refere as elaborações do conhecimento.

John Dawsey, antropólogo e pesquisador das performances culturais, em seu artigo *Sismologia da Performance*, ainda que não pretenda abarcar o campo de estudos da performance como um todo, traz a ideia deste campo como “um universo que se considera em expansão e descentrado” (DAWSEY, 2007, p. 530). Nas palavras do autor,

O conceito de performance adquire formas variadas, cambiantes e híbridas. Há algo de não resolvido neste conceito que resiste às tentativas de definições conclusivas ou delimitações disciplinares. Aquém ou além de uma disciplina, ou, até mesmo, de um campo interdisciplinar, os estudos de performance se configuram como uma espécie de anti-disciplina. A partir de diferentes campos do saber e expressão artística – desde o teatro e artes performativas, à antropologia, sociologia, psicanálise, linguística, pesquisas sobre folclore, e estudos de raça e gênero – formula-se o conceito de performance. (DAWSEY, 2007, p. 529).

Revertendo a espiral e retomando o assunto anterior, em outras palavras, trata-se, sim, no escopo desta pesquisa, de reivindicar e abrir espaços para o potencial criativo e construtivo na relação entre tantos saberes vigorosos, vivos e fecundos. Saberes que pulsam, ganham vida e se manifestam criativa e vigorosamente nas corporeidades e coletivos nos lugares de aprendizagem como as aulas de Laban e Improvisação ministradas por Elisa Abrão. Saberes, como disse, ainda à margem na grande parte das instâncias e espaços dos processos de construção e transmissão de conhecimento. Saberes que fazem parte de nossas práticas e conhecimentos ancestrais, culturais, cotidianos etc., e que continuam silenciados, inferiorizados e muitas vezes alijados das instituições acadêmico-científicas, por essa mesma lógica determinantemente onipresente.

Nas palavras da pesquisadora doutoranda e docente Rosilene Tuxá, na mesa *Fala Parente! Mulheres indígenas na pesquisa antropológica* do ciclo de Webinários do CLII – Da

rede a rede, promovido pela Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá:

Assusta-nos, e me assusta muito mesmo, o fato de que pessoas possam desejar extrair, pessoas possam desejar reivindicar posses de nossos modos de conhecer, posses de nossa imagem, das coisas que criamos e produzimos e, ao mesmo tempo, o fato de rejeitar as pessoas que criaram, rejeitar as pessoas que desenvolveram tais ideais. Sobretudo negando-nos oportunidades para sermos criadores de nossas próprias culturas, de nossas próprias nações e de sistematização de nossos próprios conhecimentos. A gente vê muito isso, ainda, em Universidades que negam, né, o direito a oportunidades aos povos indígenas. Infelizmente! Convivemos com pessoas na academia que pensam e agem dessa forma. Porque, *infelizmente, existe um racismo institucional muito acirrado no mundo acadêmico. E que não permite que nós, povos indígenas, sejamos os produtores de nossos próprios conhecimentos*. Vale salientar que essa minha fala, ela não é uma fala generalizada; porque nós reconhecemos também os parceiros da academia. Os parceiros que têm proporcionado outros olhares, que têm proporcionado outros fazeres, para nós povos indígenas. [...] *é preciso saber que, práticas vinculadas há séculos que antecederam aos dias atuais, que antecederam a contemporaneidade, ainda sejam empregadas para negar a legitimidade das reivindicações dos povos indígenas*. (TUXÁ, 2020, 41'40'', grifo nosso).

Tuxá ressalta também a dificuldade que existe nesses espaços da ciência e no campo da antropologia que se configura, em sua visão e experiência, ainda como uma disciplina colonizadora, elitizada, branca e majoritariamente masculinista, Disciplina em que ainda impera a visão do indígena do lado do sujeito pesquisado e o que essa realidade traz enquanto desafios por exemplo no sentido de reivindicação das próprios ideais, perspectivas e epistemologias. “A academia exige um padrão de escrita, exige um padrão que nós temos que desconstruir [...] para que de fato a nossa pesquisa fique fidedigna com os nossos pressupostos metodológicos e epistemológicos enquanto mulheres pesquisadoras indígenas (TUXÁ, 2020, 51’).

Na mesma mesa, Adriana Kaingang, mestre em antropologia social e doutoranda em história trouxe entre outros o fato, a meu ver bastante sintomático, da obrigatoriedade de proficiência e leitura em outras línguas europeias (em seu caso o inglês e o francês); ao mesmo tempo em que as línguas nativas não são sequer consideradas. Por outro lado, como conta, os mesmos professores, antropólogos não indígenas vão a campo com tradutores e se autorizam a escrever e “produzir conhecimento” sobre os povos indígenas, sem qualquer constrangimento ou reflexão a respeito. São inúmeros os exemplos desta realidade, que, muito em função do sistema de cotas e da inclusão de povos indígenas e quilombolas por exemplo, começa a se transformar.

Transformações ainda lentas que têm sido reivindicadas e conquistadas, passo a passo, pela força e união de movimentos de resistência. Proporcionando o alvorecer e o início do

desenvolvimento de novos espaços, olhares e novas práticas; transformado quicá progressivamente, à cada gesto, à cada passo e movimento o panorama dessa realidade secular colonial. Realidade, contudo, complexa e contraditória, para todas e todos que a vivenciamos, dentro e fora das instituições, em nosso cotidiano e, principalmente, em nossa constituição subjetiva, coletiva, existencial. Em nossa corporeidade individual e coletiva.

Clifford Geertz, em sua proposição de *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*, discutindo criticamente o fazer do antropólogo dentro da lógica “ele observa, ele registra, ele analisa” (GEERTZ, 1978, p. 14), desenvolve o que me parece de certa forma complementar a questão defendida pelas antropólogas Tuxá e Kaingang, sob outro ponto de vista e com outras palavras, em busca de um outro tipo de envolvimento, presença e representação na análise antropológica:

A situação é ainda mais delicada porque, como já foi observado, o que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é o discurso social bruto ao qual não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender. Isso não é tão fatal como soa, pois, na verdade, nem todos os cretenses são mentirosos, e não é necessário conhecer tudo para poder entender uma coisa. Todavia, isso torna a visão da análise antropológica como manipulação conceptual dos fatos descobertos, uma reconstrução lógica de uma simples realidade, parecer um tanto incompleta. Apresentar cristais simétricos de significado, purificados da complexidade material nos quais foram localizados, e depois atribuir sua existência a princípios de ordem autógenos, atributos universais da mente humana ou vastos, *a priori*, *Weltanschauungen*, é pretender uma ciência que não existe e imaginar uma realidade que não pode ser encontrada. A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento de sua paisagem incorpórea. (GEERTZ, 1978, p. 14).

Desde esse olhar, entendo que, em princípio, o mesmo acontece em relação à formulação do conhecimento em todos os campos e aspectos das ciências humanas e sociais. O que parece, segundo o relato de Tuxá e Kaingang, não importar aos sujeitos que assumem o protagonismo de ataque em relação a tudo o que pareça representar uma ameaça as estruturas, paradigmas e lógica colonial-capitalista da ciência moderna. A pergunta que se coloca neste ponto é: o que perdemos quando separamos ciência e arte, racionalidade e sensibilidade/afetividade, objetividade e intuição, natureza e cultura, por exemplo?

Enquanto nos sustentamos nas antigas estruturas, nos padrões e posturas enrijecidas, com pouca oxigenação e movimento – em nome da segurança, da clareza e de certezas que, supostamente, são garantidas pelo método tradicional – continuamos vivenciando e (re)produzindo os mesmos hábitos e modelos, inclusive de pensamento e raciocínio. Limites aos quais tendemos a nos agarrar, de dentro dos nossos hábitos mecanizados e repetitivamente

incorporados em nossas couraças e crenças, ou a combater, de qualquer modo, desde nosso Ser colonial. Falando de nossa condição de povos, corpos e culturas colonizadas e subalternizadas, agora especificamente na América Latina, somos essa mistura de cores, essa mistura de culturas que nos compõe, essa realidade transcultural que compõe nossas corporeidades/existências e nossa condição coletiva, nossa transcorporeidade genética e histórica. Condição fundamentalmente conflituosa e contraditória. Como nos fala lindamente Gloria Anzaldúa, em seu artigo *La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência*:

Dentro de nós e dentro de la cultura chicana, crenças arraigadas da cultura branca atacam crenças arraigadas da cultura mexicana, e ambas atacam crenças arraigadas da cultura indígena. De forma subconsciente, vemos um ataque contra nós e nossas crenças como uma ameaça e tentamos bloqueá-lo com um posicionamento contrário. Contudo, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido; fechados/as em um combate mortal, como polícia e bandido, ambos são reduzidos a um denominador comum de violência. O “contraposicionamento” refuta os pontos de vista e as crenças da cultura dominante e, por isso, é orgulhosamente desafiador. Toda reação é limitada por, e subordinada à, aquilo contra o qual se está reagindo. Porque o “contraposicionamento” brota de um problema com autoridade – tanto externa como interna – representa um passo em direção à liberação da dominação cultural. Entretanto, não é um meio de vida. A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir. (ANZALDÚA, 2005, p. 705-706).

Porém, deixar uma margem ou outra não é tarefa fácil. Estar entre as margens tampouco. Encontrar uma comunhão possível que inclua as contradições, e, ao mesmo tempo, possibilite transformações e a criação de novos mundos, interna/entre/externamente coloca-se, a meu ver, como o grande desafio dos povos subalternizados e das corporeidades colonizadas. Parto do pressuposto, nesta pesquisa e desde minha experiência profissional, de que os caminhos possíveis se encontram nas dimensões da corporeidade, da presença, conscientização e emancipação das corporeidades/existências. Se o “saber-ser” e o *Dasein*, como propõe Zumthor (2104), colocam-se como competências próprias e necessárias ao processo do conhecer, entendo que seja preciso compreender e reconhecer que tais competências, entre outras, acontecem através da presença e da experiência – pelo ser e saber do corpo.

## 2.2 07/12/16 – Floresta Viva em que me embrenho

Lendo sobre cartografias, como método ou anti-método, ou como quiseram Deleuze e Guattari, “Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020, p. 7). Em vez de termos “um caminho pré-determinado pelas metas dadas de partida”, podemos construir as metas ao caminhar...

Daí me lembrei da pesquisa de campo, a pesquisa empírica que não soube se pré-definir, se participativa, se movimento de observação e registro em sintonia e afinação, apenas pela presença receptiva, respeitosa, cuidadosa, cúmplice e carinhosa no grupo...

Até quase o final do que considero a primeira fase da pesquisa empírica (dois semestres de observação, registro fotográfico e participação/integração), eu ainda não sei o que é ou o que tem sido ou está sendo esta pesquisa. Mas, sem dúvidas ela tomou, em muitos momentos a qualidade de pesquisa-intervenção (noção da pesquisa cartográfica), na medida em que Elisa, professora da disciplina e amiga de coração, me convidava, estimulava e por vezes quase intimava a participação direta e a integração, nas atividades, nas discussões, e nas substituições assumindo a condução das aulas, quando ela não podia estar.

Muitas e tantas coisas teria eu a contar desse processo, fértil e prazeroso em acompanhar a Elisa e a turma de primeiro ano do curso do Licenciatura em Dança da UFG. Coisas que, porém, me escaparam nos processos de vida que invadiram a pesquisa, o que inclui o momento atual, posterior a escrita deste relato, que foi o momento da escrita da tese, nos primeiros meses da pandemia. Mas, principalmente, coisas que fizeram com que o questionamento e problematização do fazer acadêmico se tornasse mais importante, no escopo da minha pesquisa, do que falar sobre os saberes do corpo. Reivindicar direitos, respeito, reconhecimento e espaços para criar e nutrir novos caminhos descoloniais.

Assim, retomando a leitura daquele momento, do livro *Pistas do Método da Cartografia*, vim contar o quanto me identifico com a proposta de Deleuze e Guattari, no sentido da construção das metas da pesquisa, enquanto caminho, imersa no campo em que mergulho. Neste sentido, compreendo que jamais poderia mesmo chamar meu tema, minha busca na pesquisa, de objeto... sem dúvidas, trata-se mais de um campo, ou melhor, parafraseando Victor Turner, de uma Floresta Viva em que me embrenho, com todo o meu ser, e, mesmo com a intenção de não traçar previamente metas, mas sim clarear, sempre de novo, em cada momento presente, o que me move e o que me inspira no caminho; como o caminho

me move e me inspira, e, nesse caminhar, me entregar de corpo e alma à relação com a Floresta, a Vida nela, ela em Mim.

Nesse processo sou (trans)formada e (trans)formo, nos transformamos em movimento sistêmico, complexo, vibramos juntos, com um rizoma(?).

Quanto ao “rigor” que se espera de uma pesquisa acadêmica, me sinto contemplada mais uma vez na introdução do livro das Pistas: “O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020, p. 11).

Quanto mais lia sobre cartografia como perspectiva metodológica (acho incoerente chamar de método), tanto mais percebia nessa forma de aproximação e de relação com a pesquisa elementos que fazem sentido para mim, que eu já desejava, intuía e buscava. É um processo de identificação do tipo (re)aprender aquilo que, de alguma maneira já se sabe ou ao menos se intui. Pensar em cartografar como “habitar um território existencial” tem tudo a ver com o meu desejo em relação à prática/ética/perspectiva em uma pesquisa.

Quando comecei a ler, a cada palavra identificava elementos, noções e olhares confortáveis, de alguma maneira conhecidos, que me inspiram, contemplam a minha compreensão do processo de pesquisa com o qual posso me identificar.

Me ocorre agora, que essa intimidade inesperada com a perspectiva metodológica da cartografia, vem da vivência das pesquisas em artes, território em que me sinto em casa, lugar de experiência em que me (re)descobri mais que sujeito. Terreno em que de sujeito/assujeitado, me reconstitui pessoa, pessoa humana com possibilidades de integridade. Território de imensidão metodológico-criativa em que me descobri pessoa potencialmente inteira, inteiramente transitada pela vida e em trânsito...

Trânsito de vida, porém, complicada, complexa que atravessa a transcorporeidade que somos sem pedir licença e revelando o indesejado, indesejável de nós nesse sistema.

### **2.3 Germinar possível de uma teoria viva em movimento**

Maurice Merleau-Ponty, em sua última obra, *O olho e o espírito* (2014), gozando da sabedoria e da liberdade, que a maturidade pode trazer, expressou com grande clareza e acuidade – dispensando retóricas diplomáticas ou papas na língua – suas críticas ao academicismo praticado na ciência moderna. Afirmo, sem rodeios, que a ciência manipulando a realidade, a transforma e molda a seu bel prazer, independente das coisas em si – do mundo real e seus elementos – fazendo delas o que quer que lhe interesse fazer. Lhes dá nome, forma

e significação de acordo com o que lhe apeteça. Gera uma lógica autônoma e artificial que é, então, imposta como verdade à sociedade. Em suas palavras: “*A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las. Estabelece modelos internos delas e, operando sobre esses índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se confronta com o mundo real.*” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 11, grifo nosso).

Por outro lado, nesse mesmo texto, o autor acima de tudo, parece fazer “uma ode” a outras maneiras de se relacionar com o conhecimento. Se utiliza de uma linguagem mais livre, plena de imagens sensíveis, de perspectivas estéticas e poéticas – especialmente se comparada, por exemplo, à sua obra consagrada – *A fenomenologia da percepção* – cuja narrativa não apenas segue os preceitos e dogmas acadêmicos da ciência moderna, como abusa das possibilidades de estender infinitamente o exercício da retórica, do abstracionismo exagerado e do rebuscamento intelectual, possível, e muito utilizado na prática acadêmica, ao que comecei a chamar de bláblábesco.

Em seu último trabalho, porém, o autor insiste em problematizar esse lugar de “absoluto” quanto à “*situação de conhecimento do cientista, como se tudo o que existiu ou existe jamais tivesse existido senão para entrar no laboratório.*” Postura que oculta não só a perspectiva e autoria humana da ciência, como exclui outras formas de cognição e produção de conhecimento, gerando uma prática que não só leva os indivíduos à situação do que o autor chama de “*manipulandum*”, como institui um “*regime de cultura em que não há mais nem verdadeiro nem falso no tocante ao homem e à história, num sono ou num pesadelo dos quais nada poderia despertá-lo.*” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 12, grifo nosso).

Entendo que a relação que Merleau-Ponty faz entre a arte e a ciência, tem mais importância no sentido de valorizar as características próprias dos saberes artísticos, sensíveis, intuitivos e estéticos como caminho de compreensão e de conhecimento, como potencial fértil de ilustração e interpretação da vida e do mundo, do que de simplesmente depreciar e evidenciar as limitações das práticas científicas. Imagino que o seu desejo maior nesse sentido seria o de que as ciências pudessem, um dia, se abrir ao potencial de desvelar e interpretar a vida, o mundo, os fenômenos e o conhecimento, com algo do inefável próprio à existência, da maneira que a arte permite.

Após esclarecer sua premissa, Merleau-Ponty começa a introduzir a perspectiva que é central neste texto, cujo embrião foi lançado em *A Fenomenologia da Percepção*. Leva o corpo, os sentidos e a corporeidade, para o centro da noção de percepção, reconhecimento e conhecimento do mundo, pelas habilidades próprias do humano, ou seja, reconhecendo a relevância e o papel fundamental da corporeidade e dos sentidos, no processo cognitivo e para

as ciências. Enfatiza, ainda, ser de fundamental importância o reconhecimento de que a ciência é criação da humanidade, e não, um processo de descoberta do que está dado na natureza. Criação que é produção do ser humano, do pensamento e articulações do ser humano, de como os cientistas, em cada época, conseguem conceber a realidade. Sendo, portanto, inevitavelmente, uma interpretação, um constructo pleno de subjetividade.

Assim, em *O olho e o espírito* o autor se utiliza de uma linguagem mais simples e direta, própria de uma descrição sensível, intuitiva e, em muito, cinestésica da realidade e dos fenômenos com que se envolve. Anuncia o envolvimento perceptivo e cognitivo que parece revelar um encontro real, afetivo e existencial com o território e elementos a que se propõe conhecer e desvelar. Um reencontro com a fenomenologia da percepção, eu diria, agora desde a integridade de sua corporeidade e existência. No prefácio do livro citado, Claude Lefort descreve esse movimento de transformação, expresso claramente na linguagem narrativa construída pelo autor, revelando, possivelmente, um ressignificar na relação de Maurice com o próprio conhecimento:

Aqui, o discurso se libera das coerções da teoria. *Essa celebração do corpo* – em que se agarra o pensamento de sua inevitável, fulgurante desintegração – transmite algo da presença daquele que fala e de sua perturbação. Adivinhamos, para além do deslumbramento que a arte do pintor lhe proporciona, *esse primeiro deslumbramento que nasce do simples fato de vermos, de sentirmos e de surgirmos, nós mesmos, aí – do fato desse duplo encontro, do mundo e do corpo, na origem de todo saber e que excede o concebível.* (LEFORT, 2014, Prefácio, p. 7, grifo nosso).

Acredito que, enquanto leitores, temos o privilégio de ser testemunhas do relato de um momento liminar na vida de Merleau-Ponty. Acompanhamos, uma espécie de rito de passagem na existência do sujeito autor/cientista, expressos no movimento criativo singular e vibrante de sua escrita e nas qualidades cosmogônicas dessa narrativa específica. Uma obra prima que o autor nos deixa, como um legado precioso, em sua despedida.

Nesse trabalho delicado, que me moveu como uma grande obra, Merleau-Ponty parece mergulhar no universo da percepção, agora com todas as faculdades de sua corporeidade, e sem amarras ou preceitos pré-estabelecidos por alguma norma externa. Em uma busca sincera e entregue de traduzir, interpretar e (re)criar a realidade que percebe, sinestesicamente conectado de maneira plena, com o que vivencia do entorno e quer dar a conhecer. Ou seja, numa espécie de experiência consciente da transcorporeidade em que existe e em que se dá o conhecer autor vai tecendo, espontaneamente e em fluxo livre, o relato da realidade, eu diria transcorporal, e dos fenômenos a que levou seu olhar. Fenômenos com os quais se dispôs a se encontrar,

sensorial e conscientemente, nessa observação, integração participante e imersa na natureza e na realidade de seu entorno.

Enquanto leitora, em minha performance de recepção, após algum tempo de afinação, me senti entrando em contato com o ritmo, as nuances e as qualidades, por vezes sutis e encantadoras e, em outras vezes, abruptas e vigorosas da surpreendente narrativa<sup>21</sup>. Narrativa integradora da transcorporeidade fenomênica.

Nesse estado de abertura e entrega ao canto do Maurice maduro e sábio, me percebi vivenciando, com uma qualidade sinestésica<sup>22</sup>, os movimentos expressos de suas percepções e das suas elaborações sensório-cognitivas. Me senti acompanhando, de mãos dadas, o grande autor no exercício de uma corporeidade plena e potente – independentemente de sua condição física – integrando suas faculdades cognitivas e o que eu chamaria de sua *consciência transcorpórea*, de forma plena, viva e pulsante. Algo que desejo utopicamente, e mais que desejar, algo que acredito, deveria ser/estar/fluir presente, e recorrente nos processos de construção de conhecimento, especialmente, nas pesquisas relacionadas às ciências e às artes do corpo em movimento.

Essa presença intuitiva, essa sensibilidade afetiva, e ainda uma gama de outros elementos próprios das constelações de saberes do corpo em movimento – como a perspectiva da transcorporeidade e o movimento de uma criatividade corpórea sensível, intuitiva e consciente – fazem parte dos principais desafios que almejei manter presentes no processo investigativo, desta pesquisa e para o que, utópica e indisciplinarmente, gostaria de poder contribuir também nesse momento/movimento narrativo.

## 2.4 Por uma corporeidade narrativa vigorosa da experiência

Porém, estou eu aqui, ainda que com todos os artifícios que continuo buscando para escapar um pouco dos cânones científicos, me sentindo atada a, e engessada em, uma estrutura, uma forma, um preceito, uma linguagem, ou seja, à necessidade imperativa de gerar “um produto”, em “formato de texto acadêmico” essencialmente amarrado às estruturas, formas e

---

<sup>21</sup> Surpreendente, especialmente, posto que pensara encontrar o austero e frio autor da Fenomenologia da Percepção, livro referência para o campo das artes, em especial das artes do corpo, que havia porém, decepcionado minhas expectativas revelando-se, demasiado hermético, cientificista e extremamente ausente de sensibilidade, percepção e corporeidade – na percepção desta estudiosa do corpo em movimento, que vos fala. Ao menos, para o que ele representa, no campo das ciências do corpo em movimento e das ciências das artes, em geral.

<sup>22</sup> A neurociência tem comprovado a característica curiosa da imaginação – que chamo aqui de qualidade sinestésica – que faz produzir no corpo processos bioquímicos similares aos que o corpo geraria se estivesse vivenciando fisicamente o que está sendo processado apenas na imaginação.

linguagem do método tradicional. Forma narrativa que acredito limitar as possibilidades de transmitir, traduzir, (re)criar a essência e o pulsar da experiência que almejo compartilhar como resultado desses quatro anos de dedicação à essa pesquisa. Segundo o antropólogo Victor Turner que, como já disse, junto com Richard Schechner, foi um dos grandes responsáveis por preparar e semear o terreno dos Estudos da Performance:

As escolas positivistas e funcionalistas de antropologia, em cujos conceitos e métodos fui inicialmente educado, deram-me apenas uma visão limitada da dinâmica dos dramas sociais. Eu podia contar as pessoas envolvidas, identificar seus papéis sociais e status, descrever seu comportamento, coletar, de outras pessoas, informações biográficas sobre elas e situá-las estruturalmente no sistema social da comunidade em que o drama social se dera. Mas esse jeito de tratar “fatos sociais como coisas”, como o sociólogo francês Durkheim orientou os investigadores a fazerem, ofereceu pouco entendimento sobre os motivos e as personalidades dos atores nesses eventos emocionais, “significativos” e saturados de deliberações. (TURNER, 2015, p. 14).

Inspirada em autores e investigadores que, como Turner, apontam e buscam outras maneiras de observar e representar os dramas sociais e as performances da sociedade, busquei caminhar também de modo a dar conta do que Turner encontrou na “postura básica delineada” nas propostas de Wilhlem Dilthey, postura que “depende do conceito de experiência (em alemão, *Erlebnis*, ao pé da letra aquilo que foi vivenciado)” (TURNER, 2015, p. 14). Ainda nas palavras de Turner:

Dilthey argumenta então, que, em seu aspecto formal, a experiência é mais rica do que aquilo que as categorias formais gerais podem dar conta. Não é que o sujeito que vivencia a experiência *imponha* ao mundo físico categorias como espaço, substância, interação causal e assim por diante, ou, ao “mundo da mente”, categorias como duração, liberdade criativa, valor, significado e outras. Na verdade, os dados da experiência são “instinto com forma”, e o trabalho do pensamento é extrair “o sistema estrutural” implícito em qualquer *erlebnis* distinguível ou unidade de experiência, seja isso um caso de amor, uma *cause célèbre* histórica, como o caso de Dreyfus, ou um drama social.

De acordo com Dilthey, as estruturas de experiência não são as “estruturas cognitivas” sem vida, estáticas e “sincrônicas” tão amadas pelos “estruturalistas de pensamento” que dominam a antropologia francesa já há tanto tempo. (TURNER, 2015, p. 15).

De qualquer maneira, entendendo que estamos em um outro momento da história e da antropologia, mas, principalmente que os estudos da performance já partem de outras premissas, outras perspectivas e fazeres nos processos de investigação e representação, trago estes exemplos com o intuito de problematizar as características coloniais que tendemos a reproduzir, seja pela internalização da colonialidade do pensamento ou pelas estruturas estáticas e herméticas ainda hegemônicas nos processos acadêmicos.

Dito isso, tenho buscado desde as primeiras reflexões e dos primeiros encontros potentes, uma narrativa que nascesse desse pluriverso de saberes, da corporeidade interpretativa

e criativa do autor pesquisador artista que sou, do sentido, da qualidade e dos saberes gerados nas vivências, encontros, construções e criações transcorporais que moveram a investigação, da experiência corporificada, do sentido e da essência que vibram e pulsam como construção de saberes no movimento desse processo investigativo – com as qualidades, nuances, interstícios, contradições, inefabilidade e potência – que são essencialmente presentes e peculiares ao território. Almejei, portanto, pela experiência da corporeidade ao longo do tempo/espço/fluxo/encontros/relações/descobertas/construções/desconstruções no processo – uma narrativa/linguagem/forma/fluxo que fosse capaz de trazer os movimentos, ritmos, qualidades, sabores do sensível, do afetivo, do intuitivo, do criativo, entre outros aspectos do universo da corporeidade e do território de saberes de que desejava tratar.

Ao longo da busca, silenciosa, que se tornou logo uma abertura receptiva, e depois foi se transformando em uma leve certeza de que esse movimento ou linguagem narrativa se desvelaria para mim, nunca duvidei, de que a linguagem deveria nascer do processo e de que o processo mesmo se me iria revelar. E, assim foi, pouco a pouco se desvelando o movimento narrativo que, em espirais ramificadas, e em múltiplas linguagens narrativas, daria voz à corporeidade, da maneira mais afim possível à sensibilidade e às qualidades estéticas e poéticas, entre outras, que lhe faziam jus. Porém, entre a ideia e a materialização da ideia, se manifestam anos luz. E, a cada tentativa, vinha uma queda, por vezes rasa e rápida, em outras em um abismo que parecia não ter fim.

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (KRENAK, 2019, p. 30).

E assim foi – inspirada por tantos pares que me tocaram e me acolheram, a cada queda vertiginosa – que decidi buscar, de alguma forma, nas possibilidades infinitas de um texto escrito em Word, uma narrativa possível, ainda idealmente desde a corporeidade, para falar das nuances, interstícios e transbordamentos dos saberes do corpo. Aqui se tece essa busca, com as contradições e microespaços de re-existência possíveis, continuando em movimento performativo indisciplinar contracolonial, mas, acima de tudo, desde a minha corporeidade investigativa desejan-te, rebelde e utopicamente re-existente.

A bailarina, performer e pesquisadora Ciane Fernandes, no texto *Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade, Integração* (2014), reforça em muitos sentidos o que vem defendendo em suas pesquisas e propostas, no PPGAC/UFBA; aspectos como a compreensão

do corpo como *locus* da construção do conhecimento e a assunção da corporeidade como eixo da pesquisa. A proposta da Pesquisa Somático-Performativa, aprofunda e traz outras perspectivas à proposta que Brad Hasemann, trouxe em seu *Manifesto para a Pesquisa Performativa* (2006) – uma das referências que inspirou especialmente a perspectiva metodológica inicial desta pesquisa. Hasemann, em seu Manifesto, conclama pesquisadores que atuam nas propostas de Prática como Pesquisa, as chamadas PaRs – Practice as Research, a se desprenderem das metodologias qualitativas e quantitativas e assumirem a prática não apenas como complemento, mas sim como método central e fundamental da pesquisa. Neste sentido Ciane afirma que:

As artes hoje têm meios de estabelecer seus próprios métodos e abordagens, atualizando contextos e desmontando preconceitos ultrapassados de pesquisa que nos usam como objeto para discutir mudanças dentro de formatos engessados, portanto sem condições efetivas para realizá-las. Assumindo nossos próprios métodos, nos tornamos sujeitos de nossa própria história, e podemos inverter essa lógica colonizadora e hegemônica e passar a influenciar os demais campos em meios e modos bem mais flexíveis e coerentes com uma (nova) realidade contemporânea. (FERNANDES, 2014, p. 78).

Foi, então, na busca da construção de um caminho que nascesse da minha experiência de pesquisa nas artes e práticas do corpo que, inspirada por estas e outras perspectivas metodológicas mais abertas, agregadoras e criativas – como a cartografia afetiva a que voltamos depois – é que segui um caminho essencialmente intuitivo e criativo desde os primeiros passos em campo. Tendo comigo a convicção, pressuposto desta pesquisa, de que abordagens semelhantes à proposta por Ciane, “propõe o desafio como estímulo ao crescimento ou mudança, tanto quanto o fazem a educação somática, a dança-teatro e a performance.” (FERNANDES, 2014, p. 82). Para mim, sob essa perspectiva de desafio ao crescimento e à transformação no próprio processo de investigação, é que a proposta da pesquisa somático-performativa ganha maior corpo e necessidade, ganha urgência enquanto uma postura política emergente e urgente na contemporaneidade rumo a uma ciência humanamente sensível, politicamente responsável e eticamente ecológica.

## **2.5 Memórias das perspectivas originárias e políticas que se entrelaçam na corporeidade insurgente da investigação**

*Que o enigma não seja, que o próprio enigma não consiga captar o Ser, a um tempo perfeitamente manifesto e absolutamente indizível: esse é agora o verdadeiro enigma, perante o qual a razão humana para, petrificada. [...] é importante que a representação pare um instante antes da*

*verdade; por isso, só é verdadeira a representação que representa também a distância que a separa da verdade.*

Giorgio Agambem

A origem desta pesquisa remonta a instantes remotos, entre tantos incorporados na minha memória muscular, afetiva e nas marcas da experiência vivida – alguns narrados no Movimento I deste trabalho. Fundamentalmente, o projeto de pesquisa remonta a uma urgência interna em relação ao desejo de integrar os saberes e práticas das artes e ciências do corpo entre as práticas e saberes a que todas e todos os seres humanos podem ter acesso, desde a primeira infância e enquanto respirarem. Ou seja, uma necessidade de lutar pela integração destes saberes do corpo sensível aos saberes e práticas cujo acesso universal deveria ser um direito, de fato, e uma prática incorporada ao cotidiano dos espaços de aprendizagem e formação; assim como nos espaços de “formulação do saber” – expressão escolhida pela filósofa e ativista Djamila Ribeiro, em *Pequeno manual antirracista* (RIBEIRO, 2019, p. 65).

Nesta mesma passagem, em que cita o alerta de Chimamanda Ngozi Adichie para o “perigo da história única”, Djamila questiona o fato “irrealista” de que “numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber.” E completa com outra dessas perguntas que não querem calar, e que correm as veias de grande parte de nós brasileiros, em nossa *corporeidade transcultural*: “É possível acreditar que pessoas negras não elaborem o mundo?” (RIBEIRO, 2019, p. 65). Aproveito a reflexão, fundamental e urgente, para derivar em relação à questão trazida pela filósofa, perguntando se é possível acreditar que o senhor que foi eleito para ocupar o cargo da presidência no nosso país hoje, em pleno século XXI, possa ter falado do peso de pretos quilombolas em arroba, comparando-os ao gado e completando que não servem nem mais para reprodução<sup>23</sup>.

E, sigo nas derivas que me assaltam a libido, perguntando: é possível que esse ser deplorável, não só tenha sido eleito, como continue ileso, e exercendo o posto de maior responsabilidade no nosso país – como se nada tivesse dito e como se nenhum crime houvesse sido cometido? Detalhe: diante do silêncio do nosso sistema judiciário e de nossa sociedade democrática que prevê em sua carta magna – a Constituição de 1988, em vigor – que racismo é crime. Mas, em variações nesta deriva pergunto ainda: é possível que este mesmo ignóbil

---

<sup>23</sup> Fala do então candidato, enquanto recebia aplausos de empresários, em palestra no clube Hebraica (clube de associados prioritariamente da comunidade judaica), no Rio de Janeiro, em 3 de abril de 2017. “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais.”, disse, sob risos da plateia de cerca de 300 pessoas.” Fonte: Site da Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>. Acesso em: 09 jun. 2020.

possa continuar lançando seus excrementos em forma de palavras e, já como presidente, afirmar que: “cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”<sup>24</sup>? Entre outros tantos descalabros, que temos visto e vivido, mas que – apesar de nos dar engulhos e de suscitar, em muitos, o pior de nós – não são novidade e fazem sim parte do racismo, do colonialismo e do capitalismo necropolítico – condições estruturais seculares arraigadas no nosso corpo social brasileiro e latino-americano, entre outros tantos territórios subalternizados à essa lógica da modernidade ocidental.

Pois é exatamente no contexto estrutural dessa sociedade moderna em que se inserem as pesquisas acadêmicas – e que se baseia na opressão, exploração, objetificação e mutilação dos corpos – que entendo a necessidade urgente de reivindicarmos os espaços de formação, de transmissão de saber e de produção do conhecimento, trazendo outras perspectivas e outras práticas possíveis, pelo coletivo e pela vida. Contexto – em relação ao qual jamais pude me acostumar – e em que foi crescendo a necessidade e a urgência em compartilhar, para além do nosso campo, aspectos da experiência nas artes do corpo, que potencializam as (trans)formações das subjetividades, corporeidades e existências. Aspectos que poderiam ser acolhidos nas instituições de ensino, suponho, contribuindo para processos de formação e construção de saber mais integrativos e integradores dos saberes e das faculdades humanas – diferentes do que rege o sentido da educação e da produção de conhecimentos na atualidade.

Falo de uma urgência em cultivarmos radicalmente práticas outras – críticas e questionadoras dos mecanismos e estruturas de exploração e domínio – difundidas na expansão, invasão e colonização europeia pelo planeta. Urgência que é secular e remonta mesmo aos primórdios desse estágio civilizatório da modernidade colonial. Porém, ainda assim continuamos subalternos e servis a essa lógica colonial que nos constitui interna e externamente, e que nos trouxe ao estado planetário e existencial que agora chamamos de Antropoceno; ou, nas palavras de Ailton Krenak, “mundos capturados para esse núcleo pré-existente de civilização” (KRENAK, 2019 p. 70).

E me identifico com Ailton, também quando ele revela uma certa pirraça na relação com esse estado de coisas, no sentido de que certamente não foram escolhas que faríamos tantos de nós subalternizados. A mesma pirraça que me moveu adiante, enfrentando as barreiras uma a uma, munida da convicção da experiência nas artes do corpo sensível e dessa libido e

---

<sup>24</sup> “As declarações do presidente foram feitas em vídeo gravado na 4ª feira (22 jan.2020) e transmitido em sua página no Facebook às 19h desta nesta 5ª feira (23.jan.2020), em substituição à sua tradicional *live* de todas as quintas.” Fonte: Canal Poder360, Youtube. Acesso em: 09 set. 2020.

sensibilidade ali generosamente vigorosas, sem lugar porém nos espaços oficiais de construção do conhecimento. Ainda com Krenak:

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. *Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela.* Tem alguma coisa dessas camadas que é quase-humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos. *Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida.* (KRENAK, 2019, p. 70. Grifo nosso).

Eu, como tantas e tantos que ousamos desejar dançar estranhamente nos espaços institucionais, pagamos logo altos preços. O que inclui as instituições de ensino superior e, em especial, as pós-graduações. Ouvimos vozes abusivas “autorizadas” e sentimos as ferramentas do establishment sobre nossos corpos nos acusando de dançar uma coreografia acintosa, indesejada e, acima de tudo, desqualificada. Passamos por momentos de assédio, de abuso, de agressão e violência moral, entre outras. Situações cotidianas, das mais sutis às mais óbvias e absurdas, muitas naturalizadas, nos mestrados e doutorados pelo país afora. São momentos em que podemos sentir o peso óbvio do patriarcado branco, misógino, racista, supremacista e epistemocêntrico em busca de esmagar não apenas nossa autoestima e nossa autoconfiança, mas de garantir o corte de nossas asas e de nossa liberdade, definitivamente, com a promessa de sermos retiradas e retirados de cena, caso não nos submetamos. O adoecimento, desistência e até índices de suicídio, especialmente nos casos de doutorado, revelam algo dessa realidade abafada e silenciada tanto pelo corporativismo entre os docentes, quanto pelo medo ou pelo instinto de sobrevivência entre os discentes.

Gostaria de evitar o tema, e, paradoxalmente, por questões éticas e políticas não poderia ignorar ou emudecer. Posto que tabu, entre os quais, responsáveis por (de)formar corporeidades/existências/pesquisas oprimidas e opressoras no meio acadêmico. Parte que me toca, em todos os sentidos, especialmente no sentido da transcorporeidade que incorporo. Transcorporeidade que me pulsiona a olhar para o tabu que faz com que uma realidade tão presente no cotidiano, e em conversas confidenciais entre discentes, permaneça silenciado na comunidade acadêmica e na sociedade. A dificuldade em encontrar artigos acadêmicos relacionados ao tema, ainda que existam, apenas confirma o poder do silenciamento, tão

estrutural quanto os abusos. Em artigo publicado na página da Associação Nacional de Estudantes de Pós-Graduação, *Quando a relação professor/estudante se torna abusiva na Pós-Graduação?*, em 11 de abril de 2017, Cristiano Junta, à época Vice-presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos, apresenta dados e reflexões sobre o assunto que reiteram relatos e vivências por que passei ou presenciei no mestrado e doutorado.

É notável que a tipificação dos casos de assédio na pós-graduação gerados a partir da literatura científica existente e das leis brasileiras que estudamos neste texto revelam fatos extremamente comuns no ambiente acadêmico. Dificilmente haverá um único estudante de pós-graduação que já não tenha ouvido falar de abusos de professores (e orientadores) contra estudantes – ou tenha ele mesmo sofrido com isso. (JUNTA, 2017, ANPG).

Por ver semelhanças quase fiéis ao que minha experiência na pós-graduação confirma, trago o exemplo de pesquisa realizada com estudantes da graduação, apresentada por Junta (2017, ANPG)<sup>25</sup>, como parâmetro.

Segundo pesquisa publicada no artigo “O rebaixamento cognitivo” (veja fonte abaixo) que recolheu 1.014 relatos de casos de “constrangimento e humilhação, envolvendo alunos e professores de instituições de educação superior” em seis instituições de educação superior do Estado de Minas Gerais (públicas e privadas) foi possível categorizar 12 situações de abuso sofrido pelos estudantes. Os tipos de abusos mais sofridos pelos estudantes pesquisados são “Rebaixamento da capacidade cognitiva”, em primeiro lugar, e “Agressão verbal” na sequência. Somados esses dois tipos de abusos correspondem à 50,49% dos relatos.

Outras formas de abuso comuns são “comentários depreciativos” e “recusa em fazer seu trabalho”, respectivamente com 12,03% e 8,97%. Essa pesquisa, voltada para estudantes universitários (graduação) não pode ser considerada um índice da situação dos abusos em relação aos pós-graduandos. Porém, indica bem que o problema está presente na universidade (tanto pública como privada). Confira no gráfico abaixo, feito a partir dos dados listados na tabela:

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.anpg.org.br/11/04/2017/quando-a-relacao-professorestudante-se-torna-abusiva-na-pos-graduacao/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Figura 23 - Tipos de assédio

| Categorias                                                                      | Definições                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Instituição Pública |            | Instituição Privada |            | Total       |            |
|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|------------|---------------------|------------|-------------|------------|
|                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | f                   | %          | f                   | %          | f           | %          |
| <b>1 - Agressão física:</b>                                                     | Ameaçar ou agredir fisicamente o aluno; atirar objetos no aluno para despertar sua atenção; recolher, de forma agressiva, cola do aluno, inclusive agredindo-o fisicamente.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | 18                  | 4,57       | 12                  | 1,94       | 30          | 2,96       |
| <b>2 - Agressão verbal aos alunos:</b>                                          | Tratar os alunos com termos pejorativos, palavras de baixo calão.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 96                  | 24,37      | 129                 | 20,81      | 225         | 22,19      |
| <b>3 - Ameaças aos alunos:</b>                                                  | Ameaçar aumentar o nível de dificuldade das provas, dar faltas aos alunos, reprovar a turma, retirar da sala de aula certos alunos, expulsar aluno da instituição.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 7                   | 1,78       | 21                  | 3,39       | 28          | 2,76       |
| <b>4 - Acusação agressiva e sem provas:</b>                                     | Allegar, de forma agressiva e sem provas, que os alunos copiaram trabalhos ou estão colando; revistar, de forma agressiva, os materiais dos alunos por suspeitar que estejam colando.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 5                   | 1,27       | 22                  | 3,55       | 27          | 2,66       |
| <b>5 - Assédio sexual:</b>                                                      | Assediar sexualmente o aluno, convidando-o para manter relações sexuais, fazendo-lhe sinais e carícias; propondo-lhe permuta de notas por favores sexuais, tentando agarrá-lo nas dependências da instituição.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 13                  | 3,3        | 22                  | 3,55       | 35          | 3,45       |
| <b>6 - Comentários depreciativos, preconceituosos ou indecorosos:</b>           | Fazer comentários pejorativos e preconceituosos sobre a orientação sexual dos alunos, sobre a escolha de sua profissão, sobre determinado credo religioso, sobre habilidades dos alunos, sobre o nome de aluno, sobre a cidade de alunos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | 58                  | 14,72      | 64                  | 10,32      | 122         | 12,03      |
| <b>7 - Tratamento discriminatório e excludente:</b>                             | Dar tratamento diferenciado a alunos devido a sua aparência física, condição financeira, que vivem na cidade em que a instituição está situada; com idade mais avançada, com facilidade de aprendizagem; receber trabalhos de alguns alunos fora da data marcada; classificar os alunos de acordo com a posição ocupada em sala de aula.                                                                                                                                                                                                                                                              | 14                  | 3,55       | 46                  | 7,42       | 60          | 5,92       |
| <b>8 - Rebaixamento da capacidade cognitiva dos alunos:</b>                     | Comparar os alunos, de forma irônica, com alunos de outras instituições ou outros grupos de ensino; Enaltecer seus próprios conhecimentos, ridicularizando os erros dos alunos em provas, perguntas e trabalhos; Ler, em voz alta, as notas, enfatizando, com comentários depreciativos, os alunos que obtiveram baixo rendimento; Impedir que os alunos opinem por considerar que eles não possuem capacidade para tal; Insultar aluno que não conseguiu realizar atividades ou que faz perguntas sobre a mesma; Fazer comentários em público sobre as dificuldades, desempenho ou erros dos alunos. | 116                 | 29,44      | 171                 | 27,58      | 287         | 28,3       |
| <b>9 - Desinteresse e omissão:</b>                                              | Ser omissos, demonstrar desinteresse, não repassando aos alunos as devidas orientações para a realização de trabalhos práticos, ao ministrar o conteúdo; pela apresentação dos trabalhos dos alunos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | 13                  | 3,3        | 8                   | 1,29       | 21          | 2,07       |
| <b>10 - Uso inadequado de instrumentos pedagógicos, prejudicando os alunos:</b> | Administrar exercícios, valendo nota, sem explicar a matéria contida nos mesmos; Aplicar prova, que demanda mais tempo para ser resolvida do que o disponível; Aumentar o nível de dificuldade das provas, como forma de punir os alunos; Punir, através de prova com maior nível de dificuldade, aluno que não se sujeitou ao assédio sexual do professor; Realizar atividades valendo nota em dias que alunos, por motivo justo, não puderam estar presentes; Avaliar trabalho somente pela aparência estética.                                                                                     | 29                  | 7,36       | 55                  | 8,87       | 84          | 8,28       |
| <b>11 - Recusa em realizar seu trabalho:</b>                                    | Negar-se a esclarecer as dúvidas ou ouvir os comentários dos alunos, demonstrando desinteresse, alegando que a dúvida é desnecessária, que o aluno consultou material inadequado, que já havia explicado a questão anteriormente.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 24                  | 6,09       | 67                  | 10,81      | 91          | 8,97       |
| <b>12 - Abandono do trabalho em sala de aula:</b>                               | Reclamar da conversa em sala de aula, retirando-se e negando-se a ministrar as aulas no restante do período; pela ausência da maioria dos alunos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 1                   | 0,25       | 3                   | 0,48       | 4           | 0,39       |
| <b>Total</b>                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <b>394</b>          | <b>100</b> | <b>620</b>          | <b>100</b> | <b>1014</b> | <b>100</b> |

Fonte: elaborado por Cristiano Junta a partir de dados de Coleta e Miranda (2001).

Evitando voltar ao assunto, decido que estes dados e reflexões que poderiam, e talvez devessem, se tornar um outro fragmento ficam por aqui mesmo. Posto que não quero me delongar no assunto e assumo minha incapacidade. O mal-estar que me causa se manifesta na sensação de enjoo e tontura, que foi crescendo desde que comecei a formular esses poucos parágrafos. Parágrafos que me pesam mais que dias de trabalho. Não cabe aqui detalhar ou nomear situações que ocorreram com meus colegas e comigo, por fazerem parte de feridas ainda vivas. Parte de uma realidade que, como sombra silenciada, me leva a lugares da transcorporeidade inscrita em minha corporeidade, que, definitivamente não contribuem com processos de criação ou de construção narrativa, mas, ao contrário, me conduzem rapidamente para estados de imobilidade ou de revolta e recusa. Dependesse dessa realidade, e sem a ajuda de alguns pares, não teria eu chegado até aqui.

Assunto, porém, fundamental e que carece de pesquisas acadêmicas, ainda que a temática esteja sendo levantada, progressivamente nos últimos anos, inclusive em palestras e encontros dedicados ao tema em algumas universidades, dentro e fora do país. Nesse sentido, vale parabenizar a UFG – Universidade Federal de Goiás, que promoveu palestras sobre o tema

Assédio Moral, para toda a comunidade, (que eu tenha conhecimento) em 2018 e em 2019. Passos pequenos e lentos, mas, ainda assim importantes de serem ressaltados. Trago ainda como exemplo, o artigo *Para enfrentar o assédio sexual na academia*, de Fabrício Marques, publicado na Revista Pesquisa, da FAPESP, publicado em julho de 2018, com notícias sobre

Um relatório de 311 páginas lançado pelas Academias Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina dos Estados Unidos, (que) ampliou a discussão sobre os impactos de assédio sexual a mulheres no ambiente científico ao apontar, simultaneamente, a dimensão do problema e a debilidade das estratégias adotadas para enfrenta-lo, além de indicar um conjunto de recomendações para mudar a cultura das instituições. Resultado de dois anos de trabalho de um comitê de 21 especialistas, o documento aponta três tipos principais de assédio sexual na academia.

O mais prevalente tem caráter mais moral do que sexual. É o chamado assédio de gênero, caracterizado por hostilidades verbais e físicas sofridas por alunas, tratadas como inferiores ou incapazes. O relatório considerou informações coletadas por dois levantamentos feitos em 36 campi das universidades do Texas e do estado da Pensilvânia. Os dados mostram que 25% das alunas de engenharia e 50% das alunas de medicina relataram sofrer constantemente ofensas de cunho sexista, na forma de piadas ou insinuações de que as mulheres não seriam espertas o suficiente para atuar na área científica. “Grande parte do assédio tem a forma de hostilidade machista e comportamento rude. E a literatura científica mostra que essas experiências cotidianas podem ter consequências pessoais e profissionais tão ruins ou piores do que avanços sexuais indesejados”, disse à revista *Science* a antropóloga Kate Clancy, da Universidade de Illinois em Urbana, uma das autoras do estudo. (MARQUES, 2018, n. p.).<sup>26</sup>

A gravidade do tema, se revela nos consequentes efeitos perversos e, muitas vezes irreversíveis, dessa realidade – no que concerne as corporeidades/existências das vítimas do assédio e do abuso de poder. São questões que refletem uma realidade estrutural da sociedade e que podem se somar a outras questões estruturais como o racismo e misoginia, por exemplo, nessa lógica hierárquica do poder institucional colonial, no cotidiano das universidades – e que se evidencia no alto índice de desistência, adoecimento e suicídio, por parte de estudantes principalmente de doutorado, neste contexto. Incorporando uma performatividade de indignação e protesto, termino o assunto assumindo o silêncio dos oprimidos, sem mais.

---

<sup>26</sup> Fonte: <https://revistapesquisa.fapesp.br/para-enfrentar-o-assedio-sexual-na-academia/>. Último acesso em 06 jul. 2020.

Figura 24 - CLACSO 2018 - 1º Foro mundial del pensamiento crítico



Fonte: Acervo pessoal

Mesmo diante da estarrecedora capacidade de reprodução e reificação das estruturas coloniais capitalistas, a condição de crise e derrocada do hegemônico sistema capitalista predatório, vinha por sua própria qualidade insustentável sendo apontada, também secularmente, anunciando a aproximação relativa de seu ápice. Isso já muito antes dos primeiros grandes sinais do desequilíbrio ecológico planetário. E, nas últimas décadas, a insustentabilidade dessa lógica necropolítica, ao menos como a conhecemos, tornou-se óbvia para qualquer observador mais atento, pelo próprio esgotamento do planeta e dos chamados “recursos naturais”, como nos apontavam os estudos e movimentos ecológicos.

O que, talvez, ainda não estivesse tão óbvio é que com o avanço do chamado “desequilíbrio ecológico”, estavam sendo abaladas as bases das estruturas econômicas, políticas e socioculturais perpetuadas e solidificadas na modernidade, de maneira radical e, quiçá, definitiva. O que importa frisar aqui, mais uma vez, é que entre as estruturas de manutenção do capitalismo colonial necropolítico da modernidade – à serviço da reprodução deste *status quo* – encontra-se também o modelo de funcionamento das estruturas institucionais de formação, educação e pesquisa.

## 2.6 Por uma perspectiva TransEpistêmica possível

*Não existe um termo específico kaxinawá que possa ser traduzido como 'conhecimento'. Seu equivalente mais próximo, unaya, pode ser definido como 'com sabedoria/aprendizado', de uma forma ativa e não em um sentido atribuído. Em geral, o uso lingüístico em kaxinawá sugere que o corpo acumula progressivamente os efeitos das 'experiências', e que aquilo que podemos tentar tratar como 'conhecimento' é, de fato, mais um processo do que uma categoria fixa. Assim, o conhecimento não é um campo fechado - tudo o que o mundo contém e o corpo encontra pode se tornar conhecimento. O 'conhecimento' não existe de forma separada, externa ao corpo. Em vez disso, é parte íntima de cada corpo em desenvolvimento. Assim, um Kaxinawá diria que uma pessoa 'aprende' e não que alguém 'tem conhecimento'. Contudo, apesar do conhecimento não existir separado do corpo, ele assume uma forma material dentro deste.*

Cecilia McCallum

*O maior filósofo de toda a humanidade é o próprio corpo.*

Angel Vianna

O exercício da inter-transdisciplinaridade em integração de campos de saber – a que os estudos da performance podem nos conduzir – intensificou meu desejo como dançarina, educadora e pesquisadora em trazer para a investigação as qualidades de abertura para o sensível, para a imaginação, para a criatividade e para o estado de devir, entre outras dimensões cognitivas fundamentais na práxis das artes do corpo. Tal desejo essencialmente anárquico em relação ao *main stream* dos dogmas, protocolos e hierarquias acadêmicas apontou, já de início, para o desafio de uma radicalidade metodológica e epistemológica. Perspectiva que encontrou, como já disse, ressonância e pouso no que Christine Greiner, na escrita do livro *O Corpo* (2005), chamou de “indisciplinaridades”. Assim, o início da pesquisa já previa um percurso da ordem do indisciplinar e uma tendência à “indisciplina radical” (GREINER, 2005, p. 11-19).

A beleza da multiplicidade de possibilidades que se abriram, desde o encontro entre o teatro e a antropologia, no campo dos estudos da performance, foram definitivas para a escolha em cursar o doutorado no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Performances Culturais – primeiro programa de pós em estudos da performance na América Latina. Richard Schechner, um dos criadores e principais referências do campo, enfatiza a “fertilidade conceitual” (SCHECHNER, 2011, p. 213) que se revela progressivamente nesse entrelaçamento, e que se deu inicialmente a partir do diálogo entre a antropologia e o teatro. Tal fertilidade, que vem se desvelando nas inúmeras possibilidades de um campo de estudos e de construção de conhecimento que se constitui enquanto um território híbrido a ser cultivado,

traz, entre outras coisas, o vigor das coisas novas, dos seres em crescimento, dos fenômenos emergentes abertos ao devir.

O campo das práticas e artes corporais, na minha experiência, se constrói potencialmente em uma perspectiva epistêmica transdisciplinar, necessária para abarcar esse universo múltiplo e transdimensional do *território dos saberes do corpo sensível, consciente e criativo* a que a pesquisa se dedica. Dessa forma, o encontro entre os estudos da performance e as artes do corpo pode proporcionar uma potencialização de ambos os campos, em especial, no sentido de uma perspectiva e uma performance investigativa capazes de incluir o corpo e a corporeidade, em suas múltiplas e entrelaçadas dimensões de saber. O antropólogo Victor Turner, em sua parceria com Schechner na gestação inicial do campo, ao apresentar o livro de Schechner, *Entre o Teatro e a Antropologia*, afirma que o autor oferece com seu trabalho uma perspectiva e um mergulho incommuns no meio científico e entre os cientistas, o que possibilita, segundo Turner “*to bring the discipline back into touch with the bodily as well as mental life of humankind*”. (TURNER, 1985, p. XII).

Quanto a busca de uma tessitura transdisciplinar que possa abarcar estes entrelaçamentos e interstícios, Edgar Morin, no livro *A cabeça bem-feita*, relata por exemplo o caso da *École des Annales*, concluindo que “Certos conceitos científicos mantêm a vitalidade porque se recusam ao fechamento disciplinar. [...] A história da Annales foi constituída pela transdisciplinaridade e dentro dela.” (MORIN, 2004, p. 109). A brasileira Virginia Chaitin, epistemóloga oriunda das ciências exatas e hoje pesquisadora da transdisciplinaridade, explica que a inter e a transdisciplinaridade advém da complexificação do mundo, dos problemas do mundo e da necessidade de olhar para essa complexidade, “não de uma maneira disciplinada”, mas de uma maneira integrada. Complexo entendido aqui como “aquilo que está marcado por inúmeras interações entre tudo que participa de um quadro, tudo e qualquer coisa que participe de um quadro, de uma situação, de uma circunstância.” (CHAITIN, 2018, 8’).

Seguindo em variações e derivas transdisciplinares, nos vimos tecendo e desejando construções trans-epistêmicas possíveis.

## **2.7 TransTerritorialidades e desafios nos estudos das performances, nas artes do corpo e em outras redes de transdisciplinaridades**

*Sou uma quilombola antropóloga. A Antropologia é um campo de conhecimento que o tempo todo trabalha com a escuta, a observação e por último, com a anotação, escrita no diário de campo. Sua base é o estranhamento do outro. De nós? Esse é um processo comum também aos povos das comunidades, como indígenas e quilombolas. A diferença é que a escuta e o aprendizado*

*não são registrados em papel, e sim na memória, no grafismo, na dança, na música, na religião. Tudo isso é palavra dita.*

Marta Quintiliano

Sentipensando em outras práticas e perspectivas metodológicas e epistemológicas, me irmano ética e politicamente com a feminista, socióloga e historiadora Silvia Rivera Cusicanqui em relação a inúmeras questões, filosóficas, teóricas, existenciais, afetivas etc. Porém há entre elas uma questão fundamental quanto à construção teórico-crítica, seja em que contexto for. Trata-se da identificação com as raízes dos movimentos descoloniais iniciais, nascidos nos movimentos de luta popular. O que se relaciona à compreensão de que uma construção descolonial germina e brota na experiência; ou seja, que os movimentos de descolonização signi-ficafetivos se dão no dia a dia, nas lutas por transformação, nas construções que passem necessariamente por quebras de paradigmas, por trilhas desconhecidas e em movimento de (des)construção e emancipação dessa colonialidade introjetada e incorporada em nossos corpos/existências.

Portanto, mais que uma provocação, ou até disputa, como poderiam julgar leitoras e leitores apressados, entendo a legitimidade da crítica, quando Cusicanqui afirma e reitera seu questionamento em relação a autoras e autores consagrados na academia, que se consagram exatamente por se inserirem e reproduzirem no fazer acadêmico a mesma estrutura e lógica colonial e subalterna que podem até criticar, mas, das quais se beneficiam. A feminista, com longa trajetória ativista entre os movimentos populares de descolonização, se refere criticamente a autores como Catherine Walsh e Walter Mignolo – do grupo modernidade/colonialidade, por exemplo, a meu ver dentro de uma afirmação fundamental de posição em relação aos movimentos teóricos descoloniais. O que, em se tratando, ao menos, das origens históricas, simbólicas e etimológicas da palavra descolonização, me parece não apenas razoável, mas necessário e pertinente.

La moda de la historia oral se difunde entonces a la Universidad Andina Simón Bolívar de Quito, cuyo departamento de Estudios Poscoloniales, al mando de Catherine Walsh – discípula e amiga de Mignolo –, imparte un postgrado enteramente asentado em la versión logocêntrica y nominalista de la descolonización. Neologismos como “de-colonial”, “transmodernidad”, “eco-si-mía proliferan y enredan el lenguaje, dejando paralogizados a sus objetos de estudio – los pueblos indígenas y afrodescendientes – con quienes creen dialogar. Pero además, crean un nuevo canon académico, utilizando un mundo de referencias y contrarreferencias que establece jerarquias y adopta nuevos gurus [...] que se encargan de dar sustento al multiculturalismo teórico, racializado y exotizante de las academias. (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p. 67).

E, se o corpo, receptáculo, *ethos*, tornou-se lugar de toda essa indústria de corporeidades, imaginários, pensamentos e desejos colonizados e subalternizados, falar de corpo é falar de colonização e falar de colonização é falar de descolonização. Posto que os corpos oprimidos, domesticados, adestrados e subalternizados transformam-se em corpos alienados de seu potencial original, e radicalmente (*radice* – raiz) ausentes em suas corporeidades. Neste sentido, entre outros aspectos, é que a insurgência e a indisciplina em relação à colonialidade interna e sistêmica, em todos os seus tentáculos e ramificações, torna-se neste momento histórico um tema, ética e politicamente, urgente e necessário de ser enfrentado.

Trago a questão agora vista por um outro prisma. Essa perspectiva do dia a dia das universidades que, insisto, graças principalmente aos sistemas de cotas na educação, está sendo trazido à tona de maneira vigorosa; e, assim, finalmente, revelando atores e desbravando espaços, práticas e perspectivas até muito pouco tempo inimagináveis. Não obstante, como enfatizam Marta Quintiliano, Vanessa Fonte de Oliveira e Letícia Jôkàhkwyj Krahô, em *Epistemologias que curam* (2019), levando-se em consideração que a UFG esteve entre as primeiras universidades do Brasil a introduzir, em 2015, o sistema de cotas na Pós-Graduação *Stricto Sensu*, o caminho está apenas começando.

*Para nós estudantes cotistas que transitam o espaço acadêmico torna-se um desafio, os nossos corpos não são os desejáveis, tampouco os nossos conhecimentos e por mais que tentamos nos posicionar na academia a estrutura acadêmica é branca. É necessário problematizar a branquitude pois são eles que pensam, confeccionam os planos pedagógicos, e a UFG com uma quantidade de estudante indígenas tanto na Educação Intercultural como na graduação regular e os estudantes quilombolas e negros é necessário levar a sério a inclusão de autores que contemple essa diversidade. (QUINTILIANO; OLIVEIRA; KRAHÔ, 2019<sup>27</sup>, p. 2, grifo nosso).*

Neste relato, atual, podemos perceber que o caminho continua sendo um desafio, cheio de barreiras e muros de toda ordem, mesmo nos espaços acadêmicos que, por princípio, currículo e campo trazem em sua constituição, ética e politicamente, o compromisso com a flexibilização, a abertura e, principalmente o respeito, a valorização e o reconhecimento do valor e da importância de fontes, matrizes e lugares outros de saber.

Não há como uma universidade se comprometer com a democratização do acesso ao ensino superior e se eximir da responsabilidade da inclusão de outras formas de saber, de valorização e reparação das violências às quais esses povos foram e ainda são submetidos. *Em concordância com a pesquisadora Célia Krakiabá no território*

---

<sup>27</sup> Epistemologias que curam: por conhecimentos Indígenas, negras e Quilombolas na Universidade Federal de Goiás - de Marta Quintiliano, Vanessa Fonte de Oliveira e Letícia Jôkàhkwyj Krahô.

– 5 Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais – Democracia e Direitos Humanos: crises e conquistas. 2019.

*acadêmico os nossos corpos são a cura para esse espaço que está doente e através das nossas pinturas e danças vão curando esse espaço.* (QUINTILIANO; OLIVEIRA; KRAHÔ, 2019, p. 3, grifo nosso).

A perspectiva de Célia Xakriabá, de que a luta pela inclusão de povos e formas de saber, ainda excluídos dos espaços acadêmicos, passa por uma cura do corpo social nestes espaços, assim como pela percepção de que “nossos corpos (até então excluídos) são a cura”, me parece anunciar a grande e significativa virada epistemológica e metodológica que pode, através das pinturas e danças, e falas, ir curando e gerando uma transformação efetiva do sentido, do teor e do papel das produções acadêmicas.

## 2.8 Saber dionisiaco, razão sensível e derivas epistêmicas

*[...] não se pode ter medo de tomar parte na destruição de ideais ou de teorias obsoletas, ainda que isso deva perturbar algumas sonolências dogmáticas. Com efeito, assim como notava René Char, vivemos em “um mundo em agonia que ignora sua agonia e se mistifica, pois obstina-se em ornar seu crepúsculo com as cores da aurora da idade do ouro” (Em 1871). Os espíritos livres devem dispor-se a lembrar essa agonia e a por em dia as mistificações ambientes. É esta a “filosofia do martelo”: ser capaz de destruir para que o que deve crescer possa fazê-lo em total liberdade. Não é coisa fácil, pois as opiniões comuns, na intelligentsia, ocupam o lugar de destaque. Portanto, é preciso coragem para recusar professar as superstições que frequentemente são moda ou que, aliás, variam com ela, dentre as quais o que se convencionou chamar de teorias “científicas”.*

Michel Maffesoli

Ao longo dos cerca de 30 anos de experiência profissional com diversas artes e práticas do corpo em movimento sensível, compreendi que parte imprescindível da aprendizagem básica, inicial, é o desenvolvimento da presença. A capacidade de estar presente, inteiramente e com as habilidades e faculdades cognitivas conectadas e integradas, da melhor maneira possível, de acordo com a experiência de cada um. Falo da presença que possibilita o desenvolvimento da percepção, das habilidades sensíveis e perceptivas, assim como da consequente conscientização corporal e pelo movimento. Ou seja, estão entre as primeiras habilidades dessa aprendizagem dos saberes do corpo, a presença e o contato com a própria corporeidade, que, então, possibilita o desenvolvimento de uma consciência integrada da corporeidade, dos corpos e do movimento no espaço e no entorno.

Em outras palavras, é necessário que cada pessoa, que se disponha a essa aventura do conhecimento, entre em contato consigo mesma e com a própria corporeidade, para adentrar as dimensões dos saberes do corpo sensível em movimento. É necessário encontrar a si próprio. É

necessário re-conhecer a si próprio. Perceber a si próprio. Entrar em contato com a totalidade do que somos e do que trazemos em nós; nossas estruturas, nossas memórias, nossos *habitus* e nossas tendências. Entrar em contato com o que nos move e com o que nos paralisa. Com o que nos faz sentir bem e com o que nos faz sentir mal. Com o que nos violenta e com o que nos acalenta, entre uma infinidade de coisas com que nos defrontamos no dia a dia.

Parece curioso dizer que tenhamos que despertar em nós, *homo sapiens*, o que deveria ou poderia ser uma habilidade natural também na nossa espécie. Porém, como os animais domesticados ou os animais enjaulados e confinados, nós seres ditos humanos também perdemos muitas entre as nossas habilidades e faculdades inatas ao longo do percurso da dita civilização. Sei que leitoras e leitores avessos à ideia de uma natureza humana podem discordar desse paradigma. Porém, no cotidiano do trabalho corporal, creio ser muito comum essa constatação de que temos tantas habilidades adormecidas quantas potencialidades silenciadas em nossa existência social na Terra. Quando, por exemplo, reconhecemos com Foucault a apropriação capital das existências – via corporeidade – no sentido da criação do “Homem-máquina” e dos investimentos em uma “economia do corpo disciplinar” (FOUCAULT, 1987), podemos identificar inúmeras maneiras e mecanismos em que a indústria de manipulação, controle e alienação através dos corpos e corporeidades vem atuando ao longo dos séculos.

Neste momento em que vivemos os extremos dessa agonia civilizatória (a que se referiu em 1871 René Char, na citação trazida por Maffesoli), em plena Pandemia Covid-19, vemos a derrocada da modernidade e da lógica moderna capitalista, colonial e necropolítica em grau avançado, sem porém termos caminhos de fuga já desenhados ou desbravados coletivamente. Não é de surpreender, já que a lógica da dominação e controle social passa exatamente por disciplinar, isolar e dividir. Funcionamos socialmente como carneirinhos e continuamos acreditando que defender “o meu pedaço”, o meu ponto de vista, o meu interesse e o meu “lucro” nos levarão a algum lugar que não sermos manipulados e explorados pelo que aprendi com Caetano Veloso a chamar de podres poderes. Esse 1% de bilionários que detém 99% da riqueza do planeta e que controlam e detém o poder sobre os meios de manipulação e controle social. Além é claro dos que se iludem acreditando que também detém algum poder por terem alguns quinhões a mais que a maioria esmagadora dos *homo sapiens* do planeta.

Figura 25 – CLACSO 2018 – 1º Foro mundial del pensamiento crítico



Fonte: arquivo pessoal.

Nenhuma destas questões faz parte do foco deste trabalho, não obstante são determinantes para a realidade de corpos mutilados, alienados e/ou ausentes de que venho falando e que representam, segundo uma das premissas do trabalho, a realidade global dos corpos e corporeidades que compõem o corpo social na modernidade colonial capitalista. Assim, ainda que não esteja no escopo desta pesquisa aprofundar a questão, é necessário termos o cenário presente e retomarmos de vez em quando a realidade referida nas reflexões que aqui compartilhamos.

Não é nenhuma novidade o papel e a atuação das escolas no sentido de uma maior eficácia desse controle disciplinar, de maneiras diversas, em diferentes épocas e contextos. Porém, ainda encontramos muita resistência no sentido do reconhecimento de que o “não lugar” do corpo na Educação seja determinante para a formação de corpos, corporeidades e existências alienadas, subalternas, manipuláveis e voluntariamente servis. Mecanismos de opressão, colonização e subalternização, que vão desde as famosas frases “senta direito”, “se comporte”, “olha a elegância”, entre outras, até os jogos de poder que podem se manifestar de maneira perversa, nas estruturas hierárquicas e/ou camufladas sob a égide de exigências formais, e acadêmicas, incondicionais, que se ocultam nessa tradição disciplinar. Situações comuns e corriqueiras, comumente aceitas como normais nas performances do cotidiano, por vezes entre as mais conceituadas e bem intencionadas instituições e redes de profissionais, espaços e situações educacionais. Questão que não cabe aqui ser desenvolvida – mas que faz parte dos

diálogos entre estudantes e entre professores, desde as instituições de educação infantil, até as de pós-graduação e pesquisa – e, portanto, do senso comum.

## 2.9 Tate-and-o em movimentos

*En qué consiste el trabajo de una disciplina o campo académico que estudia la compleja y dinámica performatividad del mundo actual? Una disciplina académica que proclama como campo de estudio todo el amplio espectro de la performatividad, que es interdisciplinaria e intercultural? Vivimos en un ambiente teatralizado y performativo. Se hace política de un modo que es difícil separar el efecto y la sustancia. Ideas como la de inventar guerras [...] Todo “se construye”, todo es “juego de superficies y efectos”, lo que quiere decir que todo es performance: del género al planteamiento urbano, a las presentaciones del yo en la vida cotidiana. [...] Um modo de comprender la escena de este mundo confuso, contradictorio y extremadamente dinámico es examinarlo “como performance. Y eso es precisamente lo que hacen los estudios de la performance.”<sup>28</sup>*

Richard Schechner

O risco dos caminhos desconhecidos e das possibilidades de erro, também na pesquisa acadêmica que se propunha a acontecer nesse território e desde/na/com a corporeidade investigativa, tem estado em processo. Uma corporeidade que se propunha ainda a uma performatividade indisciplinar, anárquica no que concernem os dogmas clássicos da ciência e imersa na realidade pulsante, viva, destituída de fronteiras. Aspectos que me colocaram na busca por perspectivas metodológicas, próximas ou afins, e por vezes até demasiado distantes aparentemente, que se abrissem para esse movimento potencial.

Nessa busca, muitos foram os encontros que, por mais que eu me empenhasse, uma tese ou uma vida não seriam suficientes para narrar. Assim, escolhas são aqui um processo também de resignação ao possível e aos limites dessa performance doutoral. Me senti autorizada a mergulhar no território de pesquisa sem as amarras metodológicas que outras propostas qualitativas previam, e ainda valorizando o envolvimento, a sensibilidade e a entrega no processo – que se faziam para mim indispensáveis –, ao me deparar com a perspectiva metodológica da cartografia, antes mesmo de conhecê-la melhor. Mais tarde, já no desfecho do processo, reencontrei outras inspirações e contribuições em Suely Rolnik, ao que volto adiante e em outros movimentos.

---

<sup>28</sup> *Que son los estudios de performance y por qué hay que conocerlos?* (SCHECHNER, 2000, p. 11).

A necessidade sempre mais latente em tecer uma emancipação epistemológica, no dar voz e corpo às constelações de saberes inadequados à forma e à lógica da racionalidade trouxeram algumas gratas surpresas, como, por exemplo, a crítica de Paul Feyerabend ao paradigma do método científico tradicional como modelo único, hegemônico. Nas palavras de Virgínia Chaitin e Luiz Mazzei:

Para compreender as críticas de Feyerabend à razão e à ciência é preciso ter bem claro que o alvo da *crítica dele não é a razão enquanto faculdade humana, mas ao modelo de razão científica que é aceito como único*. Isso posto, podemos destacar que a crítica de Feyerabend se dirige ao modelo de racionalidade científica defendida tanto pelo empirismo lógico quanto por Popper e os racionalistas críticos: *um modelo de racionalidade pautado na obediência a regras universais, independentes do contexto e que sirvam como guias para uma única modalidade de ação racional, tal como concebida pelas referidas tradições*. (CHAITIN; MAZZEI, 2014, p. 1, grifo nosso).

Nutri-me nessas referências de perspectivas plurais na construção do conhecimento ao longo de todo o processo, em fontes diversas. Nesse sentido, é importante deixar claro que algumas etapas, constatações, respostas, hipóteses e teses que se foram construindo, nesse ponto, já são vistas como momentos de elaboração dos saberes que atravessaram ou entreteceram a pesquisa. Algumas que ficaram no caminho, outras que continuam em processo de transformação e recriação. Não à toa, dar uma forma, dar um título, escolher uma linguagem narrativa, assumir e apontar respostas e conclusões, traz em si uma qualidade de efemeridade, ou, ao menos, de movimento em processo.

Não pretendo, portanto, apresentar respostas conclusivas, ou uma tese acadêmica clara, lógica e acabada. Aqui, como espero já ter deixado claro, tenho trabalhado, desde o início, com o princípio da incerteza, muito mais do que com verdades; com o caos, tanto quanto com a ordem, com o movimento criativo, muito mais do que com a ideia de criação enquanto obra acabada, com associações livres e sistêmicas em que a constante é o movimento. Com sua qualidade intrínseca e constante de transformação.

Figura 26 - Espetáculo Espelho da Lua. 2004.



Direção: Ceila Portilho. Fotografia: Roberto Cavanna. Fonte: arquivo pessoal.

Assim, entendi, já no avançar da pesquisa, que era necessário assumi-la muito mais como um processo criativo, um jogo de improvisação e composição instantânea pelas constelações do conhecimento, do que como a criação de uma peça ou coreografia, com passos, gestos e movimentos preestabelecidos. Sem perder de vista que, em uma performance de composição instantânea, as cenas e ações improvisadas são tecidas com a consciência e o olhar composicional que se demanda em uma obra acabada. Guardando, porém, uma qualidade de espontaneidade e vitalidade, de surpresa e acaso, em que a natureza em movimento e as constelações criativas transcorporais assumem uma presença, eu diria, ontológica.

## 2.10 Rememorando ou quem conta um conto aumenta um ponto

O campo das *artes do corpo sensível, consciente e criativo*, a que me refiro neste trabalho, acontece na experiência do movimento, da vida pulsante. Assim, junto ao campo de estudos das performances entendo que falo de dois campos do conhecimento que se constroem no pulsar desse movimento vivo de (re)criar(ser), de descobrir(ser), bordando interpretações de seu solo existencial: *o grande espetáculo das expressões e relações humanas*. Território fecundo de investigação no sentido de também nutrir perspectivas e práticas teóricas,

metodológicas e epistemológicas – plenas de atravessamentos, afetos, incertezas, surpresas, mistérios e interstícios, tal como a vida. Lugares que me parecem conclamar a abertura e principalmente o espaço/tempo para integrar na investigação esse fluxo das características e dinâmicas da vida em movimento – pulsantes e pulsionais – nas *constelações cognitivas do território dos saberes do corpo*.

Perspectivas que, segundo um dos desafios iniciais da pesquisa como já disse, deveriam ser construídas desde/com/na corporeidade e no movimento das qualidades próprias e vigorosas da experiência cotidiana do território de investigação. Práxis que foi tomando corpo nos passos e gestos da experiência e que denominei *corporeidade investigativa*. Imagino estar claro neste ponto que o processo investigativo foi se tecendo com uma característica que se revelou essencial, enquanto qualidade estrutural no processo, no caminho, nos encontros, nas criações e composições, ao longo do processo: *o movimento*. O movimento como qualidade da pesquisa, o movimento como perspectiva investigativa, o movimento como tom, ritmo e qualidade nos passos do pesquisador. O movimento se teceu, ainda espontaneamente, como movimento de transformação. Transformação e renascimento, a cada passo, a cada etapa, como o movimento de criação e recriação que caracteriza a existência.

## 2.11 Retomando o fio da meada

Neste contexto, para falar dos saberes vigorosos na vida pulsante das corporeidades, e da *transcorporeidade* que às compõem, seria necessário que a pesquisa se tecesse na experiência da corporeidade e no movimento próprio deste território. O que acredito se deu, mais ou menos, em todos os momentos e sentidos. Uma práxis fecunda, que como disse, nas artes do corpo, aonde a pesquisa, a percepção e a conexão com os fazeres e saberes da presença e da experiência no processo do conhecer, assim como a elaboração teórica, acontecem, simultaneamente, e entremeadas nas experiências e saberes do cotidiano.

Figura 27 - Neon/Bordadeiras da Chapadas do Guimarães, autora desconhecida



Fonte: Whatsapp.

Nessa busca, lá no início, pude reconhecer e me inspirar nas propostas acadêmicas de prática como pesquisa ou *practice as research* (PAR) e especialmente na proposta da pesquisa performativa, apresentada por Brad Haseman em *A Manifesto for Performative Research* (2006). O desafio que Haseman apresenta, no manifesto pela pesquisa performativa, traz a

criatividade e a autonomia metodológica, dentre outros elementos que, no território das artes do corpo sensível, integram os movimentos do conhecer de maneira fundamental e orgânica.

Nas artes e práticas do corpo sensível, é comum que a construção do conhecimento passe pela exploração e pela experiência, em contextos aonde a consciência, a liberdade e a criatividade compõem o processo; experiências frequentemente compartilhadas, ainda que nas explorações individuais. São processos nos quais modelos rígidos preexistentes ou padrões de correção seriam um contrassenso. E onde o “erro” inexistente como falha ou fracasso; mas, ao contrário, permeia e nutre o fortalecimento das etapas do conhecimento. O espaço do não saber e das tentativas “frustradas” são parte integrante no caminho de construção dos saberes. Compreendi, assim, que seria necessário assumir todos os riscos também na pesquisa acadêmica. Não poderia me basear em receitas, certezas, modelos, formas ou caminhos conhecidos desejando desbravar caminhos que pudessem me levar a novos lugares.

A minha percepção do caminho e das perspectivas metodológicas, teóricas e epistemológicas que foram se tecendo na pesquisa é de que o desafio foi atingido em muitos aspectos, que me possibilitaram reconhecer pressupostos e incertezas se manifestando na experiência de investigação. Especialmente, posso dizer, no sentido da construção da noção de transcorporeidade. Noção que passou a ser medular na compreensão de todo o caminhar e das maneiras de compreender e elaborar as constelações de saberes em movimento no território, assim como nos encontros. Restou então, neste movimento de conclusão da pesquisa, o movimento narrativo da experiência em tese, explorar, buscar, tecer e encontrar elementos estruturais que pudessem ser ou ao menos apontar para uma narrativa condizente com o caminhar investigativo.

## 2.12 Fontes, oásis, musas, cálices, tábulas, fábulas...

*A vida de Tomazito começava agora, mas sua narrativa já começara há muito. A referência aos antepassados o vincula a uma história maior, mais antiga, de avós, pais e filhos, de vidas que geram outras vidas. Vidas que buscam (e encontram?) sentidos ao serem contadas. Contar conecta.*

(Luciana Hartmann)

Busco as palavras busco as palavras me busco nas palavras, as palavras me encontram eu me encontro nas palavras e elas me encantam, me revelam, me assombram, elas me levam, me elevam, sou levado por elas nesse oceano não lugar, nesse período doce ardente “ser

transicional” e apporto em praias, países imaginados e encantados, universos inteiros de deleite, em forma de palavras, vindas de mágicos Mestres, como Alfredo Bosi:

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizar-se no corpo. [...] A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. [...] O nítido ou o esfumado, o fiel ou o distorcido da imagem devem-se menos aos anos passados que à força e à qualidade dos afetos que secundaram o momento de sua fixação. (BOSI, 1974, p. 65).

O que me traz segurança e que me enraíza, o que faz sentir que há um caminho a ser percorrido pelo corpo que mergulha no desconhecido da narrativa, pelo desejo pleno da corporeidade na escrita, é exatamente o que de corporal e transcorporal existe nas imagens. O que de visceral existe nos silêncios e nos signos, o que de afetivo e vital invade as palavras. É a corporeidade inevitável dos afetos e das experiências vividas que se revelam vibrantes de transcorporeidade ancestral; como no caso de Tomazito, narrado por Luciana Hartmann em *Tomazito, eu e as narrativas* (HARTMANN, 2012, p. 179). Transcorporeidade e corporeidades que se trans-formam em palavras e que formam o universo cognitivo dos corposvidas. Fenômeno que me faz crer, com aquela fé da qual falei no início, na possibilidade de construção dessa narrativa, de maneira realmente corporificada, em tecer os saberes do corpo.

Saberes que todos temos instintivamente, ainda que adormecidos, ainda que em lembranças longínquas. “Essa radical subjetividade ou, se preferir, essa corporeidade interna e móvel da matéria verbal torna relativa, mediata, simbólica, jamais icônica, a representação do mundo pela palavra.” (BOSI, 2000, p. 62).

Neste ponto considero um prazer inenarrável e um enorme privilégio poder citar, e recitar, esse grande Mago das palavras e dos signos, ainda que de tudo em si já tenha dito:

O signo é um segmento de matéria que foi assumido pelo homem para dar ato de presença a qualquer objeto ou momento da existência. [...] Em termos de uma antiga antropologia: o Espírito (a vontade-de-significar, a intencionalidade) vale-se do espírito (O sopro ardente do organismo) para fazer dele o mediador na teia de relações entre o sujeito e o mundo. O processo pelo qual o espírito-sopro é trabalhado pelo Espírito chama-se significação; a sua figura principal chama-se signo. *O signo vem marcado, em toda a sua laboriosa gestação, pelo escavamento do corpo.* O acento, que os latinos chamavam *anima vocis*, coração da palavra e matéria-prima do ritmo, é produzido por um mecanismo profundo que tem sede em movimentos abdominais do diafragma. [...] *O som do signo guarda, na sua aérea e ondulante matéria, o calor e o sabor de uma viagem noturna pelos corredores do corpo.* O percurso, feito de aberturas e aperturas, dá ao som final um protossentido, orgânico e latente, pronto a ser trabalhado pelo ser humano na sua busca de significar. *O signo é a forma da expressão de que o som do corpo foi potência, estado virtual.* (BOSI, 2000, p. 52, grifo nosso).

Por vezes é o silêncio que me toma, o silêncio que paira no ar e preenche o corpo de êxtase, sensação de plenitude. Quando nada mais precisa ser dito e o interdito ecoa em sons

silenciosos, deslumbra em cores sem nomes, vibra em ondas que me causam arrepios e prazer. Quando sabemos que tudo já foi dito, que mesmo sem ter sido já sabemos do todo em tudo em nós. O silêncio. Aquele pleno, preenchido de significado, que basta em si.

...  
...  
...  
...

E aos poucos, recomeçam sussurros, aqueles gemidos doces de acordar depois de uma noite plena de amor em lua cheia...

Recomeça o desejo de versar, conversar, de novo entrar em contato com o universo dos poetas da palavra escrita. Daí, sempre crescente de novo esse desejo me leva ao léu, me leva ao luar, me leva a reencontrar outros Mestres, outros Magos das palavras...

Paul Zumthor, no livro *Performance, recepção, leitura*, foi pra mim uma grande e belíssima surpresa. Me falou do que poderia até parecer óbvio, para alguém do corpo, como eu, mas o fez com letras e encantos poéticos, como em um romance realista, quase intimista e com tons de quase ficção; falou, porém da realidade palpável e sutil da experiência humana, no que concerne a performance do leitor, no ato da leitura, trazendo, literalmente, o corpo e a corporeidade para este ato, esse momento de recepção que ele desvela como performático. Zumthor desenvolve sua perspectiva de maneira surpreendente, e para mim brilhante, não por “computar o leitor de um texto como um dos fatores constitutivos deste”, o que hoje já “tornou-se lugar-comum dos estudos literários”. Mas, por perceber que “o ‘literário’ se articula na percepção” e por se interrogar “sobre o papel do corpo na leitura e na percepção do literário” (ZUMTHOR, 2014, p. 25-27, grifo nosso).

*No entanto, é ele que eu sinto reagir, ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos; tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescência, mas também de um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena provindas de uma difusa representação de si próprio. (ZUMTHOR, 2007, p. 27, 28, grifo nosso).*

Apresentando o que eu chamaria de *epistemologia da interioridade, do corpo e dos afetos*, e desde a perspectiva de que “um discurso se torna de fato realidade poética (literária) na e pela leitura que é praticada por tal indivíduo” (ZUMTHOR, 2007, p. 28), como já mencionei, Zumthor dá Corpo a esse indivíduo e corporifica a experiência da leitura, de maneira radical. Transforma a perspectiva do “literário”, incluindo a performance do leitor, em sua corporeidade íntima, inteira e única, na constituição do texto, no ato da leitura. E assume a complexidade de tal posição e perspectiva.

Introduzir nos estudos literários a consideração das percepções sensoriais, portanto, de um corpo vivo, coloca tanto um problema de método como de elocução crítica. De saída, é necessário, com efeito, entreabrir conceitos exageradamente voltados sobre eles mesmos em nossa tradição, permitindo assim a ampliação de seu campo de referência. (ZUMTHOR, 2007, p. 31).

Na mesma dimensão de importância que Zumthor dá à corporeidade no ato da leitura, ele assume a ação do leitor como uma performance, em que a presença, e as vicissitudes de um corpo vivo se manifestam, vivem, se realizam, se expressam. O autor apresenta sua compreensão inicial do conceito de performance, apresentando os traços primordiais e essenciais da noção da performance, à partir da obra “Breakthrough into Performance”, de Dell Hymes, para então, inverter a perspectiva: “A questão que se coloca é esta: em que medida pode-se aplicar a noção de performance à percepção plena de um texto literário, mesmo se essa percepção permanece puramente visual e muda, como é geralmente a leitura em nossa prática, há dois ou três séculos?” (ZUMTHOR, 2007, p. 36-37).

Não cabe nestas reflexões apresentar detalhadamente ou analisar as nuances da perspectiva desenvolvida por Zumthor, mas, sim, tomá-la em sua relação peculiar e potente, no que concerne à corporeidade e à performatividade do “literário”, para em seguida desenvolvermos algumas questões que a proposta zumthoriana nos inspira. Se ainda não ficou claro na primeira e longa citação que fizemos do autor, quando ele poeticamente disserta sobre as reações corporais no ato da leitura e no encontro com o universo literário, trago ainda outra bela e poética passagem de seu texto, senão tanto para esclarecer o que já seja óbvio, ao menos pelo simples prazer da leitura que podem trazer suas palavras:

Ora, *compreender-se* não será surpreender-se, na ação das próprias vísceras, dos ritmos sanguíneos, com o que em nós o contato poético coloca em balanço? Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que aí ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz. Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ele está lá. Não se acrescenta, ela está. É a partir daí, graças a ela que, esclarecido ou instilado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o, ao meu modo; é a partir dela que, este texto, eu o reconstruo, como o meu lugar de um dia. (ZUMTHOR, 2007, p. 55).

Através da percepção, da presença e dos movimentos que acontecem no corpo é que acontece, então, a performance do leitor; performance em que se completa, de subjetividade e de vida vivida, o texto lido.

Outra questão fundamental para Zumthor, e deveras interessante para a perspectiva relacionada à corporeidade na leitura de um texto, enquanto ato performativo (ZUMTHOR, 2007, p. 55), é a dimensão de prazer desse corpo vivo, e da importância fundamental do prazer no ato da leitura, o que o autor apresenta, falando de “duas espécies de práticas discursivas” (em relação à escrita “‘poética’, e uma outra”), no parágrafo a seguir:

[...] a diferença entre elas consiste em que o poético tem de profundo, fundamental necessidade, para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos, da presença ativa de um corpo: de um sujeito em sua plenitude psicofisiológica particular, sua maneira própria de existir no espaço e no tempo e que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. É este, a meu ver, um critério absoluto. Quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza. (ZUMTHOR, 2007, p. 38).

Partir da premissa de que o prazer, ou o sentimento do corpo de quem lê, distingue um texto entre poético (literário) ou não é uma perspectiva fecunda, que faz todo sentido e ilumina o caminho de quem navega em busca das tessituras de uma narrativa corporificada. Após essa imersão sensorial no universo da leitura, para mim, poética pelas letras de Zumthor, a que vivencio e entendo como uma escrita corporificada, parece se deslocar a questão ou o desafio fundamental, que aqui se mostra um tanto óbvio, e que já se colocava desde o momento em que me propus a esse desafio desejante de tecer uma escrita corporificada. Encontrar essa perspectiva iluminada pelo autor é a confirmação do que minha corporeidade e minha intuição anunciavam, ou seja, trazer a percepção, a corporeidade e a performatividade para o ato ou o movimento da escrita, claro, porém, o que se ilumina definitivamente é a qualidade de prazer que a tessitura deve ter.

O texto que se constrói em uma performatividade corporificada e com prazer, pode claro ainda encontrar uma barreira do outro lado e não ser recebido com prazer na performance corporificada do leitor. Mas, esse aspecto é o incontrolável do ato da escrita. No que a narrativa se completar pela performance do leitor e se sua corporeidade percebera e vivenciará o texto como prazer, não nos cabe, não podemos alcançar, posto que faz parte da experiência de vida, das memórias e desejos e/ou bloqueios e anseios corporificados, naquele corpo que lê.

O que em mim sim faz sentido, o que me cabe, o que tomo como desafio na busca e construção de uma performance narrativa corporificada – para falar das dimensões dos saberes

do corpo – são as dimensões sensoriais, corporais e performáticas no meu ato/movimento de escrever. A narrativa em seu movimento, sensorial, corporal e performático há que ser prazerosa. Posto que se não for, não resta dúvidas de que não haverá espaço/tempo/fluxo/qualidades nessa narrativa, que possa conduzir os leitores em suas corporeidades, ao prazer na leitura. Posto que não faz sentido, deixo claro agora, e se não falei disso antes é por me parecer óbvio: não faz sentido falar do corpo, narrar dimensões dos saberes do corpo, senão por uma via, ao menos, aberta à poesia da escrita, ao poético na narrativa.

Dito isso, e bom deixar claro, o que pode ser ululante, que o prazer na construção da narrativa, pelos saberes e sabores do corpo, não significa falar de prazer ou anunciar prazer. Pode ser também, como pode ser falar da dor, das angústias, dos medos do corpo que se expressam na corporeidade cotidiana. Mas, é fundamental que na performance de construção narrativa desta escrita, por serem saberes vivenciados e corporificados de uma vida, e de uma vida vivida intensa e generosamente, nas buscas do corpo em movimento, simplesmente se expresse o prazer. O prazer da memória do que as experiências, as vivências e as dimensões do corpo e da corporeidade proporcionam. O prazer do universo que se abre, pelos saberes do corpo, ao autoconhecimento, ao movimento expressivo, à (trans)formação, criação e recriação de si, da própria corporeidade e das relações corporais com o outro e com o meio, no espaço/tempo/fluxo da nossa existência.

Pois, se no ato da leitura há performance, e o homem encontra essa presença no mundo enquanto lê, também no ato da escrita – especialmente da escrita contemporânea, consciente de si mesma enquanto não verdade absoluta – a presença no mundo enquanto escrevo deseja no leitor que aí está a parceria presente, o *Dasein* em “corpo vivo”, respirante e confortável.

Se, enquanto exercício dinâmico de comunicação que se dá na relação com leitoras e leitores – essa condição da performance de ambos os lados se faz evidente e emergente, que nós possamos gozar, o quanto for possível, deste *momento de encontro, deste exercício de transcorporeidade pelo texto. Digo performance emergente enquanto aquilo que emerge ciente, ou senciente, de sua incompletude* (que só é possível de se tornar plena no momento futuro mesmo se improvável da recepção) e emergente no que se coloca como emergencial, posto que a necessidade de comunicação em nós, sujeitos, que massificados, mecanicizados, globalizados, objetificados e consumíveis buscamos, ainda que inconsciente e impulsivamente nosso próprio *Dasein*, nosso próprio saber-ser, nosso corpo vivo, nosso prazer orgânico e corporificado.

Assim trazendo o foco para a *modalidade da performance enquanto movimento da escrita*, retomo Zumthor, direcionando para a perspectiva de performance corporificada

também no ato, ou no movimento, desta escrita: “A performance é ato de presença no mundo e em si mesma. Nela o mundo está presente. Assim, não se pode falar de performance de maneira perfeitamente unívoca e há lugar aí para definir em diferentes graus, ou modalidades...” (ZUMTHOR, 2007, p. 68). De um modo ou de outro, um “corpo a corpo com o mundo” (ZUMTHOR, 2007, p. 75), que, seja pela minha escrita ou pela “minha leitura poética me ‘coloca no mundo’ no sentido mais literal da expressão.” (ZUMTHOR, 2007, p. 79).

Ora, o corpo tem alguma coisa de indomável; de inapreensível. Não há ciência do corpo; há a biologia, a anatomia e o resto, conjunto virtualmente infinito, mas não uma ciência do corpo como tal; ainda menos metafísica do corpo. O corpo não pode jamais ser totalmente recuperado. [...] A socialização do corpo tem limites, para além dos quais se estende uma zona de individuação propriamente impenetrável. [...] Daí o lado selvagem da leitura, o lado de descoberta, de aventura, o aspecto necessariamente inacabado, incompleto dessa leitura, como de todo prazer. O corpo não está jamais perfeitamente integrado nem no grupo nem no eu. A operação da leitura é dominada por essa característica. (ZUMTHOR, 2007, p. 77).

De maneira similar também a operação da escrita é dominada por essas *características corporais* e traz em si algo do lado selvagem do corpo vivo. A escrita também se faz pelos movimentos viscerais e indomáveis do corpo, e, mesmo que o autor se empenhe sobremaneira em controlar e direcionar essa escrita, ela de um jeito ou de outro, numa palavra ou em outra, nos espaços, pontuações e entrelinhas, pulsiona e expressa algo da totalidade dessa corporeidade que narra, ainda que oprimida, ainda que se oprimindo, ainda que presa e tesa nos cânones e protocolos, seja de que campo ou área acadêmica for. “O mundo tal como ele existe fora de mim não é em si mesmo intocável, ele é sempre, de maneira primordial, da ordem do sensível: do visível, do audível, do tangível.” (ZUMTHOR, 2007, p. 75).

Em relação à natureza do conhecimento, aspecto que especialmente interessa à perspectiva dos saberes do corpo, Zumthor deixa claro que a apreensão (do conhecimento) de que fala, que ultrapassa os parâmetros da racionalidade, “implica o corpo”. (ZUMTHOR, 2007, p. 94). Fala do paradoxo e das contradições que se estabelecem e que é preciso abraçar entre as perspectivas do conhecimento científico a dos saberes da experiência, afirmando categoricamente que “Hoje já não há, com efeito, campo de pesquisa, nos domínios mais diversos, em que se ouse ainda fundamentar-se no postulado clássico de uma coerência do mundo.” Posto que o lugar do saber não é um lugar seguro, mas o lugar do risco. E afirma ainda, que a arte e a poesia são os lugares “dos quais provém a única globalidade possível” essa “necessidade verdadeira” que a ciência não saberia pensar. (ZUMTHOR, 2007, p. 97). Ele distingue, no entanto, “globalidade” de “totalidade”, deixando claro que no que concerne à realidade, a totalidade designa um plano fechado, e a globalidade, ao contrário:

[...] conota abertura, progressividade, energia movente. Globalidade implica coesões mais frouxas, menos convenção, menos relações causais, e um eixo de polarização: em direção ao passado com o qual nos comprometemos, pesquisadores historiadores; e em rumo ao próprio ato pelo qual, neste momento, ‘passamos’. (ZUMTHOR, 2007, p. 97).

Assim, nos alerta para o desejo de doutrinas totalizantes, desejo do qual sofremos todos, e que ao mesmo tempo inconscientemente repugnamos, e que hoje toma a forma de interdisciplinaridade. Porém, é escavando esse solo, mergulhando nesse risco que podemos caminhar em direção a um saber globalizante das contradições e interstícios da realidade. “Afastar-se, explorar as zonas vagas, fora-de-definição; des-centrar, distender a imagem. Recusar toda interpretação posta, ex-posta, de um ponto imóvel, porque o sentido procede do movimento” (ZUMTHOR, 2007, p. 98).

Entendo aqui que, mais uma vez, o autor traz a presença da corporeidade, que acredito estar presente, necessariamente, na possibilidade de maleabilidade da mente. Em busca desse movimento, um movimento ainda não dado e sem regras pré-concebidas, sem caminhos já explorados e receitas de sucesso, Zumthor aposta que “a maior necessidade que subsiste é jogar: como joga a criança para que seu jogo instaure a única imagem suportável e fecunda da existência. O que esta sociedade espera de nós, pesquisadores, é a produção de um saber *lúdico*.” O autor insiste que a nossa sociedade busca, até desesperadamente, um saber sobre si mesma, uma maneira de conhecer o mundo; e essa busca da sociedade teria suas melhores chances de sucesso, justamente, nas qualidades em relação às quais, secularmente a ciência se distanciou, o olhar lúdico próprio da infância: “os valores ontológicos ligados aos primeiros olhares lançados no mundo, ao maravilhamento e ao sentimento de soberana liberdade que procedem do primeiro desdobrar-se de um conhecimento.” (ZUMTHOR, 2007, p. 99).

E foi com esse olhar lúdico de maravilhamento dos primeiros olhares, das primeiras descobertas e, quem sabe, com a liberdade inocente e despreziosa de quando entramos pela primeira vez em um universo de conhecimento, que desejei mergulhar na minha memória, retornar ao engatinhar e aos primeiros passos da minha história com a dança. Para assim, quem sabe, ali, encontrar o tom, o som, o ritmo e o movimento afinados, para tecer a narrativa pelos veios da liminaridade e do meu “ser transicional” (TURNER, 2005); para assim, quem sabe, expressar algo do universo dos saberes do corpo, na narrativa de um “saber incorporado” (MAFFESOLI, 1998) em experiências transcorporais – dando voz, em palavras escritas, a uma performance narrativa que, através da minha corporeidade, possa ecoar vozes da corporeidade coletiva.

Figura 28 - Symposium DGFE – Berlim



Fonte: Arquivo pessoal

### 2.13 Dos Saberes Tradicionais das Florestas de Abya Yala

Ao longo desse processo, longo processo, longo caminho, longo e orgânico caminhar – leia-se orgânico desde que me livre dos abusos e amarras, além do excesso de exigências produtivistas e mecanicistas, tão absurdas quanto recorrentes na academia – que tenho vivido uma relação de entrega e dedicação à investigação a que me propus. Em que pese aqui a resistência que encontro quando questiono a estrutura acadêmica, com a fala recorrente de que estou na academia, usufruindo dela e, portanto, deveria valorizá-la, deixo claro se ainda não está, que o que entendo como valorizar é exatamente buscar reconhecer, compreender, questionar e me empenhar na transformação do que se revela retrógrado, negativo e prejudicial ao desenvolvimento da educação, da pesquisa e da ciência. Sigo, portanto em minha intenção.

Desde que me afastei, então, do cotidiano opressor e dos altos muros da academia, para mergulhar na minha pesquisa, que venho me perguntando, silenciosamente, o que são os Saberes Ancestrais, o que são os Saberes do Corpo e, ainda especialmente, como falar desses Saberes sem enclausurá-los em caixas, gavetas, jargões e conceitos já batidos, liquidificados e hermetizados nas práticas acadêmicas. Digo hermetizados pela sistematização comumente

racionalista, positivista, disciplinar e funcionalista, que impera hegemonicamente, e pela repetição, portanto, frequentemente mecânica, própria dos processos, etapas, estéticas e trâmites majoritariamente reinantes dos meios acadêmicos, enrijecidos, na e pela modernidade.

As buscas de superação desta realidade também têm sido praticadas desde o início da modernidade, por diferentes vozes em diferentes espaços, como temos apresentado ao longo deste trabalho. Porém, a superação efetiva está ainda a caminho, creio que progressivamente. Marcelo Expósito, artista, ativista, docente e autor espanhol, em *La potencia de la cooperacion*. Diez tesis sobre el arte politizado em la nueva onda global de movimientos, falando das agora últimas décadas, afirma que:

*Las prácticas políticas de cartografía nos resultan provechosas desde hace más de una década: el mapeo tanto de los bio-poderes globales como de las resistencias y las autonomías que les son inmanentes (Bureau d'Études); de los cuerpos y redes agenciados en las metrópolis entendidas como territorios existenciales (Hackitectura); de las fronteras como biopoderes genocidas aunque permeables (Fadaiat); de las fábricas del conocimiento y los dispositivos de precarización del trabajo cognitivo (Counter Cartographies Collective/3Cs); etc. A veces se han mapeado las propias prácticas cartográficas como invención política (Atlas de cartografía radical del Journal of Aesthetics & Protest). [...] Pero estos mapeos politizados rechazan el naturalismo de la representación cartográfica el mapa científico como reflejo pretendidamente objetivo de un territorio preexistente, para proponer más bien una diagramación que no esconde ni su condición activista, ni sus puntos de vista subjetivamente connotados, ni su carácter de constructo provisional siempre en proceso. Se trata de una diagramación que más bien produce una imagen aprehensible de un objeto previamente invisible o difuso (los biopoderes) a la vez que ayuda a construir desde su interior y no solo constata dinámicas en curso (los contrapoderes biopolíticos), las cuales así potencia. (EXPÓSITO, 2012, p. 22).*

Claro que a complexa realidade, tendo sido inúmeras vezes questionada e problematizada aqui, já fala por si. E, neste ponto não pretendo me assentar<sup>29</sup> em nenhum autor, já que o senso comum e a experiência não deixam dúvidas da veracidade da afirmação. Mas vale também trazendo os pés de volta ao chão da academia, olhar alguns trabalhos mais recentes, que pensam a qualidade e o sentido da produção acadêmica atual na relação com o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação do mundo digital. Por exemplo o artigo *Pesquisa acadêmico-científica nas instituições de ensino superior*: do faz-de-conta à

---

<sup>29</sup> “Em que autores você se assenta?” – Uma entre as frases e jargões metafóricos que sempre me incomodaram na academia, essa traz uma imagem bastante opressora e medíocre para uma pessoa do movimento, que preza pela liberdade, pela autenticidade e pela criatividade. A última vez que ouvi, já no avançado da pesquisa e no aprofundar das minhas hipóteses e convicções, decidi: não me assento em nenhum autor, autora, escola ou teoria! Dialogo, me encontro, transito entre, com e me afeto... Me afeiçoo, sou tocada, inspirada e movida por tantos autores, teorias e perspectivas, danço com elas, me recrio e recrio meus olhares nesses encontros e a partir desses diálogos. Mas só me assentaria neles, caso pudesse dançar, ao vivo e em cores, pele com pele, num encontro de contato improvisação. E, aí seria colo. Do contrário, não faria sentido.

realidade do mundo digital, de Mirian Maia do Amaral e Lina Cardoso Nunes, e o livro *Texturas sonoras: áudio na hipermídia*, de Sérgio Bairon.

Não teria eu palavras ou imagens tão poéticas quanto Merleau-Ponty, nem tão precisamente transcendentais quanto Bachelard, e tampouco especificamente claras e atuais quanto Miriam e Lina, ou ainda do jogo hipermidiático proposto por Sérgio com sua acurada percepção estética e erudição. Então, não se trata aqui de evidenciar ou elaborar ainda mais a questão, mas apenas de mais uma vez situar a problemática, antes de buscar adentrar os caminhos dos sentimentos e pensamentos que tenho corporificado na presença afetiva dos encontros e nas reflexões silenciosas com que a percepção/experiência/consciência da transcorporeidade presente em minha corporeidade tem me revelado.

Vale dizer que quando fiz os vídeos da entrevista ainda pensava em incluir os vídeos na tese, inspirada pela possibilidade de trazer outras linguagens em hiperlinks dentro da tese, que porém, fossem integradas na própria textualidade da mesma, com igual valor e legitimidade no que concerne à formulação do conhecimento. E não como complemento ou adendo estético. Algo como o que descobri mais tarde ser uma linguagem que tem sido proposta e desenvolvida no trabalho de Sérgio Bairon, por exemplo, com a hipermídia. Nas palavras do autor:

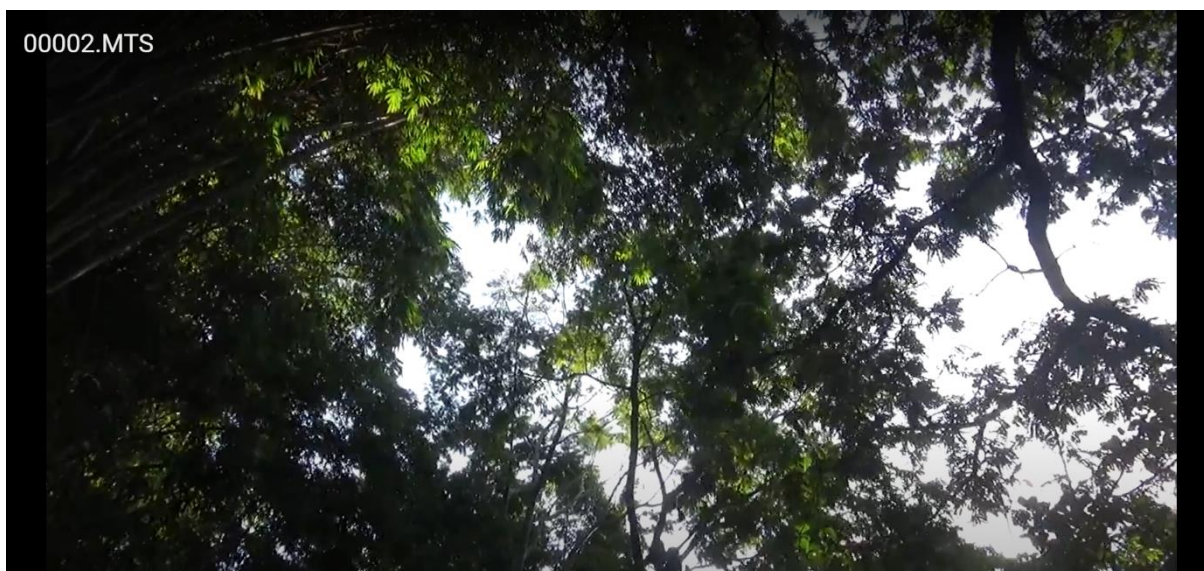
Foi justamente a imersão no cotidiano que reconfigurou o conceito de criação e de arte no mundo contemporâneo. A arte não deveria mais estar a serviço do que quer que fosse, pois não há como contrapor qualquer realidade diante da estética. A arte, na contramão da ideia iluminista que separa estética de conceito, agora é conceitual. Acolhimento e estranhamento passam a conviver. Neste mundo da remontagem digital, as séries individuais da vida não estão mais isoladas, pois se encontram indissolivelmente ligadas. A temporalidade dos sentidos é cíclica, pois sempre retorna de uma outra forma. Aquela escrita linear do cientificismo está isolada e empobrecida, pois o mundo cresceu em sua volta. Seus temas devem ser reconfigurados em uma espécie de ampliação metafórica de sua escrita; na verdade, devem adquirir sentido por conta do aspecto interior da vida. Quiçá, algumas explorações criativas devessem buscar o riso, aquele riso que jamais foi reconhecido nem pela teologia, pela filosofia nem pela ciência. (BAIRON, 2005, p. 44).

Como não se tornou possível neste momento da feitura da tese, trato de buscar trazer com minhas palavras apenas as sensações e imagens com que vivi a experiência transcorporal da entrevista.

Creio que falar de Saberes como estes, requer muito mais silêncio e espaços vazios, que palavras e proposições assertivas. Assim, peço licença para buscar, neste momento, uma vez mais não me pautar (ao menos intencionalmente) pela lógica moderna, e tampouco pelas regras acadêmicas que perfazem minha colonialidade interna. E sem mesmo me propor um desenvolvimento linear ou racionalmente lógico do pensar, do sentir e do escrever. Quero assim

me permitir buscar e quiçá voltar a mergulhar nas imagens e teias dessa floresta selvagem em que me vejo, quando me entrego às sensações e visões que a questão me traz.

Figura 29 - Ser Natureza



Fonte: Arquivo pessoal

Ontem, em algum momento do início de 2019, sendo testemunha e cúmplice do relato de Miitxya, guerreiro do povo Fôlak'satô, da nação Fulni-ô, de Pernambuco, entre as árvores de um oásis urbano que é o Parque Areião, em Goiânia, entendi uma vez mais que não são as frases, ou a ordem das palavras que podem elucidar a existência, o teor, e muito menos o conteúdo desses Saberes Ancestrais. Mas, exatamente o que não se fala, as pausas, os espaços vazios, os silêncios e o ritmo das reticências na melodia e na intensidade da narrativa. Via, lia, ouvia e vivenciava nas suas expressões – muito mais do que compreendia nas palavras belamente concatenadas – a existência e a vibração desses Saberes tão claramente presentes em sua corporeidade.

Figura 30 - Miitxya Fulni-ô. Goiânia



Fonte: arquivo pessoal.

Ouvia, sentia e vibrava junto no timbre, no tom, nas cores da sua voz. Na cadência, melodia e ritmo do seu contar. No fluxo e tempo do inspirar, expirar, respirar o ar, nosso cúmplice. Sabedoria que se revelava e se ocultava nas qualidades, relações e espacialidade dos seus olhares, dos seus gestos e dos movimentos – realizados ou contidos. Eu via, vislumbrava e embarcava, com todo meu ser, no tanto de tudo mais que se fazia presente na própria ausência do todo que era assim anunciado – desses Saberes Ancestrais milenares – vibrando nas pausas, reticências e silêncios da narrativa. Vibrando naqueles olhares longínquos, que trazem a memória, que revivem a história, que desvelam histórias caladas de tantas gerações nele transcorporeificadas... Saberes vibrantes nos olhares presentes, nos tons urgentes, trazendo os desejos prementes de um futuro melhor...

Um futuro próspero possível, que faça reviver o valor da cultura e da existência anterior à invasão colonial. Um futuro fecundo tão improvável quanto imprescindível, ao menos na ânsia legítima de todo um povo, com a força de cura e de criação de toda uma cultura, entre outras culturas irmãs perseguidas, violentadas, oprimidas e, em muito, infelizmente extintas, destruídas, esquecidas. Saberes Ancestrais, subalternizados, que apesar da violência exterminadora da modernidade eurocêntrica, ecoam sim, um futuro justo possível, com a potência dos séculos de luta, resistência e sobrevivência dessas culturas preciosas preservadas nos DNAs, nas corporeidades, na transcorporeidade coletiva e nos sonhos de suas filhas, filhos, netas, netos... Preservadas e recriadas nos cantos, danças, jogos, mitos, hábitos, artesanatos e

rituais, sempre de novo insurgentes e atualizadas pelo sangue, suor, risos e lágrimas dessa história que os livros não contam, mas que ecoam na respiração resiliente de *Abya Yala*.

Figura 31 - Miitxya Fulni-ô. Goiânia.



Fonte: arquivo pessoal.

Miitxya falava e silenciava, ecoando e anunciando Saberes próprios dos povos originários de *Abya Yala*, Saberes que se expressam mais nas relações, no movimento de compartilhar e co-criar – hábitos, ações, afetos e tradições que se complementam num todo – do que no jeito “dos brancos” de ensinar dados, etapas e matérias isoladas de conhecimentos compartimentados, passíveis mais de definição, do que de criação. Os Saberes originários que parecem pulsar nos meandros e sutilezas dos hábitos compartilhados, nos entrecaminhos e movimentos coletivos orgânicos – entre a tradição, a reprodução e a atualização – dos conhecimentos. Saberes presentes mais nas situações autênticas dos momentos, do tempo e da sequência do nascer e se pôr do sol, do que poderiam ser minimamente expressos, em algum tipo de modelo ou fórmula que se possa transmitir, desse tipo de conhecimentos redutíveis à um tipo de classificação ou análise, típicos dos povos ditos “brancos”.

Nesses entremeios próprios de Saberes como os Saberes Tradicionais das Culturas Originárias de *Abya Yala* e os Saberes das Artes do Corpo em Movimento, me vejo, me deito, me abraço e sinto vibrar. Sinto e sei que deles talvez melhor não falar, em palavras analíticas, posto que enorme o risco de deturpar, ou distanciar demasiado do que realmente é, que eu chamaria de essência, ainda que sabendo que são saberes em constante movimento e transformação, próprios da vida e do que é vivo.

Sim, sem dúvidas entendo que são saberes vivos, pulsantes, em movimento, que transformam tanto ou mais do que são transformados, e que se recriam, à cada vez que acessados e movidos ou trazidos ao movimento, desde essa transcorporeidade que nos compõe. Um constante movimento de contato, reconhecimento, recriação e preservação dos conhecimentos vivos na vida, nas vivências e na vitalidade desses Saberes.

Assim vivi esse encontro com o guerreiro Miitxya que, junto a outros guerreiros das aldeias do povo Fôlak'satô, localizadas no agreste de Pernambuco a 273 km da capital, saem em movimento de “caça”, pelos vastos territórios do solo Brasil. A caça, que hoje se transforma em movimentos de peregrinação por diversos estados brasileiros levando seus artesanatos, suas histórias e rituais xamânicos de passagem, cura e poder. Compartilhando com os “brancos” seus saberes, seus dons, suas visões e amor pela vida, pela mãe terra e pelo outro. Uma maneira contemporânea de após uma peregrinação trazer a caça, o sustento, de volta para casa. Estratégia interrompida pelo surto pandêmico Covid-19, do que aqui não falaremos.

Dando um salto, nas palavras de Tafke-a, chefe do povo Fôlak'satô “Nós acreditamos no ser humano, no ser vivo, da terra e do céu. E queremos levar isso a Goiânia para lembrar quem nós somos e quem vocês são, porque nós todos somos nativos dessa terra. Somos iguais, e quanto mais juntos, mais fortes seremos.”<sup>30</sup> Na minha percepção e sentipensar Tafke-a fala aqui de dimensões do que estou chamando de transcorporeidade.

Cheguei aos Fulni-ô, quando voltando pro Brasil, após um ano de pesquisa sanduíche em Berlim, vim com o desejo de me reconectar com minhas raízes, com minha força originária, com minha história e com meus afetos. A beleza dos acasos proporcionou o primeiro (re)encontro com os Fulni-ô em uma roda ritual de conexão com o animal de poder, justa e curiosamente, reencontrando minhas irmãs de formação em dança, que orquestraram essa roda, após 30 anos de formadas. O “poder do acaso”, diria Shogo Ohta (*in memoriam*), grande diretor de teatro com quem trabalhei no Japão, um dos afetos de ternura e gratidão no meu existir; desses seres Mestres, que irradiam e tocam nossa alma trazendo, contando e ecoando vozes e cantos desses Saberes Ancestrais. Mestres, como Tafke-a e Miitxia, também capazes de fazer despertar e ressoar os Saberes ancestrais adormecidos em nossa corporeidade/consciência/existência, inspirando e movendo os movimentos e tessituras em nossa transcorporeidade coletiva.

---

<sup>30</sup> Depoimento veiculado pela assessoria de imprensa da Terra de Criação, organizadora do 3º Encontro Nação Fulni-ô em Goiânia e veiculado no site disponível em: [www.curtamais.com.br](http://www.curtamais.com.br). Acesso em: 25 mar. 2019.

Figura 32 - Repetição como anáfora - CLACSO 2018



Fonte: arquivo pessoal.

## 2.14 O encontro com o sujeitobjeto

*É que não se pode descobrir “novos mundos” quando se trata de ciências humanas; neste caso, contentamo-nos em revelar tal ou qual aspecto do seu concerto, até então esquecido. [...] Um dos grandes moralistas do nosso tempo disse certa vez que “nossas ideias estão em todas as cabeças”. [...] Trata-se, aqui, menos de criar uma teoria “para pronto uso” do que atualizar ou, em sentido estrito, imaginar aquilo que de uma ou outra maneira acha-se disseminado na própria existência cotidiana.*

Michel Maffesoli

Eis que senão quando me surge o sujeito, chamado objeto, com quem nunca me preocupei ao longo desta investigação, posto que sentia que me povoava e me conduzia no processo de busca, de reconhecimento, de encontro, de contemplação e, finalmente, de comunhão no/em ser-território. O mesmo ser-objeto que me moveu ao longo do caminho que me nutriu a coragem, a serenidade, a resiliência, a resistência e, antes mesmo de tudo isso, o entusiasmo<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> Entusiasmo aqui entendido no sentido Grego ENTHOUSIASMOS, “inspiração divina”, do verbo ENTHOUSIAZEIN, “estar inspirado ou possuído por um deus, estar em êxtase”, de ENTHEOS, “divinamente inspirado, possessão por um deus”, formada por IN-, “em”, + THEOS, “deus”.

Ainda se trata, porém na perspectiva que busquei construir, de um ser-território-temático, mais que objeto, que parece escapar da lógica tradicional de um recorte afunilado, focado em algum aspecto específico que se possa nomear objeto em uma descrição definitiva. Não obstante foi brotando, na corporeidade investigativa com que conectei a qualidade transcorporal da pesquisa, a possibilidade, sim, de me lançar na busca de uma “descrição densa”, como propõe Clifford Geertz, em *Descripción densa: hacia una teoría interpretativa de la cultura*, texto originalmente publicado no livro de 1973, do autor: *The Interpretation of Cultures*. Geertz toma o conceito de cultura como “essencialmente semiótico” e compreende, com Max Weber, “*que el hombre es un animal suspendido en telarañas cuyo significado él mismo ha construído; imagino la cultura como esas telarañas, y su analisis no es una ciencia experimental que busca la ley, sino que es interpretativa y busca el significado.*” (GEERTZ, 1993, p. 548). E é nesse contexto de múltiplos símbolos, sistemas significantes e possibilidades de interpretação que Geertz revigora a noção de descrição densa, entendendo os escritos antropológicos (leia-se o trabalho de análise dos etnógrafos), como “construções de construções de outros povos” (GEERTZ, 1993, p. 551).

Nesse sentido, de “construções de construções”, entendo ser uma perspectiva interpretativa, portanto, que fala de símbolos, sentidos, significados e sistemas semióticos complexos e sistêmicos, entrelaçados em uma infinidade de combinações e derivas intersticiais possíveis, desenvolvidos nas experiências vivas de relações e atravessamentos de uma comunidade, de uma cultura, de um contexto específico, no qual vivemos ou podemos adentrar. Quando tratamos de um território de investigação, seja ele estrangeiro à nossa experiência de vida, ou, seja ele próprio da nossa realidade cultural, digamos, nativa, a relação que se estabelece quando se inicia um processo investigativo traz qualidades e características próprias ao objetivo da pesquisa. Não obstante, desde os primórdios dos movimentos antropológicos etnográficos, temos registros de indicações teóricas no sentido de uma práxis de abertura e receptividade para uma espécie de adentrar vivencial orgânico, dentro do possível destituído de pré-julgamentos, desarmado de planejamentos metodológicos prévios e de distanciamentos teórico-epistemológicos.

Um dos primeiros e principais referenciais desta perspectiva na etnografia é o exemplo de Bronislaw Malinowski, que veio a ser considerado um dos fundadores da antropologia social. No livro *Obras e vidas: o antropólogo como autor*, Clifford Geertz cita Malinowski no capítulo dedicado a ele e seus “filhos”: “‘É bom para o etnógrafo’” escreveu ele na famosa introdução no estilo “como fazer” a *Os argonautas do Pacífico Ocidental*,

[...] deixar de lado a máquina fotográfica, o caderno de notas e o lápis, e participar pessoalmente do que estiver acontecendo. [...] Não sei ao certo se isso é igualmente certo para todos – talvez a natureza eslava seja mais plástica e mais naturalmente selvagem do que a dos europeus ocidentais – mas, ainda que o grau de sucesso varie, a tentativa é viável para todos. (MALINOWSKI, 1922, p. 1 *apud* GEERTZ, 2018, p. 99).

Continuando sua análise do trabalho do autor, Geertz comenta:

Não se apreende o exótico recuando das imediatidades do contato para as simetrias do pensamento, como Lévi-Strauss, nem transformando-as em figuras de uma urna africana, como fez Evans-Pritchard. Ele é apreendido quando o sujeito se deixa perder, ou deixa talvez perder sua alma, nessas imediatidades. (GEERTZ, 2018, p. 99).

E, se perder, perder sua alma, pode significar aqui justamente o encontrar-se, encontrar-se no outro.

Dessa maneira, a lógica de definição de um objeto, enquanto um tema ou um recorte externo e demarcado, em relação ao qual eu pudesse focar, delimitar ou restringir a pesquisa, sempre me pareceu algo inadequado ao território dos saberes do corpo – dentro da proposta de um mergulho pela corporeidade na dinâmica sistêmica e transdimensional das constelações de saberes do território.

No caso desta pesquisa e no processo de imersão a que me propus, de uma corporeidade investigativa, estava claro de início e foi se confirmando no processo, que a relação era mais de encontro, afeto e entrelaçamento ser-sujeito-território. Já que a corporeidade é expressão mesmo dessa constelação existencial que somos em sermos no meio e nos movimentos relacionais em que existimos. Desta maneira me entreguei cada vez mais ao mergulho existencial em um movimento de envolvimento sensível e afetivo, de comunhão existencial inter-relacional, geradora de atravessamentos, misturas, entretecimentos e trânsitos afetivos e significativos, também no que diz respeito às interpretações e/ou recriações semióticas. Buscando acessar a multidimensionalidade dos saberes e lugares de saber através dessa entrega corporal/existencial à experiência. O que acreditei ser o caminho orgânico e legítimo que possibilitaria aproximar-me de uma descrição densa, desse território dos saberes do corpo e suas constelações cognitivas.

Com o tempo fui percebendo e me tornando consciente de estar vivendo, fundamentalmente, uma experiência de encontros, de tecituras afetivas e coletivas; um processo de investigação e construção cognitiva atravessada pelos encontros, pelas afetividades, pelas corporeidades que se me compunham o processo e cocriavam em mim os entrelaçamentos perceptivos e cognitivos de investigação dos saberes. Ou seja, um movimento transpessoal, pelos encontros de corporeidades entretecidas na experiência dos saberes em movimento – a

que passei a chamar de experiência transcorporal, ou de transcorporeidade, na experiência investigativa. E, partindo da percepção desta transcorporeidade, tornou-se possível nutrir o que eu percebo como um tecer coletivo transpessoal e transcultural rumo a uma *aproximação teórica* interpretativa desta vivência. Esta que se coloca aqui, portanto, como narrativa, em perspectiva autoetnográfica, de interpretação da experiência de uma *performatividade investigativa indisciplinar e transcorporal*.

Na modernidade, como reinado do individualismo e da objetificação dos corpos e existências, foram pregadas ideias de indivíduo e de sujeito a partir da perspectiva clássica, da física mecânica e do homem máquina. Em *Narrativas possíveis dos saberes do corpo*, outro fragmento deste trabalho, também cito Suely Rolnik em seu artigo *Subjetividade e história*, tecendo reflexões acerca das subjetividades e sujeitos modernos. Aqui, interessa compreender a objetificação não apenas das subjetividades e corpos, mas também das ciências, das pesquisas e dos processos de investigação e produção do conhecimento.

A correspondência na subjetividade do modelo mecanicista, é um sujeito que se vê como uma essência identitária, uma ordem estável, sempre igual a si mesma, inafetável pelo outro, igualmente entendido como tendo uma essência identitária. Ou seja, para o sujeito do mundo mecânico, o outro é neutro. (ROLNIK, 1995, p. 51).

No artigo a autora apresenta as turbulências causadas, no século XIX, quando a Termodinâmica introduz o reconhecimento da “Instabilidade” e do caos como uma força presente no universo; a princípio compreendida como oposta à ordem. Nesse momento a essência identitária em que se baseavam as concepções da época é “tomada de estranhamento”, e o sujeito atordoado com a “ruptura do sentido vigente” passa a conviver com o que Rolnik chama de “estranho em nós”. Ela explica que, ainda assim, aquele “suposto em si identitário em torno do qual se organiza o tipo dominante de subjetividade daquele momento [...] continua a dominar ainda hoje, embora em estado de agonia” (ROLNIK, 1995, p. 50-52).

Figura 33 - Coleção desenho vivo



Fonte: arquivo pessoal.

Assim, de certa maneira, o trabalho foi percorrendo caminhos que pareciam não se ater a essa suposta relação sujeito-objeto. E foi assumindo dimensões inesperadas de atravessamentos não só do objeto – enquanto um território multidimensional em constante movimento que, no caso inclui o sujeito, – mas também do sujeito pesquisador, que passou a perceber e a integrar características dessa corporeidade coletiva do território das artes e práticas do corpo sensível, que o atravessa e o compõe, em dinâmicas e constelações transcorporais.

Figura 34 - Elenco do espetáculo Espelho da Lua



Direção: Ceila Portilho Fonte: arquivo pessoal.

### MOVIMENTO III – SENTIDO: TRANSCORPOREIDADE

*Comprendí que la ternura genera un espacio simbólico de vitalidade y de conexión afectiva con el mundo que hace falta para desarrollar los procesos políticos y sociales, para que se den en paz, con justicia y humanismo. La ternura implica un reconocimiento del outro, de la diversidad, de la coexistência en la diferencia (Restrepo 2010), de la disposición a contactar afectivamente con los otros en el aquí y el ahora. También procura una atención de lo sutil, de lo pequeño e imperceptible dentro de los valores materialistas de nuestra sociedad. Lamentablemente, la ternura se destierra de nuestras vidas a medida que nos acercamos de la adultez, pues se nos imponen las exigências y rutinas del individualismo por en cima de los valores de la esencia humana. Por ello considero vital generar procesos de investigación y creación en torno a este fértil necessário tema.*

*(Carmen Violeta Perez Mendoza)*

Neste ponto, imagino, mas principalmente desejo, que a leitora, leitor, leitore e leitores tenham tecido em seu movimento interpretativo uma percepção própria do que seja a noção de transcorporeidade. E, digo aqui o que dizemos com frequência nas práticas das artes do corpo sensível: não há certo, ou errado. Da mesma maneira, entendo que a noção de transcorporeidade, enquanto noção em construção, que – com suas constelações potencialmente pluridimensionais, me parece mais poder incluir que excluir interpretações diversas – seja uma noção fértil em acolher perspectivas talvez até contrárias e contraditórias, como o faz a vida em que se insere.

Antes de arriscar algumas aproximações, jamais definições definitivas ou fechadas, da noção de transcorporeidade como a compreendo, me parece interessante contar um pouco como ela foi surgindo, enquanto percepção de uma *qualidade própria dos movimentos vitais, existenciais*.

A noção da transcorporeidade fez-se possível a partir da compreensão e elaboração dos processos, elementos e características coletivas e de comunhão – recorrentes nas vivências dos saberes do corpo e nas tessituras dos conhecimentos no território. *No território das artes e ciências do corpo sensível, entendo que o conhecimento não se constrói no corpo, apenas como um locus isolado, mas, sim, no espaço e relações entre os corpos, no entrelugar dinâmico em que existem as corporeidades. Compreensão que levou à reflexão sobre uma corporeidade coletiva, que atravessa as experiências subjetivas no campo.*

Em outras palavras, conhecimentos que se criam e se transformam no espaço/tempo/fluxo/conexões do “estar no saber” entre corporeidades e saberes em movimento,

sempre transcorporais, pelos encontros e contatos. Encontros, movimentos e conexões que revelaram para mim o pulsar vigoroso da experiência em comunhão a que vim a chamar de transcorporeidade. *Inicialmente a transcorporeidade que se revela presente nas tessituras coletivas de saberes, em movimentos de devir.*

Tal percepção foi o *germe para a elaboração da noção de transcorporeidade*: um fenômeno latente nas vivências, nas elaborações e no desenvolvimento dos saberes do corpo, que nos permite falar de *uma construção transcorporal do conhecimento*. Nomear a transcorporeidade brotou, assim, *nas elaborações teóricas da experiência, na vivência prática e em ressonância com a perspectiva de uma metodologia intuitivo-criativa, desde a corporeidade investigativa*. Ambos os elementos gerados e constitutivos da pesquisa, que se tornaram possíveis pela abertura e riqueza contidas na perspectiva metodológica da cartografia e na provocação que igualmente me inspirou, enquanto Manifesto, de uma pesquisa performativa (HASEMAN).

### 3.1 Transcorporificando

*É preciso que o pensamento de ciência – pensamento de sobrevoos, pensamento do objeto em geral – torne a se colocar num “há” prévio, na paisagem, no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. É preciso que com meu corpo despertem os corpos associados, os “outros”, que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me frequentam, que frequento, com os quais frequento um único ser atual, presente, como animal nenhum frequentou os de sua espécie, seu território ou seu meio.*

(Merleau Ponty)

Desde que comecei minha viagem de conhecimento nos territórios do corpo sensível, corpo aqui entendido como corporeidade, com o desenvolvimento das habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas do movimento, também em dimensões mais sutis, passei a perceber, de maneiras distintas um fenômeno peculiar e nada fácil de nomear ou definir. Tratava-se de uma percepção sensorial muito sutil e inefável, algo que poderia inclusive se confundir com uma imaginação fértil, ou com uma hiper sensibilidade. Coisas das quais não costumamos falar em público, e que sequer sabemos se realmente podemos levar a sério. Fato é que, em situações

bastante diversas, as sensações se repetiam ou melhor dizendo se renovavam, já que não se repetia um padrão claramente identificável ou qualquer indício passível de verificação.

Olhando para trás, creio que fui acolhendo tais percepções como naturais, por um lado e, por outro lado, adormecendo a percepção de tais manifestações, no sentido de não deixa-las tomar muito espaço de reflexão, já que não faziam parte tampouco dos estudos do corpo nomeados durante a formação de artista bailarina. Porém, nas práticas orientais a que me dediquei naquele mesmo período, o *Tai Chi* e o *Kalarippayatt*, podia perceber com mais clareza tais aspectos, que não obstante, também não eram nomeados especificamente ou mencionados como um fenômeno natural do viver, da vida cotidiana, ainda que tampouco fossem separados da mesma. Com o andar da carruagem, e a atenção voltada para tantos outros aspectos da experiência e aprendizagem em relação ao corpo, ao movimento e à expressividade, passei a assimilar como uma manifestação sutil da energia corporal, em relação à qual não era necessário fazer perguntas ou entender racional e intelectualmente.

À minha maneira e inconscientemente, creio que naturalizei a percepção do fenômeno e, mesmo diante do valor de grandiosidade e preciosidade com que o percebia, passei a simplesmente acolher, como algo cósmico e inefável, ao menos para nós mortais da raça humana. E, dessa maneira, com o passar do tempo e concentrada em outros aspectos e dimensões dos saberes do corpo, passei a nem perceber mais tal fenômeno. Salvo momentos excepcionais. Mas, enfim, do que se trata? Antes de entrar nessa dimensão mais sutil ou um tanto fugidia do território dos saberes do corpo, recorro, mais uma vez, à perspectiva do “saber dionisíaco” apresentada por Michel Maffesoli, em *O mistério da conjunção*:

Enquanto o racionalismo abstrato contenta-se com uma visão mecânica, o procedimento intelectual atento aos valores sensíveis bebe na lógica do vivido e na sua dinâmica orgânica. Vale lembrar que essa lógica se caracteriza por ser movediça, carinhosa, erótica mesmo, ou seja, baseia-se na atração, nas afinidades, nos processos emocionais e afetivos que tanto impregnam nosso tempo. Essa lógica não se ocupa essencialmente da lei da causalidade, mas não deixa de indicar, com precisão, as grandes tendências sociais. (MAFFESOLI, 2009, p. 7, grifo nosso).

### 3.2 Do cotidiano à neurocepção – uma possível descrição do fenômeno

*O pensamento oriental tem desde muito reconhecido esta contradição do pensamento. O objetivo do T'ai Chi tanto quanto do Zen é encontrar o si mesmo através de sua identidade com processos universais ou cósmicos. Esta identidade é alcançada quando a pessoa está centrada em sua barriga. Uma pessoa com esse ponto de centração é um mestre porque toda ação que empreende está em harmonia com o universo e, portanto, é certa e*

*apropriada. Todo movimento é leve porque flui em harmonia com o fluxo universal. [...] Contudo, num nível mais baixo, este é o estado natural de um animal ou de uma criança pequena, cujo ego ou eu ainda não se dissolveu a ponto de ter ocorrido a cisão da unidade do ser, ou ter sido rompida a harmonia com a natureza. Quando a pessoa recupera essa unidade, torna-se mestre, sábio.*

*É interessante que estas disciplinas orientais, dirigidas à plena realização do si-mesmo e do ser, dependam de uma abordagem corporal para alcançar seu objetivo. [...] O objetivo desses exercícios é sair da esfera da mente e penetrar no corpo, ou seja, abandonar o eu e encontrar o si-mesmo. [...]*

*Até recentemente, a maioria dos orientais vivia num mundo que pouco tinha em comum com as ideias ocidentais de poder e progresso. Sua filosofia de vida era manter um equilíbrio entre a natureza e a cultura, entre o homem e a mulher, entre o yin e o yang. Buscavam harmonia, não progresso. Infelizmente, essa filosofia não os equipou ou preparou para enfrentar o poder ocidental.*

(Alexander Lowen)

Revertendo uma vez mais a espiral, volto ao fenômeno mencionado no início deste Movimento, e faço um exercício de retorno mnemônico a um acontecimento que muito me marcou, ainda que seja impossível para mim afirmar, ao certo, a primeira vez que (re)descobri ou (re)conheci tal fenômeno como parte da experiência cotidiana, já nesta fase adulta. Posto que creio que na primeira infância tal percepção ou consciência fluía naturalmente. Mas, me lembro bem da situação em que vivenciei uma espécie de choque afetivo que me levou a questionar, observar e investigar o que, então, entendi como sendo parte da realidade. Parte oculta da realidade, em geral, no *main stream* do pensamento e do conhecimento em nossa sociedade moderna ocidental dita complexa. Vamos aos fatos:

Em um dia comum e ensolarado, de um céu azul e luminosidade extasiantes, típicos da atmosfera da zona sul carioca, que justifica o título de Cidade Maravilhosa, mais especificamente no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, saio eu da escola da dança e caminho até o ponto de ônibus, onde tomaria minha primeira condução rumo à minha casa. Ainda no ponto, comecei a passar “na cabeça” minha parte na nova coreografia que estava ensaiando minutos antes. Hoje, com os avanços da neurociência tem se difundido popularmente a informação de que quando imaginamos os movimentos – como fazemos nesse exercício imaginário – o cérebro recebe e processa as informações como se estivéssemos realmente realizando os movimentos e vivendo a experiência. O que, em princípio, desencadeia os processos bioquímicos relacionados, de maneira muito próxima ao que ocorreria na realidade.

É interessante pensar na relação da imaginação em sua conexão corpocerebral dinâmica. E, se escapa ao escopo do trabalho um aprofundamento quanto aos fundamentos, teorias e avanços das neurociências, não podemos negar a complementaridade e relação direta e fecunda

entre esses campos e seu potencial de integração entre os conhecimentos afins. Descobertas científicas nessa área, muitas vezes, vêm a esclarecer e/ou interpretar sistematicamente saberes que, muitas vezes experienciamos na práxis do movimento sensível e das terapias pelo movimento. Realidade que inspirou ao longo dos tempos, buscas e estudos complementares entre ambos os lados, gerando encontros e entrelaçamentos práticos e teóricos significativos para as ciências do corpo em movimento, para as psicoterapias e terapias corporais, assim como para as neurociências.

Um belo exemplo desta integração vem sendo desenvolvido na Rede Sarah de Hospitais, com o trabalho de reabilitação pela dança desenvolvido por profissionais da dança e da reabilitação pelo movimento formadas pela Escola e Faculdade Angel Vianna<sup>32</sup>. Elizabeth Maia, primeira dançarina a apresentar e implantar o trabalho na Rede Sarah, inspirou-se, além de sua formação na Escola Angel Vianna, também na sua prática de pesquisa e performance com o bailarino tetraplégico e cadeirante, o virtuoso Bruce Curtis, na dança do Contato Improvisação.

Mas, voltando ao caso em questão, do ponto na Praia de Botafogo entrei no ônibus que ia em direção ao centro da cidade e, em pé, continuei meu ensaio imaginário, ainda me sentindo leve e alegre até que vagou um lugar próximo e resolvi me sentar. Dando continuidade ao processo de ensaio e limpeza dos movimentos e, ao contrário do caminho pelas ruas, em que minha atenção se voltava prioritariamente para o espaço entorno, durante o repassar da coreografia, no ponto ou em pé no ônibus, minha atenção se dividia entre os movimentos do imaginário e os movimentos do espaço. Agora, sentada e com pouquíssima probabilidade de mudanças significativas que pudessem interferir na minha segurança ou demandar um contato relacional com algum transeunte, ou o que quer que fosse que pudesse invadir minha Kinesfera<sup>33</sup> eu me encontrava completamente imersa em meu mundo interior. Ou, ao menos acreditava nisso.

E nesse exercício interno de imaginação, agora de olhos realmente fechados, e realmente concentrada nos movimentos imagéticos e psíquicos em meu espaço interior, poderia focar nos detalhes e na limpeza dos movimentos em cada momento das sequências coreográficas. Teria

---

<sup>32</sup> Citar as outras dançarinas que deram continuidade e a Marcinha como a que está mantendo adiante

<sup>33</sup> KINESFERA: A kinesfera é tudo que podemos alcançar com todas as partes do corpo, perto ou longe, grande ou pequeno, com movimentos rápidos ou lentos etc. A Kinesfera ou Cinesfera é a esfera que delimita o limite natural do espaço pessoal, no entorno do corpo do ser movente. Esta esfera cerca o corpo esteja ele em movimento ou em imobilidade, e se mantém constante em relação ao corpo, sendo 'carregada' pelo corpo quando este se move. Fonte: site da Secretaria de educação do Governo do Paraná, na página Elementos estruturantes da dança. Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=262>. Acesso em: 23 jun. 2020.

sido mais uma viagem comum, como tantas que fiz naquele trajeto ao longo dos anos de escola. Continuei meu exercício que até então fluía com sucesso. Mas, a clareza dos movimentos foi se perdendo, comecei a não conseguir mais simplesmente fluir imagneticamente pela coreografia. Parecia que os movimentos, ou suas imagens fugiam de mim e percebi que estava me sentindo muito incômoda. Me observei com um pouco mais de atenção e senti que estava com um forte aperto no peito, uma angústia e uma espécie de dor da alma começou a tomar conta da minha corporeidade. Me vi com uma profunda tristeza inexplicável e comecei a me perguntar o porquê.

Nada me veio à mente, mas a sensação se intensificava e o incomodo no corpo e na alma ficando insuportável, à ponto de eu perceber que já não estava respirando, que minha respiração ficara curta e me sentia mesmo completamente sem energia, com uma sensação de apagamento, de morte. Confusa de ter passado de um estado de leveza e alegria para um estado oposto sem saber por que e sem entender como, me vi já curvada, com o peito pra dentro, cabeça baixa e tive uma enorme vontade de chorar. Poderia ter chorado ou abafado, engolido aquele estado que me tomava a corporeidade toda: corpo, psique, alma...; mas me perguntei novamente e procurei me perceber melhor.

Foi quando me dei conta de que o senhor que estava sentado ao meu lado era a expressão física exata do que eu estava sentindo. E que, por distração e ausência, focada na coreografia, eu ainda não o havia notado, nem tampouco percebido que, da postura dançante de bailarina alegre eu havia assumido a mesma postura curva e a mesma energia densa que sua corporeidade expressava. Estávamos os dois com os ombros caídos, o peito afundado no tórax, a cabeça baixa e os membros abandonados ao longo do corpo. E quase não respirávamos. Discretamente olhei para o lado e pude ver de relance aquela expressão fechada, escura, dolorida e desesperada, cuja sensação trago em algum lugar da memória até hoje, passados 30 anos.

Não podia negar. Fui abraçada pela energia vibratória da sua kinesfera e, “esponja que sou”, absorvi na minha kinesfera aquela vibração, na minha aura, todo o padrão energético e físico que reinava na corporeidade do meu parceiro de viagem. Sem saber se chorava, se o abraçava, se perguntava algo, se me levantava, se descia do ônibus e saía correndo gritando para afugentar aquelas sensações dolorosas e sufocantes, continuei sentada, imóvel apenas sentindo, percebendo e buscando tomar consciência e elaborar algo daquela situação. Me dei conta da força com que a corporeidade do desconhecido invadira a minha corporeidade, modificando completamente meu estado de ser/estar. Atravessando e transformando radicalmente minha realidade pessoal, minha subjetividade e minha realidade existencial, ao menos naquele momento. Percebi, então, que eu e aquele estranho que eu sequer havia notado

antes, participávamos do mesmo estado energético de ser, nos irmanávamos em uma mesma frequência energética e estávamos unidos como que em uma simbiose corporal. Não havia separação entre nós, a despeito dos limites do corpo físico. Nossa corporeidade estava entrelaçada e unida como se fossemos o mesmo corpo, duplicado no outro.

Bem, fato é que, incomodada com o estado quase insuportável de incômodo corporal decidi me levantar; foi quando não sei se minha compaixão ou se a curiosidade falaram mais alto, mas, buscando colocar em prática a percepção intuitiva da experiência, assumi o óbvio desafio diante do qual eu me encontrava: se o estado dele pode invadir minha corporeidade e transformar meu estado de ser, é possível que haja caminhos também para realizar o movimento contrário. E, assim foi. Não queria que ele percebesse minha intenção, então, me mantendo inicialmente quase na mesma posição em que nos encontrávamos, neste looping temporal que se deu desde que nos percebi igualados em nossas corporeidades, comecei a aprofundar minha respiração, lenta e sutilmente, imaginando luz, buscando nutrir sensações e imagens agradáveis, buscando a leveza e a alegria com que eu entrara no ônibus.

Percebi que a respiração dele começou a mudar; ele, até então imóvel começou a se ajustar em sua posição, o que me permitiu também começar a mudar a postura sutilmente, projetando em nós a imagem do peito se abrindo as costas se aprumando... Qual não foi a minha surpresa, com a rapidez que ele foi alterando sua postura e estado corporal. Começou a olhar para fora do ônibus e a abrir-se aos poucos para o espaço em torno; parecia estar vendo o sol pela primeira vez, após muito tempo e, antes de descer do ônibus no meu ponto, contive minha vontade de agradecê-lo pelo momento mágico de aprendizado; mas não resisti olhar pela segunda vez para seu rosto, que agora pousava sobre um corpo respirante, mais presente e aberto, e ainda, se minha memória não me trai, esboçava uma aura de esperança, de movimento. Parece que, sim, ele saíra de uma inércia penosa e difícil de ser quebrada, pelo fato de respirarmos juntos, de estarmos vibrando em conexão. Uma conexão sutil, invisível aos olhos, mas muito clara e presente.

Acredito que tenha sido essa experiência o momento em que comecei a ter consciência do que era esse atravessamento dos corpos, essa realidade complexa e sistêmica, descrita pela física subatômica, que demonstra que somos todas, todos e tudo – espaço e luz. E que não há fronteira real entre nós, mas, termos sim nossa corporeidade constantemente atravessada por ondas e vibrações que desconhecemos ou não temos consciência. O que, na relação dos seres humanos com a natureza, assim como no que concerne à nossa corporeidade enquanto indivíduos isolados, aprendi com Fritjof Capra a chamar de “ilusão da separatividade”. Contextualizando a ilusão moderna de indivíduo enquanto ente isolado e dos limites aparentes

entre individualidades, assim como a ilusão de uma humanidade separada da natureza, do todo ao redor.

Trouxe esta estória pessoal, desde uma perspectiva deveras subjetiva, com a intenção de demonstrar a força com que essa percepção passou a fazer parte da minha compreensão dos movimentos da vida, sem que eu parasse para questionar, elaborar ou desenvolver intelectualmente a questão. Acolhi, naturalmente, como um conhecimento que faz parte do cotidiano e que tem expressões e desdobramentos bastante presentes na práxis das artes do corpo sensível em movimento. Assim como nos processos terapêuticos e em vivências rituais coletivas, digamos, mais relacionadas aos aspectos espirituais do existir e do conhecer. Ou seja, sem problematizar ou ter consciência do processo absorvi tais percepções e os saberes relacionados nas práticas do meu cotidiano de maneira integrada e orgânica.

E, apenas durante a pesquisa do doutorado, no movimento de elaboração e na busca de tecer a compreensão dos elementos e saberes do corpo sensível de maneira mais sistematizada é que comecei a reconhecer uma qualidade peculiar desse fenômeno, nos encontros e processos de desvelamento, construção e tecitura de saberes e conhecimentos. Até que um dia, em algum momento da escrita, me vi nomeando o fenômeno e compreendendo ser uma noção fundamental para a elaboração do processo investigativo: chamei de transcorporeidade. São muitas as maneiras com que eu poderia apresentar a construção dessa ideia, ou dessa noção da transcorporeidade; mas, optei por buscar inicialmente na experiência do cotidiano um exemplo que, apesar de ser um evento aparentemente subjetivo, demonstra para mim a força viva e a “materialidade” na maneira como se entretecem os saberes no território do corpo sensível.

Diante do caso citado, me parece interessante trazer noções básicas de uma teoria relativamente nova desenvolvida nas neurociências, pelo cientista Stephen W. Porges, a *polyvagal theory*. (1995, 2001, 2011). Bastante complexa e abrangente a teoria que trouxe, inicialmente, uma nova compreensão do funcionamento do nervo vago e do sistema nervoso parassimpático, ou sistema nervoso autônomo, tem permitido e potencializado vários desdobramentos potentes, também para outros campos de pesquisa. Nas palavras do autor:

A teoria polivagal introduz uma nova perspectiva acerca de como o sistema nervoso autônomo se relaciona com o comportamento. [...] A teoria polivagal estimula um nível de indagações que desafia os cientistas a incorporar uma compreensão mais integrativa do papel que os mecanismos neurais têm na regulação dos processos comportamentais. [...] A teoria polivagal oferece uma perspectiva para formular questões e não é uma teoria estática. Assim o conhecimento da neurofisiologia aumenta, tornando possíveis hipóteses testáveis que vão dar forma e expandir a teoria. (PORGES, 2007 *apud* LIMA, 2017, p. 35).

Não me cabe fazer uma descrição detalhada da teoria ou de como foram construídas algumas das hipóteses e investigações (para uma introdução ao assunto indico o artigo do próprio Porges: *The polyvagal theory: New insights into adaptive reactions of the autonomic nervous system*. 2009). Creio, porém que pode ser interessante compartilhar alguns aspectos das descobertas e compreensões, que se tornaram possíveis a partir daí, e que podem oferecer suporte para a tecitura de reflexões concernentes às relações sutis, de expressão e comunicação, entre os seres humanos em geral.

A teoria polyvagal tem sido utilizada, aparentemente, com bastante êxito por terapeutas de diferentes correntes e, em especial, no tratamento de traumas. Uma das médicas responsáveis pela difusão da teoria na práxis do campo terapêutico, Deb Dana, que trabalha e ensina com Stephen Porges, tem alguns livros publicados sobre a temática, em que busca traduzir em termos mais acessíveis a teoria e alguns de seus desdobramentos. Em um vídeo publicado pela Norton Mental Health, Dana descreve a teoria polivagal de forma sintética como “a ciência da conexão”: “*in short hand is the science of connection. I like to say is the science of feeling safe enough to fall in love with life and take the risks of living*”. (DANA, 2020, 2’35’’). A variedade de aspectos com que podemos relacionar a teoria polivagal no território dos saberes do corpo me parece ilimitada.

Mas, neste trabalho e especialmente no que concerne a noção de transcorporeidade, interessam particularmente dois aspectos trazidos à tona com a teoria: o primeiro é a contínua comunicação e interconexão de informações e estímulos, entre o sistema nervoso das pessoas. Ou seja, uma conexão sutil de troca de informações e mensagens entre os organismos, na maioria das vezes imperceptível para nós, que porém interfere, atravessa, estimula, provoca respostas e reações no nosso sistema nervoso. O segundo, é a questão da função do nervo vago na comunicação meio/corpo/cérebro e sua capacidade de regulação do organismo.

Introduzindo uma entrevista realizada com Dana, com o tema *Befriending your nervous system*, Tami Simon apresenta o conteúdo do podcast de maneira bastante interessante e sintética, neste sentido:

Our nervous system is constantly in communication with the nervous systems of other people, subtly sharing information just under the surface of our conscious minds. But how familiar are you with your nervous system, its organization, and signals? Do you know at any given moment what state your nervous system is in, and further, what

you might be both picking up from other people and transmitting to them? (SIMON, 2020, mailing<sup>34</sup>).

Me parece interessante pensar nas inúmeras possibilidades de percepção da nossa condição coletiva. Condição que se manifesta nos elementos que compõem nossa transcorporeidade, além de outras tantas possíveis manifestações que nos passam despercebidas. Entendo que a neurociência esteja trazendo explicações científicas para fenômenos que no pensamento oriental, assim como entre os saberes tradicionais de culturas nativas existem como saberes milenarmente reconhecidos e praticados, através de experiências cotidianas e/ou rituais. Segundo Stephen Porges, inúmeros rituais de cantos e danças, assim como práticas como a yoga e a meditação, fazem parte desses saberes que contribuem para a regulação do sistema nervoso no sentido de fortalecer o estado de segurança e conforto além da conexão com a comunidade e com o cosmos.

Ou seja, sem querer me precipitar nesta visita a um campo tão complexo, arrisco dizer que a teoria polivagal abre caminho para a compreensão de vários aspectos em relação aos quais podemos associar a noção de transcorporeidade. Mas, o que me parece de certa forma indubitável é o fato de que estamos constantemente trocando informações e nos influenciando de maneira significativa, através da neurocepção, sem que tenhamos consciência.

### 3.3 Princípio integrador

*A desconfiança em relação à teoria impositiva não significa de modo algum a impossibilidade de algum conhecimento. Muito pelo contrário, isso pode incitar a uma atitude intelectual feita de modéstia, e até de respeito por aquilo que é abordado.*

(Michel Maffesoli)

Nos primeiros movimentos da pesquisa de campo – que acolhi e vivenciei como sendo uma pesquisa performativa, participativa, e um mergulho experiencial da corporeidade no território de investigação – que, como já contei aconteceram acompanhando dois semestres seguidos de uma turma de primeiro ano, no Departamento de Dança, da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, UFG. Mais especificamente em duas disciplinas ministrada pela professora Elisa Abrão, parceira e amiga, nas disciplinas de Estudos

---

<sup>34</sup> Chamada para o podcast enviado por e-mail para o mailing do site Sounds True. Disponível em: <https://resources.soundstrue.com/podcast/deb-dana-befriending-your-nervous-system>

introdutórios em Laban e Improvisação e composição<sup>35</sup>, respectivamente. Já naquela experiência de um profundo mergulho, via corporeidade, no ritmo e dimensões sensório-afetivo-cognitivas do grupo, percebi que me entregava de corpo e alma ao momento, aos encontros e ao fluxo vivo de acontecimentos e constelações que se manifestavam naquele território.

Figura 35 - Elisa Abrão – Docente das disciplinas, apresentando imagem do Monte Verità,



Fonte: arquivo pessoal.

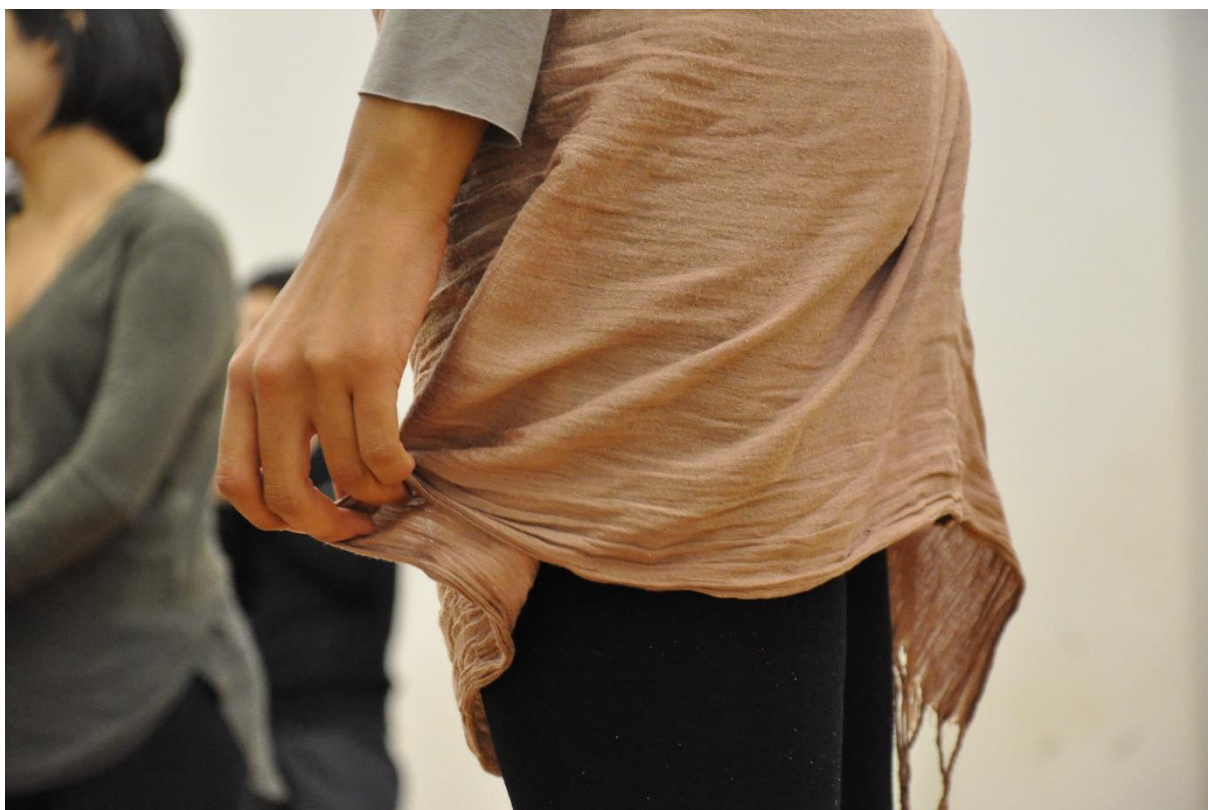
A experiência, acolhida e apoiada pela coordenação do Departamento de Dança, a quem quero agradecer, na pessoa da professora Renata Lima, uma entre as professoras guerreiras do Departamento que têm se empenhado pelo crescimento, valorização e reconhecimento dos espaços da dança, do corpo, dos saberes do corpo e das artes da cena, nos espaços acadêmicos e no sistema de ensino, reflete e representa o aumento significativo de cursos universitários de dança nos últimos anos. Vale lembrar que apenas em Goiânia, Goiás, além da Faculdade de Dança da UFG, foi criado outro curso universitário de Licenciatura em Dança, no Instituto Federal, em que tive a oportunidade de trabalhar como professora substituta, até ser contemplada pela bolsa CAPES de demanda social que exigiu dedicação exclusiva.

---

<sup>35</sup> Duas disciplinas cujos conteúdos me são muito caros e constituem parte integrante da minha trajetória profissional desde a primeira formação profissionalizante em dança contemporânea na Escola Angel Vianna e daí em diante.

Gostaria de citar todos os colegas que se dedicaram a esta empreita, nos dois cursos, porém não tive braços para chegar a estes dados nesta pesquisa. O que quero ressaltar aqui é a dedicação e o empenho valorosos dos profissionais de ambos os cursos, no sentido de universalizar e democratizar o acesso aos saberes do corpo e das artes do corpo, assim como em investir suas vidas na formação dos profissionais e nas pesquisas do campo, que têm conquistado progressivamente visibilidade na sociedade e nos espaços acadêmicos. Entre todos os personagens importantes desta história que não tenho como nomear, quero agradecer à Luciana Ribeiro, dançarina, pesquisadora e professora de dança, outra desbravadora destas conquistas, que como a professora, pesquisadora e dançarina Valéria Figueiredo abriram espaços e pontes, onde antes existiam muros, para que possamos trilhar hoje, retirando outras pedras e buscando flexibilizar outras muralhas.

Figura 36 - Em movimento com os corpos no espaço – Turma de primeiro ano da Licenciatura em Dança – FEFD/UFG.



Fonte: arquivo pessoal.

Me entreguei, portanto, com presença e liberdade (seguindo e respeitando o fluxo da disciplina e das corporeidades envolvidas), o que me possibilitou uma experiência significativa da minha própria corporeidade na relação e interação com as corporeidades da docente e dos discentes.

Relembrando alguns detalhes digamos, metodológicos, optei por entrar inicialmente sem nenhum plano ou objetivo específico – além do mergulho, via corporeidade no território dos saberes do corpo – metodologia presente em algumas práticas das artes do corpo, e, perspectiva a que a cartografia afetiva, proposta por Suely Rolnik “me autorizava”. Me propus a me relacionar com os eventos e momentos, me permitindo fluir como célula em relação livre dentro daquele organismo/turma em processo. Apesar disso, percebi no início, uma certa cobrança interna para seguir certos parâmetros teórico-metodológicos, que se traduziam em uma tendência para me colocar mais como uma observadora, presente e em conexão, mas sem grandes interferências. O que, de certa forma, contradizia minha proposta e minha intenção. Porém, como não havia um caminho dado a seguir, inconscientemente, meu pensamento e racionalidade colonizados tendiam a agir dentro de parâmetros conhecidos e promissores dentro das experiências de pesquisas acadêmicas.

Figura 37 - Em movimento com os corpos no espaço – Turma de primeiro ano da Licenciatura em Dança – FEFD/UFG.



Fonte: arquivo pessoal.

Mas, a vida invadiu o processo, já que, por sorte, tendo assumido a proposta de uma pesquisa performativa em movimento através de uma corporeidade investigativa – sendo essa corporeidade realmente presente – não poderia funcionar dentro dos parâmetros que

inicialmente pareciam me amarrar. Já que minha corporeidade presente e em estado de abertura – junto ao incentivo da Elisa e à receptividade dos alunos – naturalmente me envolvia, me conectava, me entretencia nos movimentos vivenciais/experienciais e entrelaçamentos entre as corporeidades do Corpo/Grupo. Assim, sem intenção consciente, fui me tornando parte integrante daquele Corpo/Turma em movimento criativo. Acredito que entrei com delicadeza e amorosidade e, assim, fui recebida, generosa e progressivamente, com a mesma delicadeza e amorosidade.

Gostaria de trazer inúmeras outras reflexões e registros desta rica e transformadora experiência, porém, a pesquisa tomou outro rumo, quando recebi a bolsa de doutorado sanduiche para Berlim, o que fez com que o momento em que eu, potencialmente faria registros mais direcionados para a sistematização e elaboração do processo fosse interrompido. E, portanto, transformou-se em rica experiência e contato com minha corporeidade, com as corporeidades da turma, com nossos entrelaçamentos e experiências transcorporais e com os saberes do território. Tão rico e inspiradores, ou mais, que qualquer planejamento que eu pudesse seguir. E, aqui digo transcorporais no sentido talvez mais prático e material da transcorporeidade, na medida em que nos tocamos, nos contemplamos, nos inspiramos e transformamos coletivamente – tanto nos aspectos físicos, quanto nas dimensões psíquicas, afetivas, espirituais etc.

Figura 38 - Em movimento com os corpos no espaço – Turma de primeiro ano da Licenciatura em Dança – FEFD/UFG.



Fonte: arquivo pessoal.

Ressalto novamente que o envolvimento e a entrega – a este movimento de busca por uma corporeidade investigativa – me permitiu vivenciar e experienciar o processo, os encontros e os eventos, como mais uma célula daquele organismo coletivo que fomos e no qual nos transformamos coletivamente, germe da elaboração da noção de transcorporeidade. Interessante também registrar que, não obstante o ponto de partida ou a experiência anterior que eu trazia de três décadas de experiência no território de saberes, a que a maioria dos alunos acabava de entrar, parecia e era percebida, certamente por mim, e creio que também pelos alunos, como não fazendo a menor diferença. Talvez pela presença e abertura ao momento e aos encontros.

Continuo sem palavras para falar da beleza, da profundidade e da intensidade fértil da experiência para mim; e, talvez também por este motivo, não tive vontade nenhuma e nem motivos para me “distanciar objetivamente”, ou qualquer coisa parecida com não me entregar ao processo como mais uma aluna, naquele período. Ainda que tenha por algum momento substituído a Elisa em conduzir as aulas. A relação com a turma se mantinha, na minha percepção, a mesma. Assim, até o final dos dois semestres, não tinha a mais pálida ideia de como, ou se, aquela experiência – aquela “pesquisa de campo” – poderia ser “aproveitada” nas elaborações da pesquisa e na formalização da tese. Posto que, na verdade, percebi que era muito

mais importante vivenciar a experiência como (re)encontro com a minha corporeidade do que como objeto/material de estudo, com funcionalidade, a ser aproveitada.

O que acolhi com certa tranquilidade, já que a proposta da pesquisa era mesmo me lançar no território dos saberes do corpo e me movimentar desde/na/com a corporeidade, incluindo aspectos do território como a sensibilidade, a afetividade, a percepção, a presença, a imaginação, a consciência, a intuição, a criatividade etc., como mencionei insistentemente nos primeiros movimentos narrativos. Mas, algo me dizia que sim, que aquela experiência investigativa de campo faria sentido ao final das contas, já que fazia todo o sentido naquele momento.

Confiei então que, de alguma maneira, aquela experiência visceral e (trans)formadora me preparava para seguir o caminho da corporeidade na pesquisa; e que, no momento certo, eu iria compreender, ou não, o significado e a potência daqueles encontros e entrelaçamentos, daquela experiência/encontro/contato fecundo e amoroso. Daquele movimento de entrelaçamento e *communitas* (TURNER), daquela experiência viva de transcorporeidade, que só pude elaborar posteriormente como tal.

Muito mais tarde, já no terceiro movimento da pesquisa de campo, é que comecei a compreender e esboçar uma elaboração do que viria a ser a percepção desta dimensão que esteve presente durante todo o processo de investigação e que veio a se compor como noção fundamental e medular da pesquisa enquanto *noção de transcorporeidade*. Esse terceiro movimento de investigação de campo se desenvolveu um tanto casualmente, na Índia, principalmente no CVN Kalari Trivandrum, um dos berços da revitalização da arte marcial *Kalarippayat* – arte milenar que fizera parte da minha formação inicial nos idos de 1988 a 1990. Em momentos anteriores da narrativa falei deste terceiro movimento, que foi determinante para a compreensão e início da elaboração da noção de transcorporeidade, pela clareza com que, então, pude identificar o fenômeno.

Neste ponto, pretendo não mais que esboçar, a noção de transcorporeidade e contar um pouco sobre como se deu o início da percepção desta dimensão – enquanto algo que eu poderia nomear e desenvolver – quiçá, *como categoria de análise e observação, ou melhor, como prisma para a percepção e compreensão da realidade*. Por outro lado, creio que seja interessante ressaltar a importância do que passei a chamar, ao longo da pesquisa, de *metodologia intuitivo-criativa* e que se tornou o *modus operandi* com o qual caminhei nas pesquisas de campo e, no todo da investigação.

No livro *Elogio da razão sensível*, Michel Maffesoli fala de uma “razão interna”:

É essa sensibilidade que pode permitir compreender o que vem a ser uma racionalidade aberta. Ao contrário do racionalismo estreito e algo estático, ela apela para uma espécie de entusiasmo, no sentido mais forte do termo, que põe em ação uma força instintiva [...]. Assim se exprime a sinergia da razão e do sensível. O afeto, o emocional, o afetual, coisas que são da ordem da paixão, não estão mais separados em um domínio à parte, bem confinados na esfera da vida privada; não são mais unicamente explicáveis a partir de categorias psicológicas, mas vão tornar-se alavancas metodológicas que podem servir à reflexão epistemológica, e são plenamente operatórias para explicar os múltiplos fenômenos sociais [...] Numa palavra, compreender que a racionalidade aberta integra como parte o seu contrário, e que é dessa conjunção que nasce toda percepção global. (MAFFESOLI, 1998, p. 53-4).

Posso dizer que, algo como uma “razão interna”, uma “razão orgânica” (Idem, p. 64) ou uma “fruição pensante” (MAFFESOLI, 1998, p. 196), a que Maffesoli dá vários nomes e que apresenta de diversas maneiras, foi o que me moveu ao longo da pesquisa e considero ser parte do que chamei de metodologia intuitivo-criativa. Foi o que me fez compreender a necessidade de uma performatividade indisciplinar, que assumisse a corporeidade investigativa como caminho e abraçasse essa espécie de metodologia intuitivo-criativa, a que me entreguei ao longo do processo. E, foi também o que me permitiu perceber e elaborar a noção de transcorporeidade, como uma manifestação comum em nossas vidas diárias, para a qual, porém, costumamos não nos atentar. Manifestação que, quanto mais buscava compreender, mais percebia suas variações, dimensões plurais, ressonâncias e derivas.

Maffesoli discorre, incansável e brilhantemente, sobre a incapacidade da racionalidade cientificista dar conta dos fenômenos sociais e vitais, trazendo sempre novos exemplos também da possível superação desta abordagem moderna, que já não dá conta do que ele chama de pós-modernidade. Em suas palavras: “A busca das raízes para além do tempo e do espaço é, antes de mais nada, outra maneira de compreender a relação com o mundo. Isso pede, é claro, que se repense a leitura intelectual capaz de perceber tal fenômeno.” (MAFFESOLI, 1998, p. 98).

Em vários momentos do texto, assim como na continuidade do acima citado, o autor desenvolve suas ideias falando de dimensões específicas que, para mim, estão incluídas no que tenho entendido como elementos da transcorporeidade que somos e que nos compõe seres coletivos e interconectados. Por exemplo:

De um modo puramente indicativo pode-se aqui fazer referência à *memória coletiva*, meio privilegiado para bem perceber os fenômenos de que se acaba de tratar. Segundo os teóricos dessa temática trata-se de um quadro que “vincula as lembranças”. Ficando bem claro que essas lembranças não são forçosamente conscientes, mas são como uma “forma que informa” em profundidade as maneiras de ser ou de pensar, sem que um ato racional presida sua elaboração. Pode-se até mesmo falar de uma “inteligência intuitiva” anunciada por várias gerações> talvez se devesse falar de um saber incorporado, que é preciso compreender no sentido forte do termo, isto é, algo que “faz” o corpo social, que o constitui enquanto tal. A memória coletiva, assim como a

“inteligência intuitiva”, constituem, de certo modo, um terço a partir do qual uma cultura pode crescer. (MAFFESOLI, 1998, p. 98).

Poderia trazer várias passagens de Maffesoli que, para mim, falam de alguma maneira de dimensões da transcorporeidade de maneira especialmente rica. Por exemplo, um pouco adiante no texto, quando fala do *habitus*, como “um modo arquetípico de adaptar-se ao próprio ambiente”. E continua:

Segundo uma expressão que usei muitas vezes, a de “saber incorporado”, ele faz com que cada qual vá apropriar-se daquilo que está aí, ao alcance das mãos, esse famoso “estoque de conhecimentos” que utilizamos sem prestar muita atenção. [...] Com efeito, ficando prisioneiro da ideologia individualista que marcou fortemente a modernidade, tem-se a tendência a desprezar os conteúdos coletivos da evidência a que me referi, esquece-se a sua natureza arquetípica. É justamente esse aspecto arquetípico que vai reproduzir, de um ponto de vista epistemológico, uma concepção completamente diferente desse fenômeno. (MAFFESOLI, 1998, p. 99 e 100).

A partir daí, o autor faz relações com Carl Jung e a noção de “conteúdos arcaicos”, como “expressão de uma natureza humana e animal da qual somos herdeiros” e com Lévy Bruhl e a expressão “participação mística”, apresentando a partir daí o que eu poderia tranquilamente agregar como definição das dimensões afetivas e ancestrais da transcorporeidade. Assim, faz-se mister citá-lo novamente:

As numerosas participações afetuais, emocionais, que pontuam a vida diária, pedem classificação nessa rubrica. Não cabe aqui enumerar uma lista exaustiva delas; basta indicar que é nossa tarefa assumir isso epistemologicamente. Existe um *mysterium conjunctionis*, o cimento da vida cotidiana: é preciso saber dar conta dele, de modo a não ficar em defasagem grande demais em relação à sociedade (re)nascente que essa participação impulsiona. (MAFFESOLI, 1998, p. 100).

Imagino, mais uma vez, que a noção de transcorporeidade como conexão entre nossas corporeidades afetivas e ancestrais, entre seres humanos, esteja já bastante clara com a contribuição preciosas de Maffesoli, principalmente após as várias menções ao fenômeno ao longo da tese. Existem, porém, outras tantas dimensões da transcorporeidade que pretendo anunciar, muito mais do que com intenção de sistematizar definitivamente. Mantendo coerência com o corpo teórico, a perspectiva epistemológica e a experiência ética e estética da pesquisa. Continuamos assim, portanto, no caminho e caminhar pelas experiências e manifestações da transcorporeidade, com as características circulares e espirais das constelações e fractais próprios do território dos saberes do corpo sensível e criativo.

### 3.4 Transcorporeidade – um esboço

A noção de transcorporeidade, se desenvolveu, portanto, de modo a nomear uma qualidade que se revelou inerente, natural, própria das vivências e processos grupais, aonde entrecimentos de saberes e construção de conhecimentos na coletividade, no território das práticas e artes do corpo em movimento, se dão. Foi um modo de nominar e ressaltar a consciência de uma experiência bastante comum e própria desse universo de saberes, transmissão, re-criação e comunhão de saberes, pela corporeidade e pelos movimentos.

A noção de transcorporeidade, enquanto manifestação de uma coletividade germinal e processual dos saberes; uma transpessoalidade, manifesta nas corporeidades envolvidas, direta ou indiretamente; uma transciência coletiva, integradora de diversas dimensões e faculdades do ser, da experiência e do saber.

Traz ainda o desafio de abrir questões outras, relacionadas à construção do conhecimento, e antes, ao lugar e à compreensão dos saberes, enquanto processos transcorporais em movimento de devir, enquanto perspectiva de ressignificação e plurissignificação de noções como indivíduo, consciência, autoria, etc. E se desenvolve, enquanto instrumento de análise e compreensão de processos cognitivos e criativos.

Antes uma noção em devir do que um conceito definido, trago a TransCorporeidade como metáfora de uma imagem que se esboça em inúmeros matizes e desdobramentos. A ideia de uma teia de relação/contato/conexão sutil constante dos corpos/corporeidades/territórios/organismos entre si. Uma teia de conexões, algo como se fossem as sinapses cerebrais de troca de informações entre os neurônios; só que ampliada para as corporeidades entre os seres. Algo como conexões neurais espaciais invisíveis entre os nossos corpos/corporeidades/organismos.

O que, em princípio, não é muito diferente da imagem da comunicação entre o sistema nervoso dos organismos entre si, que se dá em um nível sub/inconsciente.

Essa teia relacional entre o sistema nervoso dos organismos, poderia ser estendida ser expandida, infinitamente, por conexões cada vez mais sutis, porém não necessariamente menos potentes ou perceptíveis. Dependendo das circunstâncias. O caso, por exemplo de uma pessoa estar pensando na outra e a outra telefona, na hora, ou em seguida. Ou, ainda, no caso de alguém com quem não falamos há muito tempo, pensamos e recebemos alguma mensagem ou contato, em seguida ou poucos dias depois. Essas “coincidências”, que podemos nomear em diferentes línguas, culturas, crenças, ideologias de maneiras diversas. E, em boa parte delas, no oriente

por exemplo, tais coincidências são relacionadas a uma consciência, ou a uma força maior, uma dimensão do divino, das manifestações da criação.

Como dizia nosso diretor Shogo Ohta, nas preleções sobre o zen budismo na relação com o teatro dele e o trabalho que estávamos desenvolvendo: “o poder do acaso<sup>36</sup>”. O que Fritjof Capra chamou de “sincronicidade”. Minha mãe chama de telepatia, mas fato é que, quase que invariavelmente, quando eu estou muito mal, “com o coração apertado”, ela por algum motivo me liga. Foi assim por muitas décadas, até que começamos a trocar os papéis.

Essas foram algumas ramificações e derivas da manifestação desses contatos, encontros, entrelaçamentos, transmissões e recepções de impulsos energéticos, fluxos simbólicos, transmissão de conteúdos sutís, abstratos, etéreos.

Comecei a elaborar teoricamente a percepção do que chamo de transcorporeidade – enquanto um fenômeno ou categoria capaz de contribuir para a compreensão de alguns aspectos ou dimensões próprias aos movimentos e entrelaçamentos – na transmissão e criação de saberes e conhecimentos nestes territórios de saberes do corpo. Se não me engano, foi quando eu estava fazendo uma entrevista, com um dos discípulos do Kalari onde eu estava realizando a pesquisa, que me veio essa imagem. Nada que parecesse diretamente relacionado ao que ele falava, mas foi aquele momento/contato/experiência que, de alguma forma, inspirou minha percepção de como se davam os processos cognitivos que permitiam a perpetuação dos saberes, ao longo das gerações, naquele contexto.

Naquele instante, percebi (com a sensação de insight) que o vigor do conhecimento, ou o valor real/vivo dos saberes do corpo não estavam dados como algo em si, a ser criado, ou desenvolvido e transmitido. Mas, sim que eram expressões e manifestações sempre em processo. E que sua consolidação, transmissão, apreensão, desenvolvimento e corporificação não se dava no indivíduo ou nos indivíduos; não acontecia ou era elaborado nos corpos (corpo/mente/espírito) isoladamente, mas aconteciam e se manifestavam nesse espaço/tempo/fluxo da experiência e nos encontros. Ou seja, entendi que o que chamamos de construção do conhecimento – ao menos no território dos saberes do corpo – não acontecia dentro de uma pessoa (corpo/mente/espírito), ou era transmitido de uma pessoa (corpo/mente/espírito) para outras. Mas sim, no espaço/tempo/fluxo de criação entre os corpos.

---

<sup>36</sup> A tradução é pobre, com certeza, especialmente levando-se em consideração, além do comum empobrecimento das imagens da escrita japonesa quando traduzidas para uma língua ocidental, e, ainda, o fato de ter sido traduzida do japonês para o alemão. Visto que o elenco era formado com metade de atores japoneses e a outra metade por atores alemães, um russo e eu, uma brasileira.

Quero dizer que os saberes do corpo se tecem e são entretecidos na dinâmica e na experiência da relação criativa entre os corpos em movimento. Em outras palavras, os saberes do corpo são gerados, nascem, crescem e se recriam, pela experiência, nos encontros e movimentos de exploração, criação e desenvolvimento entre os corpos envolvidos. Parece difícil de explicar, mas, na verdade é bem simples de perceber. É algo que, depois que me dei conta e fui clareando para mim mesma alguns aspectos dessa qualidade, ficou claro que se trata de um fenômeno comum e cotidiano no território dos saberes do corpo sensível em movimento.

Mais tarde fui fazendo outras relações e percebendo as ramificações possíveis que a compreensão deste fenômeno me permitia desenvolver em outras situações e contextos da existência. Noção que, espero, possa contribuir para outros olhares e práticas nos processos de investigação e construção do conhecimento, assim como ser enriquecida e aprofundada por outras corporeidades que se identifiquem ou sintam vibrar o vigor deste fenômeno em nossas relações e existências. Em síntese, esta noção germinal em desenvolvimento, se revelou de grande fertilidade para as minhas observações e elaborações da pesquisa doutoral, tornando-se ainda uma categoria fundamental resultante da pesquisa, que me permitiu passar a observar, perceber e analisar diferentes aspectos e dimensões sociais e existenciais, para além da pesquisa.

### 3.4 O mal-estar capital quando atravessa e nos transcorporifica

*Porque cantar parece com não morrer  
É igual a não se esquecer  
Que a vida é que tem razão*

(Ednardo)

Por muito tempo quis esquecer e por mais tempo ainda quis emudecer. Quis calar na esperança de não ajudar a tornar realidade aquelas imagens sensações/visões/pavor que me tomaram a corporeidade violentamente naquele dia fatídico das últimas eleições presidenciais.

Não quero nomear, fazer alarde e tampouco me estender. Mas, fato é que fui tomada de uma ansiedade que com o fogo da indignação me fizeram perder um tanto o rumo. Angustuada, nervosa, falando alto e conclamando a família de amigas e amigos ali reunidas para nos consolarmos, nos acolhermos, nos protegermos. Conclamando sem saber ao quê.

Uma das amigas, vendo meu estado, me ofereceu uma sessão de uma prática parecida com o Reiki, para relaxar e equilibrar. Claro, gratidão! Fomos pro chão delicioso da casa vizinha da outra amiga que estava junto. Deitei no chão de madeira, chão de nossas danças e andanças,

na esperança de que, claro, logo estivesse me sentindo melhor e mais em paz. Como ocorre normalmente nestas práticas.

Deitei-me contente e grata pela oportunidade e generosidade que me acolhiam o desespero, pronta para deixar ir aquela angústia, aquela agonia. Respirei fundo, senti o chão me acolhendo, conectei com a terra mãe e o espaço infinito de possibilidades e estava pronta para relaxar e me harmonizar. Me entreguei ao momento, me senti presente em toda minha corporeidade e contato com o todo...

Foi quando me vieram imagens, muitas imagens sucessivas, violentas e rápidas, passando à jato como num filme acelerado. Imagens terríveis, inexplicáveis, assombrosas de florestas sendo queimadas, indígenas sendo mortos e pessoas sendo torturadas. Imagens que até hoje me fazem tremer e chorar ainda agora ao relembrar. Tentei espantar as imagens com o respirar, dizendo a mim mesma que eram apenas frutos do meu medo; mas elas foram aumentando e me tomando todo o corpo, alma, coração. Fazendo a dor explodir em choro de desespero e levando o corpo tremer e se contorcer de pavor.

Até pouco tempo atrás ainda conseguia me dizer que não. Que não era possível ter previsto naquele dia, com tanta clareza de imagens e sensações parte da tragédia humana e ecológica que estamos vivendo. Quantas florestas e territórios vi queimando, ardendo, quantos indígenas vi sangrando e morrendo, quantos corpos vi sendo torturados e gemendo sós. Até hoje me vem clara a sensação de pânico, de desespero, de impotência e desesperança que senti naquele dia. E, por mais que eu e a Warla tenhamos buscado transformar aquele estado, só foi melhorando quando abri os olhos e chorando contei pra ela tudo o que tinha visto. E diante da promessa de que era só minha imaginação assustada.

Não tenho intenção de explicar, justificar ou categorizar neste trabalho este tipo, ou qualquer tipo, do que alguns chamam de visão ou premunição. Não importa, creio, na verdade se era temor, previsão ou se imagens de um passado remoto de outros corpos em minha corporeidade, projetando-se para o futuro. Fato é que esta é uma das dimensões em que sentipenso neste atravessamento, nesta coletividade imagética, arquetípica e de constelações transcorporais que nos compõem.

### **3.5 Tessitura transcorporal e a noção de Transcorporeidade**

Constelações que comecei a compreender nas pesquisas de campo, como tendo uma vida própria, enquanto encontros e entrelaçamentos entre as corporeidades/existências/saberes envolvidos, em suas manifestações mais sutis. *A esse fenômeno de entrelaçamento sutil entre*

*as corporeidades/existências, passei a chamar de transcorporeidade. Noção que foi se construindo e se desvelando em múltiplas dimensões e aspectos e, organicamente, assumindo protagonismo no processo investigativo. Uma tese, em suma, entretecida desde a corporeidade investigativa do pesquisador, no exercício de uma práxis descolonial e de uma performatividade indisciplinar, no sentido de uma emancipação epistemológica possível e de uma construção coletiva transcorporal de saberes.*

A noção de transcorporeidade, noção em tessitura, tornou-se, então, medular na perspectiva, concepção e construção da tese. O olhar a partir do qual passei a perceber e compreender a totalidade dos aspectos da investigação. Uma categoria de observação e análise da realidade. Longe de ter a intenção de traçar limites definitivos ou sistematizar a transcorporeidade em uma conceituação estreita, acredito que, enquanto uma noção nascente, esteja apenas anunciando seu potencial. Assim, busquei interpretar nos diferentes movimentos narrativos, aspectos diversos, entrelaçados e complementares do que chamo de transcorporeidade. Seja atravessado por eventos cotidianos, ou em momentos específicos do processo investigativo, passando por associações com elementos recuperados de memórias residuais e/ou em relação à conceitos e teorias científicas.

Encontrei, por exemplo, em Silvia Rivera Cusicanqui, no livro *Um mundo ch'ixi es possible*, a noção de *amuyt'aña* da língua *aymara* que traz elementos semelhantes ao que compõe a noção da transcorporeidade. A autora inicia dizendo que vai se permitir:

Hablar desde contextos epistemológicos reveladores, que parten del intento de comprender las vivencias y emociones que acompañan el acto del pensar. Pensar, conocer, son nociones que pueden tener dos significados en aymara: en primer lugar, *lup'ña*, pensar con la cabeza clara, que viene de la raíz *lupi*, luz del sol. Se trata de un modo de pensar que podemos asociar con lo racional. El otro modo de pensar, que es el que aquí me interesa, es el *amuyt'aña*, un modo de pensar que no reside en la cabeza, sino en el *chuyma*, que se suele traducir como “corazón”, aunque no es tampoco eso, sino las entrañas superiores, que incluyen al corazón, pero también a los pulmones y al hígado, es decir a las funciones de absorción y purificación que nuestro cuerpo ejerce en intercambio con el cosmos. (RIVERA CUSICANQUI, 2019, p. 121).

Neste intercâmbio sutil e sensível com o cosmos e todos os corpos internos e externos existe a transcorporeidade. As partículas que respiro, que vieram da sua respiração, do pulmão pro coração, nos fazem corpos feitos de uma mesma materialidade, energia. No inspirar, te respiro. No expirar te entrego de mim um tanto da experiência vivida. Transcorporificando-nos sem saber, todo o tempo.

### 3.6 A Transcorporeidade do Saber

A invenção de que o conhecimento pode ser algo de concreto e definido, e ainda, que a construção dessa elaboração em um pensamento pode ser de autoria rigorosamente pessoal, é uma construção moderna ocidental, eurocêntrica e centrada na ideia de indivíduo; todas as construções que se propagaram com o colonialismo e a modernidade capitalista. Porém, se pensarmos nas influências e atravessamentos por que passa cada ser humano em seu percurso, diariamente, podemos compreender que as ideias se movem na mesma medida em que damos nossos passos, ou, na mesma medida em que o ar entra e sai dos nossos corpos, trazendo outras informações de aromas, de temperatura, de sistemas vivos que compõem nossa corporeidade, nos transformando à cada instante. Minha ideia não é minha e meu desejo não é necessariamente ou somente meu. É o pressuposto que delineia a noção de transcorporeidade. Somos permeados pelas corporeidades e subjetividades “alheias”, todo o tempo.

Assim, o que acredito que sinto-penso-vivencio, pode ser o sentimento-pensamento-vivência de algo ou de alguém, próximo ou distante, ou do grupo, ou do inconsciente coletivo, ou da coletividade, da ancestralidade, da memória celular, dos traços genéticos, nos infinitos tempo/espaco/fluxo possíveis de relações, sinapses, conexões, mensagens – que atravessam, transformam, encontram o ser que sou em movimento/relações transcorporais, sempre. Ainda que eu esteja isolada ao meu espaço social, estou sempre em comunicação e troca como o sistema a que pertencço. Sejam essas trocas e trânsitos de imagens, mensagens, símbolos, vibrações, sensações, mais sutis ou mais materiais, mais conscientes ou inconscientes, que inspirem ou movimentem para mais ou menos trocas, trançados, entrelaçamentos e transformações.

Acredito que não seja possível, nem necessário, nem desejável mensurar, buscar evidências, provas, comprovações ou atestados de reconhecimento científico (da realidade material comprovável pela ciência) do que possa ser a transcorporeidade. Não para provar que é real e ainda menos para estabelecer definições do que seja “essa tal de transcorporeidade”, perscrutá-la enquanto objeto, investigá-la buscando desvendar e sistematizar suas propriedades, assim como se disseca um corpo. Não tenho intenção de assassinar de cara uma noção, que com esse nome é nascente, mas, que perpassa noções de várias culturas, tempos e campos do conhecimento diversos; no sentido de significar a cor-relação do ser no mundo, do ser-mundo. Do ser parte integrante do corposocial, do corpo da natureza, do corpo do planeta, do corpo da galáxia, do universo e infinitamente. Ser parte do UM Do Todo, Do TAO.

Daí, dia desses estava molhando as plantas e a lua crescente, sorridente pra mim, não sei bem por que motivo, me fez ter a sensação profunda da conexão com a Terra e com minha corporeidade. Nesse estado tive a certeza do que apresento agora, sem maiores explicações e como manifestação viva dos saberes da transcorporeidade que me habita, me compõe e me faz Ser:

O corpo é feminino, receptáculo da vida. O corpo é morada, lugar da vida, território. O corpo é mãe, terra fértil, doadora de vida. O corpo é acolhimento, cálice, conhecimento. O corpo é o cálice do Santo Graal, morada da sabedoria. Lugar de encontro/contato e conexões entre teias de encontros e conexões onde toda experiência, conhecimento, sabedoria germinam, brotam, se manifestam.

No dia seguinte a essa percepção do corpo como manifestação do feminino, corpo como morada e como cálice, me apareceu no timeline do youtube o seguinte vídeo de Krenak:

De alguma maneira, a voz, a mensagem da terra, a mensagem da vida, ela tem uma predominância feminina. Apesar do patriarcado persistir, a mensagem feminina da terra, ela é permanente. Mesmo quando ela é oculta, quando ela está escondida, ela continua produzindo vida e dando o sentido pra nossa experiência continuada, daquilo que nós poderíamos chamar de uma certa humanidade. E, me ocorreu que a arte mais implicada com a vida, ela vem desse lugar feminino. E que os homens se projetaram ao longo de diferentes períodos da nossa história como a voz que ordena o funcionamento das esferas da vida. (KRENAK, 2019<sup>37</sup>).

Manifestação daqueles “acasos” da vida. Para mim uma confirmação de que aquela percepção tinha fundamento maior do que apenas uma abstração metafórica. Mas, sim, uma imagem simbólica plena de sabedoria. Da sabedoria dos tempos vividos pelo corpomundo da terra.

CorpoMundo, CorpoVida, CorpoTerritório, CorpoTerra... A Terra Mãe, nós em nossa corporeidade orgânica maior, expressão viva da transcorporeidade concreta e sutil que somos.

---

<sup>37</sup> Ailton Krenak no vídeo: *Ailton Krenak fala da mensagem feminina da Terra*. No canal SELVAGEM, ciclo de estudos sobre a vida (vídeo inteiro).

## MOVIMENTO IV – NARRATIVAS EM (DES)ENVOLVIMENTOS INDISCIPLINARES

*[...] porque a língua às vezes permanece muito tempo prenha das transformações que vão advir e porque nela a enumeração dos meios de expressão não tem sentido, pois aqueles que caem em desuso continuam a levar uma vida diminuída, e o lugar daqueles que os vão substituir por vezes já está marcado, ainda que na forma de uma lacuna, de uma necessidade ou de uma tendência.*

Maurice Merleau-Ponty

*Constance Classen (1993) nos lembra que o sentido do mundo forma-se através dos sentidos do corpo.*

*Ruídos. Trata-se de um fenômeno de alta relevância para estudos de performance. A abordagem que aqui pretendo desenvolver se anuncia na releitura crítica que se faz das análises de Noam Chomsky (1965) a partir de sua distinção entre “performance” e “competência”. Ao passo que um enfoque centrado na competência tende a privilegiar o estudo das gramáticas que subjazem as manifestações culturais, estudos de performance demonstram um interesse marcante por elementos estruturalmente arreados: resíduos, rasuras, interrupções, tropeços, e elementos liminares. Ruídos.*

John C. Dawsey

Ainda que a narrativa tenha se construído dentro de um exercício de presença e expressão da corporeidade e da transcorporeidade, e de maneira também muito intuitiva e sensível, assumindo a performatividade indisciplinar de busca, risco e desafios, sabemos com Foucault (2016) que a linguagem e o discurso trazem consigo estruturas e mecanismos muito anteriores ao controle que podemos exercer conscientemente sobre eles. Uma das questões que conforma ou deforma a possibilidade da escrita neste contexto é a colonialidade internalizada de nossos imaginários, pensamentos e vícios de linguagem, que, de um modo ou de outro, tendiam a se conformar em velhos hábitos de escrita, em velhas crenças do que seja uma escrita acadêmica. Força subjetivada que tendia a excluir tais ruídos, rasuras e interrupções comumente arreadas, de que fala John Dawsey (2007, p. 527), quando estas brotavam na voz rebelde da corporeidade em movimento de escrita.

Diante desta percepção e conflito, mais uma vez me desafiei e quis permitir a busca e o não saber, no sentido de, quiçá, encontrar ou esboçar outros caminhos narrativos que permitissem à corporeidade da experiência e à transcorporeidade presente no ser/corpo/organismo/planeta se manifestarem no fazer do texto, na inscrição da tese. Desafio incerto que, porém, se colocava no sentido de manter a coerência com o todo da investigação.

E, assim fui, mais uma vez, tate-andô, entre palavras e frases, além de acolhendo algumas imagens, memórias, narrativas e textualidades de pares, que me transcorporificavam devir dia após dia, à cada encontro e reencontro. E, assim, cada dia me vi outra, outras, outros, querendo ganhar voz nas palavras.

Acredito que tenha sido este um dos motivos pelos quais a escrita tenha começado a se compor como coreografias textuais, de certa forma autônomas e independentes, ainda que fundamentalmente entrelaçadas em sua transtessitura. Em outras palavras, estas células narrativas, foram se tecendo como espirais entrelaçadas em um fractal maior que se quer organismo/tese. Assim, entendi que era necessário acolher estas tessituras narrativas enquanto organismos interconectados de um organismo transtextual maior que brotava em mim, e que, em busca de representar as elaborações de um longo e intenso processo investigativo, parecem ter se conectado com a força das experiências de campo, no sentido de por vezes ganhar vida própria, para ir se compondo tese.

Vejo este movimento narrativo como uma espécie de movimento constelar de corpografias textuais coreográficas da experiência – no sentido de brotarem da corporeidade transcorporal que se expressa, se manifesta e se funde, performaticamente, no texto. Enquanto o texto, em sua textualidade corpográfica insiste em mover e afetar, transformar a corporeidade transcorporal que lhe dá vida. Na verdade, já não sei, em muitos momentos, se estou dando vida ao texto ou se o texto está tomando vida em minha corporeidade, com todas as textualidades, transcorporeidades e memórias de experiências que aqui se inscrevem.

De qualquer modo, espiralando de volta em exercício de diálogo sobre a estrutura que se compôs, outra característica da tessitura fractal e fragmentaria na narrativa que foi surgindo e que me parece se assemelhar a características identificadas na obra de Benjamin é, nas palavras de Cláudia Castro, o fato de que, na obra de Benjamin “Os mesmos motivos, os mesmos conceitos insistentemente se repetem, ainda que modificados, reenviando um ensaio a outro e de forma que os textos se relacionem entre si”. (CASTRO, 2011 *apud* CORRÊA; SOUZA, 2016, p. 4). Características presentes também na estrutura da narrativa, que foi se configurando, em performance textual, desde o início do processo de escrita e que pareceu ganhar vigor e vida própria no momento de imersão Covid-19. Quando o sentido do sentido do sentido de tudo pareceu desmoronar e, com ele, minha resistência à rebeldia do texto.

Como já disse, tais características me remetiam à ideia de espirais entrelaçadas e interrelacionadas, que me levaram à imagem do fractal. Mas, pelo que colocam as autoras, leitoras de Benjamin, não parecem se esgotar aí as semelhanças processuais e/ou estruturais (ou

apenas imaginárias para mim) da narrativa do autor com caminhos que ando entretecendo, intuitiva e existencialmente nessa busca expressiva.

Dizer algo sobre o próprio método da composição: como tudo em que estamos pensando durante um trabalho no qual estamos imersos deve ser-lhe incorporado a qualquer preço. Seja pelo fato de que sua intensidade aí também se manifesta, seja porque os pensamentos carregam de antemão um *télos* em relação a esse trabalho. É caso também desse trabalho que deve caracterizar e preservar os intervalos da reflexão, os espaços entre as partes mais essenciais deste trabalho, voltadas com máxima intensidade para fora. (BENJAMIN, 2006:499 [N 1,3] *apud* CORRÊA; SOUZA, 2016, p. 4).

Não obstante este encontro ter chegado perto da finalização da escrita, minha identificação imediata, diante da descrição analítica do trabalho do autor, me ajudou a ver/compreender muito da minha própria narrativa. Pude ver com mais clareza o que, no meu caso, acredito poder chamar de escolha metodológica (inicialmente intuitiva e tardiamente por necessidade) da linguagem narrativa. Uma escolha que, em termos psicanalíticos, talvez pudéssemos falar do “não ceder do desejo”. Persistir no movimento de risco em direção ao desconhecido objeto desejado, ainda que nadando contra a corrente, não parece algo muito razoável, mas parece fazer todo sentido. Assim, diante da total falta de sentido que a Covid-19 pareceu instaurar nas nossas realidades, a escrita se tornou meu porto seguro, meu movimento de tecer sentidos, sempre que deixava de lutar contra o que nascia de maneira orgânica e anárquica de minha corporeidade atravessada por nossa transcorporeidade em pandemia.

De qualquer maneira, o razoável, o sensato, o indicado, o conhecido e o previsível não estavam entre as características que pudessem caber na performance – ética, estética e política – potencialmente contida na proposta e nos desafios da pesquisa. Uma das perspectivas centrais que nortearam todo o processo, repito, creio que pode ser resumida no desafio de dar espaço/tempo/fluxo/existência para a voz transcorporal do corpo, para a corporeidade que sou/somos, entrelaçada na transcorporeidade da existência coletiva; neste caso, através da voz que se (per)formava, ou que se realizava em minha letra. Trazendo aqui o sentido de performance como descrito por Turner em *Do ritual ao teatro*, a partir do trabalho de Dilthey:

Uma experiência em si é um processo que “extrai” uma “expressão” que a completa. Aqui a etimologia de “performance” pode nos dar uma pista útil, pois o termo nada tem a ver com “forma”, mas é derivado do francês arcaico *parfournir*, “completar” ou “fazer completamente”. Uma performance, portanto, é o apropriado *finale* de uma experiência. (TURNER, 2015, p. 16).

Trazia o desafio de me conectar com a transcorporeidade que me compõe, de modo a que esta transcorporeidade pudesse se expressar nas palavras dessa corporeidade que aqui escreve e se inscreve (idealmente) enquanto sujeito coletivo. E o coletivo pareceu realmente

me invadir, avassaladoramente, no início do período de isolamento social. Percebi minha corporeidade sendo atravessada e afetada, pela experiência intensamente pulsante da transcorporeidade planetária que somos, como nunca antes pude sentir, perceber. Algumas expressões deste momento se apresentam em um movimento narrativo adiante no texto. O que penso que possamos chamar de performances textuais, no caso da percepção dessa experiência de transcorporeidade que sou, que somos; expressa na voz escrita/inscrita da minha corporeidade, imersa e dispersa em pandemia coletiva. Novamente, falo em performances textuais no sentido da formulação de Turner em relação ao trabalho de Dilthey que, nas palavras de Dawsey “refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência.” (DAWSEY, 2006, p. 19). Ainda com Turner (2015, p. 15):

De acordo com Dilthey, as estruturas de experiência não são as “estruturas cognitivas” sem vida, estáticas e “sincrônicas” tão amadas pelos “estruturalistas de pensamento” que dominam a antropologia francesa já há tanto tempo. É claro que a cognição é um aspecto ou uma “dimensão” importante de qualquer estrutura de experiência. O pensamento clarifica e generaliza a experiência vivida, mas a experiência é carregada de emoção e volição, fontes respectivamente de juízos de valor e preceitos. Por trás do retrato-mundo de Dilthey, está o fato básico do ser humano total (o “homem vivo” de Lawrence) lidando com seu ambiente, suas percepções, seus pensamentos e desejos. Como diz ele, “a vida abraça a vida”.

E é no fluxo desta “vida que abraça a vida”, que minha corporeidade busca aqui, agora, o diálogo com o outro que lê, que me lê, que se lê e que lê – em seu encontro com a expressão da própria corporeidade no momento da leitura – a si mesmo interagindo com o texto. Coisa que aprendi com Paul Zumthor, quando no encontro com *Performance, Recepção, Leitura*, pequeno grande livro que tanto me ensinou e inspirou. Zumthor, como tantos outros encontros fecundos nesse caminho da investigação, virou um grande companheiro das minhas reflexões. Um parceiro de alma que está presente na minha escrita certamente para muito além do que eu mesma possa lembrar, perceber ou compreender. Uma das primeiras leituras “obrigatórias” que fiz do campo das performances e com quem aprendi “imenso” sobre o que eu não saberia explicar, em palavras, sobre o corpo, sobre nossa corporeidade existencial.

*O que entender aqui pela palavra “corpo”? Despojado como ele está em minha frase, parece escapar, por demasiado puro e abstrato, ideal, como o ego transcendental de Husserl! No entanto, é ele que sinto reagir, ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido da experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos;*

*tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena provindas de uma difusa representação de si próprio.* (ZUMTHOR, 2014, p. 27, grifo nosso).

Na busca de autoras e autores com quem eu pudesse dialogar sobre os saborosos saberes do corpo, e tecer as reflexões advindas da experienciada corporeidade investigativa em uma tese, outro encontro vigoroso e afetivo foi com Michel Maffesoli e a lucidez de seus belos e complexos ensaios. Não apenas por serem ensaios plenos de erudição e pulsantes de saberes transdisciplinares sobre os mistérios do conhecimento, que anunciam e conclamam a riqueza e a potência das “dimensões dionisiacas do saber” e de uma perspectiva mais integradora e integrada da razão, para além da racionalidade moderna. Mas, principalmente, por expressarem com acuidade e sensibilidade as percepções, reflexões e convicções advindas da minha experiência investigativa, e que eu mesma não saberia traduzir. Em suas precisas e preciosas palavras:

Enquanto o racionalismo abstrato contenta-se com uma visão mecânica, o procedimento intelectual atento aos valores sensíveis bebe na lógica do vivido e na sua dinâmica orgânica. Vale lembrar que essa lógica se caracteriza por ser movediça, carinhosa, erótica mesmo, ou seja, baseia-se na atração, nas afinidades, nos processos emocionais e afetivos que tanto impregnam o nosso tempo. Essa lógica não se ocupa essencialmente da lei da causalidade, mas não deixa de indicar, com precisão, as grandes tendências sociais. (MAFFESOLI, 2009, p. 7, grifo nosso).

A partir da experiência de suas pesquisas sobre as tribos urbanas modernas, Maffesoli lembra que inúmeros fenômenos humanos do laço social, a que chamou de “eróticos” – em *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e sociabilidade* – foram deixados de lado e excluídos da expressão pública e afirma que a tendência do que foi relegado em outras épocas é “reaparecer no centro dos acontecimentos e dos interesses”. E traz as palavras de R. Abellio: “a poesia e o amor são os ingredientes principais do conhecimento” antes de completar:

Trata-se de uma pista de investigação que permite compreender a existência de criatividade social fora do modelo matemático e dos avatares quantitativistas, economicistas ou produtivistas, dominantes ao longo dos últimos dois séculos. Assim como a atração erótica está na base da organização tribal das nossas sociedades, o conhecimento erótico será um instrumento importante para descrevê-las a partir de agora. [...] Tudo isso remete a uma ética da estética, ou seja, a um ethos constituído a partir de emoções partilhadas e vividas em comum. Eis o que nos obriga a renovar a nossa percepção das coisas. (MAFFESOLI, 2009, p. 8, grifo nosso).

Essa “ética da estética” a que nos remete o autor, no caso desta investigação, me parece ser a pulsão sempre presente em manter a coerência com as qualidades e dimensões próprias do território dos saberes do corpo sensível, que com Maffesoli podemos chamar de saberes

dionisiacos. A “ética da estética não é um vão paradoxo, ou uma simples coqüeteria linguística” insiste, “mas, isto sim, remete efetivamente para o cuidado de perceber em sua globalidade a experiência humana, da qual o elemento sensível não é menos importante.” (MAFFESOLI, 1998, p. 195). Neste sentido é que foi se construindo e se radicalizando ao longo da investigação a convicção da necessidade de incorporar a performatividade indisciplinar a que me referi anteriormente. No sentido da busca por perspectivas e práticas metodológicas e epistemológicas condizentes com a proposta e com as experiências do campo, não obstante as possíveis limitações dos cânones e paradigmas acadêmicos.

Porém, apesar de, em alguns momentos, minha fala escrita nessa narrativa que se deseja transtextual possa parecer uma fala pessimista em relação às estruturas colonizadoras vigentes, quero deixar claro que o que me move é exatamente a esperança utópica. A visão e o desejo de um planeta em que a humanidade se perceba integrada nessa transcorporeidade vital, entre pessoas humanas e não humanas, animadas e “inanimadas”, iguais em sermos parte desse organismo planetário maior, em meio à essa grande cosmicidade de seres e existências todas. Algo parecido com o que a sabedoria de nossa ancestralidade, de diferentes culturas, nos traz e que podemos compreender um pouco com as palavras, ritmos e silêncios da fala de Ailton Krenak, por exemplo, quando, na *Conversa com Ailton Krenak e Suely Rolnik* (2019), ele fala dos saberes ancestrais presentes na realidade cultural de sujeito coletivo, em contraposição ao sujeito individualizado de nossa cultura ocidental capitalista:

*A sociedade de onde eu venho não produz esse tipo de sujeito. Ela produz sujeitos coletivos. Eu sou o mais falador deles, mas tem outros, que não falam tanto, mas que têm uma experiência plural; uma experiência de memória, uma experiência que atravessa essa ideia inicial de identidade, mas que ela vai muito além disso, porque é uma constelação de seres, que pensam e atuam juntos. Não tem ninguém comandando nada. É uma inteligência capaz de se autorregular. Porque nós aprendemos com a Terra. A Terra é o único planeta que eu conheço, não visitei outros ainda. Mas, a antiguidade dos nossos antepassados, dos nossos ancestrais, ela estabelece uma relação de contínuo, com o que nós somos e com o que nós pensamos. Enquanto a gente não se descolar dessa constelação de seres coletivos e virar um indivíduo, nós estamos salvos. (KRENAK, 2019, 1:21:35, grifo nosso).<sup>38</sup>*

De certa forma, estive sempre buscando dar voz à corporeidade, em busca da corporeidade do sujeito coletivo que também percebo sermos. Querendo ou não, percebendo e reconhecendo ou não, estamos em relação transcorporal, por exemplo, neste instante em que minhas palavras encontram vocês, e suas corporeidades vibram ecos de suas memórias e experiências, interagindo com a expressão desse meu momento de escrita, nos ecos das

---

<sup>38</sup> *Conversa com Ailton Krenak e Suely Rolnik*, do canal Youtube: Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, publicado em 11 de outubro de 2019. Último acesso em: 26 jun. 2020.

memórias celulares de sua existência e ancestralidade. Nos encontramos agora, eu e você. Instante de uma manifestação transcorporal em que nos encontramos, eu na escrita você na leitura. Separadas, separados no espaço/tempo, mas entrelaçadas no fluxo dessa narrativa em sua atemporalidade. Imagino o que sentem e digo daqui, deste tempo, que: — Mesmo sem saber o que sentes, nesse momento futuro; posso encontrar-te, pelo simples fato de saber que aí estás. Porém não sou capaz de explicar. O que me lembra uma frase de um dos ídolos que preencheram minha adolescência. O Pessoa Fernando que povoava diálogos do meu desejo, com seus tantos nomes e pseudônimos, sussurra agora:

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
 Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!  
 E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!

(Fernando Pessoa)

Parafraseando Pessoa, há tantas coisas que não posso explicar, mas que quero dizer, que não pode haver tantas sobre as quais eu possa escrever. Contraditoriamente, minha corporeidade insistia em falar de todas elas juntas e ao mesmo tempo, e cada vez mais, e todas elas interligadas, nessa corporeidade coletiva transcorporal que creio ser, sem encontrar espaço suficiente, ou linguagem adequada, no palco papel entre as coreografias das letras.

Enfrentar a construção narrativa desta tese foi um dos maiores desafios do doutorado, no meu caso. Não obstante, essa é a linguagem para a qual aceitei o desafio quando entrei no programa das Performances, o que, em princípio não excluiria a possibilidade de integrar outras linguagens narrativas e buscar uma transtextualidade complementar e potencialmente fecunda entre as mídias. Mas há controvérsias. E a necessidade de enfrentá-las – assim como a todas as contradições e conflitos que podem ser vivenciados ao longo de um doutorado – veio à tona e se manifestou de maneira variada e curiosa, desde os momentos anteriores ao início até o findar da escrita. E realmente, somente quando eu já começava a vivenciar o pôr do sol desta gestação narrativa é que voltei a encontrar algo do prazer que sempre tivera ao escrever. Curiosamente.

Curiosamente, mas em tempo, quando compreendi que seria necessário assumir a forma anarquista com que a narrativa teimava em se manifestar. Mais uma vez, tive que me haver com a situação delicada e marginal de correr riscos, mais do que contar com as certezas de que os caminhos do método tradicional me apontavam. Claro, desde o início o risco e o incerto foram parte do caminhar. Por que motivo ao final seria diferente? Afinal, minha convicção de que era necessário buscar outros caminhos e outras maneiras de caminhar, para experimentar e quiçá

encontrar novas maneiras do fazer, não podia findar quando se iniciasse a formalização narrativa da pesquisa.

E, a realidade pandêmica batendo à porta me lançou de volta à sensação e percepção da transcorporeidade da existência, expressa nos processos de reflexão, tessitura e formulação dos pensamentos que insistem em escapar, transgredindo indisciplinarmente inúmeros códigos e regras da chamada escrita acadêmica. Como já comentei anteriormente, me fortaleço e me vejo no que “ouvi falar” da expressão de Benjamin em diferentes níveis, aspectos e camadas deste fazer narrativo a que, então, pude me entregar com mais prazer.

De qualquer modo, considero este um trabalho entretecido na transcorporeidade dos encontros, relações e diálogos, de antes e durante o doutorado. Ou seja, considero esta tese uma criação transcorporal e coletiva, cujas fronteiras autorais, também durante a investigação, se dissolveram muito antes da possibilidade de poder nomear autoras e autores sobre os quais eu deveria “me assentar”. Como nunca quis “me assentar” sobre nenhum autor ou autora e, aliás, prefiro convidá-las e a eles para o baile, logo busquei um outro tipo de relação mais livre e dialógica com os pares. Busquei me encontrar com elas e eles em uma relação criativa e é possível que, nesta dança, algum belo gesto ou movimento convincente possa ter penetrado meu imaginário inconsciente. Tornando possível que eu tenha passado a dançar também com tal gesto ou movimento, sem nem mesmo me dar conta de não ser eu sua mãe biológica.

Penso e questiono a ideia de autoria. Sou pela adoção e apoio, em gênero, número e grau a “estética do arrastão”<sup>39</sup> de Tom Zé. Entendo que a noção de transcorporeidade inerente aos processos de construção do conhecimento se irmana com a noção da estética do arrastão.

Sei que não escrevi esta tese sozinha e queria poder nomear as tantas corporeidades que nutriram minha experiência e meu pensar nesta construção. Mas duvido da possibilidade de fazer isso de maneira justa com todas elas. Assim, fiz um tremendo esforço para trazer a autoria e citações precisas da maioria dos pares, ao menos de todas e todos os que eu tenho consciência e lembrança. O que não significa que as mais citadas e os mais citados tenham mais importância que outras e outros e, tampouco que os não citados estejam ausentes dessa criação.

As leitoras e leitores terão a oportunidade de compreender as trans-tessituras entre as diversas disciplinas e campos de saber, assim como a presença medular de perspectivas epistemológicas não eurocêtricas que integram a construção do trabalho com igual importância. Busco sim, claro, me manter dentro da proposta de descolonização da corporeidade que escreve e do discurso que se inscreve através do meu teclar, ciente da

---

<sup>39</sup> Fonte: Folha de S.Paulo, quinta-feira, 19 de setembro de 1998

(im)possibilidade desse desafio se realizar em sua plenitude. Porém, espero ter conseguido manter a conexão com essa proposta a maior parte do tempo da construção formal deste trabalho. Posto que tenho aprendido dia a dia um pouco mais sobre esses processos possíveis de descolonização, de emancipação existencial, de práticas insurgentes e de construções de re-existência. E tenho ainda muito mais a aprender em cada encontro, a cada instante.

Seria maravilhoso poder citar todos os encontros inspiradores neste caminho descolonizante que “foi o Sul”<sup>40</sup> da pesquisa e se tornou, afinal, o grande exercício desta escrita. Diante da impossibilidade de tal coisa, trago ainda uma linda e inspiradora mestra<sup>41</sup> neste caminhar, com a qual compartilho um existir que reverencia o amor como saber, assim como existir sendo olhares negros. Na epígrafe da introdução do livro *Olhares negros, bell hooks* (2019) nos apresenta Samia Mehrez:

A descolonização [...] continua a ser um ato de confrontação com um sistema de pensamento hegemônico; é, consequentemente, um imenso processo de liberação histórica e cultural. Como tal, a descolonização se torna a contestação de todas as formas dominantes, sejam elas linguísticas, discursivas ou ideológicas. Ademais, a descolonização passou a ser entendida como um ato de exorcismo tanto para o colonizado quanto para o colonizador. Para os dois lados, deve ser um processo de libertação: da dependência, no caso do colonizado, e, por parte dos colonizadores, das percepções, instituições e representações imperialistas e racistas que, infelizmente, permanecem conosco até hoje. [...] *A descolonização só pode ser completa quando é compreendida como um processo complexo que envolve ambos, o colonizador e o colonizado.* (MAHREZ, apud HOOKS, 2019, p. 31, grifo nosso).

A percepção desta ambivalente dinâmica complexa, entre colonizados e colonizadores, e a convicção de que tais fronteiras entre uns e outros podem ser demasiadamente tênues e igualmente relativas se manteve como subtexto na minha busca teórica e epistemológica — o que espero desenvolver em outros fragmentos. Creio que falta ainda nesta apresentação, como intento de evitar surpresas à leitoras e aos leitores no sentido de que possam ser tomados por alguma sensação desconcertante ou incômoda — diante da irreverência indisciplinar e em alguns momentos provocadora desta tese —, alertar que o cotidiano pandêmico da Covid-19, entre alguns de seus ecos e ressonâncias, também está presente nesta narrativa. E não poderia ser de outra forma, pois não se pode abstrair ou ser indiferente ao meio no qual estamos imersos.

---

<sup>40</sup> Optei por substituir a ideia de “norteou” pela expressão “foi o Sul”, por razões óbvias no contexto descolonial.

<sup>41</sup> No sentido de maestria adquirida na prática e pela transmissão mimética da tradição cultural.

Figura 39 - CLACSO 2018 - 1º Foro mundial del pensamiento crítico



Foto: Ceila Portilho Maciel

#### 4.1 A transdisciplinaridade viva no pensamento do corpo

*Meu instinto precedera a minha inteligência.*

(Clarice Lispector)

*I like to think of science as a ship that takes us to unknown places, the remotest parts of the universe, into the inner workings of light and the tiniest molecules of life. This ship has instruments, telescopes and microscopes, which make visible what was once invisible. But science is also the route itself, the binnacle, the chart leading us towards the unknown.*

(Mariano Sigman)

“A dança é o pensamento do corpo”, disse Helena Katz (1994) em sua tese de doutorado. Segundo Helena afirma na introdução do trabalho, “Sendo ou não linguagem, o que singulariza a dança é o fato dela ser o pensamento do corpo. Quando o corpo pensa, isto é, quando o corpo organiza o seu movimento, na forma de um pensamento, então ele dança.” (KATZ, 1994, p. 1). Podemos ou não concordar com a afirmação proposta por Katz em sua tese, mas a questão que interessa aqui, é o fato da afirmação nos trazer a possibilidade de reflexão em relação às

questões intrínsecas, ou não, assim como às suas derivas, nos colocando em movimento de questionamento, entretecimentos e elaborações diversas *em torno da temática do corpo pensante e das questões que a atravessam*.

A primeira vez que ouvi a frase, foi pouco antes de me inscrever em um curso livre com a própria Helena, acredito que nos idos de 1999, nos espaços da Faculdade de Artes Cênicas da Uni-Rio / UFRJ. Pouco me lembro do curso, que pareceu demasiadamente teórico, para minha corporeidade, que vinha de uma prática diária de movimento artístico, por décadas; mas me lembro do impacto da frase sobre mim. Não sei se naquela época cheguei a me perguntar se a afirmação fazia sentido ou que reflexões vieram daquele encontro. Mas hoje me pergunto.

É claro que tudo depende do que se considere como pensamento, do que se considere como dança e do que se considere como corpo. Dentro do que se move em mim, hoje, entre sensações, sentimentos, pensamentos e compreensões em relação a essas categorias e o significado delas na minha existência, penso que se fosse formulada de maneira mais relativa, sim, poderia fazer sentido. Digo, por exemplo: a dança pode ser manifestação de pensamentos do corpo, ou, a dança é uma forma do corpo expressar, entre outras coisas, suas formas de pensamento, ou, ou, ou. O que quero frisar com isso é que dentro da percepção em que me movo hoje, nada tão definitivo e delimitante em relação ao corpo, ao pensamento, ou a dança parece fazer sentido. Mas, o exercício da escrita sobre o corpo em movimento e sobre a dança, parece ser pleno das contradições que permeiam a teorização dos saberes deste campo. A mesma Helena Katz abre, desdobra e coloca a afirmação em questão em lugares de diálogo e de relativização ao longo da própria tese e, posteriormente, em sua prática como crítica de arte e pesquisadora, no decorrer dos anos e incessantemente.

No início de sua tese, Helena apresenta um histórico do (aparentemente) inevitável movimento de quebra dos paradigmas do modelo científico tradicional, fortalecido ao final do século XIX e início do século XX. Após mencionar formulações e teorias iniciais que abriram caminho para o desenvolvimento da física quântica, entre as quais a Teoria da Relatividade de Einstein, a autora afirma que “A complementaridade de Böehr, a indecidibilidade de Gödel e a incerteza de Heisenberg alteraram a nossa leitura do universo.” (KATZ, 1994, p. 9). Relata ainda alguns desdobramentos, na filosofia e nas ciências exatas, da disputa entre as tendências positivistas de manutenção dos dogmas e os movimentos pela quebra de paradigmas e contra a hegemonia dos dogmas científicos como formatados pela ciência moderna. E conclui:

Num universo onde se sabe da instabilidade das partículas “elementares”, onde se percebeu que a cosmologia é evolutiva e que existe uma vasta série de fenômenos que apresentam uma estrutura de não-equilíbrio, não há como sustentar que as leis determinísticas e reversíveis bastam para o nível fundamental da descrição física.

A dança da qual se falará aqui pertence a este mundo. Uma dança que vive na e pela tensão da dualidade lei/evento. Lei enquanto continuidade, inteligibilidade como código. E evento porque tudo o que acontece traz um elemento de arbitrariedade, com descontinuidades e probabilidades.

No corpo, que é construção incessante, danças-falas descrevem os seus objetos através dos seus próprios pertences. Dança é um conjunto de acontecimentos que funciona sem se apertar o botão, uma vez que nada separa o acontecimento daquilo ao qual ele se refere. Dança é quando e depois. (KATZ, 1994, p. 9-10).

Em um primeiro momento parece que Katz busca valorizar a instabilidade e a indeterminação, por exemplo, como elementos próprios do campo do movimento. E creio que sim, pudesse ser esta a intenção da autora. Porém, somos feitos de contradições e inexactidões; e me vejo (me irmano) em Katz nessa busca, talvez insana de buscar traduzir a arte, a dança, o movimento, em ciência. Digo isso desde um olhar de artista pesquisadora, que vem de uma vida na prática das artes e da arte-educação e adentra como pesquisadora-aprendiz no mundo dos estudos acadêmico-científicos, de maneira inexperiente e meio desavisada; acreditando ser possível encontrar espaços para um sentirpensar investigativo menos dogmático e mais aberto à tessitura prática, sensível, orgânica e criativa dos saberes e do conhecimento. Espaços em que a dualidade deixe de ser vista como expressão de campos opostos que se negam e possa se abrir à possibilidade da experiência de campos complementares que em seu entrelaçamento se (re)criem tridimensionalidade, transdimensionalidade.

A ideia da dualidade, desta tensão a que se refere Katz, entre duas perspectivas antagônicas, me parece, hoje, de certa forma servir ao fortalecimento da continuidade desta relação de fidelidade aos dogmas e paradigmas da modernidade, ao menos no que concernem as ciências sociais e as ciências humanas. Mas, pelo que pude compreender até agora na minha experiência acadêmica, o fato de querermos/termos que nos provar “científicos”, de ser ainda e sistematicamente necessário comprovar a importância e a validade das pesquisas nas humanidades e nas ciências sociais, tem nos preparado armadilhas. Quero dizer que a necessidade de provar a validade destes saberes – enquanto saberes merecedores do lugar de reconhecimento da ciência e do estatuto de “conhecimento científico” – para ter o estatuto de conhecimento “verdadeiro” ou ao menos de conhecimento “válido”, me parece um dos motivos pelos quais tais campos do conhecimento (das ciências “inexatas”) muitas vezes têm se pautado e, por vezes, até se agarrado ao método tradicional da ciência moderna.

O questionamento desta hegemonia do método científico tradicional, como parâmetro para a produção do conhecimento “científico” institucional – apesar das inúmeras descobertas na esfera da física subatômica ou da neurociência, por exemplo, que apontam para a desconstrução dos dogmas da modernidade fazendo com que nas ditas ciências duras os

parâmetros venham se transformando e gerando novas metodologias e práxis científicas – parece ter encontrado ainda mais resistência, no decorrer do século XX e início do século XXI entre os campos das ciências sociais e das humanidades. O que inclui, muitas vezes, o campo das artes.

Para ilustrar essa impressão, recorro a algumas afirmações de Katz sobre a questão da “cientificidade” relacionada ao conhecimento do corpo em movimento, ou ao que a autora denomina dança, para trazer à baila reflexões que foram se aprofundando no decorrer da revisão da literatura do campo, ao longo desta investigação.

Vale frisar, porém, que assim como escolhi a autora especificamente (também pelo fato de fazer parte da minha história e de me parecer um caso emblemático), poderia ter escolhido muitas outras autoras entre nós, mesmo do campo da dança (o que poderia incluir minhas próprias formulações anteriores), para buscar evidenciar o que considero recorrentes contradições e riscos com que nos deparamos no exercício de tornar “científicos” os saberes que fluem e vibram nos corpos em movimento ou nas expressões artísticas chamadas dança. Vamos ao exemplo escolhido:

Em sua tese, Helena Katz apresenta linhas centrais de diferentes correntes e teorias científicas, especialmente de pesquisadores já renomados e reconhecidos que, à sua época romperam com paradigmas e dogmas científicos anteriormente estabelecidos. A autora nos apresenta especialmente aquelas entre as perspectivas que evidenciam a instabilidade dos fenômenos, a qualidade relativa das representações que propõem e a parcela de indefinição que as compõem. Entendo, assim, que a intenção de Katz seria justamente a de reforçar o fato de que na dança, assim como no átomo, o passeio “parece nunca esgotar a possibilidade de se descobrir estruturas cada vez menores, dentro das minúsculas estruturas que se vai encontrando. Amplificação permanente das possibilidades para dentro e para fora. Um mundo sem fronteiras fixas.” (KATZ, 1994, p. 12). O que, em princípio, parece demonstrar com clareza a compreensão da autora em relação à impossibilidade de uma representação definitiva, universal e inquestionável da matéria ou do real “(seja lá o que ‘real’ efetivamente significar)” (KATZ, 1994, p. 10).

Porém, paradoxalmente, podemos encontrar na sequência do texto algumas afirmações, digamos, bastante definitivas em relação à construção dos saberes sobre a dança. Afirmações que trazem em sua expressão as marcas do logocentrismo positivista e da perspectiva de uma episteme moderna colonial e eurocêntrica. Está claro que, as reflexões daquele momento de escrita da autora, não se relacionam ao contexto dos questionamentos progressivos de movimentos teóricos descoloniais ocorridos especialmente nas últimas décadas; ou da

problematização que busco aqui trazer à tona. O que interessa, porém aqui, é demonstrar a qualidade de colonização interna e de subalternidade epistêmica na construção do discurso científico, que se evidencia por exemplo no texto em questão – mesmo quando falamos de arte, de estética e mesmo quando buscamos evidenciar o inefável e trazer aspectos do conhecimento sensível para a narrativa teórico-crítica. Visto a carapuça e me irmano à Helena Katz revelando a sensação de impossibilidade de realização do que também acreditei ser possível, em algum momento inicial desta pesquisa.

É fato que a colonização impressa em nossa corporeidade e que se oculta nas expressões do nosso imaginário e do nosso pensamento revelam-se, inevitavelmente no nosso discurso, aos ouvidos e percepções mais atentas à questão. O que me parece claro, por exemplo, quando a autora afirma, diante da enumeração de várias teorias científicas das ciências chamadas exatas que, no que concerna às pesquisas em dança:

Reconhecer o caráter artístico da dança não impõe que se negligencie conhecimentos como estes, aqui relacionados. Supor que a dança pertence a um campo não compatível com o da física, ou o da cosmologia ou o das ciências cognitivas faz tanto sentido quanto duvidar que o projeto Apollo levou dois astronautas norte-americanos para a Lua, em 20 de julho de 1969.

Um fenômeno aparentemente trivial como o da instalação da dança num corpo deve ser entendido com liberdade e rigor. Liberdade e rigor, aliás, que singularizam o seu próprio engendramento como dança. Dois parâmetros que balizam o que acontece entre o biológico e o artístico.

Deleites impressionistas obscurecem o deciframento, a inteligibilidade. A nós cabe atrapalhar a sua proliferação, fazer com que desçam no enxuro que o conhecimento produz. Conceitos precisos fazem misérias com os achismos. (KATZ, 1994, p. 12-13).

Apenas nestes três parágrafos poderíamos questionar, elucubrar, e fazer uma infinidade de digressões, profícuas ou não, que porém tirariam o foco em relação ao que me move quando trago essa fala. A questão que interessa aqui é – “retirando” os parágrafos do seu contexto específico (a tese de Helena Katz) – demonstrar o que trazem tais afirmações tecidas em tons de verdade absoluta. O que trazem de sintomático e de tendencialmente representativo de uma reprodução normatizada dos paradigmas configurados na ciência moderna ocidental, para os processos de pesquisa acadêmica. no sentido das armadilhas e equívocos em que podemos cair, ao buscarmos nos adequar e formatar nossas pesquisas dentro dos parâmetros, dogmas e cânones do método tradicional da ciência moderna. Penso que, especificamente no que concernem as pesquisas nas artes e nas humanidades, ou, ao menos as pesquisas relacionadas aos saberes do corpo sensível.

Poderíamos por exemplo, de início, colocar filosoficamente perguntas em relação ao que entende a autora por liberdade e por rigor. Ou o que consideraria Katz uma negligência aos

conhecimentos por ela citados. Ou ainda, de onde poderia sair a formulação de incompatibilidade entre a física e a dança, no raciocínio de alguém que pesquisa a dança. Especialmente ao levarmos em conta, por exemplo, a forte integração de algumas técnicas de dança ou de educação pelo movimento com áreas como a física, a biologia, a neurologia etc., presentes e fortes no campo da dança, da dança educação e da terapia pelo movimento. Práticas, técnicas e sistemas, cujas origens e início do desenvolvimento remontam ao início ou meados do século passado e continuam progressivamente até os dias de hoje.

Quero citar o trabalho da dança criativa moderna, assim como a sistematização meticulosa do movimento e de suas qualidades expressivas, educacionais e terapêuticas desenvolvidas por Rudolf von Laban (1879 – 1958), seus colaboradores e alunos, e que conhecemos como o Sistema Laban. As pesquisas e elaborações oriundas dos estudos de Laban, não apenas dialogaram com diferentes áreas do conhecimento, como contribuíram para o desenvolvimento de outras pesquisas em diversos campos de estudo. Outro exemplo, que me parece emblemático dessa relação naturalmente aberta dos estudos do movimento em relação às outras áreas do conhecimento, é a prática de dança nomeada Contact Improvisation, contato improvisação, cujo início data de 1972, a partir da proposta de Steve Paxton desenvolvida entre outras coisas a partir da prática investigativa sobre a relação das “leis da física” atuando no corpo e no movimento de interação entre os corpos no espaço.

Sem mencionar a infinidade de práticas de conscientização pelo movimento, que, em relação com áreas como a psicanálise, a anatomia, a fisiologia e a neurologia, por exemplo foram desenvolvidas e aprofundadas ao longo do século XX. Poderíamos ainda buscar no campo das performances, relações interessantes entre as artes da performance e as propostas performáticas claramente relacionadas às reflexões socioculturais e políticas em nossa sociedade, também presentes nas discussões teóricas das ciências sociais e humanas.

Desta maneira, posso apenas imaginar que, Helena estivesse se referindo prioritariamente aos textos teóricos, acadêmicos, a que ela teve acesso durante a pesquisa. Vale lembrar que, diferente de hoje, ainda não tínhamos tal acesso às informações via internet e aos bancos de dados, por exemplo, do “DeusGoogle”, que agora nos oferecem praticamente em tempo real as produções acadêmicas em qualquer área de qualquer canto do planeta. Fato é que, trazendo agora para nosso objetivo relativo à esta questão, e às diferentes maneiras de lidar com o que podemos chamar de ciência, no contexto das pesquisas em artes e, mais especificamente, das pesquisas nas artes do corpo em movimento, creio que enfrentamos muito mais o problema oposto. Ou seja, o excesso de referenciamento e as consequentes amarras teóricas, epistemológicas e metodológicas das pesquisas no nosso campo, em relação aos paradigmas e

dogmas instituídos pelas ciências exatas – já nos primórdios da formalização e sistematização do método científico tradicional da ciência moderna.

Paradigmas que, muitas vezes, já deixaram de ser referência absoluta nas próprias ciências ditas duras, como veremos adiante, mas que continuaram sendo propagadas e reificadas, em campos das ciências inexatas, como nas ciências das artes e nas ciências da educação – de que pude ser testemunha – com uma tendência ainda hegemônica, que entendo como sendo não só mecanicamente persistente, como definitivamente empobrecedora. São muitas as fontes, hoje, em que podemos aprender sobre as transformações metodológicas e epistemológicas que favorecem ainda mais a aproximação entre as várias perspectivas científicas e a construção de perspectivas inter e transdisciplinares entre esses diversos campos de saber. Campos que, com frequência, estão longe de se opor, ou de se negar, mas, que encontram exatamente na integração e na perspectiva de complementaridade sua maior riqueza e potencial.

O casal Virgínia Chaitin e Gregory Chaitin, ambos originários de ciências “duras”, entre outros pesquisadores com que tecem parcerias, como Felipe Abrahão por exemplo, têm nos brindado com questionamentos valiosos no que concerne essa questão:

Si podemos entender el comportamiento de las partículas subatómicas, el origen y la evolución del universo o la complejidad de la mecánica de fluidos, es gracias a la aplicación de principios y herramientas matemáticas. En biología, en cambio, no sucede lo mismo. Aunque es cierto que las matemáticas están ayudando a describir ciertos fenómenos (sobre todo aquellos relacionados con los sistemas complejos, como las interacciones en redes ecológicas o la propagación de enfermedades, entre otros), estas no se encuentran entre los fundamentos de las principales teorías biológicas. (CHAITIN; CHAITIN; ABRAHÃO, 2014, p. 76).

Segundo Virginia Chaitin e Luiz Mazzei, em entrevista sobre a crítica de Paul Feyerabend quanto à hegemonia da ciência e sua visão do mundo, “incluindo-se aí a razão e a ciência, era uma visão pluralista, que buscava olhar a diversidade, a abundância de possibilidades. Para Feyerabend não havia uma única racionalidade, nem uma única maneira de se produzir o conhecimento científico” (FEYERABEND, 2014, p. 1). No território de estudos do corpo sensível em movimento existem técnicas, sistemas, práticas e abordagens diversas e complementares entre si, mas o que podemos perceber em comum entre várias delas é o fato de que, na própria construção de suas práxis, existe essa abertura para a complementaridade entre diferentes fontes e perspectivas metodológicas, teóricas, epistêmicas.

Entre outras características presentes em diversas abordagens nas artes do corpo – além é claro das pesquisas pela prática – estão os estudos e pesquisas tanto em fontes das ciências ocidentais, quanto das ciências orientais, assim como em fontes tradicionais de culturas

originárias, ou das tradições da cultura popular. Essa abertura para diferentes perspectivas dos saberes e conhecimentos, acredito ser uma das características que permite avanços significativos e integrados de boa parte destas práticas, no que concerne o desenvolvimento potencial das corporeidades/existências, assim como no que proporciona e inspira uma construção ética e harmônica no que concerne o corpo social e a sociedade. Me pergunto se as ciências, exatas e inexatas, não teriam algo para aprender com este tipo de prática de investigação e elaboração de saberes e conhecimentos, que vem se aprofundando e se ampliando, no ocidente, desde o início do século passado. E que, no sentido de uma construção ética e em harmonia com a sociedade, entre outras qualidades, traz semelhanças com fundamentos essenciais dos milenares ensinamentos nas filosofias e ciências do oriente.

Virgínia Chaitin, em sua tese de doutorado *Redes conceituais em mimesis na história das idéias*: uma proposta de epistemologia pluralista, defendeu, através de um estudo transdisciplinar, a ideia de uma permeabilidade e pluralidade epistemológica, que reconheça “diferentes formas de racionalidade específicas para cada um dos diferentes tipos de conhecimento.” (CHAITIN, 2009, p. 5). Partindo do pressuposto de que a racionalidade pode assumir formas distintas nos diferentes saberes, o que permitiria uma “permeabilidade conceitual” entre eles, Chaitin propõe uma epistemologia que considere “a existência de diversas formas epistemicamente válidas de racionalidade, além da racionalidade científica.” (CHAITIN, 2009, p. 10). Ainda que neste trabalho aqui, esteja sendo questionada a preponderância da própria racionalidade como instrumento dominante ou principal medida referencial da validade das informações e elaborações nos processos cognitivos, entendo que nossa busca se alinhe, na direção de uma abertura epistemológica para a pluralidade e a permeabilidade entre fontes diversas de saber.

O que podemos perceber em outros trabalhos mais recentes a que pretendemos voltar em outros fragmentos, já que Virgínia tem se tornado uma referência na construção de perspectivas e práticas transdisciplinares no Brasil. Ainda em sua tese doutoral Virgínia afirma que

[...] nossa proposta é de uma epistemologia que busque, tal como a antropologia segundo Geertz (2001: p. 9), “entender entendimentos diferentes do nosso” o que hoje significa, entendimentos diferentes dos das ciências. Sem dúvida que na filosofia já existe uma tradicional discussão sobre o que sejam o entendimento e o pensamento, à qual podemos rapidamente remontar. O significado de “entendimento” varia bastante entre os diferentes pensadores, mas converge para uma faculdade humana, que a partir de idéias inatas, dos sentidos ou de uma combinação de ambos, resulta, consiste ou faz parte do processo de “conhecer, de perceber e de compreender pela inteligência” (Japiassu e Marcondes, 2006: p. 86). (CHAITIN, 2009, p. 93).

Hoje parece já fazer parte do senso comum a compreensão de que a inteligência também tem dimensões outras para além da inteligência racional ou intelectual, o que nos coloca novamente no caminho de possibilidades epistêmicas que incluam a sensibilidade, a percepção, o afeto, a intuição, a criatividade, entre outros elementos constituintes da nossa corporeidade. Creio que vale aqui retornar outra vez a Feyerabend, pela acuidade e clareza com que elaborou sua crítica ao cientificismo racionalista, enquanto caminho “ideal”. Chaitin e Mazzei na entrevista anteriormente citada, ressaltam que a crítica de Feyerabend foi endereçada não “a razão enquanto faculdade humana”, mas “ao modelo de razão científica” que pressupõe um modelo de racionalidade único. Modelo no qual regras universais devem ser obedecidas em todas as circunstâncias e contextos, como nas tradições científicas em questão. O cerne da crítica de Feyerabend, segundo os pesquisadores, além do questionamento à ideia de uma “razão única” inclui a crítica de que haja “uma única forma válida de conhecimento”. (CHAITIN; MAZZEI, 2014, p. 2).

Um texto intitulado *A epistemologia anarquista de Paul Feyerabend*, cuja autoria não consegui descobrir, mas que trago inspirada pela possibilidade do “arrastão” (TOM ZÉ), explica que Feyerabend não pretendeu “postular princípios metodológicos”. Mas, que o cientista, em seu trabalho,

[...] afirma que eventuais princípios somente podem ser discutidos dentro da situação de pesquisa a que se referem, sugerindo assim que tais princípios existem – ao contrário do que afirmam diversas interpretações de sua obra - porém, são *imanentes à pesquisa* e não regras abstratas estabelecidas *a priori* fora da situação prática a que se referem. Talvez aqui esteja mais um esclarecimento do que quer dizer o “oportunismo” do cientista, no que tange à qual regra irá empregarem cada situação de pesquisa. Para ilustrar essa discussão, cito: “As observações feitas até aqui não significam que a pesquisa é arbitrária e sem orientação. Os padrões existem, porém, eles surgem do próprio processo de pesquisa e não de pontos de vista abstratos sobre a racionalidade.” [...] (AUTOR DESCONHECIDO, 2009, p. 39).

Neste mesmo trabalho o autor nos conta sobre a análise de Feyerabend em relação ao trabalho de Galileu e à revolução científica que representaram suas descobertas, creditando tal proeza exatamente ao fato de o cientista ter agido como um “pluralista metodológico”. Segundo Feyerabend, o “progresso<sup>42</sup>” da ciência não se dá através de um método que permita exceções,

---

<sup>42</sup> A própria noção de progresso também é questionada por Feyerabend e apresentada no mesmo trabalho: “Essa relação entre teorias impede a utilização de critérios monistas de progresso, uma vez que os referidos critérios metodológicos são comparativos e exigem comensurabilidade para avaliação do progresso da ciência, tais como: aumento do conteúdo empírico, maior simplicidade, ampliação na capacidade de previsão, para citar alguns. Uma vez que a incomensurabilidade entre teorias caracteriza o processo de revolução científica sob o prisma anarquista, surge uma espécie de impasse: Como falar de progresso sob critérios monistas num contexto epistemológico anarquista?” (Autor desconhecido, impresso na PUC, 2009, p. 41).

mas “pela aplicação de uma variedade de regras de diversas metodologias de maneira imprevisível conforme a circunstância da prática científica e a inventividade do cientista.” (DESCONHECIDO, 2009, p. 39). Me pareceu interessante trazer a perspectiva crítica do filósofo Feyerabend, desde o olhar de uma pesquisadora brasileira oriunda das ciências exatas – ressaltando as tessituras que a autora propõe na direção de uma práxis transdisciplinar na academia e nas ciências – como forma também de enriquecer essa transversalidade e apontar para o potencial de complementaridade entre os diversos campos e dimensões do saber.

Uma práxis que, como já disse, tem feito parte do cotidiano nas artes do corpo sensível em movimento e que se nutre de qualidades fundamentais tradicionalmente exiladas, desvalorizadas ou colocadas à margem nas instituições de ensino e pesquisa, tais como a intuição, a liberdade e a criatividade. Qualidades sem as quais se forma um terreno árido para processos autênticos, originais e significativos de criação e construção de saberes e conhecimentos. Terreno que poderia ser possivelmente fertilizado, desde que conseguíssemos arar a terra, por sementes férteis da experiência nos campos das artes. Experiências plenas de abertura e pluralidade de caminhos, onde a práxis se nutre e se compõe, de conhecimentos múltiplos e de constelações de perspectivas de saber que, mesmo se opostos ou paradoxais, encontram espaço para se fecundar – pelo encontro sensível e criativo – em novas possibilidades de saber.

Gabriele Brandstetter, no artigo *Dança como cena-grafia do saber*, ressalta especialmente o valor da dança contemporânea nesse sentido e, partindo da pergunta “em que consiste o saber específico da dança?”, levanta uma série de questões sobre as especificidades deste saber “corporal-sensorial” transmitido “de modo cinético e cinestésico” – inclusive quanto à validade deste saber. Segundo a autora tais saberes já há muito sistematizados, por exemplo em formulações como “The Thinking Body” (1937) ou “Tanzdenker” (“pensador dançante”), respectivamente da autoria de Mabel E. Todd e William Forsythe. O que me leva de volta às questões colocadas ao início deste texto – no contexto do “pensamento do corpo” de Katz – sobre o pensamento da dança e do corpo em relação à produção (institucional) do conhecimento. Gabrielle levanta novamente a lebre:

Mesmo que vivamos em uma sociedade na qual existem paralelamente formas de saber altamente distintas e contraditórias, continua provocadora a questão acerca da aceitação de um modelo do saber de características supostamente subjetivas e emocionais. De onde vem a recusa dessa ideia corporal e performativa do saber, que nos faz ater às velhas oposições entre teoria e prática, entre racionalidade e emocionalidade, entre mente e corpo? [...] Será que o motivo é uma falta de paixão, para “saber” os motivos mais detalhadamente? Será que é medo de desencantamento? (BRANDSTETTER, 2012, p. 104).

Recorrendo a Thomas Kuhn em sua descrição da “estrutura de revoluções científicas” relacionada ao conceito de “mudança de paradigmas”, entre outros aspectos complementares e contraditórios que envolvem essa relação entre a dança e a ciência, por exemplo no vetor “dança enquanto antropologia”, Brandstetter reforça a provocação em relação à interrogação da dança como saber e da resistência que essa possibilidade de enfrentamento do novo encontra dentro da atual política do saber:

[...] pois a dança que se apresenta e é aceita enquanto “cena-grafia do saber”<sup>43</sup>, ou seja, enquanto lugar de expor um saber diferente, um saber sensorial-dinâmico, não pode deixar de influenciar o nosso entendimento geral do saber e da ciência. A dança, então, deslocaria a fronteira daquilo que tomamos como saber e ciência e iria colocar em movimento o nosso entendimento do próprio saber. (BRANDSTETTER, 2012, p. 105).

Aqui se coloca uma questão política, com repercussões e marcas profundas em nossa sociedade. Questão relacionada à colonialidade de nossas instituições, assim como de nossas existências e que define e interfere diretamente nos corpos e corporeidades dos sujeitos sociais, questão que nos mobiliza e move boa parte dos fragmentos desta escrita que se propõe como tese inconclusa. De qualquer modo quero já aqui ressaltar que, em busca do reconhecimento e validação, de fato, de outros tipos de saber, nos espaços acadêmicos (tema a que volto repetidamente em outros fragmentos) mas, principalmente na luta pela aceitação real de outras perspectivas, noções, epistemes e metodologias próprias dos diferentes tipos de saber e de diferentes matrizes culturais – nos processos de construção do conhecimento – é que me coloquei em movimento ao aceitar o desafio de entrar no doutorado.

Ao apontar para o potencial transformador do que a autora chama de “gestos de desdefinições” dos saberes da dança, em relação aos dogmas e paradigmas dos saberes científicos (BRANDSTETTER, 2012), a autora toca no calcanhar de Aquiles e nos inspira. “Gestos de desdefinições” que acredito, para além das constelações da dança, as outras artes e outros saberes podem nos inspirar. Talvez seja um dos aspectos onde se encontram os maiores potenciais de ensinamentos e de fecundidade das artes em relação à sua possível contribuição para as ciências, os conhecimentos e as sociedades como um todo. Especialmente no que podemos desejar em relação à uma ciência mais sensível e comprometida com a vida.

No sentido de fortalecer esse caminho mais próximo das incertezas do que das certezas é que acredito na potência e na necessidade de relativização, de atravessamentos

---

<sup>43</sup> Em relação à expressão o tradutor Stephan Baumgärtel explica: Optou-se por traduzir o termo “Szenographie des Wissens” como Cena-grafia do saber

transdisciplinares, transtextuais e transculturais – no sentido da quebra de inúmeros paradigmas ainda hegemônicos nos processos de construção do conhecimento institucional da nossa modernidade tardia. Especialmente no momento histórico em que nos encontramos – do desabar das certezas civilizatórias diante da pandemia Covid-19 – mas, já há muito antes do raiar do século XXI.

Momento em que fica evidente, cada vez mais a interrelação entre todos os corpos/organismos nesse organismo Terra; e em que temos a oportunidade de sentir, perceber e compreender as relações de transcorporeidade entre nossas corporeidades componentes do CorpoTerra. Momento de crise, momento de incertezas, momento de assumirmos riscos no sentido de criarmos novos mundos, novas maneiras de ser/existir corposcoletivos, creio eu.

Retorno aos movimentos narrativos da pesquisadora da dança Gabrielle Brandstetter, quanto ao potencial de contribuição da dança neste sentido:

É uma entrada em territórios que não podem mais ser descritos unicamente com um conceito de saber controlável e operacional: o campo do imprevisível, do não-saber, do incontrolável enquanto reivindicação de outra experiência e de um engajamento político diferente. Neste ponto, o estado público e a visibilidade de tais cena-grafias talvez sejam os mais importantes e desafiadores – no limite do saber, de outro tipo de saber do não-saber. Samuel Beckett, um especialista nesse campo, o formulou com as seguintes palavras: “Ser artista significa fracassar como ninguém outro tem coragem de fracassar.” (BRANDSTETTER, 2012, p. 110).

E, me alegra (re)encontrar trabalhos de Helena Katz em outros momentos de seu percurso, para o que, em forma de reverência à dedicada pesquisadora da dança que é, trago um breve trecho de um de seus novos trabalhos; esse, especialmente relacionado à questão aqui posta, em parceria com Christine Greiner, *Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo*:

Para não se manter surda ao rumor da ação do tempo, toda área de conhecimento deve lembrar que o que está designando como seu domínio não passa de um recorte e uma rarefação de um saber mais amplo, ao qual o recorte se subordina como uma descontinuidade. Lembrar para escapar do risco de transformar a sociedade do discurso em doutrina.

O conceito que pauta a existência das disciplinas está hoje “opaco no seu miolo e puído nas suas beiradas” (Bauman). Para tratar do corpo, não basta o esforço de colar conhecimentos buscados em disciplinas aqui e ali. Nem trans nem interdisciplinaridade se mostram estratégias competentes para a tarefa. Por isso, a proposta de abolição da moldura da disciplina em favor da indisciplina que caracteriza o corpo (Katz, 2004). Alguns discursos se dizem e passam com o ato que os pronunciou e outros são retomados constantemente. Mas como os discursos exercem o seu próprio controle, deve-se forçá-los a tomar posição sobre questões sobre as quais estavam desatentos. Eis a tarefa das novas epistemologias. (GREINER; KATZ, 2005, p. 2-3).

São muitas as possibilidades de elaborações, desdobramentos e derivas relacionadas à questão das novas epistemologias que emergem e às possíveis aberturas que, como enfatizam as autoras, para além das inter e transdisciplinaridades, também apontam para movimentos epistemológicos necessariamente indisciplinados.

#### 4.2 Constelações, galáxias e fractais<sup>44</sup>

*Se o signo só quer dizer algo na medida em que se destaca dos outros signos, seu sentido está totalmente envolvido na linguagem, a palavra intervém sempre sobre um fundo de palavra, nunca é senão uma dobra no imenso tecido da fala. Para compreendê-la, não temos de consultar algum léxico interior que nos proporcionasse, com relação às palavras ou às formas, puros pensamentos que estas recobririam: basta que nos deixemos envolver por sua vida, por seu movimento de diferenciação e de articulação, por sua gesticulação eloquente.*

(Merleau-Ponty)

O movimento narrativo em fragmentos pareceu (cor)responder afetivamente às constelações de informações (trans)pirantes, vibrando em ecos no mundo e atravessando a (trans)corporeidade/existência que sou. À percepção e à noção da transcorporeidade – originária nos movimentos cognitivos da pesquisa de campo – retomo em outro momento/fragmento. Porém, destaco sua presença também na construção narrativa, permitindo que antes de apresentá-la num momento descritivo de como compreendo essa experiência vital, ela possa ecoar nas corporeidades das leitoras e leitores e ressoar livremente nos imaginários receptivos. Ressalto ainda que a construção fragmentária, fractal, foi sendo entretecida nesse estado de atravessamento e conexões transcorporais, de subjetividades e existências, que parecem ter ficado tão mais evidentes nas “janelas do covid”; tão mais próximas, presentes e perceptíveis quanto mais longe e isolados nós nos encontramos.

A noção de fragmento é entendida, segundo minha percepção, como em

[...] um imperativo cognitivo já formulado há três séculos por Blaise Pascal, que justifica as disciplinas e conserva, ao mesmo tempo, um ponto de vista metadisciplinar: “Uma vez que todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas são presas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes

---

<sup>44</sup> Busco aqui uma livre associação da ideia de constelação em Walter Benjamin, baseada na interpretação presente no texto *Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin*, de Georg Otte e Miriam Lúcia Volpe. In: Fragmentos, número 18, p.35/47 Florianópolis/jan-jun/2000. “Não se trataria apenas de um conjunto (constelação), mas de uma imagem, o que significa, em primeiro lugar, que a relação entre seus componentes, as estrelas, não seja apenas motivada pela proximidade entre elas, mas também pela possibilidade de significado que lhes pode ser atribuída.” (OTTE; VOLPE, 2000, p. 35 e 37).

sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes.” (MORIN, 2004, p. 116).

Não obstante, essa narrativa fragmentada, que se fortaleceu em meio aos atravessamentos do isolamento social, proporcionou um encontro tardio e inesperado que veio a se integrar na rede de autores que me nutriram e com os quais pude cocriar essa dança narrativa trans e indisciplinar. Falo do encontro extremamente bem-vindo com interpretações do pensamento de Walter Benjamin que trouxeram força e convicção no sentido de compreender e acolher a expressão anárquica e autônoma, em fragmentos insurgentes, que minha narrativa assumiu. Esse encontro se deu através do texto *Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica*, um estudo de Carolina Salomão Corrêa e Solange Jobim e Souza. O artigo propõe olhar para “alguns conceitos de Walter Benjamin que amparam uma reflexão acerca da construção de uma metodologia que admite a ideia do fragmento como estratégia epistemológica para aceder ao conhecimento.” (CORRÊA; SOUZA, 2016, p. 3). Reflexão que veio a contribuir para a compreensão da forma narrativa que pulsionava e nascia, insistente e intensa, na corporeidade investigativa então dedicada à expressão e materialização formal do processo investigativo.

Nesse movimento de escrita, espontaneamente entretecido em fragmentos e entrelaçamentos, ecoando de cantos e corporeidades de uma humanidade irmanada em nossa condição de transcorporeidade (de um organismo planeta Terra, que somos), percebi a urgência inevitável em acolher essa *emergência narrativa*. Posteriormente, ao me deparar com essa interpretação da narrativa benjaminiana em fragmentos, percebi descrições semelhantes a como sinto o fluxo dos movimentos narrativos que, insurgentes, insistiram em dominar a textualidade nascente em minha corporeidade existencial — o que parecia um movimento natural e orgânico, em sintonia com a perspectiva da prática como pesquisa. Assim como nas relações geradas pela experiência de uma *corporeidade investigativa indisciplinar*, afetada e atravessada pelas performances do cotidiano.

O fragmento textual em Walter Benjamin se expressa ao longo de toda a sua obra como *uma opção epistemológica para transmitir para a forma escrita as imagens de pensamento constitutivas do modo como o pesquisador persegue seu objeto de pesquisa*. No conjunto de textos de sua extensa obra encontramos, lado a lado, aqueles que expressam conceitos filosóficos, a partir de reflexões densas sobre teoria do conhecimento, junto a textos que transmitem imagens de pensamento, convocando nosso olhar para a experiência cotidiana ou para citações diversas de outros autores. Os diferentes estilos textuais estão obstinadamente em busca da melhor forma para expressar as ideias ou as imagens de pensamento, trazendo para a superfície da escrita o encontro do leitor com a crítica da cultura, através do que podemos caracterizar como uma montagem filosófico-literária. (CORRÊA; SOUZA, 2016, p. 2, grifo nosso.).

Sem a intenção de reproduzir uma proposta epistemológica, metodológica, estilística ou estética, ao contrário, me nutri da imagem dos fragmentos em Benjamin como mais uma entre outras imagens inspiradoras na busca em trazer a vida – em pulsações e expressões múltiplas e complementares – para a tessitura das reflexões, desconstruções e elaborações cognitivas da pesquisa, em narrativas escritas. Narrativas a serem, então, permeadas por fragmentos de outras linguagens imagéticas, entremeadas, em uma composição de múltiplas linguagens: idealmente, uma constelação transtextual de fragmentos em movimento fractal<sup>45</sup>. Tendo a imagem do fractal como manifestação dos diversos fragmentos, em variações temático-narrativas, entrelaçadas no fluxo de movimentos espirais do corpo da escrita. Uma relação sutil entre as espirais narrativas, interagindo em movimentos complementares e infinitamente correlacionados, como sugere também, ainda que de outra maneira, a trajetória dentro e fora na fita de Moébius.

O fractal foi a imagem mais próxima que encontrei para descrever a estrutura da escrita, em espirais narrativas transtextuais, que se teceu entre os meus dedos.

---

<sup>45</sup> “A Geometria Euclidiana se propõe a estudar formas regulares que quase sempre são feitas pelo homem, já a Geometria Fractal estuda padrões regulares e organizados dentro de uma aparente irregularidade, muito encontradas na natureza. Num universo despovoado de formas geométricas perfeitas, onde proliferam superfícies irregulares, difíceis de representar e medir, a Geometria Fractal apresenta-se como um meio de tratar aqueles fenômenos até agora considerados imprevisíveis, aleatórios e anômalos, ou seja, caóticos. Os Fenômenos Caóticos, bem como a Geometria Fractal, têm sido, nos últimos anos, alvo das investigações de muitos cientistas em todo o mundo. As técnicas fractais em particular, mais do que um ramo da Matemática, têm-se revelado uma ferramenta extremamente útil a muitas Ciências, mesmo as Sociais, permitindo uma linguagem comum entre especialistas de diferentes áreas.” Definição retirada do texto *Fractais: algumas características e propriedades*, de Regis Alessandro Fuzzo, apresentado no IV EPCT – Encontro de produção científica e tecnológica, 2009, do NUPEN – Núcleo de Pesquisa multidisciplinar.

Figura 40 - Representação de Fractal.



Fonte: site Estudo Prático. Fonte: internet.<sup>46</sup>

Segundo Corrêa e Souza, Benjamin buscou e se apropriou da imagem da mônada apresentada na teoria de Leibniz. “Em *Monadologia*, obra que nomeia a teoria, Leibniz (1974) explica que a mônada é um ponto de vista sobre o mundo e é, portanto, todo o mundo sob um ponto de vista” (LEIBNIZ, 1974 *apud* CORRÊA; SOUZA, 2016, p. 3). Imagem que associei, claro, à proposta da autoetnografia à qual me entreguei já no início da escrita da tese, entendendo a narrativa autoetnográfica como um meio de dar voz à corporeidade. Ou seja, como uma perspectiva subjetiva da corporeidade do investigador que, porém, paradoxalmente, poderia expressar a universalidade do sujeito antropológico que escreve e se inscreve, transcorporalmente, como expressão de seu contexto histórico. “Benjamin, a partir da ideia da mônada, apresenta o historiador/pesquisador como um detetive que busca, nos rastros da vida cotidiana, as pistas que o conduzem ao entendimento crítico da cultura de uma época.” (CORRÊA; SOUZA, 2016, p. 4).

---

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/geometria-fractal-caracteristicas-categorias-e-historia/>. Acesso em: 25 maio 2020.

### 4.3 Narrativas possíveis dos saberes do corpo

*A letra da mulher indígena é coletiva: ela escreve com a voz da mata, da floresta, dos animais, das avós, dos avós, da aldeia, dos encantados. Auritha Tabajara sempre diz que como mulher indígena, ela escreve com muitas vozes, com as vozes do pertencimento.*

(Coletivo indígena<sup>47</sup>)

A questão fundamental que se colocou em um primeiro olhar para o universo da pesquisa e da construção do conhecimento desde a corporeidade, foi muito simples: aonde está o corpo nesse contexto? Qual o lugar do corpo em todo o processo de pesquisa e construção de conhecimento nas instituições modernas pelo planeta globalizado? E, assim como a pergunta, a resposta, apesar de gerar um enorme desconforto, também foi muito simples: o não-lugar. O não-lugar – enquanto ser-sujeito vivo, vibrante, desejante. O lugar alheio, estéril, teórico, funcional e sistematizável: esse lugar coisificado e estigmatizado do objeto de análise e classificações. O lugar do corpo, seja enquanto organismo vivo, seja enquanto lugar de saber ou enquanto lugar de experiência, hoje, praticamente inexistente. Salvo as inúmeras – mas ainda assim invisíveis – tentativas e tessituras resilientes, em geral concentradas nas áreas das artes do corpo, da dança ou da educação física, campos de qualquer modo à margem do *main stream* científico. Tentativas e tessituras que se somam, mas que, porém, tendem a ser engolidas pelo formato e pela estética acadêmica, ainda engessada e submissa ao método tradicional da ciência moderna.

Há controvérsias, já que valiosos trabalhos no/do campo das artes do corpo e do movimento buscam encontrar e construir caminhos para escapar, burlar e transcender esse engessamento e, em certa medida o fazem. Porém, o que percebo – e isso é uma opinião subjetiva e afetada pela experiência reduzida do meu olhar pessoal – é que por mais que busquemos essa transcendência e superação, o simples fato de, ao final, cedermos à forma e à linguagem do método moderno tradicional, faz com que os saberes e percepções sejam novamente engessados. Por mais orgânicas, livres e sensíveis que sejam as construções e tessituras de saberes, nos processos investigativos e na elaboração dos conhecimentos, a vitalidade e a originalidade, assim como a perspectiva autêntica de tais processos, se reduz e se

---

<sup>47</sup> Coletivo indígena que assina o texto de apresentação da página *Leia Mulheres Indígenas: 25 escritoras para você conhecer*: “Não somos Iracema!”: somos Eliane Potiguara, Denízia Kawany Fulkaxó, Auritha Tabajara, Julie Dorrico, Fernanda Vieira, Maria Kerexu, Aline Pachamama, Shirley Krenak, Lia Minapóty, Djuena Tikuna, Graça Graúna, Márcia Kambeba, Aline Kayapó! A página pertence ao site *Visibilidade Indígena*. Acesso em 28 maio 2020, 13:34.

hermetiza radicalmente na lógica narrativa, semiótica e epistêmica que a forma e a estética acadêmica determinam.

Talvez, em parte, por este motivo, tais trabalhos, pesquisas e saberes não cheguem a se expandir e ressoar, com a força da potência que trazem, muitas vezes nem nos próprios campos de estudos e práticas, que dirá para além das fronteiras destes. Campos em relação aos quais acredito que as pesquisas das artes do corpo em movimento têm muito a contribuir. Assim como, e especialmente, nas experiências que propõem e nutrem os entrelaçamentos e construções coletivas entre campos de saber.

[...] na espantosa variedade de circunstâncias que fazem progredir as ciências, quando rompem o isolamento entre as disciplinas: seja pela circulação de conceitos ou de esquemas cognitivos; seja pelas invasões e interferências, seja pelas complexificações de disciplinas em áreas policompetentes; seja pela emergência de novos esquemas cognitivos e novas hipóteses explicativas; e seja, enfim, pela constituição de concepções organizadoras que permitam articular os domínios disciplinares em um sistema teórico comum. (MORIN, 2004, p. 112).

Essa realidade que acabo de descrever faz com que seja, a meu ver, urgente e imprescindível perguntar sobre o lugar do corpo e da corporeidade, não apenas no dia a dia das instituições – nos corpos ausentes e nas corporeidades alienadas que regem as relações. Mas, também especialmente, nos processos de investigação e construção do conhecimento, que se dão nesses espaços institucionais. Espaços de poder e de influência direta sobre o desenvolvimento do imaginário, dos corpos, das perspectivas, dos hábitos, da lógica e da imagem social sobre, e sob, a cultura, o status quo, os estigmas e referências que norteiam a formação do corpo social e a noção hegemônica de sociedade. Assim como em relação ao “bom funcionamento” desta última e dos papéis ou funções sociais possíveis e eficazes a serem assumidos pelos sujeitos nesse contexto – em todos os aspectos: econômica, política e socialmente, e mais particularmente, no que interessa diretamente a esta pesquisa: no sentido dos efeitos e derivas aceleradas do poder midiático manipulativo, tanto da industrial cultural, quanto do círculo vicioso próprio da dinâmica econômica de consumo, predatória de tudo e de todos.

Toda uma realidade de bilhões de organismos objetificados e assujeitados, seguindo, servindo, reproduzindo, em sua maioria mecanicamente, e ainda que com muitos núcleos coletivos de resistência, estes também restringidos, em muitos aspectos da sobrevivência a existirem como objetos da lógica capital. Essa “economia do corpo disciplinar”, fábrica de “corpos dóceis” (FOUCAULT, 1987) que garantem a prática e a naturalização da servidão voluntária e dos mecanismos de colonização interna. Um contexto que há séculos é conduzido

com a energia de inércia, garantida pelas estruturas e pelas lógicas de manipulação e dominação europeias e euramericanas. Mecanismos disseminados e reestruturados durante as guerras de invasão e colonização conduzidas pelos países Europeus e, posteriormente, pelo processo de globalização capitalista por todo o planeta.

Um projeto planetário, conduzido pela necropolítica das elites euroamericanas e de suas empresas multinacionais, junto à ganância predatória dos oportunistas locais e progressivamente das corporações transnacionais, que também se beneficiaram e se incorporaram nesse projeto de subalternização global da natureza, dos povos e das culturas, em um projeto planetário. Um projeto de invasão, dominação, extermínio, escravização e exploração capitalista; desde sempre um projeto bárbaro e necropolítico, mais ou menos oculto pela máscara mutante e talentosa em se reificar enquanto uma modernidade capitalista, supostamente desenvolvimentista e sempre – diga-se de passagem –, sempre sustentada e instrumentalizada pela ciência moderna hegemônica.

Aqui voltamos ao ponto nevrálgico dessa relação do Corpo e do corpo social com a Ciência Moderna, já analisado ou apontado por autores das mais diversas épocas, perspectivas e de inúmeras maneiras. Especialmente no que diz respeito à crítica ao dualismo Mente x Corpo, sustentáculo de tantos outros dualismos e dicotomias excludentes – à serviço de uma hierarquização da sociedade e de uma construção de estigmas entre o que tem alto ou baixo valor. Vale citar as dicotomias Razão x Emoção, Homem x Mulher, Científico x Popular, Cultura x Natureza, Moderno x Originário, Civilizado x Primitivo, entre outras tantas estigmatizações que se perpetuaram até hoje, como sistema de crenças dominante e hegemônico, nas sociedades ditas complexas.

Sistema de crenças referencial para a estruturação e reprodução das perspectivas, práticas e hábitos com que a máquina de dominação midiática do sistema molda e determina a constituição do imaginário, do inconsciente, das subjetividades e corporeidades dos sujeitos no corpo social. Mecanismos de subjetivação que determinam direta ou indiretamente o ser, existir e o relacionar-se dos sujeitos objetificados.

Não que se faça necessário, mas é interessante frisar o quanto tais práticas, processos, assim como seus estigmas, paradigmas e hierarquizações enraizaram-se – de modo muito semelhante aos seus primórdios há centenas de anos (Ver Foucault em Vigiar e Punir) – e continuam servindo ainda hoje, no capitalismo mais que tardio, como base para a reprodução da lógica moderna epistemocêntrica, branca, racista, masculinista, falocêntrica, antropocêntrica e genocida. Aprofundaram-se os mecanismos da indústria de controle pela subjetivação dos

seres, em objetos do capital e/ou em sujeitos objetificados do corpo social – no estado necropolítico e autocida a que chegamos hoje.

Por terem estes espaços o peso e o efeito que tem na estruturação e nos mecanismos da micro e da macro política no planeta, especialmente nos mecanismos de subjetivação e colonização das subjetividades e corporeidades, interessa à pesquisa olhar para os efeitos dessa formação institucional e talvez alguns dos elementos de manipulação e modelagem dos sujeitos, de seus imaginários, pensamentos, emoções, relações e existências. Ainda que não nos caiba perguntar diretamente ou fazer uma análise sistemática de como se dão esses mecanismos, importa aqui situá-los em contextos e relações com a corporeidade e a formulação dos conhecimentos, como por exemplo, em relação à linguagem narrativa secularmente enrijecida dos escritos acadêmicos.

Para aprofundar a questão da relação entre sujeito e subjetividade e entre corpo e ciência, dentro da perspectiva das forças micro e macropolíticas, indico com carinho a pensadora e autora Suely Rolnik. As reflexões da autora vieram nutrir as reflexões e fortalecer as hipóteses da pesquisa, já no processo de composição do corpo narrativo da tese; em muito por uma certa semelhança, creio, na percepção em relação à compreensão das relações que interessam ao corpo desta pesquisa, particularmente no contexto do território dos saberes do corpo. Vale anunciar que as elaborações de Rolnik, apesar de terem vindo em um encontro já “tardio” do processo investigativo, permitiram uma relação direta com reflexões e noções fundamentais na sistematização desta investigação em tese. Especialmente por suas contribuições teóricas sobre a micropolítica ativa, assim como pela noção do corpo-que-sabe, entre outros elementos de análise, com que diálogo ao longo da tese, em busca de um exercício perspectivista de saberes paradoxais.

#### 4.4 Em busca do texto e do sentido do texto ou girando em círculos

*Um pensador [...] suscitou uma hipótese muito audaz. Essa conjectura feliz afirmava que há um só sujeito, que esse sujeito indivisível é cada um dos seres do universo e que estes são os órgãos e máscaras da divindade. [...] Nos hábitos literários é também todo-poderosa a ideia de um sujeito único. É raro que os livros estejam assinados. Não existe o conceito de plágio: estabeleceu-se que todas as obras são obra de um só autor, que é intemporal e é anônimo.*

(Jorge Luís Borges, Ficções)

*Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa qualquer entendimento.*

(Clarice Lispector)

Há dias me afastei do computador, dos livros, dos cadernos, das palavras que queiram significar algo além das coisas vivas do cotidiano. Há dias me afastei da paralisia em que me encontrava no processo de escrita da tese, não obstante muitas cobranças internas, e acolhi o estado de pausa, o estado de vazio, o estado de incerteza diante da vida e da sociedade. Há dias entendi que não havia como escrever sobre algumas poucas e parcas convicções que me restavam já antes de me encontrar em meio ao estado/espço/tempo de quarentena e Pandemia. Há dias perdi o sentido de escrever sobre algo do todo que perdia mesmo o sentido à minha volta, diante e dentro de mim.

Há dias... Que alívio!! Creio que são 6 os dias desse “há dias” ... Que bom, finalmente! Até então, estava eu lutando comigo mesma, em busca de motivação para conseguir continuar escrevendo a tese. Continuar escrevendo a tese que deve ser concluída, em sua primeira versão, em pouco mais de um mês. Mas, a sensação é que nada mais tenho a dizer. Admiro e me inspiram as autoras e autores que têm conseguido escrever e até escrever coisas importantes, fundamentais ou brilhantes. Mas, essa não sou eu. Minha linguagem não é a palavra. Meu corpo/ser/existência não quer escrever, ou mesmo falar. Meu corpo/ser/existência quer dançar. Quer cantar, tocar outros corpos, deixar a palavra sair como gesto orgânico do movimento do meu ser inteiro. Será que é loucura pensar que quando escrevo não estou me expressando com a totalidade do meu ser? Será que, como os passarinhos, somos também dotados de tipos de cantos diferentes, que seriam diferentes linguagens? Será que realmente alguns de nós tem maior capacidade de falar com o corpo e voz integrados no movimento do que com a palavra escrita pelas mãos? Será?

Entendi mais uma vez nesses dias que, ao menos em mim, as palavras escritas não têm a força do movimento para expressar sentidos com a mesma potência, intensidade e verdade que as palavras entoadas com toda minha corporeidade. E, me perdoem, mas o que quero dizer aqui com verdade não está relacionado à nenhuma corrente filosófica ou de pensamento. Poderia falar que se aproxima da ideia de verdade do sujeito, posto que falo de minha subjetividade, porém, tampouco acredito no sujeito da psicanálise. E isso já faz tempo! A verdade de que falo é simples assim mesmo. Só uma noção relativa, mas que traz essa força quando se manifesta e que é reconhecível; embora comumente inexplicável e pouco passível

de tradução acadêmica. Com a exceção de alguns gênios ou mestres da ciência ou da literatura. O que me faz lembrar de Merleau-Ponty em *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*:

Se o signo só quer dizer algo na medida em que se destaca dos outros signos, seu sentido está totalmente envolvido na linguagem, a palavra intervém sempre sobre um fundo de palavra, nunca é senão uma dobra no imenso tecido da fala. Para compreendê-la, não temos de consultar algum léxico interior que nos proporcionasse, com relação às palavras ou às formas, puros pensamentos que estas recobririam: basta que nos deixemos envolver por sua vida, por seu movimento de diferenciação e de articulação, por sua gesticulação eloquente. (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 43).

Já que a verdade de que falo é daquele tipo que escapole do texto, como traduz Clarice Lispector nas frases finais do livro *A paixão segundo G.H.*: “Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então, adoro!” (LISPECTOR, 1964).

Acredito que se faça necessário compartilhar aqui essa reflexão com as possíveis leitoras e leitores, posto que esclarece muito da perspectiva com que venho à academia fazer um doutorado. Venho, ou vim, já que o presente já parece ausente de um sentido estrutural concreto do que seja agora, e do que será pós-covid, a instituição Universidade. Neste contexto, me parece que toda a configuração, todos os motivos e objetivos essenciais que moveram a pesquisa e a tese, estejam se esvaindo do meu pulsar, caindo por terra, fluindo por água abaixo... Curioso! Não que não se possa falar de tudo ainda, mas, agora me pergunto por que e para que. Já que as reflexões da pesquisa e da tese passavam por – desde a experiência de uma corporeidade investigativa e desde a perspectiva do território do corpo sensível e dos saberes do corpo em movimento – tecer reflexões em relação à estrutura, às perspectivas e práticas moderno-coloniais-capitalistas ainda hegemônicas nas sociedades e, especificamente nas instituições de ensino e pesquisa; até então. Até praticamente ontem. Porém, pelo que estamos vivendo, vendo e pelos prognósticos de alguns especialistas por todas as áreas. Não mais amanhã. Não o amanhã que achávamos que conhecíamos.

O mundo está em crise! E, como podemos aprender desde os saberes do oriente, os momentos de crise são momentos de grande oportunidade. Oportunidade de transformações profundas. E, se o que buscávamos eram exatamente as transformações, não sem dor, temos agora um desafio em nosso presente. Tenho assim ido em busca da força de luta para seguir, indo de encontro aos saberes de mestres que nos guiam na direção das nossas melhores utopias. Angela Davis, em entrevista a Frank Barat (2014), publicada em seu livro *A liberdade é uma luta constante*, fala do poder do coletivo e da ética que nos toca ao construir tais movimentos:

Desde a ascensão do capitalismo global e das ideologias associadas ao neoliberalismo, tornou-se particularmente importante identificar os perigos do individualismo. As lutas progressistas – centradas no racismo, na repressão, na pobreza ou em outras questões – estão fadadas ao fracasso se não tentarem desenvolver uma consciência sobre a insidiosa promoção do individualismo capitalista. (DAVIS, 2018, p. 20).

Temos historicamente inúmeros exemplos da força de reificação dos mecanismos capitais e engenhosas articulações entre os “donos do poder”, como chamamos os detentores do poder capital, político, militar, midiático no planeta – especialmente no que concerne à absorção e objetificação dos movimentos populares e insurgentes de toda natureza. Me pergunto se temos ideia das possibilidades e do potencial de nosso poder coletivo. E ouço minha tia Enilde Maciel perguntando: e quem é esse coletivo, cara pálida? Pretendo voltar a essa questão em fragmento dedicado à ideia de multidão e de humanidade. Mas, para o momento, basta supormos que os donos do poder de fato sabem se unir e se alinhar coletivamente para seus benefícios próprios e exclusivos, ainda que tenham rixas de morte em outras questões. Talvez tenhamos algo a aprender com eles, esses outros, o 1% detentor do poder necropolítico reinante – com os quais não nos identificamos, mas que nos fazem ser quem somos: 99% da população que detém 1% da riqueza do planeta.

Não tenho, nem pretendo ter ou buscar tecer respostas, posto que não acredito que existam dessa maneira. Me importa, porém, buscar, tecer e compartilhar questões, reflexões e ações coletivas em que possamos somar esforços no sentido dessa construção. E como o lugar em que me encontro neste instante é este lugar de doutoranda, é daqui que falo. Amanhã a Universidade, como a Terra, não será a mesma. Amanhã será um novo dia, um outro mundo, outros seres em outro planeta. Amanhã a Universidade, se resistir e existir, não será a Universidade que conhecemos até ontem. Então, creio que mais do que questionar, problematizar, apontar contradições e limitações – como me parecia ser necessário antes de ir dormir – hoje, talvez seja mais interessante elaborar considerações e reflexões sobre possíveis caminhos de construção dos espaços de interação cognitiva, criação de saberes e construção de novos modos de conhecer e cultivar saberes e conhecimentos. Independente dos espaços institucionais como os conhecemos, sem perder de vista que são estes, também, espaços de luta e construção de novos mundos possíveis. Mundos que estão a ser construídos agora, aqui, a cada instante. Mas em sintonia com o planeta que queremos ser.

Talvez assim, possa eu, doutoranda, também encontrar novos sentidos para o encadeamento de imagens em palavras, para a tecitura de palavras em frases e de frases em páginas textuais significativas. Porém, sem me esquecer de que o amanhã será um outro dia. E principalmente que, neste exato instante, estamos construindo o hoje que determina o amanhã.

*Lo que puede el sentimiento  
 No lo ha podido el saber  
 Ni el más claro proceder  
 Ni el más ancho pensamiento  
 Todo lo cambia el momento  
 Cual mago condescendiente  
 Nos aleja dulcemente  
 De rencores y violencias  
 Solo el amor con su ciencia  
 Nos vuelve tan inocentes*

(Violeta Parra)

Mais uma vez me pergunto: o que poderia eu dizer, porém, diante deste cenário e na escrita de uma tese de doutorado nesse contexto? A pergunta ficou pairando sobre minha cabeça e girando dentro em mim, menos como uma questão metodológica insistente e mais como uma questão existencial onipresente. E, me repito: estive neste estado, confuso de sentimentos pulsando nas minhas veias, percorrendo meus sistemas corporais todos, confundindo meus pensamentos e atormentando meu espírito, por semanas a fio, até que, quando percebi, já havia passado um mês de isolamento social e, mais ou menos a metade do tempo que eu tinha para terminar a escrita da tese. Tese que se desconstruía veloz e irremediavelmente diante de mim. Aquilo que fora construído lentamente, enquanto ideia, ao longo dos quatro anos pareceu se esvaziar de sentido pelos poros, entre meus dedos. A pulsão e o desejo de defender uma tese, nesse ponto, em meio à pandemia, deixaram de existir, ou ao menos, de pulsar. Uma tese, ou o que seria meu trabalho final do doutorado.

Passei a considerar ou a ter convicção, sinceramente, de que qualquer formulação acadêmica neste ponto – vindo deste lugar de luto e suspensão que tomou conta do Ser que sou ou creio ser – seria no máximo um exercício raso de racionalismo metodológico e de disciplinarismo epistemológico. Coisas muito diferentes do que entendo por razão, metodologia, disciplina, conhecimento, saber e epistemologia, diga-se de passagem. Nos extremos da hegemonia colonial tardia da ciência moderna a que chegamos, não é difícil observar os sintomas do desequilíbrio a que chegou tal proposta, após se livrar dos fantasmas da idade média, negando tudo o que representava aquele período “das trevas”. E que o movimento iluminista em nome da dita “razão ilustrada” – e no intuito de livrar-se dos paradigmas religiosos, míticos e políticos que sustentaram a época anterior – acabou criando outros paradigmas relacionados à verdade, à razão e à ciência que se tornaram, em muito, tão dogmáticos e limitantes quanto os anteriores. Porém, com consequências catastróficas em

relação ao planeta e à humanidade, estes então soterrados pelo rápido “progresso” da perversa aliança ciência moderna/capitalismo.

Neste ponto, portanto, “só sei que nada sei” e desejando encontrar algo dos saberes ancestrais que me nutrem, volto-me a mim mesma e à infinitude da busca nesse encontro interno, em *religare*, com o sentido da vida. E quiçá, com sorte: com o sentido do texto.

## MOVIMENTO V – PERFORMANCES NARRATIVAS, SABERES EM DEVIR

*Como este trabalho foi escrito: degrau por degrau, à medida que o acaso oferecia um estreito ponto de apoio, e sempre como alguém escala alturas perigosas e que em momento algum deve olhar em volta a fim de não sentir vertigem (mas também para reservar para o fim toda majestade do panorama que se lhe oferecerá).*

(Walter Benjamin)

Agora, trata-se de compartilhar reflexões sobre o laboratório vivo, do cotidiano, no território da experiência e no contexto da transcorporeidade construção de saberes nos movimentos cotidianos e sentirpensar acerca dos dramas subjetivos possíveis por trás de uma ação comum e corriqueira. O que quero, nesse instante, ressaltar é a presença do “acaso”, e a importância do “tempo livre” (gregos), para que a experiência seja possível, trazendo para o desenvolvimento das investigações, o que estas trazem de maior potência que é a vida e a matéria viva, humana, natural, cósmica.

O que quero é dizer que, senão em regra, ao menos na metodologia de pesquisa que tenho desenvolvido ao longo das décadas em artes cênicas e artes do corpo em movimento, assim como a metodologia da minha investigação do doutorado, o acaso, a presença, a entrega ao ser/estar no momento, a presença e inteireza no momento, a abertura, a sincronicidade, a curiosidade, a curiosidade da criança interior, a espontaneidade e a criatividade, entre outras coisas, como a confiança na intuição, como a confiança na sincronicidade, e etc's têm estado presentes....

Todos estes quesitos, ou elementos, ou princípios, que normalmente sequer são levados em consideração nos manuais e bíblias de metodologia de pesquisa, são e sempre serão fundamentais no desenvolvimento, construção e criação de conhecimento e percursos nesses processos de investigação que fazem sentido para mim e que, juntos, têm uma característica em comum. Como disse: fazem parte da vida, são vida, são elementos vivos e vibrantes que interagem no processo investigativo, para além da minha mente subjetiva, objetiva, individual e, ainda, para além do inconsciente coletivo que me atravessa... Vários desses elementos – acaso, sincronicidade, presença, abertura, curiosidade, intuição e criatividade – fazem parte de um processo em movimento transcorpóreo dos saberes e dos conhecimentos, pela humanidade, pelo pulsar vibrante e inteligente da vida. Pelo que podemos chamar de mente cósmica, de Deus, de acaso, de coincidência, de sincronicidade, ou de inspiração, dependendo da relação de cada um com a espiritualidade, com o algo maior em que nos inserimos... Poderíamos também

chamar de insight, relacionando ou não ao indivíduo específico, se quiserem utilizar um termo já minimamente aceito pela ciência mais tradicionalista.

O que isso tem de relevância para esse estudo, além dos elementos já citados como princípios pertencentes à metodologia utilizada ao longo dessa investigação, é o fato de que, enquanto performance do cotidiano, esse caso pode nos levar à reflexão acerca da importância dos “acasos” e do conhecimento adquirido pela experiência, assim como dos conhecimentos só possíveis de serem acessados na experiência cotidiana – como elementos relevantes, fundamentais e de valor inestimável – para os estudos culturais, antropológicos e sociológicos, mas, em especial, para o campo dos estudos da performance. Partindo dessa premissa, podemos deduzir que, investir nos elementos do cotidiano, da experiência, dos acasos e da vivência “mundana” – assim como investir na percepção, na abertura e no olhar curioso e interessado para tais elementos que se dão ao acaso e que se nos apresentam sem previsão, sem planejamento e pela força do caos ou da sincronicidade – pode ser algo de valor ainda subestimado, enquanto elemento metodológico fundamental e potente na prática das pesquisas.

Ainda que não represente novidade e que seja de modo diverso presente na prática e na práxis de inúmeros pesquisadores, desde tempo imemoriais, o reconhecimento desses elementos enquanto princípios metodológicos valiosos e radicalmente potentes, a meu ver, merece ser explorado e ter seu reconhecimento merecido. Assim, aqui, procuro dar minha contribuição nesse sentido, já que nesse processo de investigação, via corporeidade, tais elementos – como nas investigações artísticas da cena e nas artes e ciências do corpo em movimento da minha experiência – se fizeram fundamentais, fundantes e radicalmente estruturantes da perspectiva e da prática metodológica, assim como dos processo de elaboração teórico-epistemológicas.

No cenário investigativo aqui narrado, tais elementos foram claramente relacionados à manifestação dos princípios da transcorporeidade, no que se refere à construção viva do conhecimento. Movimento vibrante e autônomo em que os saberes e conhecimentos se constroem nos espaço/tempo/fluxos entre. Entre os elementos que compõem o território de investigação, entre as manifestações investigadas, entre as corporeidades envolvidas – de que somos conscientes e/ou não. Falo de saberes e conhecimentos que se constroem no movimento mesmo de atravessamento das corporeidades, experiências, perspectivas de vida, concepções e vivências culturais etc., que estão envolvidas direta ou indiretamente, visível ou invisivelmente no processo de investigação.

## 5.1 A dor sem palavras e sem razão comum, a voz sem lugar

*Esses ninguéns, os mamelucos e os mulatos, à procura do próprio ser dentro de uma identidade étnica, é que inventam o brasileiro.*

Darcy Ribeiro

*Lo ch'ixi apareció em mi horizonte cognitivo cuando todavía no sabía nombrar aquello que había descubierto a través de mis esfuerzos de reflexión y de práctica, cuando decía “esa mezcla rara que somos”.*

Silvia Rivera Cusicanqui

Como querer vir aqui, tocar em assuntos tão delicados, sem um claro lugar de pertença, sem um longo histórico de lutas coletivas visíveis, sem ao menos uma clara ancestralidade definida à qual me agarrar?

Como ser *ch'ixi* no mundo e ser ouvida, ainda sem nem um título e sendo nada mais que uma mulher, mãe, artista anônima? Não tenho uma história espetacular pra contar, nem alguma descoberta genial, nem algum tipo de discriminação, sofrimento e abuso que se aproximem dos grandes e graves casos.

Sou nada mais que uma artista desconhecida, uma mãe solo dedicada com seus defeitos, uma pesquisadora cheia de dúvidas, uma eterna militante silenciosa e cheia de pequenas histórias de trabalhos voluntários com grandes pequenos seres incógnitos pelas favelas, ruas, projetos sociais e comunidades afora e adentro.

Não sou preta, não sou indígena, não sou pobre, não sou branca, não sou ninguém. Mas, os brancos conservadores e “estabelecidos” me tratam como parda, artista, mulher feminista, esquerdista ativista, mãe solo, certamente uma *gauche*, marginal ou desocupada. De qualquer modo trago em mim, os arroubos e vícios, as marcas e feridas que essa parte minha branca europeia forjou nas nossas mães, pais, irmãs e irmãos pretas, indígenas e mestiças... Sou essa mistura *ch'ixi*, com todas as contradições que essas marcas me trazem e me fazem.

Nem sei falar de como me veem as pretas e os pretos, mesmo as amigas de coração, mesmo irmãs de caminhadas, pois agora, antes ocupo o lugar da branquitude privilegiada, que faz parecer, da noite pro dia, que não somos mais da mesma espécie. Mantemos nossa irmandade, nosso respeito, admiração e nosso amor, mas, de repente não somos mais consideradas iguais. E não sermos mais iguais, ainda que, em certos casos, tenhamos tido privilégios semelhantes, parece ter se tornado mais importante do que sermos irmãs de alma, de experiências, de amores, de sonhos e de vida. Nada a questionar em relação à necessidade da luta antirracista e da importância de se evidenciar todas as feridas e fissuras da desigualdade

e das injustiças sociais. Apenas lembrar das contradições e da complexidade em que se inserem todas as lutas pela vida.

Quanto aos indígenas, meus irmãos de alma ancestral, matriz da linhagem mais próxima que sabemos na história da família, tradição que sentia muito minha desde pequenina, ou, ao menos desde que me entendo por gente... Também não sei bem. Uns assim, outras doutro jeito, algumas irmãs de alma no caminho, me nutrem a ancestralidade. Não há como medir o que ficou em mim ou não dessa ancestralidade raptada e estuprada que me constitui. Sei que doem na minha alma as marcas e memórias da presença do estuprador no meu DNA.

Tenho receio até de dizer como sinto, pois, estaria me colocando como vítima ou ocupando lugar de um protagonismo que também entendo que não deve ser meu. E corroboro. E encho de razão e faço coro com todas as minhas irmãs e irmãos pretas e indígenas que assim gritam, assim alertam, assim reivindicam a transformação tão necessária e urgente, que espera que a branquitude desperte junto. Também espero. Mas, sinto que há mais cores entre o céu e a terra do que cabe nesse momento necessário. E que, talvez, possamos abrir ainda mais espaços e tempos de acolhimento, afeto e cuidado no conjunto das lutas. *Talvez acolhermos a transcorporeidade ancestral e planetária como nosso lugar comum, como nosso elo sagrado.* Talvez seja esse desejo demasiado utópico, ou talvez revele algo mais profundo do meu lugar de branquitude, que nem eu mesma reconheça.

Branquitude... Que não lugar pra mim esse. Ainda que, sim, seja necessário ocupar esse lugar da branquitude, reconhecendo os privilégios porque a vida me levou, desde o nascimento em uma família de classe média. Talvez tivesse eu nascido mais pobre, eu mesma, não devesse assumir o lugar da branquitude, ou talvez sim. Talvez seja necessário silenciar a vontade de gritar também. Ainda que desde esse lugar da branquitude em que fui colocada, nunca tenha deixado de gritar e de lutar pela igualdade e pela justiça social; à minha maneira, como mineira e caipira, sem clara identidade ou pertença, mas sempre nos pequenos gestos, nos olhares e palavras e as vezes em grandes arroubos colocando em risco minha vida na defesa dos excluídos e injustiçados, fossem quem fossem esses irmãos meus... Nunca me perguntei que cor de pele, de que origens, que ancestralidade. Até o hoje de pouco tempo atrás.

Talvez por este histórico é que me conforte um tanto e me fortalece um muito, encontrar a noção de “*identidad ch'ixi*” em Cusicanqui (2018) e o lugar de força da *mestiza*, que Gloria Anzaldúa reavivou de Jose Vasconcelos. Esse lugar mestiço de transculturalidade ancestral, existencial e genética que me constitui, essa transcorporeidade que se corporifica em mim, e que sente urgência em se constituir politicamente. Em *La conciencia de la mestiza /Rumo a uma nova consciência* (2005), Anzaldúa descreve:

Essas inúmeras possibilidades deixam a mestiza à deriva em mares desconhecidos. Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, ela passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou ideias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter ideias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. La mestiza tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. A nova mestiza enfrenta tudo isso desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambigüidades. Aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista angloamericano. Aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico – nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa. (ANZALDÚA, 2005, p. 706).

Hoje, mais que nunca, se faz urgente nos perguntarmos e se faz necessário e emergente olharmos com atenção para os detalhes dessa construção colonial e perversa do racismo e da exploração das raças, classes e minorias desprivilegiadas. É necessário reconhecermos aonde e de onde queremos, podemos, devemos ou não lançar nosso grito, abrir nossa voz. É urgente reconhecermos toda essa perversidade estrutural, toda essa colonialidade que nos separa, que nos explora, que nos objetifica, manipula e nos consome. É necessário e é urgente.

Mas é também complexo. Muito complexo. Tão complexo quanto quicá simples, se, no final das contas, pudéssemos nos ver e agir como semelhantes, como pertencentes de um mesmo organismo, de uma transcorporeidade planetária comum e inegável. Como passageiros em um mesmo barco, como lembra Krenak, entre outras tantas vozes que buscam um outro olhar para esse ser planeta da existência humana. Tantas vozes que ecoam pelos cuidados com nossa vida comum, por essa pertença maior e coletiva à Terra Mãe. Pelo respeito e reverência ao organismo planeta água, de que fazemos parte e no qual, mesmo sem consciência somos uma partícula, no todo da transcorporeidade viva e latente que nos constitui. Entendo ser esta uma realidade que negligenciamos, na medida em que naturalizamos e nos esquecemos. Realidade que poderia tornar-se germe de uma força inestimável da revolução possível.

O feminismo negro emergiu como um esforço teórico e prático de demonstrar que raça, gênero e classe são inseparáveis nos contextos sociais em que vivemos. Na época de seu surgimento, com frequência pedia-se às mulheres negras que escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou o movimento de mulheres. A resposta era que a questão estava errada. *O mais adequado seria como compreender as intersecções e as interconexões entre os dois movimentos. Ainda estamos diante do desafio de apreender as formas complexas como raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade e capacidades se entrelaçam – e como superamos essas categorias para entender as inter-relações entre ideias e processos que parecem ser isolados e dissociados. Nesse sentido, insistir que há ligações entre as lutas e o racismo nos*

*Estados Unidos e as lutas contra a repressão israelense ao povo palestino é um processo feminista.* (DAVIS, 2018, p. 22. Grifo nosso).

Angela Davis dá voz ao mais profundo dos meus anseios nesse sentido, e nos chama, nos conchama, a lutarmos juntas e juntos e juntas, no coletivo, pela coletividade. Sem negar as diferenças e especificidades das lutas específicas e urgentes, mas estando prontas e prontos e prontos para enfrentar as reflexões, discussões e problematizações. E, principalmente, compartilhando essa emergência e essa urgência com todas e todos e todas com quem convivemos ou nos comunicamos. Sabemos que as ações coletivas específicas podem nos levar muito adiante e com frequência elas nascem vigorosas em segmentos e situações específicas, absolutamente necessárias. Mas, é um caminhar, é uma caminhada, uma caminhada que pode ser fortalecida no coletivo da sociedade, nos localizando na coletividade do planeta. Reverenciando, respeitando e nos fortalecendo nessa nossa qualidade transcorporal inevitável de pertença comum a um organismo mãe Terra.

Sinceramente não acredito que alguém possa realmente ser feliz nesse planeta dentro das constelações de exploração e violência em que vivemos. A exclusão de uns pode aparentemente beneficiar uns poucos. Mas, esses poucos, tão iludidos, não encontraram, nem encontrarão a felicidade que buscam em nada que possam consumir ou possuir. Disso tenho certeza profunda, ainda que seja uma ilusão. Talvez ainda maior que a ilusão que faz com que os milionários do planeta, o 1% que se beneficia realmente desse sistema, acreditem que estão se beneficiando com o estado de coisas que os mantém donos/escravos do poder e da riqueza.

Organizações recentes como Black Lives Matter [Vidas Negras Importam], Dream Defenders [Em Defesa dos Sonhos], Black Youth Project 100 [Projeto Juventude Negra 100], Justice League NYC [Liga da Justiça da Cidade de Nova York] e We Charge Genocide [Denunciamos o Genocídio] são algumas organizações da nova geração que têm construído modelos de liderança renovados e que reconhecem quão importantes são as visões das feministas negras para o desenvolvimento de movimentos negros radicais viáveis no século XXI. Essas organizações compreendem as atribuições clandestinas de raça e de gênero das categorias supostamente universais. Reconhecem, por exemplo, que quem opõe o lema *black lives matter* àquilo que se presume ser um lema que abarca todas as pessoas, *all lives matter* [todas as vidas importam], muitas vezes adota uma estratégia que encobre os motivos específicos pelos quais é importante insistir de modo bastante particular no fim da violência racista. Soube que Hillary Clinton discursou, há alguns dias, em uma igreja em Florissant, a cerca de oito quilômetros de Ferguson, e enfatizou que “todas as vidas importam”. Será que ela não percebe em que medida tais declarações universais sempre reforçaram o racismo? Na maioria das vezes, as categorias universais têm sido clandestinamente racializadas. Qualquer ação crítica contra o racismo exige que compreendamos a tirania do universal. Ao longo de grande parte da história, a própria categoria de “ser humano” não abarcou as pessoas negras e de minorias étnicas. Seu caráter abstrato era formado pela cor branca e pelo gênero masculino. Eu me pergunto se Hillary Clinton conhece o livro *All the Women Are White, All the Blacks Are Men, but Some of Us Are Brave* [Todas as mulheres são brancas, todos os negros são homens, mas algumas de nós somos

corajosas]. Se todas as vidas realmente importassem, não precisaríamos declarar tão enfaticamente que “vidas negras importam”. Ou, como encontramos no site da organização: mulheres negras importam, meninas negras importam, gays negros importam, pessoas bissexuais negras importam, meninos negros importam, pessoas *queer* negras importam, homens negros importam, lésbicas negras importam, pessoas trans negras importam, imigrantes negras e negros importam, pessoas negras encarceradas importam. Pessoas negras com capacidades físicas diferentes importam. Sim, vidas negras importam, vidas latinas/asiáticoamericanas/indígenas/muçulmanas/pobres e brancas da classe trabalhadora importam. Há muitos outros casos específicos que teríamos de nomear antes de afirmar de modo ético e confortável que todas as vidas importam. (DAVIS, 2018, p. 85)<sup>48</sup>

Me pergunto quão distantes, quão separados e independentes somos uns dos outros? Em que dimensões isso seria possível, quando todos os organismos que somos fazem parte de um mesmo organismo? Quão independente e separado pode ser o rim do coração? Uma célula epitelial de uma célula sanguínea?

## 5.2 Como calar a dor?

“Dou dois índios por um africano”, “quanto mais preto, mais preju”, “fede a chorume”. Essas foram algumas das mensagens racistas que alunos do Colégio Franco-Brasileiro, em Laranjeiras, Zona Sul do Rio, escreveram em um grupo de WhatsApp para se referir a uma colega negra que também estuda na instituição, como revelou o jornalista Ancelmo Gois. O episódio criminoso repercutiu nas redes sociais e artistas como Taís Araújo e Iza manifestaram solidariedade a Ndeye Fatou Ndiaye, de 15 anos. (David Barbosa, O Globo) Acesso no site Geledes, em 22 maio 2020, 09:23.

Eu poderia me calar, engolir o nó na garganta e abafar, ocultar, oprimir e silenciar a dor que aperta meu coração e tortura minha alma nesse momento. Exagero?! Pode ser, claro. Afinal, nada de novo no front! Por que motivo estaria eu, uma parda sem graça, sem raça, nem marcas – nem negra, nem índia e nem mesmo autorizada a me auto ironizar como cara pálida – autorizada a falar de dor diante do preconceito, do racismo, da violência “desumana” gratuita e estúpida? Porque raios teria eu direito, razão ou lugar de fala, para me levantar contra esse tipo de atrocidade maléfica – somente possível nessa nossa humanidade, entre os seres da Terra. Não sou isso, nem sou aquilo, e muito menos aquilo outro e tampouco participo deste ou daquele coletivo engajado na defesa dos direitos dos segmentos x, y ou z... De certa forma estou entre os milhões de brasileiros desterrados, desterritorializados de uma tradição, de uma origem,

---

<sup>48</sup> Discurso realizado em St. Louis, Missouri (27 de junho de 2015). In: A Liberdade é uma Luta Constante, 2018.

de raízes definidas que nos permitam conectar com a ancestralidade, enquanto algo maior que nos possa acolher, nutrir e significar pertencimento.

Quem sou eu diante desse recrudescimento patológico da violência bárbara e da estupidez mais baixa a que podem chegar os humanos, que em toda a sua ignorância escancarada se arrotam superiores aos iguais, aos pares, aos companheiros de época, de contexto e de lugar? Quem sou eu e quem são eles, esses meninos brancos ou dito morenos iguais a mim, pequeno burgueses que, porém, não reconhecem a colega preta burguesa e de elite, igual a eles? Quem sou eu que não reconheço, esses que não a reconhecem, ou que, ao menos, não posso reconhecer, sem muita dor? Enfim, porque tanta dor, se “não tenho nada a ver com isso”? Nem com eles, nem com ela?

E, assim passam-se os dias, imagino e creio, para tantas e tantos iguais a mim, ou que sentem e se sentem senão igual, muito semelhante ao que e a como me sinto diante desse quadro que se alastra em nossa sociedade, em nosso planeta. Longe de mim pensar ou querer fazer uma análise política ou sociológica da questão, especialmente no meio do furacão e no processo de finalização da minha tese de doutorado, que, sequer versa diretamente sobre a questão. Que questão? Que questão é essa, porém? Será que se trata de uma questão? Será que são várias ou inúmeras e, portanto, deveriam ser separadas umas das outras, essas tantas questões que se sobrepõem e se atravessam quando trago uma notícia do dia? Dessas notícias dos dias que têm ficado cada vez mais frequentes a cada dia?

Hoje ouvi, sem querer ouvir, que pessoas de máscara (lembrando que estamos em meio à Pandemia Covid-19) estão sendo agredidas nas ruas e que, ontem, uma pessoa foi espancada pelo fato de estar usando a máscara, o que denotaria que “o infeliz” não apoia ou desaprova o (des)presidente. Que presidente????!!!!!! Contenho agora as palavras e me calo!!! Em respeito ao leitor e aos meus sistemas corporais, já demasiadamente “nervosos” nesse instante; além de suficientemente sobrecarregados, como os de todos os habitantes do planeta neste momento. Mas, me calo também pelo fato de me recusar a dar mais espaço que isso, ao que a sabedoria popular já anunciou, e estigmatizou lindamente, como “inominável”!!!

Será que podemos continuar responsabilizando as mídias sociais, meios de comunicação e *fake news*? Ou a lavagem cerebral subliminar, via robôs midiáticos, que têm infectado poderosamente as mentes e almas dos mais suscetíveis, dos mais propensos a preconceitos ou dos mais vulneráveis mental, espiritual e emocionalmente? Ou a eficácia dos mecanismos de assujeitamento e sujeição seculares, que torna certos sujeitos indefesos à certas manifestações dessa economia disciplinar? Ou a natureza maléfica, nata ou culturalmente construída, de alguns, que os compele a se identificarem e incorporarem a ideologia e a estreiteza das

manipulações e ciladas fascistas? Talvez, ou certamente, todas as anteriores. Porém, sem dúvida nenhuma, podemos responsabilizar as manipulações e ciladas predatórias, necrófilas, genocidas, autocidas, esquizofrênicas, desumanas etc., mas especialmente, muito humanas – dos “donos do poder” econômico e necropolítico – dos “podres poderes” nas sociedades complexas do planeta!!!

Sim, a única coisa que me parece certa, ou indubitável, nesse quadro é que, entre todos os seres do planeta, nós somos os únicos capazes de tanta ignorância e de tanta violência gratuita. Infelizmente, os seres humanos, ao se considerarem superiores e se distanciarem da própria natureza, desejando controlar a natureza, em nome do poder e da riqueza, conseguiram sim ser superiores a todos os outros seres, especialmente nos quesitos ignorância, violência e maldade. E, não quero justificar minhas palavras nem encontrar um teórico, agora, que me venha a dar suporte para essa fala. É uma fala vinda absoluta, total e completamente da minha indignação. Indignação que neste momento reconheço como um conhecimento acumulado na minha experiência de vida. Não um saber, e muito menos sabedoria, mas, apenas um parco e estreito conhecimento, ou reconhecimento: o de que é sim – fundamental – dar espaço, reconhecer e direcionar a indignação contra as violências e injustiças que se manifestam ao nosso redor.

Me autorizo aqui, sem pedir licença, e não pretendo permitir que ninguém, nem nenhuma regra ou bom senso, e muito menos qualquer paradigma científico me retire esse direito de, ao menos uma vez nessa tese um tanto autoetnográfica, manifestar a indignação, a revolta e a tristeza, profunda, que me causam as injustiças, a violência e a desigualdade deste mundo em que vivemos. Podem achar ou dizer que é exagero, que este não é o lugar para isso, que não cabe em uma tese, que não é de bom tom, que não, que não, que não... Não me importa! Como pessoa humana nascente em 1968 – o ano que nunca acabou<sup>49</sup> – ano em que aprendi a andar, fugindo da ditadura militar, no fluxo do AI-5 e compreendi intuitivamente a urgência e a necessidade de nos escondermos dos braços do DOI-CODI, braço que agarrava e desaparecia com os amigos do meus pais – me autorizo a expressar, em algum momento e sem fazer alarde, uma certa indignação direta contra todo abuso contra a vida. E, simples assim, apenas isso.

Porém, não posso deixar de me questionar sobre o papel da indignação, assim como em relação ao que seja o eu que aqui se expressa e se autoriza a indignar-se. Reconheço nesse eu uma vastidão de *eus* que me povoam, que me compõem, que me constituem e que me dão

---

<sup>49</sup> Alusão ao livro *1968: o Ano Que não Terminou*. Livro do escritor e jornalista brasileiro Zuenir Ventura, publicado em 1989.

forma. Antonio Negri, tece elaborações que me parecem afins ao que sentipenso, em *Para um definição ontológica da multidão*:

[...] há que renomear a multidão na perspectiva do corpo, ou seja, clarificar o dispositivo de uma multidão de corpos. Quando prestamos atenção aos corpos percebemos que não nos defrontamos simplesmente com uma multidão de corpos, mas que todo corpo é uma multidão. Entrecruzando-se na multidão, cruzando multidão com multidão, os corpos se mesclam, mestiçam-se, hibridizam-se e se transformam; são como ondas do mar em perene movimento, em perpétua transformação recíproca. (NEGRI, 2004, p. 20).

Essa multidão de *eus* em mim, em nós, como descrita por Negri expressa a dimensão humana (presente fisicamente na Terra) do que venho chamando de transcorporeidade. Dimensão que pode ser vista de diferentes perspectivas e pode ser justificada também de diferentes formas e por diferentes aspectos. Recorro ao primeiro aspecto que me parece mais palpável para expor a quem venha a mergulhar nessa narrativa. Minha herança genética traz rastros de inúmeros povos e culturas, desde a icônica realidade comum no Brasil da mistura entre uma mulher “raptada a laço” (de uma comunidade originária) para tornar-se a esposa – a serviço – do branco de origem europeia que a escravizou, e de cuja relação sexual (provavelmente violenta, de estupro) sou descendente. Típico cliché generalizante e masculinista, traço da história hegemônica branca, patriarcal, classista e etnocêntrica. Porém, um cliché que, no meu caso como em tantos, faz parte da memória genética e familiar, de fato.

Assim, fui me compreendendo, mais tardiamente, como provável resultado de violência, rapto e estupro, somada a outras tantas misturas anteriores e posteriores, dentre as quais temos notícias na família, dos europeus (franceses, espanhóis e portugueses), dos mouros (que migraram para Portugal) e dos judeus (que fugiram do nazismo de Hitler); e ainda, de uma provável ancestralidade africana, que, junto à ascendência judaica, foram especialmente silenciadas nas famílias; mas que acreditamos – a minha geração de um dos lados – que seja visível entre os traços genéticos que nos compõem. De qualquer maneira, somos, sou, exatamente essa mistura indefinida e sem pertencimento, sem território, sem tradição e, portanto, sem voz coletiva. Algo de uma mestiçagem entre os ditos mulatos e caboclos, mamelucos e cafuzos<sup>50</sup>, porém, também sem ser legitimamente nem um, nem outro, nem outros.

Hoje, busco, ainda que mais internamente, esses laços, essas conexões, essa relação de pertença e raiz. E, é nessa busca que me reencontro coletiva – independentemente de quais

---

<sup>50</sup> No meu tempo de escola primária, ainda aprendíamos essa terminologia, hoje ultrapassada. Mas, se bem me lembro, olhávamos para essas classificações como se todos nós, de um colégio burguês da zona sul do rio de janeiro, estivéssemos completamente fora de tal classificação. Em princípio, éramos todos espécimes brancos, afinal, entendidos como parte da elite dominante.

raízes estejam mais presentes em minhas células e em minha memória coletiva ancestral. E, apesar de ainda desejar esse encontro coletivo de pertença, me sinto pertencente imperfeita, de tantos coletivos em que não tenho lugar de fala. Continuo me sentindo à margem e desterritorializada do lugar de classe média burguesa em que cresci, e, talvez tenha encontrado um lugar de pertença nos meios em que escolhi atuar na vida: o lugar das artes do corpo e da arte educação. Porém, é um lugar construído social e institucionalmente; um lugar também conquistado e merecido, e que me proporciona certa sensação de pertença. Sem, porém, ser passível de me oferecer o acesso direto à uma pertença ancestral, cultural, coletiva. Deixando vazio o espaço de reconhecimento de uma pertença ancestral própria da minha corporeidade, uma pertença múltipla, complexa, atravessada, transcultural e intangível.

Foi ouvindo Silvia Rivera Cusicanqui, em entrevista sobre seu livro *Um mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*, que despertou em mim a identificação com a ideia de uma poderosa ancestralidade *ch'ixi*. *Ch'ixi* que na língua *aymara* designa um tipo de cor cinza, jaspeada. Conceito que, como conta no livro citado, a autora começou a desenvolver junto ao *El Colectivo*, para nomear o que, até então, ela chamava de “*esa mezcla rara que somos*” (2018, p.78). Na entrevista já percebi a força e a generosidade da metáfora *ch'ixi*, no sentido de representar a diversidade, a pluralidade, a complexidade da potente “mistura rara que somos” em *Abya Yala*, Latino América. Conceito-metáfora tão diferente da ideia de mestiçagem assujeitadx, sem identidade e sem personalidade coletiva, própria dx colonizadx, “*de lo abigarrado*” (p. 16). Essa suposta mestiçagem ideal – massa de manobra – almejada pelos mecanismos capitais da modernidade. Cusicanqui, explora no livro as diferenças entre a “*matriz andina/popular de lo abigarrado y sus diferencias con el concepto de lo ch'ixi*”:

Em contraste con la noción de abigarramiento, la de epistemología *ch'ixi*, que hemos elaborado colectivamente, es mas bién el esfuerzo por superar el historicismo y los binarismos de la ciência social hegemónica, echando mano de conceptos-metáfora que a la vez describen e interpretan las complejas mediaciones y la heterogénea constitución de nuestras sociedades. Si en los años setenta y ochenta el debate intelectual daba por supuesta la inminente homogeneización o hibridación cultural de las sociedades latino-americanas, desde mediados de los noventa vivimos la múltiple irrupción de pasados no digeridos e indigeribles. Las luchas indígenas, las luchas feministas y las luchas medioambientales son uns pesadilla para los Tratado de Libre Comercio (TLC) que se intentan imponer a rajatabla em todo el continente, y para tantos otros delirios eurocéntricos que desean una manufactura global de lo humano. (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 17).

Na voz e expressões de Cusicanqui senti que ela falava de algo profundo em mim e vislumbrei o direito a uma pertença coletiva no ser-*ch'ixi*... A pertença mesma a essa mistura, que, no caso do Brasil, não é branca, nem preta, nem amarela, nem vermelha, nem rosa, nem chocolate... Mas tem, sim, um colorido múltiplo e fala de uma mistura de cores, que contém a

variedade de matizes de inúmeras raízes potentes em dinâmicos entrelaçamentos. Muito diferente da ideia de mestiçagem enquanto amalgama café-com-leite, tipo massa amorfa, multidão sem raízes e sem coletividade, como deseja o poder necropolítico desde o início das colonizações. Mestiçagem café-com-leite que de repente percebi “fazer as vezes” de suporte necessário para assaltar nossa identidade, nossas raízes, nossa conexão e pertencimento à essa multiplicidade *ch'ixi* que nos compõem. Algo que, posteriormente, no encontro com o livro, entendi como uma diversidade pulsional constitutiva, de múltiplas ancestralidades e temporalidades que nos povoam; uma “*condición multi-temporal de la heterogeneidad social que vivimos en nuestros territorios*” (Idem, p. 19). Condição em princípio rica e potente, assim como múltipla, porosa e diversa, tanto de matrizes e raízes culturais, quanto de inteseccionalidades macropolíticas seculares. Condição que nos compõe corpos-territórios-transcorpóreos e entretecidos de contradições inerentes.

E, na busca dos saberes que nos constituem *ch'ixi*, mergulhamos e escavamos memórias, assim como ouvimos nossos sonhos de futuro, rumo as tecituras do valor do ser/existir/fluir na contemporaneidade. Nesse entre-lugar multi-temporal constitutivo do *ser-ch'ixi*, seguimos peregrinando por encontros, por vivências coletivas, por saberes compartilhados que desvelem, revelem, recriem, transcriem modos e sentidos de um existir comum em *Pachamama*. Nesse contexto meu sentirpensar<sup>51</sup> se irmana, em identidade subjetiva, muito especialmente com os povos originários de *Abya Yala*, entre outras origens, tão preciosas quanto, que compõem minha/nossa corporeidade *ch'ixi*. Como disse lindamente Wania Sant'anna (2020), estamos aqui “há mais de 500 anos<sup>52</sup>”!! Ou, ainda, somos/estamos aqui desde sempre. O que nos dá, penso eu – ao menos utopicamente – todo o direito de reinventar nosso cotidiano, nosso existir comum, nos desprendendo progressivamente dessa colonialidade interna, desse eurocentrismo impregnado em nossos corpos, imaginários, subjetividades, corporeidades, relações e existências.

A grande questão em que nos esbarramos – desde sempre nessa odisseia humana tão medíocre como pode ser entendida a falácia do jogo de acumulação, poder e dominação em que se perdeu a civilização desses seres chamados humanos – é simplesmente a mais complexa das questões que se nos coloca secularmente: o como. Sem respostas satisfatórias, seguimos em busca do que nos permita encontrar, talvez, o que Antonio Negri chama de “a potência da

---

<sup>51</sup> Adoto aqui o sentirpensar, como variação livre do sentipensar. Assumir o sentir como verbo me parece ressaltar as dimensões de sensibilidade e afeto na ação, fortalecendo a importância de tais dimensões para uma relação igualitária com o pensamento em verbo.

<sup>52</sup> “Eu sou uma mulher, brasileira, negra, do candomblé e estou aqui há mais de 500 anos.” (Wania Sant'anna) (na live Mulheres e desigualdades em tempos de Covid-19, canal Youtube Oxfam Brasil, em 28/05/2020)

multidão” (NEGRI, 2004), ou o que quer que possa se revelar como um ponto de mutação radical para uma existência humana de cooperação na Terra.

Não existe nenhuma possibilidade de um corpo estar só. Não podemos sequer imaginar tal coisa. Quando se define um homem como indivíduo, quando ele é considerado fonte autônoma de direitos e de propriedade, ele se torna só. Mas o si mesmo não pode existir fora de uma relação com um outro. [...] Do ponto de vista do corpo, só há relação e processo. O corpo é trabalho vivo, portanto expressão e cooperação, portanto construção material do mundo e da história. (NEGRI, 2004, p. 21).

Vê-se que somos muitas e muitos a ter a utopia “como norte”, ou, como podemos dizer melhor contemporaneamente – “como sul”. A utopia que, segundo conta Eduardo Galeano tem o valor maior de nos fazer continuar caminhando. E se o caminho é o destino, continuemos nossa busca, nossas tecituras transcorpóreas rumo a um “*mundo ch'ixi*” possível:

*Quisiera finalmente mencionar que, si bien hay unos procesos de recolonización importantes, a partir del logos, éstos son más difíciles de implantar en cuanto a memorias del cuerpo. Macropolítica y micropolítica se entrecruzan y bloquean mutuamente, en un péndulo que va de está a aquélla, neutralizando la insurgencia e intentando imponer la férrea política del estado, la identidad única de la nación y el lenguaje de la ley. La micropolítica es un escapar permanente a los mecanismos de la política. Es constituir espacios por fuera del estado, mantener en ellos un modo de vida alternativo, en acción, sin proyecciones teleológicas ni aspiraciones al “cambio de estructuras”. En este sentido es, nada más ni nada menos, que una política de subsistencia. Pero también es un ejercicio permanente y solapado de abrir brechas, de agrietar las esferas molares del capital y del estado. Una reproducción ampliada, de lo micro a macro, que no traicione la autonomía molecular de estas redes-de-espacios pero que pueda afectar y transformar estructuras más vastas, sin sumirse a su lógica, es aún una posibilidad no verificada, y por lo tanto un riesgo. (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 142).*

Seja como for, gosto de pensar que o exercício da micropolítica, como persistência na busca por escapar aos mecanismos de subjugação, assujeitamento e colonização de nossos imaginários, corporeidades e existências – a ponto de criarmos novas realidades no ser-mundo humano no planeta – seja possível, desde que passe pelas práticas cotidianas, pela tecitura de outros, novos ou antigos *habitus* de ser/estar/relacionar-se, re-significados, de modo radical. Porém, ações que nos levem a trilhar caminhos de re-existência, constituindo espaços, tempos, fluxos e mundos outros – capazes de realmente abrir brechas estruturais e atuar na cisão efetiva das estruturas do capital e do estado – a ponto de transformar radical e profundamente tais estruturas, sem que sejam passíveis de reificação pela lógica colonial capitalista, como aponta Cusicanqui no trecho acima, “é uma possibilidade ainda não verificada, e, portanto, um risco.”

Vivemos a realidade, de séculos, em que os movimentos políticos, populares ou elitistas, de resistência, revolução e aparentes transformações radicais que tiveram maior repercussão a nível global, têm sido sistematicamente absorvidos, ressignificados e reificados pela lógica

capital, tornando-se modismos, tendências e objetos de consumo. Continuamos entregando nossas forças e movimentos de resistência à lógica dominante do capital, sem mecanismos eficazes de defesa. Por quê? Muitas são as análises filosóficas, antropológicas e sociológicas feitas a este respeito. Porém, continuamos sem ver uma saída, sem caminho de escape que pareça eficaz. Seria a pandemia do Covid 19 uma oportunidade real? Guardo esta questão para outro momento e trago algumas reflexões, indiretas e circulares, aparentemente sem conexão lógica em relação ao tema.

Me descobri esses dias, salvo engano, uma entre os 15% de seres humanos com características que têm sido estudadas e relacionadas a um modo peculiar do funcionamento cerebral. Características estas que estão sendo reconhecidas como fatores genéticos que designam seus portadores como pessoas extremamente sensíveis – “highly sensitive persons”. E, seja por isso – essa característica peculiar em que acredito poder me ver – ou por uma condição ética de ser-viva e sensciente, trago em mim “todos os sonhos do mundo” (PESSOA) e muitas vezes creio que, também, todas as dores do mundo. E, é nesse lugar, das dores que permeiam a minha corporeidade, as muitas dores incógnitas ou não que me atravessam, que me fazem perceber o pulsar dessa transcorporeidade coletiva em mim, é que, no início desse fragmento narrativo me autorizei a falar desde o lugar da indignação. De uma indignação coletiva e de pertença. Pertença empática e identitária em ser-viva, ser-*ch'ixi*, ser-corpomundo. Cusicanqui, em suas reflexões sobre a profunda crise planetária que enfrentamos, comenta a exposição de certo autor relacionada a um confronto entre indígenas e a polícia, trazendo à baila reflexos destas contradições que nos povoam:

[...] para mí se trataba de um sentimiento de indignación, y esa rabia pertenece no a los sentimientos patéticos y ultimistas sino a la cotidianidad de la consciencia del común. [...] Aprender a sentir la indignación puede ser um caminho fructífero para superar el enclaustramiento de la academia y sus devaneos teóricos. Sentir, como lo sentí en la marcha indígena del 12 de octubre del 2016 em Bogotá, que la indignación no ha muerto, que la rabia también puede generar sentimientos de amor, de dignidade y de celebración de lo próprio, há sido lo que me há enseñado a ver la otra cara de las confrontaciones dramáticas: um deseo colectivo de salir em defensa de la vida contra la muerte. En el ‘tiempo de las cosas pequeñas’, quizás sea hora de volver la mirada sobre la minucia de los detalles de la existencia, para hallar em ellos las pautas de conducta que nos ayudem a enfrentar los desafíos de esta hora de crisis. (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 120).

Diz minha sensibilidade, temperada de intuição desejante, que o lugar da indignação raivosa e sem direção não nos leva a lugar nenhum, além de morder o próprio rabo. Porém, por outro lado, a indignação autêntica, criativa, proativa, coletiva e aberta ao devir, a indignação legítima que nos leva à ação criadora de novas relações, realidades e novos mundos – parece também a mim uma força potente a ser considerada. No sentido de encarar o desconhecido, de

assumir riscos, de acolher incertezas e enfrentar caminhos ainda não trilhados, que porém nos movam rumo aos nossos melhores sonhos utópicos. Nos momentos de grandes crises – reza a lenda no oriente – é que se encontram as igualmente grandes e fecundas oportunidades. São as crises que costumam nos tirar da inércia e é assumindo riscos que podemos escapar dos lugares comuns, das zonas de conforto, das estruturas arraigadas e enraizadas em nossos inconscientes e corporeidades. Conceição Evaristo em matéria<sup>53</sup> sobre o livro *A liberdade é uma luta constante*, de Angela Davis, afirma: "A leitura do novo livro de Angela Davis pode nos recolocar em um espaço próprio, o da resistência, o de nunca desistir da luta que deve ser empreendida." (EVARISTO, 2018).

Na mesma matéria fala do papel do livro de Davis em relação à perda de ânimo por parte do ativismo local, diante do panorama político de perda de direitos (cenário em que estamos nos afundando desde o impeachment da Presidente Dilma) e de agressão do Estado brasileiro contra a população mais pobre. Afirma que reencontrar, através do livro, “o pensamento, as ações, o comprometimento de Angela Davis com as lutas que ultrapassam as questões vividas em solo nacional nos ensina também a pensar a nossa luta em relação a todos os “condenados da terra”, como escreveu Franz Fanon”. (EVARISTO, 2018). Quando comecei a escrever esse fragmento, mal podia prever que, antes mesmo de terminá-lo já teria outras manchetes de casos específicos de condenados que pudessem fazer a matéria da epígrafe parecer, senão insignificante ao menos desmedida, diante da gravidade e crueldade dos dois casos emblemáticos que se seguiram. Os casos João Pedro e George Floyd. No Brasil e nos EUA. Condenados – sem julgamento e sem sequer averiguação – à execução imediata e sem causa!

Execução justificada pelo fato de pertencerem, ambos, ao grupo dos que são colocados – pela elite branca que corporifica o patriarcado supremacista etnocêntrico capitalista – entre os que já nascem condenados aos mandos e desmandos, e ao bel prazer, dos podres poderes necropolíticos encarnados. Foge à minha alçada e às pernas deste trabalho dedicar-me de maneira condizente à questão, mas, creio que seria no mínimo irresponsável de minha parte sequer mencioná-la, entendendo que são fatos representativos do grande quadro que vivemos de um novo genocídio das populações periféricas. Quadro em que acontece a escrita desta tese. Falo em genocídio, entendendo estarmos presenciando um extermínio massivo que, senão arquitetado, tem sido conduzido pela ausência ou pela inadequação das políticas públicas e das

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/11/20/a-liberdade-e-uma-luta-constante/>. Acesso em: 31 maio 2020.

ações dos poderes do Estado brasileiro. Ações que, no conjunto, são claramente representativas do recrudescimento do fascismo e do neocolonialismo necropolítico e capitalista, que já nem se pretende mais disfarçar de neoliberal.

E... Diante disso, o que posso eu ainda dizer? Que essa tese, seu propósito inicial, minha fala e a utopia que me movem – diante da realidade que se apresenta – se dissolvem imediatamente em nada? Sim! Que a sensação de vômito, náusea e enxaqueca que tomam conta do meu corpo desde que me sentei para retomar o texto, com esses novos dados, não significam nada? Verdade! Que me sinto ridícula ao falar da dor física profunda que me causa tudo isso; e, ainda mais por saber que mesmo só um destes casos, entre os milhares no Brasil e os milhões no planeta, parece triturar meu coração quando paro pra sentir? Sim, me sinto! Me sinto ridícula, concordo que é patético e desmedido, sei que nem posso me dizer identificada ou representada, mas, me sinto. Mas, me vejo. Mas, sei que estou ali. Que, de alguma maneira, na existência e na corporeidade de cada uma das pessoas agredidas e executadas no planeta, estou eu. A transcorporeidade em mim. Nesse eu que somos nós. O nós que sou eu, e cada uma, em ser corpomundo.

Só sei dizer nesse momento que, sim, minha corporeidade é atravessada por essas vidas e por essas mortes. A transcorporeidade que nos é própria, em sermos partículas pertencentes ao mesmo organismo Terra, e que nos faz “parentes” (tomando emprestada a expressão que utilizam os indígenas brasileiros). Em nossas características, enquanto espécie, poderíamos nos reconhecer todes parentes de uma suposta humanidade. Ainda que queiramos nos matar e morrer matando o outro que somos, sem saber. Em tudo, contudo e diante de tudo isso, só posso afirmar com toda convicção que: só sei que nada sei... No mais, além disso, neste instante, nada mais: “I can’t breathe<sup>54</sup>.”

**I CAN’T BREATHE!!!!!!**

---

<sup>54</sup> Frase repetida diversas vezes por Floyd, antes de ser definitivamente sufocado.

Figura 41 - Grada Kilomba – Vídeo na Exposição Desobediências Poéticas na Pinacoteca de São Paulo – 2019



Fonte: Acervo pessoal

### 5.3 A opressão sistêmica e onipresente da/na corporeidade social ou I can't breathe

I can't breathe!!! Ecoou o som pelo tempo espaço, e os ombros da mestiça num certo transe inconsciente deram uma pontada, a dor irradiou pelo pescoço e peito, com a sensação de sufocamento e perda do pulso. Pulso do próprio coração. Ou do outro coração que era o seu nesse momento? Esse momento que tantos de nós nos vimos ali, jugular macerada, esmagada, sufocados no âmago do nosso ser, sendo outro no corpo-simbólico do Floyd. Floyd que viramos todas nós, pessoas por quem o sangue circula quente, sensível e consciente ou intuitivamente integradas ao nosso corpo/meio/casa/seio/mundo comum que é o planeta Terra. Planeta em que somos todas centelhas de um mesmo organismo, de uma mesma grande célula Terra. E ela, nesse ponto zonha, mestiça, *ch'ixi*, sem saber que coração era esse que não batia mais, se era o eu ou o outro dela, desse outro com nome Floyd, que também ela é, na transcorporeidade pulsante das incontáveis células que nos compõem grande organismo coletivo que é a mãe Terra. Floyd, menino João Pedro, Índio Galdino, Flávio Migliaccio, Marielle e um sem fim de corporeidade invisíveis e incógnitas que somos. Que nos atravessa, que nos afeta, contamina, transcorporifica pessoa coletiva.

O racismo é sistêmico e persistente em qualquer lugar do mundo. Opera na certeza da impunidade e da tolerância com atos como os que ceifaram as vidas de Floyd e também do garoto João Pedro, no Rio de Janeiro.

A Covid-19 escancara o racismo: nos Estados Unidos, é três vezes mais provável que uma pessoa negra morra em decorrência da doença do que uma pessoa branca. No Brasil, pretos e pardos sem escolaridade morrem quatro vezes mais acometidos pelo novo coronavírus do que brancos com nível superior, segundo estudo da PUC-RJ divulgado em maio. É o racismo com todas as suas dimensões sobrepostas. A falta de acesso à saúde e ao emprego aumentam a desigualdade racial. A violência policial aprofunda a injustiça racial. (Maria Carolina Trevisan, 2020<sup>55</sup>).

**No mais, só mesmo o silêncio. Minuto simbólico de uma temporalidade secular.**

Figura 42 – I Can't Breathe



Fonte Gedelés – Respirar 2.

#### 5.4 Semanas depois...

*Como é que se escreve o sentimento do mundo? Carlos Drumond de Andrade vive preocupado com isso. Darcy Ribeiro também. Como é que se escreve a emoção? A própria, eu digo. Não a teoria*

<sup>55</sup> Quem cala é cúmplice: o que racismo nos EUA e atos anti-STF têm em comum 04/06/2020 em Violência Racial e Policial. Portal Geledés. Fonte: Maria Carolina Trevisan

*que analisa a dos outros. E, de outra parte, o que é que nos liga à vida e ao amor de uns pelos outros senão essa estranha habitante de uma fala tão difícil?*

(Carlos Rodrigues Brandão)

O mundo invade o texto e vem me contar mais uma história de tantas que rebentam e se ramificam persistentemente no cenário oculto dos porões do nosso Brasil. Falo nosso porque hoje ouvi o Mia, Mia Couto, falando sete anos atrás daquela leveza e alegria calorosa do “povo brasileiro” que eu também sempre ouvia, muitas vezes e tantas mais experimentara, nas viagens e peregrinações pelas sertanias e até as fronteiras do país. Falei disso no fragmento *Corpo exausto, mundo exausto* (retirado da versão final da tese) buscando traduzir a sensação nebulosa, desconcertante, confusa, desfocada na percepção e busca de compreensão da transformação na aura, na vibração, no estado psíquico e energético, assim como na qualidade física e tonicidade corporal do brasileiro, em geral, de uns anos para cá... Digamos que, provavelmente, mudança que vem sendo construída sutil e lentamente nos últimos anos.

Creio que não seria nenhum absurdo supor que coincide com aquela infiltração ou cooptação do movimento popular que começou a se manifestar visivelmente nas ondas do #VemPraRua e num crescendo, até consolidar-se no golpe disfarçado de impeachment contra presidente Dilma; golpe que – de lá pra cá – apenas se estruturou claramente na espetacular encenação política institucional entre os três poderes. As forças por trás, viemos saber com certeza já após a “eleição” midiática e institucionalmente manipulada da grande farsa Bolsonaro e das gangs que o acompanham ou que o acompanharam até a pouco e agora querem substituí-lo com outra marionete.

É... Eis aqui a vontade de escrever algo como expressão da corporeidade, por vezes sem filtros, sem barreiras, sem territorialidades, sem razões justificáveis, simplesmente expressão do movimento vivo da vida que se processa em mim. Claro, nos momentos de reflexão teórica, de exercício analítico, assim como nos momentos de insights ou de besteiras verborrágicas de meu pensamento poluído, repleto, transbordante... É assim a vida, não é? Ao menos me parece, naquele momento histórico em que o tempo e o silêncio haviam se retirado do cotidiano – expulsos pela subserviência de nossa corporeidade ao fluxo predatório e necropolítico (MBEMBE) do sistema devorador de vidas. Aquele momento em que não estamos mais plenamente inseridos, corpos ausentes, anestesiados, alienando-se por sobrevivência sem, porém, sermos capazes de nos livrar dele. Aquele momento impresso em nossa corporeidade,

aonde as partes envenenadas de nossa transcorporeidade continua espreitando maneiras de se desintoxicar, de voltar a respirar.

## MOVIMENTO VI – EXPERIÊNCIAS EM CAMPO

*Gadamer mostrou o quão somos limitados pelo mundo da linguagem que nos cerca que, mesmo sem conseguirmos nos desvincular de pré-juízos, define nosso ser sem que tenhamos consciência e poder de manipulação. [...] dentre tantos outros que buscaram e buscam salientar o mundo em suas representações mais “óbvias”: a heterogeneidade, a multiplicidade, a não-linearidade, o pluralismo superlativo, a metáfora na metáfora etc. Portanto, o mundo que, já faz algumas centenas de anos, vem sendo revelado como diverso, contraditório, dialético, palinódico (que se desdiz), não pode sustentar significações monolíticas por muito tempo. A mutabilidade e a instabilidade do que pensamos, sentimos e queremos só estão em nós, porque estão no mundo. Daí a necessidade de relativizarmos toda compreensão científica que pretende homogeneizar as significações culturais.*

(Sérgio Bairon)

Mas, então, sobre a pesquisa de campo em si, o que tenho a contar? Deveria trazer dados, fatos, descrições objetivas, ou relatos de campo... Ao menos algo dos diários de campo. Como expliquei na apresentação do trabalho, em algum momento entendi que, para mim não fazia sentido trazer as pesquisas de campo como material para algum tipo de descrição ou análise. Não no sentido que costumamos nos relacionar com as pesquisas de campo. Talvez, por um lado, pelo fato mesmo de que não me relacionei com os territórios seguindo nenhuma cartilha e, nem ao menos, tendo planejado previamente os passos etapas ou objetivos. Por outro lado, por ter me lançado em voos e mergulhos profundos e intensamente afetivos e amorosos, evitando viver a experiência com qualquer olhar que não fosse o de estar inteiramente presente. Em outras palavras, entendi apenas que era necessário entrar no território de investigação com essa presença, consciente e aberta para os encontros e experiências. No mais, me entreguei ao processo, confiante de que o próprio caminhar me levaria a compreender o lugar, os efeitos, influências, os significados das pesquisas, que, neste caso, prefiro chamar de experiências de campo.

Fui compreendendo, então, aos poucos, e em cada experiência com seus diferentes momentos foi me trazendo compreensões diversas que se entrelaçavam entre si, nos sentidos e desdobramentos deste fazer/viver na experiência. Poderia falar de uma a uma, mas, ao final ficou claro para mim que – apesar de experiências muito diversas entre si – as grandes contribuições das mesmas neste processo investigativo foram bastante semelhantes em relação às influências sobre a construção das elaborações, sobre trazer luz aos saberes do território e da pesquisa. Quero citar algumas destas contribuições, buscando situar leitoras e leitores em relação ao modo como as experiências de campo nutriram e contribuíram para a percepção,

elaboração e tessitura dos saberes entretecidos na transcorporeidade da relação em *communitas* com os pares no território.

- Experiência da corporeidade investigativa no território de investigação
- Experiência de lugares de saber e saberes em movimento nas situações e nas relações
- Experiência de contatos, encontros e entrelaçamentos com pares no território
- Experiência de elaborações e (re)criações coletivas de saberes
- Experiência, percepção e elaboração da noção de Transcorporeidade

Olhando para trás percebo a maneira como a noção da Transcorporeidade foi sendo cultivada desde as primeiras experiências. Na verdade, desde as primeiras experiências que vivi desde que mergulhei no território das artes e práticas do corpo sensível em movimento. E, é sobre algumas destas experiências que quero contar agora. Porém, fundamentalmente desde a minha memória, subjetiva; desde a minha corporeidade e de minha sensibilidade afetivas, e sem o compromisso de fazer uma análise etnográfica, antropológica e nem mesmo uma análise teórica ou técnica do corpo e do movimento. Peço licença, assim, para apenas narrar, desde as marcas afetivas que me constituem, desde as nuances mnemônicas, emocionais e imagéticas com que essas experiências me (trans)formaram e ainda me transcorporificam.

Sem pretensões de atingir resultados, ou de propor alguma funcionalidade, mas, inspirada pela possibilidade de permitir vislumbrar espaços, entrelinhas, vazios, silêncios e poros narrativos que possam, talvez, se aproximar ou tocar algo dos interstícios e do indizível que me escapa no discurso mais formal. Em *A palavra do silêncio*, Maffesoli desenvolve – em um contexto do sagrado, da espiritualidade e da necessidade coletiva de religação com o cosmos – a questão da “procura de um sentido oculto, mas presente em um mundo em perpétua busca do Ser”. Longe de tais pretensões e, aqui, em um contexto cotidiano e profano da experiência afetiva, sensorial e subjetiva, me inspiro, porém, nessa possibilidade de busca “desse tipo de silêncio fundador” que anuncia o autor ao falar do romance de Hugo von Hofmannsthal, *Carta de Lorde Chandos*:

A insuficiência das palavras e discursos convencionais conduz o narrador a um retorno aos valores tradicionais, os dos não ditos da cultura, fundamento da existência em particular, e do Ser em geral. Do silêncio ele extrai uma nova força. Ao colocar entre parênteses sistemas de pensamento aos quais estava habituado, um novo dinamismo se inicia, símbolo dessa “graça imperdível” que, como reitera a teologia, não se pode perder, nem mesmo ser retirada. [...]

Em outros termos, por meio do silêncio conceitual, o pensamento apofático reitera que o Real não se reduz à realidade. [...] O Real é pleno de seu contrário. Ele contém em si o poder do sonho, dos fantasmas, das fantasmagorias e de outras fantasias. O

Real é essencialmente mítico. Por isso não pode ser demonstrado. (MAFFESOLI, 2019, p. 33-5).

Figura 43 - Pôr do sol em algum fim de tarde na Índia



Fonte: arquivo pessoal.

### 6.1 Como diz o outro: a outra, as outras, os outros, es outres tantes de tantas histórias

*Como diz o outro* é uma expressão muito ou legitimamente característica das bandas de onde venho. Ela tem a potencialidade de introduzir, ou abrir espaço/tempo, para um sem fim de possibilidades. E o faz no cotidiano coloquial, mas, essencialmente, revela a importância radical que compõe a presença da oralidade na tradição e na (re)existência (significativa) da cultura local.

*Como diz o outro*, disse a Martinha, “ainda vai ser um capítulo da tese da Ceila”. De tanto ouvir da minha boca a expressão, minha amiga irmã desde os tempos da Escola Angel Vianna (escola de dança em que fizemos o curso profissionalizante em dança contemporânea), Marta Simões Peres, percebeu e reivindicou a expressão como um conceito nosso, dela e meu.

Mais do que uma “simples gíria”, talvez já mais fora de moda do que meus anos cronológicos gostariam, *como diz o outro* é a anunciação de um saber ou de um conhecimento partilhado entre os sujeitos daquela cultura, entre os que partilham de uma certa prática ou convivência, entre os indivíduos resultantes de uma historicidade em comum e em movimento.

*Como diz o outro* se revela, a um olhar atento, como um arcabouço epistemológico potencial e, se ressignifica, como existência ativa re-existente da cultura local – em muito do

que esta traz da ancestralidade diluída no cotidiano contemporâneo, e do que traz dos saberes tradicionais incorporados no saber cotidiano e nos conhecimentos invisibilizados e inegáveis do senso comum.

*Como diz o outro* traz a lembrança dos ancestrais, traz a memória dos aprendizados experienciados e incorporados, traz a experiência vivida em partilha de saberes e conhecimentos valiosos – que não são encontrados nem em livros nem nas escolas. Fala dos saberes do Zé da esquina, bem como dos saberes do avô erudito em seu brilhantismo autodidata e para além do seu tempo, como na sabedoria presente e potente revelada pelo olhar do padre, ao conduzir o cântico da comunidade aos domingos.

*Como diz o outro* é o saber enraizado na memória, que brota de dentro na experiência do cotidiano e que já não sabemos muito mais mesmo de onde vem; o saber reinventado, muitas vezes por necessidade, nas circunstâncias da vida. Esse conhecimento necessariamente partilhado, vivenciado, absorvido e recriado, nos movimentos de encontro, é o saber coletivamente entretecido, desde a origem e em seu desenvolvimento – seja esse no sangue e vozes dos descendentes, seja nos ecos das memórias das relações vividas com outros, que também dizem, outros dizeres daqueles saberes.

*Como diz o outro* é, enfim – para concluir, nessa dinâmica infinita e espirálica da narrativa aqui inscrita – a voz de uma transcorporeidade inata ao conhecimento, ao processo cognitivo. O movimento/experiência de conhecer, que atravessa os tempos e renasce nos sujeitos, nos movimentos de saberes cultivados, germinados, desenvolvidos, colhidos e processados transcorporalmente na lida coletiva da vida. É, em suma, uma expressão metafórica preciosa para dar conta da beleza sutil com que a transcorporeidade do conhecimento se manifesta no cotidiano. Na construção coletiva dos saberes organicamente tecidos nos movimentos de saberes das culturas. E, *como como diz o outro* remete a outras e outros de mim, das minhas origens sertaneiras, arrisco fechar esse momento narrativo com uma singela homenagem às memórias de uma minha alegria infantil.

*Tô caipira, tô com os pés no chão*

*Tô caipira, tô com ares de sertão*

*Tô caipira, ouço o vento sussurante, cheiro a chuva de longe*

*Tô caipira, olho as estrelas pela manhã antes do sol e durmo feliz com as galinhas*

*Tô caipira e busco os ovo das galinha, embaixo das asas no seu chocar*

*Tô caipira e gosto do cheiro do arroz queimado no fundo e a rapa é meu tanto favorito*

*Sou caipira e não nego ser assim devagar e gostar de estar ao léu só assuntando o nada*

*Por nada*

*Por ser assim caipira, espreitando o céu pra vê o quê qui ele conta antes dos home chegá com as nova do dia*

*Por nada*

*Por sabê que daqui nada se leva, que daqui tudo se soma e que daqui só resta um cantinho pra mim no céu.*

## 6.2 Como diz o outro em produção partilhada

*A historicidade imbuída no interior do conceito de estética sempre esteve envolvida com a concepção de senso comum e tudo indica que os caminhos das novas concepções estéticas estarão se aproximando, cada vez mais, talvez em homenagem à manutenção das tradições de vanguardas estéticas, do senso comum. Ou, ainda dizendo de outra forma, devemos viver uma proximidade cada vez maior com os sentidos superlativos resguardados na cultura popular.*

Sérgio Bairon

O que dizer em um texto acadêmico quando a emoção invade? Como traduzir, interpretar em uma formalização racional acadêmica esse lugar de vida, de compartilhar de experiências, de construção das vivências e, portanto, esse entrelugar de saberes que se dá pelos afetos, pelas pulsões, pelos desejos?

Quero, mais uma vez, pensar na diferença entre utilizar uma imagem, uma poesia, um trecho de narrativa mais poético, uma música, um tom de voz, um sussurrar, etc. para expressar, remeter, completar, dar contorno, ou anunciar dimensões do saber arreadas à linguagem e forma logocêntrica do método científico tradicional, com toda sua elaboração racional cartesiana de distanciamento e funcionalidade. Acolher possibilidades de integrar, de fato, a essa linguagem tradicional acadêmica expressões multidimensionais e transtextuais, integrando expressões em multimídia, motivando elaborações criativas e dialógicas entre diversas linguagens expressivas. Como vem propondo Sérgio Bairon, desde os anos 90, por exemplo em seu livro *Multimídia* (1995). Trazendo a tese hermenêutica Sérgio explica que:

[...] ao contrário do que se pensa nas teorias clássicas de comunicação calcadas na dualidade emissor-receptor, o estar-no-mundo estético é muito mais do que ele pode saber de si mesmo. Não devemos olhar para o jogo que é proporcionado pela multimídia (ou hipertexto), prioritariamente, enquanto o desejo de ser entendido no interior de seu juízo próprio, mas apontá-lo como mais uma porta de entrada à existência da linguagem mesma. Não uma abertura como qualquer outra, mas aquela

que possibilita em si o encontro de muitas, através de um contínuo processo não-linear. Com a multimídia deve ocorrer, comparando com os meios de comunicação unidirecionais, maior autonomia de interpretação resguardada pela própria forma de ser da linguagem, ou seja, do ser. O movimento reticular da compreensão poderá acontecer de maneira muito mais desconexa e subjetiva. Aumentarão as possibilidades de diversificar nossas próprias interpretações... (BAIRON, 1995, p. 85-6).

Figura 44 - Teatro de Contêiner Mungunzá – Luz – São Paulo.



Fonte: acervo pessoal.

Já não é tempo de a academia abrir espaços para que se cultive manifestações diversas do que se quer apresentar representar, em entrelaçamentos de linguagens narrativas e mídias mais próprias à cada caso, contexto, propósito?

Digo isso, porque me parece que, quando na academia dizemos acolher os saberes tradicionais, os saberes subalternizados, os saberes invisibilizados ou silenciados ao longo de séculos, muitas vezes entende-se que esse acolhimento deve se dar, sim, mas desde que, em contrapartida, traga em seu corpo narrativo – como referência e limites – os padrões e exigências, as formas e a linguagem do método tradicional. Como que justificando a utilização e o valor dos saberes em questão. O que, a meu ver, acaba sendo uma outra maneira de desvalorizar, os mesmos... No sentido que dizemos assim: Sim, também são importantes, mas, olha, só podem ser elevados ao grau de conhecimento acadêmico, se colocados dentro dessa forma/linguagem/lógica/episteme.

Figura 45 - Imagens da pesquisa sobre Coroação de Reis, de Sérgio Bairon.

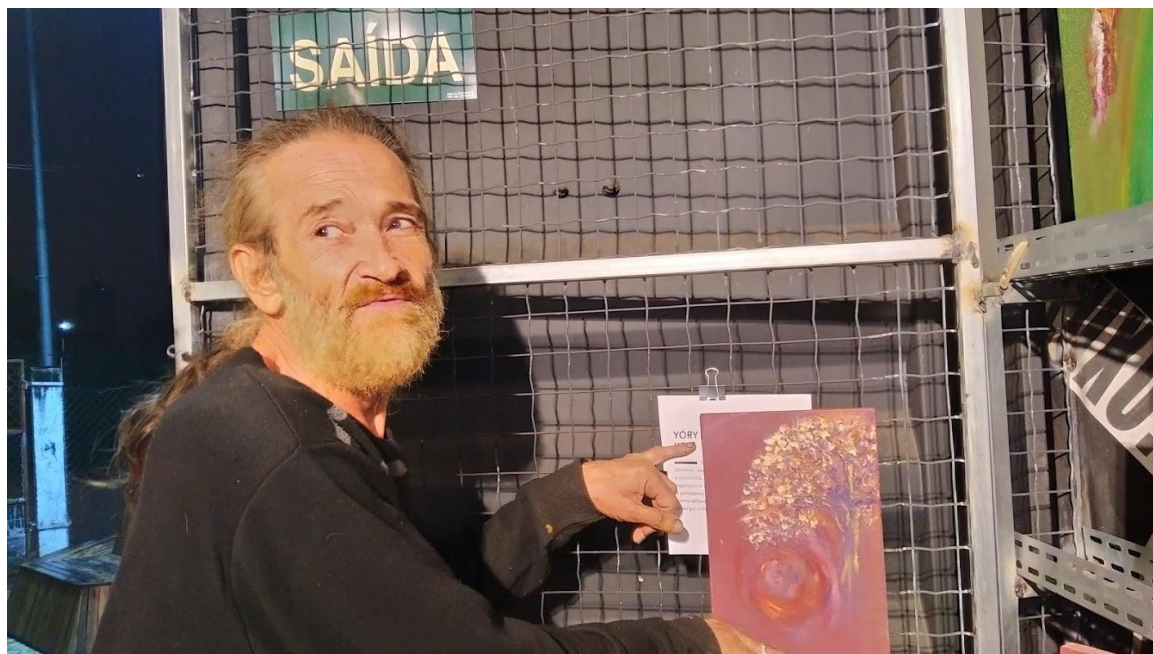


Fonte: arquivo pessoal.

Então, me vem novamente a pergunta: Como diz o outro? Além do que diz o outro, qual a sua linguagem? Qual o ritmo, a melodia, o timbre, a alegria ou o cansaço na voz do outro que conta e que traz, em si, os anos de experiência, a vida dedicada a preservar e atualizar a tradição que em seu corpo vibra e cuja missão é encontrar meios de dar continuidade àquela tradição pelos corpos/vidas/saberes de seus descendentes, de sangue ou de cultura...

Como diz o outro que traz no olhar toda a história, que emana no sorriso aquela memória, que expressa nos traços e marcas de expressão e do tempo uma tradição milenar? Como diz o outro me traz a voz do outro, que se diz, por si só. Me traz o olhar do outro que vê de seu lugar. Me traz o sorriso do outro que fala do afeto de um sem fim de gerações por que passaram os saberes, a reverência, a gratidão e o prazer pela tradição, pela preservação e recriação da tradição, dia a dia.

Figura 46 - Pintor do Fluxo Yóry Felipe Ken – Exposição no Teatro de Contêiner Mungunzá.



Fonte: Acervo pessoal

Como diz o outro, me diz que se digo pelo outro e venho após a sua fala explicar, traduzir, interpretar, analisar, sistematizar, classificar e encaixotar o que foi dito, estou dizendo subliminarmente que meu saber é mais capaz de falar dos saberes do que disse o outro do que ele próprio, na expressão de seu saber.

Se os saberes são outros, não seriam as linguagens também, possivelmente outras? Não seriam as formas de transmissão desses saberes outras? Não seria toda a lógica de compartilhamento, representação, interpretação e transmissão desses saberes outra?

Figura 47 - Pintor do Fluxo Índio– Exposição no Teatro de Contêiner Mungunzá.



Fonte: Acervo Pessoal

Como diz o outro, se diz na linguagem do outro. Ou, se deixa o outro dizer. Posto que, quem conta um conto aumenta um ponto... E, se quem conta, ainda por cima é um outro de outro lugar de fala, outro ângulo de visão, outra compreensão mesmo do que seja o saber...

Figura 48 - Peça Epidemia Prata. Cia Mungunzá de Teatro.



Fonte: arquivo pessoal

Então, mais um motivo para dar a fala, o olhar, o sorriso e o movimento de expressão, ao outro que se quer representar. Desde aí, então, talvez sim, uma complementação singela, com clareza de seu lugar complementar, em uma abordagem sensível analítica, em partilha

interpretativa, assumindo o lugar de interpretação de um pesquisador externo, que busca se aproximar e, portanto, recria com o olhar do outro o universo de saberes que está, porém vivo e forte, ali representado na força expressiva do que lhe é próprio.

Figura 49 - Cia Mungunzá de Teatro ouvindo Dentinho sobre a experiência de recepção da peça Epidemia Prata.

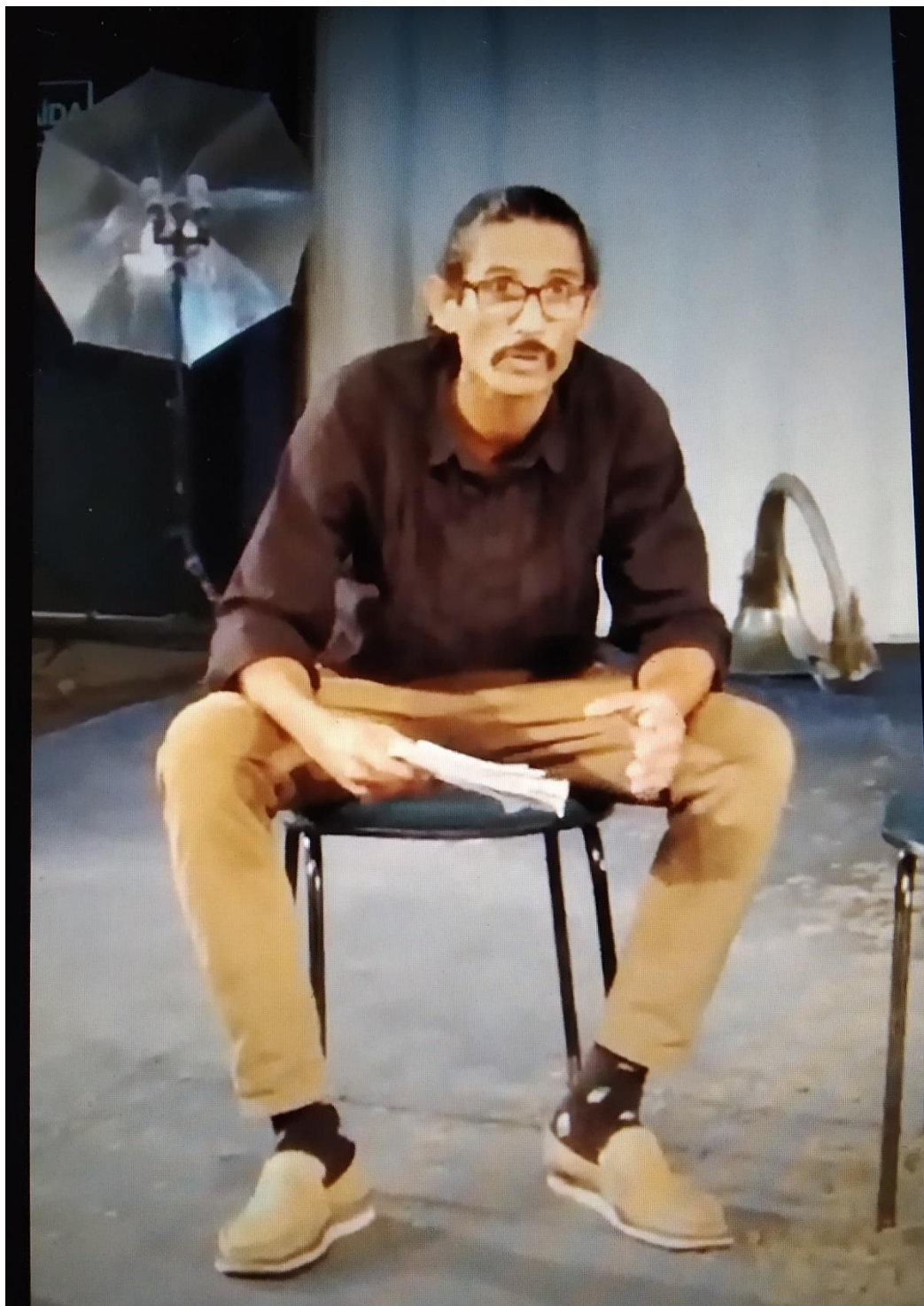


Fonte: arquivo pessoal.

E, digo isso, pensando, por exemplo, na proposta/processo/experiência fértil de produção partilhada do conhecimento, com Sérgio Bairon, nas disciplinas do Diversitas<sup>56</sup>. Disciplinas que aconteceram nas imediações e atravessamentos com estudantes ouvintes da cracolândia, ou “Boca do Lixo”, como é chamada a região por onde vagueiam os corpos em movimento do “Fluxo” em torno do consumo do crack. Experiências potentes e transformadoras, quando vemos/sentimos/vivemos as emoções e compreensões que se dão em outros níveis de consciência e elaboração, onde a racionalização é apenas um elemento, entre tantos outros que gestam o construir coletivo do conhecimento, uma construção coletivamente vivenciada, um ritual cosmogônico coletivo de saberes, uma construção de saberes entretecidos em comunhão, uma comunhão cosmogônica de saberes, uma tessitura cosmogônica e comunitária de saberes, uma construção comunitária de saberes, uma construção transcorpórea de saberes...

<sup>56</sup> Diversitas - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – USP.

Figura 50 - Fabio Rodrigues dos Santos, poeta, compartilhando saberes do fluxo ao Diversitas.



Fonte: arquivo pessoal.

Construção essa que se revela, na fala de um aluno da História que, após a experiência da apresentação em hipermídia de pesquisa do Bairon sobre o congado relata: “Em oito anos de universidade, eu nunca me vi tão representado, tão reconhecido.”

Ainda que tendo estudado em diversas disciplinas, com inúmeros enfoques e referenciais teóricos diversos.... Disse ele.

Figura 51 - Peça Epidemia Prata. Cia Mungunzá de Teatro

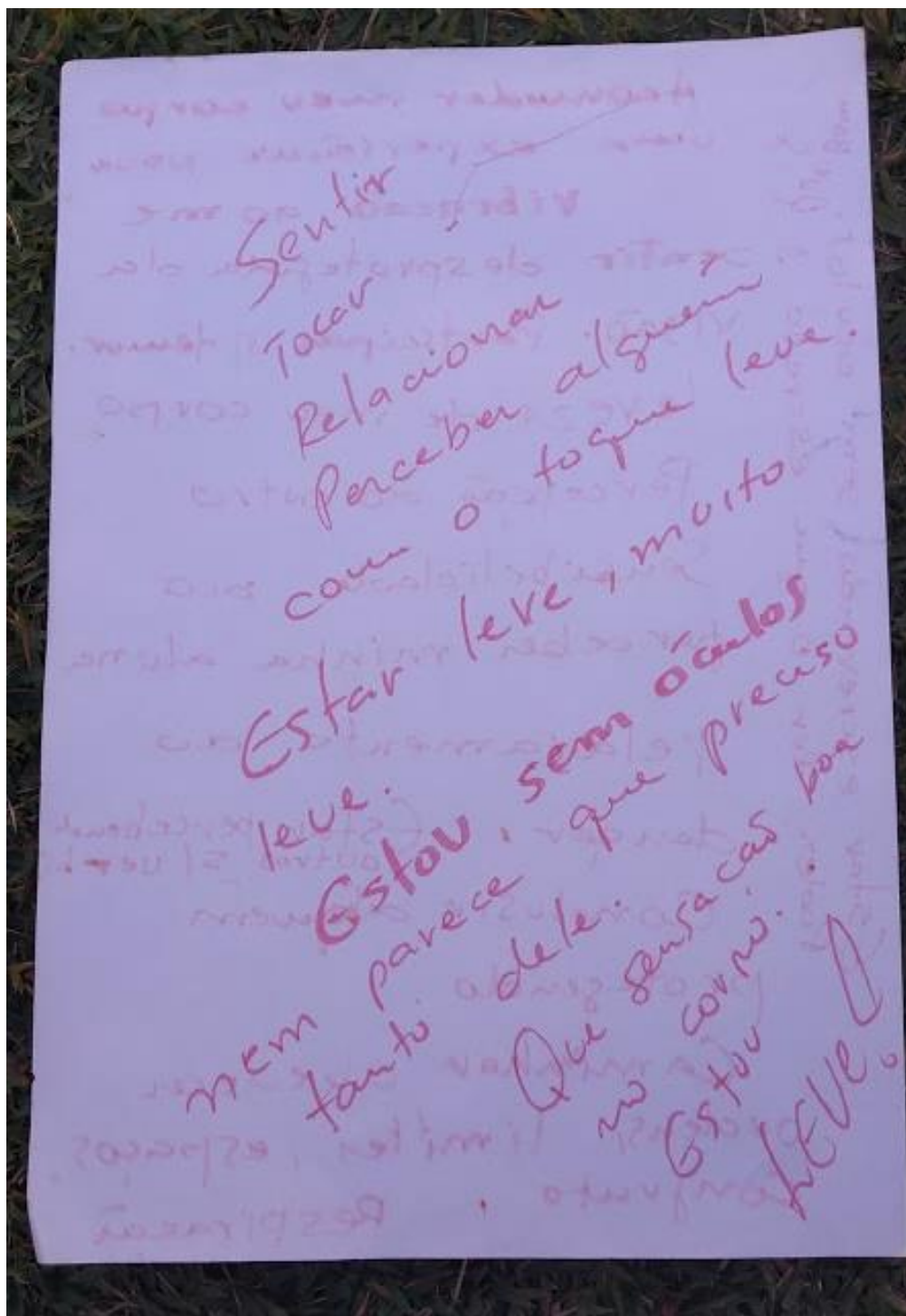


Fonte: arquivo pessoal.

### 6.3 Pesquisas registradas na memória...

Muitas coisas me marcaram, ao longo da minha vida de docência, entre elas o período em que sugeri os brainstormings – prática até então bem comum nas minhas experiências de docência, coreografia ou direção – quando estive na situação de docente visitante nas escolas estaduais, pelos municípios periféricos do Estado do Rio de Janeiro. O projeto se chamou Programa Integrando as Ações e foi coordenado e financiado pela Secretaria de Estado de educação e Cultura do rio de Janeiro, nos anos 1999 e 2000.

Figura 52 - Programa Integrando as Ações



Fonte: arquivo pessoal.

Me surpreendeu o efeito que aulas únicas, de apenas 90 minutos ou um pouco mais, podiam provocar na comunidade escolar. Assim, comecei a pedir esses “brainstormings” – escritos/desenhos espontâneos – com o intuito de registrar, de alguma maneira, as

transformações profundas, radicais e intensas que os participantes das oficinas relatavam estar vivenciando, ao final das práticas que eu vinha tendo a oportunidade de conduzir pelo Programa. Mesmo sendo estas, práticas isoladas e pontuais, em nossas passagens de apenas um dia de oficinas, em cada escola, como previa o projeto.

Tratava-se de apenas um período de oficinas (manhã ou tarde dependendo da distância do município), com duração média de duas horas e meia, em que os alunos, professores e funcionários escolhiam a oficina em que queriam participar, entre as várias propostas pelos professores visitantes que éramos nós: professores de artes e esportes, vindos da capital do Rio de Janeiro. Professores de fora, com bagagens diversificadas que eram levados aos diversos municípios do Estado pelo Programa, então gerido pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro nos idos de 2000 e 2001. Não estou certa da duração do projeto, mas sei que pude participar no período de julho a dezembro de 2000 e de fevereiro a março de 2001, oferecendo Oficinas de Corpo e Dança.

Prefiro deixar as narrativas falarem por si, mas, o que me tocou profundamente já naquela época e que entendo ser relevante trazer para essa pesquisa, foi, mais uma vez, a constatação do potencial radical de transformação das práticas corporais. Trago aqui parte desse material, especialmente, com o intuito de fortalecer a noção da transcorporeidade, relacionada à uma construção de saberes vivenciados em comunidade, de conhecimentos tecidos coletivamente; ou seja, falo de processos que podemos chamar de liminares (TURNER, 2005), por sua força transformadora e revolucionária, em que as condições e existências dos participantes, individual e coletivamente, jamais será a mesma, tanto em relação a si próprio, sua existência, perspectiva e relações, quanto em relação ao seu meio, comunidade, trajetória de vida. Como, creio, podemos vislumbrar pela leitura dos relatos adiante.

Ressalto ainda que tais vivências, comuns nas práticas das artes do corpo em movimento sensível, consciente e criativo, trazem caminhos de autoconhecimento e de interação com o outro e com o meio, que se desenvolvem na mesma medida da entrega de cada um e dos grupos. O que equivale a dizer que os grupos nutrem os indivíduos assim como os indivíduos nutrem os grupos reciprocamente, gerando um processo inevitavelmente coletivo de descobertas, desenvolvimento, construção de saberes e criação de novas dimensões de ser/estar/fluir/relacionar-se.

Processos, coletivos, em que os sujeitos, na organicidade de suas corporeidades – entendidas como a totalidade das faculdades dos seres em movimento – se entrelaçam aos processos da corporeidade coletiva, vivenciando em comunhão a construção dos saberes que se entretecem no fluxo vivo transc corporal, na (i)materialidade do espaço/tempo e na memória

atemporal e infinita dos corpos envolvidos, para sempre em suas histórias. Nesse sentido, podemos dizer ainda com Victor Turner, é quando se estabelece, aqui quase que por encanto, ou por acaso, a condição de *communitas*. Quase que por encanto, digo, posto que não faz parte de um ritual comum, conhecido ou esperado, ao menos nesses grupos e nessas comunidades onde estivemos. Grupos que, sem exceção, tiveram pela primeira vez o contato com este tipo de trabalho, ou algo similar. Uma situação, em princípio, totalmente inesperada e inusitada naquelas comunidades e naquelas realidades corporais e socioculturais.

Trago também pela concretude dos exemplos vivenciados e inscritos nas palavras dos alunos, professores e servidores, que se dispunham a mergulhar de corpo/mente/alma nas propostas da oficina. Passando assim de um lugar de memória e relato autoetnográfico individual, imagino que, para um lugar de construção coletiva transc corporal que se expressa inscrita nas palavras, nos papéis, pela grafia suada e expressões extasiadas das meninas e meninos, das mulheres servidoras e professoras. Trazendo assim pro coletivo essa elaboração que, por força das circunstâncias, coube a mim nesse instante.

Figura 53 - Programa Integrando as Ações

O contato com o novo corpo é uma coisa muito importante, nos capacita a conhecer e entender novas ações muito melhor. Nossa mente fica mais liberada, nossos sentimentos mais sensíveis, nossa alma mais leve e alegra o corpo. A dança nos ensina essas coisas porque ela mexe com o todo o novo corpo e mente, nos ajuda a ter equilíbrio, dinamismo, flexibilidade, gosto de dançar, cantar, fazer de precisar de atividades, a liberar meu corpo que é muito tenso e mais a dança mexe com os sentimentos mais profundos libera nossa energia negativa e acrescenta muitas positivas.

Marilze

Fonte: arquivo pessoal.

Figura 54 - Programa Integrando as Ações

A aula foi relaxante, fechar os olhos dá mais concentração nas sensações do corpo, ser tocada por outra pessoa também ajuda a sentir partes do corpo esquecida por nós como as minhas costas. O alongamento também nos faz sentir melhor. A dança também nos faz sentir leve. Nós perdemos todos os nossos problemas e pensamentos, só sentimos. Os olhos tem uma grande sensibilidade. Adorei a aula, pois estava precisando relaxar. E não me senti cansada pelo fato de fazer todas as atividades de pé. Tocar o chão com os pés, também aumenta a sensibilidade.

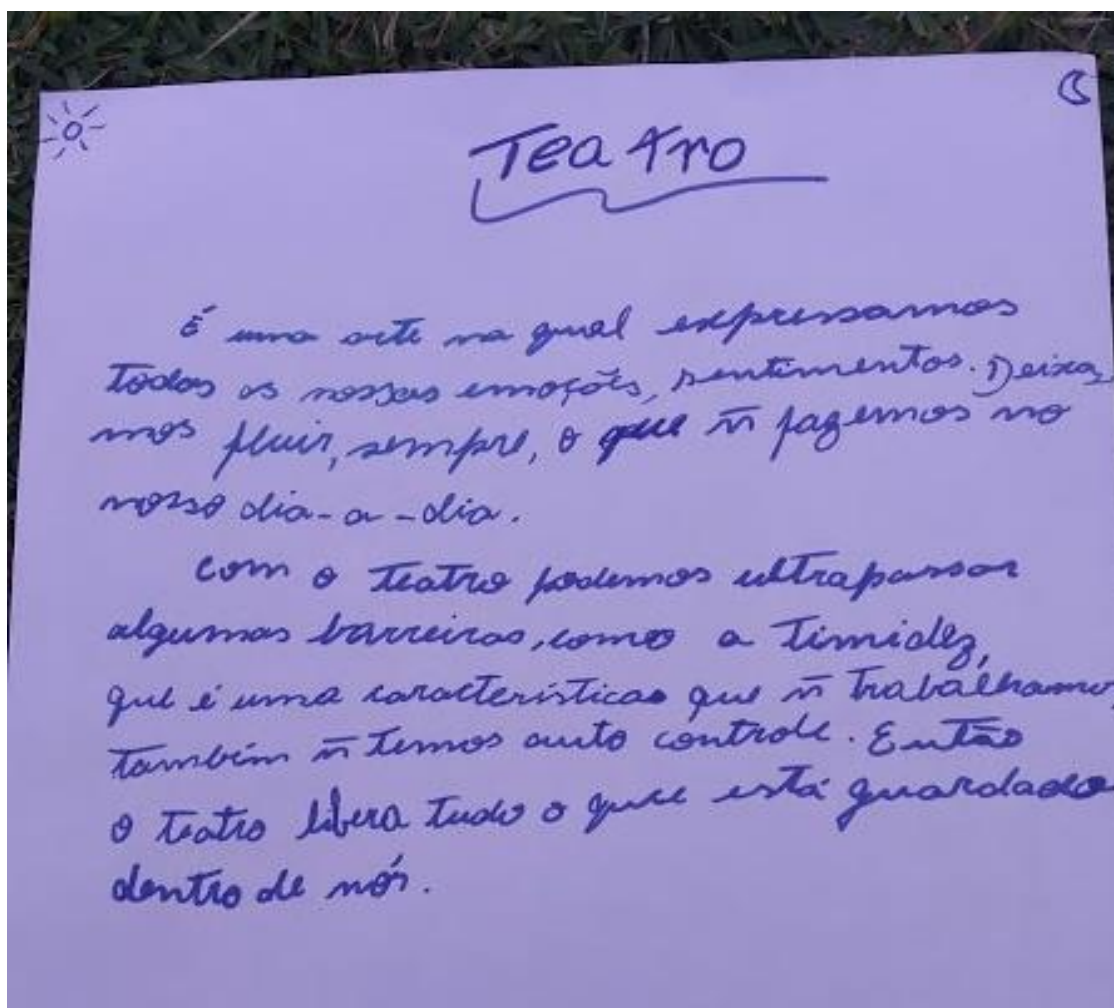
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 55 - Programa Integrando as Ações

surtos de desequilíbrio, gestos, alívio, ptoem no  
 corpo da surtos de alívio, deusa a energia  
 flui em todo corpo. respiração concentrada  
 no seu interior se desmolda a <sup>na</sup> sensibilização  
 corporal, fornece um passo que  
 acaba de marcar esta aprendendo a  
 boa e a ser livre a surtos de  
 liberdade do corpo. é muito boa, você  
 pode contar como confiança de alguém.  
 você confia o seu corpo a uma pessoa  
 e bem dependente e ao mesmo tempo muito  
 bom, prazeroso, você pode  
 sentir a mão próxima em  
 contato com o seu corpo. a  
 sensibilização e a consciência corporal  
 faz muito bem ao corpo e a  
 mente. quem deseja que todos  
 tivessem essa oportunidade.

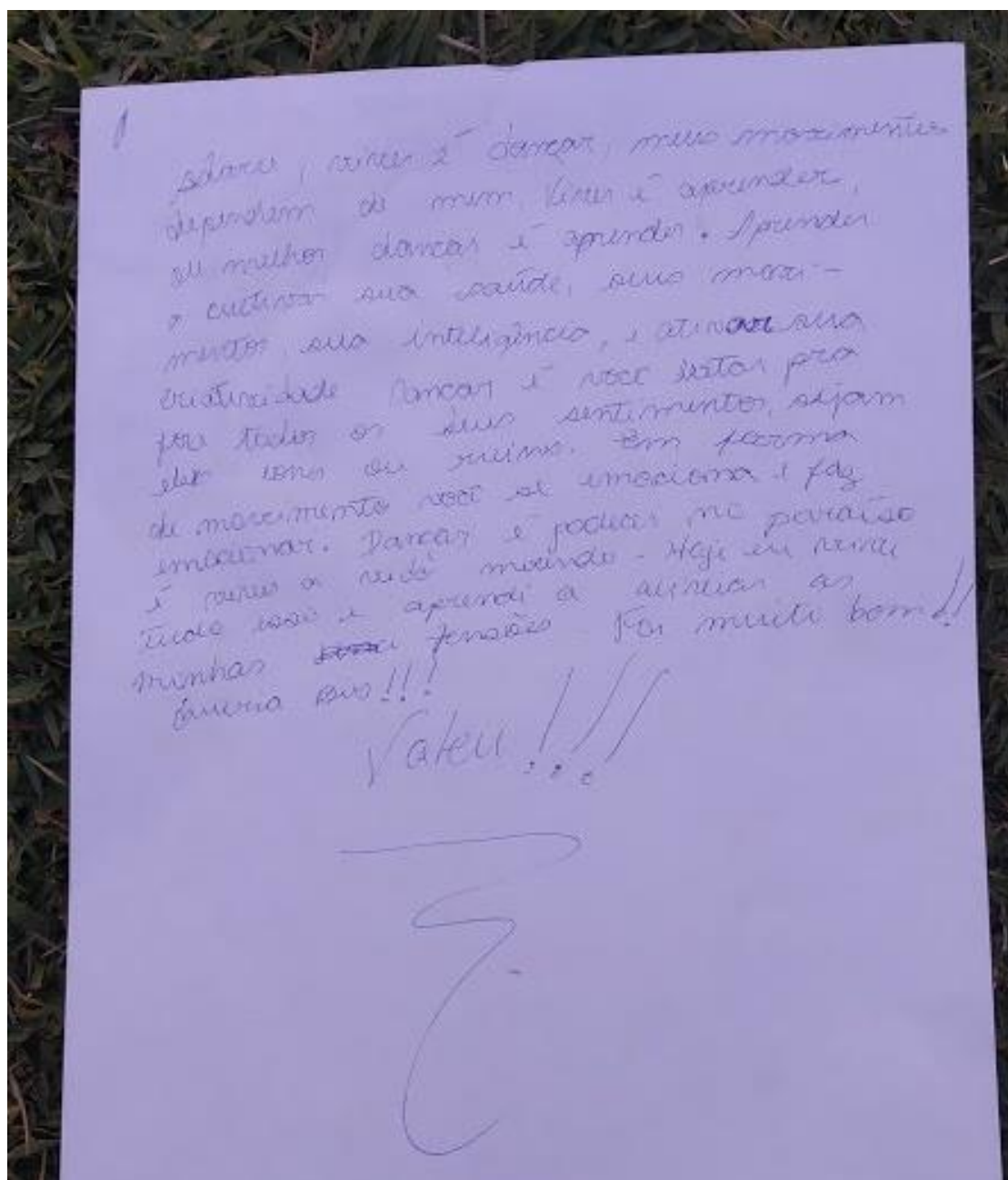
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 56 - Programa Integrando as Ações



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 57 - Programa Integrando as Ações



Fonte: arquivo pessoal.

#### 6.4 Kalarippayatt, a mãe das artes marciais: o que move a tradição na terra que se move?

O que move a tradição na terra que se move é um contar e registrar memórias sobre a experiência de reencontro com o Kalarippayatt. Arte marcial conhecida em Kerala, no sul da Índia, como a mais antiga, entre todas as artes marciais, o Kalarippayatt – originalmente uma prática de guerra entre tribos – teve seus primeiros registros nos Vedas, e em papiros

encontrados, calcula-se, com mais de 3.000. Prática que remonta, possivelmente, a cerca de 5.000 anos. Uma arte marcial tão antiga e misteriosa, quanto potente e completa, sobreviveu fortemente à colonização inglesa, encontrando, até hoje, caminhos descoloniais frutíferos e formas híbridas eficazes de preservação e auto recriação.

A tradição, fortemente admirada e respeitada nos estados de Kerala e Tamil Nadu, inclui a prática medicinal *Kalari Marma Chikiltsa* – uma das mais procuradas e eficazes, no tratamento de patologias específicas – que se desenvolveu paralelamente à medicina Ayurvédica, tendo ambas uma base filosófica e científica semelhante e complementar. Os saberes do *Kalarippayatt*, seguindo a tradição milenar, ainda hoje, são transmitidos de mestre (Gurukal) para discípulo. Em diferentes períodos da história, a prática diária do *Kalarippayatt*, fez parte da formação básica de toda criança nas vilas tradicionais em Kerala. Hoje, uma vez mais, tem sua realidade e continuidade abaladas e seu destino posto em questão – diante da modernidade globalizante que invade o cotidiano, as tradições e as práticas corporais, pelos vastos territórios da terra.

Figura 58 - CVN Kalari Trivandrum – Kelara – Índia.

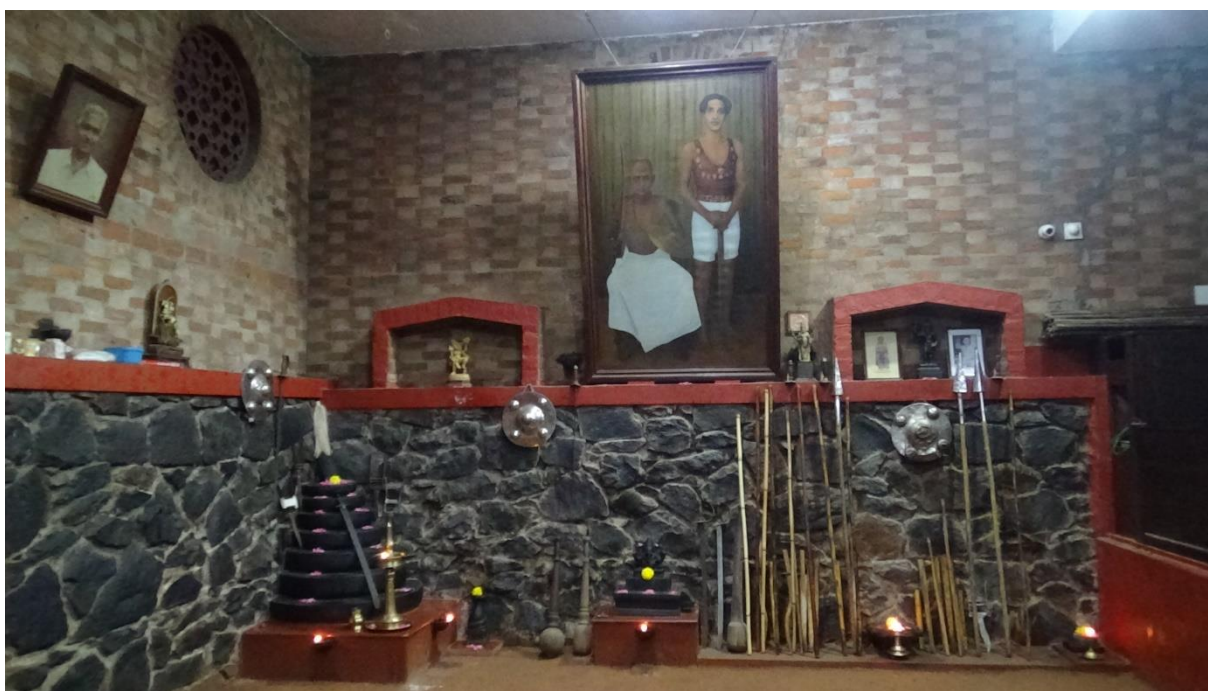
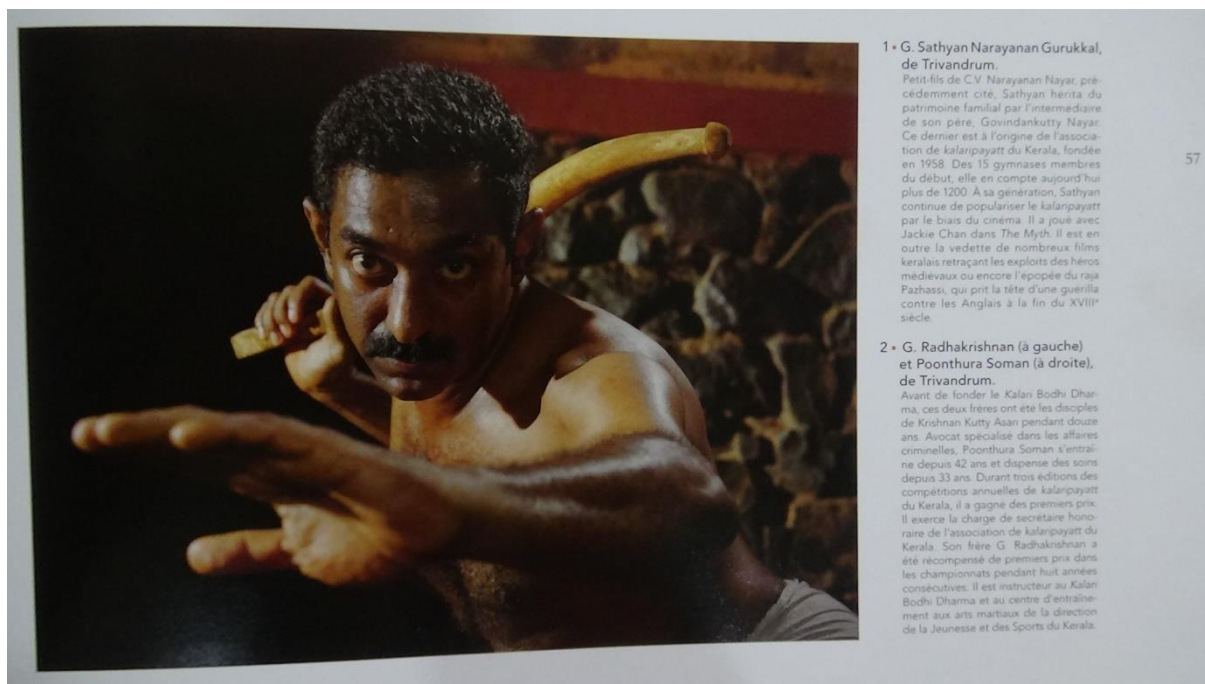


Foto: Ceila Portilho Maciel

Os pés tocam a terra, as mãos vão até a terra, junto aos pés, em reverência, respeito e devoção e daí tocam a cabeça e o coração. O chão, os pés, a terra, representam as origens, as raízes, a tradição, o saber e o conhecimento de gerações de uma tradição. E assim se entra no Kalari.

No primeiro dia, entrando no Kalari, o ritual de iniciação: a oferenda, simbólica, aos ancestrais, à linhagem que remonta às divindades, e ao mestre, Gurukkal... E, assim, o novo membro, aluno/estudante, recebe – como um batismo na tradição – pelas mãos do Gurukkal as bênçãos dos ancestrais, naquela linhagem.

Figura 59 - Sathyan Narayanan Gurukkal – Foto do livro *Inde - Les guerriers guérisseurs – Kalarippayat*.



Fonte: arquivo pessoal.

O Gurukkal representa o Mestre, aquele que recebeu, preserva, traz e oferece os conhecimentos e saberes da tradição. Personifica todos os ancestrais em si e toda a história vivida pelos Mestres, Guerreiros, Professores e Estudantes que nos antecederam (ancestrais de sangue ou de experiência/vida).

O Gurukkal tem todo o respeito, consideração, admiração e devoção de seus estudantes, dentro e fora do Kalari e, para tal, tem como missão levar uma vida que faça jus à essa relação de confiança e entrega, vivendo em si o exemplo de tudo o que personifica. No caso do Kalarippayat, não só a disciplina, a correção, a fidelidade às tradições e a prática dos conhecimentos da tradição, mas a vivência cotidiana dos princípios, regras e valores que embasam e norteiam, silenciosamente, a prática dessa arte marcial.

O Gurukkal é também o médico, ou physician, como eles chamam, o conhecedor das técnicas, terapias, óleos medicinais, remédios e sistemas de cura, altamente desenvolvidos e

refinados pela experiência, ao longo dos séculos e milênios – mais de 3.000 anos como se conta a partir dos mais antigos registros que se tem notícia.

O Gurukkal é sentido, ou percebido também como um pai pelos discípulos, já que orienta, apoia e acolhe os estudantes, estabelecendo e fortalecendo a atmosfera e a convivência familiar, de comunhão e solidariedade entre os alunos e estudantes/professores em formação. O respeito, a devoção e o carinho fluem naturalmente, sem demonstrações externas, enaltecimentos ou apologias, mas sutil e profundamente presente na relação não só direcionada ao Gurukkal, mas que também permeia e nutre a relação entre os alunos e estudantes (aqui chamo de estudantes os alunos, “elders”, com mais experiência, que ajudam os outros alunos iniciantes, assim como alguns estudantes em processo de formação para serem professores, ou mestres).

Figura 60 - CVN Kalari Trivandrum. Professor sênior Mr. Rajan com aluno



Foto: Ceila Portilho Maciel

Trago agora ecos de trechos e de algumas histórias e saberes compartilhados, em entrevista gentilmente cedida a mim pelo mestre da arte marcial Kalarippayat, Sathyanarayanan Gurukkal, o mestre ou Gurukkal<sup>57</sup> do CVN Kalari Sangham, Fort, Trivandrum, India.

---

<sup>57</sup> Gurukkal é o termo utilizado para nomear os mestres da tradição Kalarippayat

Figura 61 - CVN Kalari Trivandrum. Sathyan Gurukkal com aluno



Foto: Ceila Portilho Maciel

Sathyan Gurukal, como o costume manda que chamemos o mestre de *Kalarippayat* responsável pelo CVN *Kalari* Trivandrum e pela Clínica *Kalarichikilsa*<sup>58</sup>. Sathyan pratica, além do *Kalarippayat*, o igualmente milenar sistema medicinal *Kalari Marma Chikitsa* desenvolvido dentro da tradição do *Kalari*, e em parte como um braço da medicina ayurvédica. Sathyan sucedeu seu pai, Sri. C.V. Govindankutty Nair, seguindo a tradição na linhagem da família Nair. Seu avô, Sri C.V. Narayanan Nair Gurukkal, o pai de Govindankuti Nair Gurukkal, foi o mestre responsável por divulgar nacional e mundialmente a arte marcial milenar e por abrir espaços para a retomada da prática do *Kalaripayatt* na Índia, após a colonização inglesa que havia proibido esta prática. Uma longa e linda história, que um dia, com tempo minimamente suficiente para aprofundar uma pesquisa deste peso, espero poder contar com mais propriedade<sup>59</sup>.

<sup>58</sup> A clínica – onde é praticada a milenar medicina desenvolvida dentro da prática e realidade da arte marcial, o sistema *Kalari Marma Chikilsa* – é especializada no tratamento de lesões ortopédicas e neuromusculares, entre outras enfermidades. O *Kalari* fundado pelo pai de Sathyan Gurukkal, em 1952, o Sri CV Govindan Kutty Nair Gurukkal, continua recebendo e atendendo ao público de Trivandrum e de outras regiões da Índia e do mundo, ainda hoje.

<sup>59</sup> Interessados podem se dirigir ao site do CVN *Kalari* Trivandrum, <http://cvnkalari.in/cvn.html>, uma das fontes mais fidedignas relacionadas à tradição, para maiores informações. Existem também algumas poucas publicações sobre a tradição, em malayalam (língua local), inglês e em francês. Poucas entre as quais são consideradas realmente fidedignas por mestres da antiga tradição.

Figura 62 - Sathyanarayanan – Fotografia do livro Inde - Les guerriers guérisseurs – Kalarippayat.



Fonte: arquivo pessoal.

Por hora, me parece suficiente dizer que se trata de uma história que emoldura o território dos encontros e afetos nesta viagem de mergulho a uma ancestralidade tão remota e longínqua, quanto interna e próxima, na minha percepção, posto que fez parte da minha formação inicial nas artes do corpo.

Segundo Sathyan, que “nasceu em uma família já engajada no Kalarippayat”, como filho do Gurukal Govindankuti Nair, “eu era mais um estudante do que um filho para ele<sup>60</sup>”; ser filho do Gurukal significou vê-lo muito mais como professor do que como seu pai. Posto que, o acompanhava nos treinos matinais e vesperais, e, ainda, quando voltava da escola o acompanhava na Clínica. Sathyan me disse que a forma da transmissão dos saberes e conhecimentos na tradição do Kalarippayat é a presença. E, quando vejo Sathyan acompanhando os alunos na prática, dentro do Kalari, percebemos sua presença absoluta na atenção, apoio e condução dos alunos, um a um. Muitas vezes pelo toque, o Gurukkal abre e encaminha os aprendizes no movimento. A presença, o contato e a *mimesis*, orquestradas também no tom e ritmos da fala e dos silêncios, são os elementos que potencializam e transformam em experiência real os processos do saber.

---

<sup>60</sup> “I was more a student than a son for him [...] because I see him more as a teacher than a father”.

Figura 63 - Alunos do CVN Kalari Trivandrum



Foto: Ceila Portilho Maciel

No Kalarippayat a dinâmica da transcorporeidade, enquanto entrelaçamento e comunhão das experiências é tão evidente que se torna quase palpável. Todas as corporeidades no espaço interagem e se nutrem, em quase total percepção, consciência, presença e relação de cuidado e apoio entre todos. Transcorporeidade que é nutrida diariamente e ressoa para além das paredes do Kalari. A sensação de afeto, empatia e fraternidade gerem o teor das relações e todas e todos pertencem a um mesmo clã, como uma família escolhida e cultivada em cada gesto e em cada passo. Apenas posso falar da minha gratidão, me nutrir nas lembranças e conter as saudades.

E, talvez, neste relato das memórias de campo guardo os maiores desejos de retornar às experiências de campo algum dia, então, com o intuito de realmente desenvolver uma pesquisa relacionada especificamente a esta arte que tanto me nutriu, a que tanto honro e admiro e que temo esteja em um momento crítico de atualização das tradições, com riscos de grandes perdas, entre os incontáveis saberes e conhecimentos que perpetua milenarmente, seja quanto as práticas da arte marcial, seja no âmbito das práticas terapêuticas e de cura.

Figura 64 - CVN Kalari Trivandrum.



Foto: Ceila Portilho Maciel

## 6.5 Os lugares de saber e o giro epistemológico-existencial durante a pandemia

*O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes.*

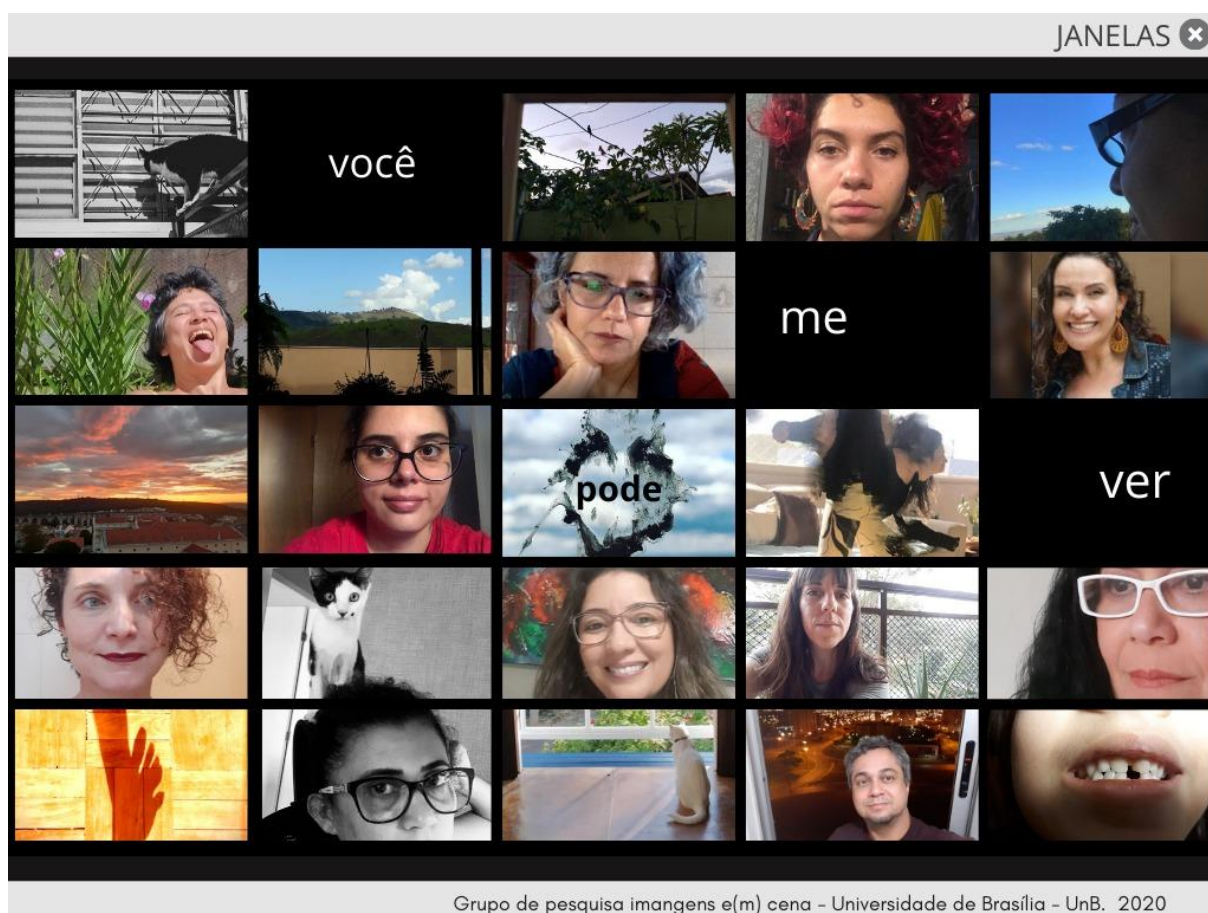
(Cora Coralina)

Hoje, já passados alguns meses de isolamento social, tivemos nosso encontro virtual, pela plataforma Zoom, o grupo de pesquisa Imagens em Cena, coordenado pela professora Luciana Hartmann. Encontro que, entre tantos, têm se tornado, para mim, para nós, para a(o) outra(o) em mim e para o eu na(o) outra(o), um lugar de aconchego, de acolhimento, de afetos e entrelaçamentos sensíveis, afetivos e criativos. Especialmente no sentido de nos nutrirmos de vida, esperança, coragem e utopia, em meio à morte que nos ronda e ao isolamento que, em princípio, nos aprisiona. A Covid-19 e a crise pandêmica que tem assolado o planeta, trouxeram toda uma outra perspectiva possível para percebermos a existência, as relações, os detalhes, os instantes, o cotidiano, a presença.

Uma espécie de comunhão, irmandade e cumplicidade solidária que foi se enraizando de maneira profunda e sutil, fora do comum e até então desconhecida, tomou conta dos nossos encontros, se tornando a razão mesma, fundamental, para que acontecessem. A antiga ideia dos

estudos, dentro de uma lógica de produtividade e consumo dos saberes disponíveis, assim como de objetivos a médio e longo prazo, deixou de ter razão. Tais parâmetros, que até então regiam a lógica de encontros desse tipo, deixaram de ter sentido. Simplesmente foram nos deixando e abrindo espaços para outras relações também com o saber. Já não podíamos negar que a realidade nos invadiu e tomou conta das nossas existências não nos deixando espaço para manter ou reproduzir quaisquer coisas que não fossem imprescindíveis, emergentes, essenciais.

Figura 65 - Nós, Imagens em cena, nas janelas e afetos



Fonte: arquivo pessoal. Arte Luênia.

Hoje, tecendo a proposta da Luciana de compartilharmos umas com as outras, uns com os outros – o que descobrimos nesse período de isolamento em pandemia, de alguma forma criativa – fomos percebendo as tantas “coincidências” nos temas e perspectivas das nossas narrativas e expressões. Ficou explícito o quanto estávamos conectadas(os) e afinadas(os), sem mesmo saber. Ao final, alguém disse algo como: “notei nas nossas falas que os saberes acontecem principalmente na cozinha, no jardim e no xamanismo (de cada um)”. Percebemos o quanto estamos, nesse momento liminar, sensível e conscientemente mais conectadas(os) com

dimensões mais profundas em nós, o quanto estamos mais presentes e abertas(os) aos instantes, ao devir. Luciana resumiu nossa contemplação e entusiasmo com a experiência, observando que estamos “acessando saberes que não sabíamos ter”. Ou, encontrando maneiras de acessar saberes que antes não acreditávamos ter acesso. Não conhecíamos com nossas mentes lógicas, racionais. Não costumávamos acessar no nosso cotidiano.

Figura 66 - Perereca no meu jardim e os saberes da ser flexível.



Fonte: arquivo pessoal.

Isso me faz pensar agora na relação saber x conhecimento, como parece ter se cristalizado na modernidade, separando os lugares naturais, orgânicos e tradicionais de saber, dos lugares de conhecimento. Como se a ideia moderna, capital e colonial de conhecimento nos impedisse de acessar os saberes ancestral e coletivamente disponíveis. Disponíveis em nós, em nossa corporeidade, nas nossas memórias celulares, nas nossas memórias ancestrais, nas experiências acumuladas de uma vida e de tantas vidas com que nos entrelaçamos e compomos esse organismo Terra. Mas também disponíveis na história das coisas, na vida viva e pulsante na natureza, no inconsciente coletivo, na consciência coletiva e na noosfera. Em *Noosfera e Midiosfera: O Imaginário Humano e o Engenho da Mídia*, João Artur Izzo recorre a diferentes pensadores e perspectivas do que seria essa esfera, digamos abstrata e simbólica – coletivas – que compõem a biosfera. Em suas palavras:

A noosfera ou esfera do pensamento ou espírito humano foi assim definida pelo paleontólogo e místico jesuíta Teilhard Chardin. Conceito usado para explicar o nascimento e o desenvolvimento antropológico da mente humana a partir do qual o infofilósofo Pierre Lévy introduziu a idéia da inteligência coletiva, ligando-a a rede mundial onde ocorre o surgimento de um sistema universal sem totalidade. (IZZO, 2009, p. 6).

A concepção e crescimento da noosfera, enquanto um fenômeno humano, foi inicialmente compreendida e pensada como a esfera do pensamento do planeta; uma esfera do pensamento humano, das imagens, símbolos, do conhecimento coletivo acumulado ao longo da história e de certa forma integrados na composição da biosfera. Segundo Edgar Morin:

As representações, símbolos, mitos, idéias, são englobados, ao mesmo tempo, pelas noções de cultura e de noosfera. Do ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Do ponto de vista da noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de certa existência (MORIN, 1998 *apud* IZZO, 2009, p. 4).

No meu entender, algo como uma consciência sistêmica coletiva vibrante no planeta. Lugar de imagens, símbolos, memórias, arquivos de signos de toda ordem; registros das experiências vividas ou imaginadas no planeta. Território de dimensões etéreas que gestamos e da qual somos gestadas, as existências na Terra. Dimensões acessíveis ao nosso imaginário coletivo, em nós transcorporificado, consciente e inconscientemente. Algo da ordem do mito, como o descreve Mircea Eliade.

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares [...] o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos [...] o mito conta graças aos efeitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o

Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre, portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa que foi produzida, como começou a existir [...] (ELIADE, 2001, p. 12-13).

Algo destes saberes vibra e ecoa em nossas corporeidades/existências e nos entrelaça a todas e todos em constelações invisíveis de saber e comunhão. Algo deste entrelaçar, que conecta essas constelações de corporeidades é um dos aspectos do que passei a chamar de transcorporeidade.

E, é exatamente esse acessar os saberes disponíveis na natureza, no corpomundo que sou, somos e que habito, habitamos, que a crise da Covid 19 nos traz como possibilidade e como promessa. Não por acaso, tal experiência vinha sendo anunciada, percebida, sentida e proclamada por múltiplas vozes e por vozes coletivas, progressiva e insistentemente, na epiderme do planeta já há algumas décadas. Algumas dessas vozes ecoando dos povos originários e/ou de movimentos populares identitários de re-existência, assim como de perspectivas e lugares outros de saber. Lugares e dimensões férteis e presentes no Real de nossa transcorporeidade e que constituem, igualmente, lugares de saber.

Figura 67 - El Afecto



Fonte: Internet, livre acesso.

Figura 68 - Saberes do meu jardim



Foto: Ceila Portilho Maciel

## 6.6 Lugares de saber em devir Ubuntu

*Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.*

(Michel Foucault)

Já ao final do período do doutorado, na reta final de escrita da tese, retorna uma questão que, apesar de ser fundamental, esteve acompanhando à margem o processo investigativo: a pergunta em relação à importância, ou não, de que o trabalho resultante desta pesquisa fosse considerado ou reconhecido como pesquisa científica, como referência “de qualidade” para a ciência moderna. O que significa, por um lado, receber o aval de ter cumprido os parâmetros, regras, cânones e a forma “correta” definida pelo método científico tradicional da ciência moderna. Entendi, afinal, que era mesmo importante reafirmar o contrário, ou seja, assumir a construção pautada na busca de uma emancipação teórico-metodológica e epistemológica possível – em relação aos paradigmas seculares da ciência moderna – como previsto no início da pesquisa. O que, desde então, apontava para a necessidade de trilhar caminhos incertos e desconhecidos, incorrer em erros, assumindo riscos de toda ordem.

É claro que enfrentar tal desafio envolveria e envolveu dificuldades, erros e fracassos, acredito que, para além do comum; gerando e engrossando camadas e camadas de dúvidas, inseguranças e incertezas, que interferiram diretamente na elaboração narrativa da tese. Porém, ao final do processo, por motivos internos e externos, subjetivos e objetivos, a questão, para mim até então aparentemente insolúvel – de ceder aos paradigmas hegemônicos ou de permitir o desenvolvimento da investigação e os entrecerces a que me conduzia – se resolveu por si só. Se resolveu no sentido de que a própria questão perdeu a importância e deixou de pertencer ao tema e ao interesse da investigação. Já que, almejando interpretar, desde a corporeidade – as experiências, desvelamentos, criações e reflexões vividas nos encontros do campo e da revisão teórica – tudo na investigação levou à compreensão da essencialidade e da igual importância dos diversos e múltiplos saberes nas diferentes culturas e dimensões que nutrem as faculdades e o potencial sensiente e cognitivo dos seres (humanos e não humanos<sup>61</sup>); incluindo a ciência

---

<sup>61</sup> Volto à questão dos seres que compõem a diversidade cognitiva do planeta terra em outro momento do texto.

moderna ocidental, como uma entre as fontes e referências de saber e conhecimento que nortearam a pesquisa. O que estabelece a coerência ética, estética e política que faz sentido nesta investigação específica, em relação ao território dos saberes do corpo em movimento sensível e criativo. Território em que alcei voos e lancei raízes para mover e desenvolver a investigação.

Quero dizer com isso que o desenvolvimento da pesquisa levou à percepção e a compreensão de que o conhecimento considerado e reconhecido como científico, nas instituições acadêmicas – especialmente no que concerne aos limites metodológicos e epistemológicos da ciência moderna – se mostrou insuficiente ou inadequado para a perspectiva a que a investigação se propôs. Porém, da mesma maneira tem enorme valor e nesta medida foi também portador de inúmeras contribuições que me chegaram. Posso dizer, inicialmente, que muito pelas características e especificidades de um campo transdisciplinar, em constante movimento e transformação, mas também, exatamente em relação ao que torna possível o exercício de uma observação analítica e de uma sistematização teórica dentro das especificidades do tema e da perspectiva metodológica, no território dos saberes do corpo. Problemática cujo enfrentamento se colocou, portanto, como um dos objetivos fundamentais e como principal desafio na temática desta investigação, que pudesse tornar possível gerar uma pesquisa e uma tese a contento.

Qual o motivo de trazer esse paradoxo assim de início? Fui compreendendo aos poucos, diante das inúmeras contradições próprias do exercício e da perspectiva a que me propus entrar no território, que se fazia necessário aceitar, compreender e aprender a lidar com os paradoxos, com as incertezas e com os atravessamentos, muitas vezes aparentemente impeditivos ou estagnantes. Que se fazia necessário enfrentá-los, e lidar com eles dentro da própria experiência de investigação, pois, negar, fugir, ou esconder para debaixo do tapete poderiam, talvez, me levar a escrever uma tese acadêmico-científica mas, certamente, seria insuficiente para me conduzir adiante, seguindo as pistas e as inscrições que se construíam nos encontros pelo território ou que me apareciam, como que por encanto, no caminho.

Em síntese: o território, a experiência e os encontros ao longo de toda a investigação foram sendo tecidos e se tecendo em um movimento orgânico, cujo vigor e pulsação exigiam de mim um compromisso ético, estético e afetivo em não me render do meu desejo: o desejo de dar voz ao corpo, à corporeidade investigativa que se lançou no território e que – pelas próprias qualidades desse encontro entre a corporeidade e o território – *se transcorporificou em performatividade indisciplinar*. Assim, neste caso, o não ceder do desejo significa ser coerente com a realidade, qualidades e características desse encontro entre sujeito-

pesquisador/corporeidade e território transdisciplinar dos saberes do corpo. Coerência que apontou sempre de novo para a necessidade de encontrar acolhimento teórico-metodológico e epistemológico em matrizes e tradições de saber e conhecimento – consideradas não científicas na perspectiva tradicional da ciência moderna e das instituições de ensino e pesquisa. Instituições ainda regidas prioritariamente pelos parâmetros euro-logo-etnico-epistemocêntricos da modernidade.

Na perspectiva provocadora do cientista Paul Feyerabend apresentada em conferência na fala *Como defender a sociedade contra a ciência* (1975), a ciência moderna, com o passar dos séculos, passou perpetuar hegemonicamente uma estrutura estagnada, representando uma ideologia intocável, com “formas de pensamento antigas e rígidas”, características semelhantes às crenças religiosas e míticas contra as quais a ciência moderna, em seus primórdios, pretendeu libertar a sociedade.

Por exemplo, considere o papel que a ciência desempenha agora na educação. Os "fatos" científicos são ensinados em uma idade muito precoce e da mesma maneira como os "fatos" religiosos eram ensinados a apenas um século atrás. Não há nenhuma tentativa de despertar as capacidades críticas do aluno para que ele possa ser capaz de ver as coisas em perspectiva. Nas universidades a situação é ainda pior, a doutrinação é aqui realizada de forma muito mais sistemática. A crítica não está totalmente ausente. A sociedade, por exemplo, e as suas instituições, são criticadas severamente e muitas vezes injustamente, e isso já ao nível do ensino fundamental. Mas a ciência é excluída dessas críticas. (FEYERABEND, 2009, p. 45).

Nesse mesmo sentido, porém em contextos próprios e por vezes paradoxais entre si, autores e pesquisadores de diferentes campos e em diferentes épocas, têm desenvolvido críticas estruturais em relação ao discurso monolítico da ciência e aos efeitos deste paradigma secular que determinou o monopólio do método científico tradicional enquanto caminho único e doutrina exclusiva para o bom desenvolvimento da “verdadeira ciência”. Em uma das reflexões relativas a *A ordem do discurso*, Michel Foucault (1970) apesar de inicialmente diferenciar o que chama de “sociedades de discurso” (2014, p. 38) das doutrinas, acaba por demonstrar a semelhança de estrutura e efeito, em ambos os casos.

A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual dos indivíduos que falam. (FOUCAULT, 2016, p. 41).

As principais matrizes de saber, junto aos saberes do corpo em movimento, que estiveram presentes, desde o início e progressivamente – tanto na construção das reflexões e

tecituras de observação e análise, quanto nas transformações das perspectivas, objetivos e desafios no desenrolar do processo investigativo – foram: as epistemologias e perspectivas tradicionais e/ou oriundas dos saberes dos povos originários de Abya Yala (América Latina) e da África (leia-se aqui da afro brasilidade), que têm movimentado e nutrido a construção de saberes na contemporaneidade brasileira de maneira vigorosa e efetiva. A presença e influência de perspectivas e saberes oriundos de tradições milenares do oriente (leia-se aqui Índia, China e Japão), que também esteve presente no processo investigativo, tanto na formação e experiência profissional da investigadora, quanto enquanto um dos locais em que foi desenvolvida a pesquisa de campo participativa. E, ainda, por último, mas não menos importante, a tradição popular de saberes culturais advindos da experiência, considerados pejorativamente como senso comum, cujas raízes e matrizes, se entrelaçam nos saberes da experiência construídos no cotidiano.

O que me parece ter grande importância nesta constatação, ao menos para a pesquisa em questão – além do fato de serem todos saberes construídos coletivamente, desde a experiência cotidiana ao longo dos séculos e milênios, no seio das respectivas culturas – é o fato de serem estes saberes que se constituem enquanto saberes integrados, geradores de conhecimentos que se entrelaçam e se entrecem entrelugares de dimensões múltiplas, plurais e transdisciplinares. Saberes construídos desde uma relação e uma perspectiva radicalmente diferentes das que estruturam a ciência moderna – especialmente no que concerne à compreensão de noções como conhecimento, natureza, sociedade e ciência, entre outras. Saberes complexos que trazem em si perspectivas integradoras e sistêmicas em relação ao ser/estar/existir/relacionar-se no planeta. Perspectivas e saberes que se constituíram em terreno fértil para o germinar e entretecer dos elementos vivos da investigação em novos elementos, novas questões, entrecimentos e derivas das experiências compartilhadas e dos conhecimentos vivenciados.

Assim, acredito que o que se coloca para os atores, ou os corpos sociais que movem os espaços institucionais de construção do conhecimento – neste momento histórico em que o *modus vivendi* da humanidade no planeta se deflagra totalmente equivocado e revela ter chegado ao limite de suas possibilidades – é exatamente a questão ética/política/estética em relação à pergunta: que tipo de conhecimento queremos construir? Que tipo de realidade queremos cocriar a partir de nossas pesquisas, estudos, docência, interlocuções e publicações? Já não é hora de reconectarmos com os saberes que permanecem de fora ou às margens das instituições reconhecendo seu lugar de igual valor e importância, de maneira que tais saberes

estejam igualmente presentes dialogando e se potencializando pelo seu entrelaçar na construção do conhecimento?

Figura 69 - UBUNTU



Fonte: Internet.

## 6.7 Saberes do corpo em movimento

*É através da percepção, que podemos conhecer. Sendo a percepção uma função do movimento, o que percebemos depende ao menos em parte da maneira como nos movemos; motivo pelo qual devemos começar o estudo da percepção pela locomoção e não pela cognição.*

(Tim Ingold)

A escuta do corpo – aqui compreendida como presença – é a dimensão fundamental no movimento vivo de ser/estar/existir *corpomundo*, dentro do *território sem fronteiras*<sup>62</sup> a que estou chamando de *saberes do corpo em movimento*. Saberes que compõem boa parte dos sistemas e práticas corporais integrativas que permitem o autoconhecimento, a conscientização, a emancipação e o desenvolvimento global e holístico das faculdades humanas – entre as quais a presença, a vitalidade, o potencial de interatividade, criatividade e as habilidades de expressão e criação pelo movimento. Partindo do pressuposto de que tais saberes fazem parte de práticas específicas, podemos nos perguntar se e quando foi que tais saberes, próprios da corporeidade humana, deixaram de ser naturais, ou de ser parte intrínseca do processo de desenvolvimento das faculdades e habilidades dos seres humanos.

Vamos supor, enquanto hipótese, que os seres humanos em condições de existência *Una*, ser natureza, ou seja, ambientados como parte integrada no organismo Terra – como os povos originários de *Abya Yala* costumavam viver (ou no estágio da experiência humana em diferentes territórios do planeta, por exemplo, anterior à colonialidade e à modernidade) – têm em si a potencialidade de desenvolvimento das faculdades e habilidades próprias ao ser humano de maneira integral (dentro das diferentes condições e características específicas de cada povo e sociedade). O que favoreceria, em princípio, o desabrochar da totalidade das faculdades, incluindo o acesso, percepção e exercício dos saberes do corpo, naturalmente, de acordo com as diversas realidades. Tal hipótese, ainda que um tanto ideal e genérica, pode servir como parâmetro de comparação e análise do contexto em que se insere o corpo e a corporeidade do corpo social na modernidade, ou no limiar de falência da modernidade, em que a pesquisa se insere.

---

<sup>62</sup> Gosto de paradoxos. Aprendi com Jean-Jacques Rousseau que é melhor ser um homem de contradições do que um homem de certezas. Paradoxos costumam inspirar caminhos diversos ou desconhecidos e em possibilitar complementaridades em aparentes contradições. A expressão *território sem fronteiras* me apareceu na escrita deste parágrafo, materializando uma imagem que me escapava e logo se fez essencial para compor o escopo teórico do trabalho. Aquela sensação tipo “eureka”, ainda que clichê, para harmonizar a noção de território com o todo transdisciplinar, assim como com o acolhimento da incerteza, enquanto perspectiva e princípio norteador nesta pesquisa.

Falo de um panorama instituído de adestramento, mecanização, massificação e objetificação disciplinar, no controle dos indivíduos e do corpo social. Principalmente após a expansão colonial, a industrialização dos meios de produção e a progressiva mercantilização das relações de trabalho e da existência, as faculdades, habilidades e os saberes do corpo foram sendo adormecidos, silenciados e/ou mutilados, tornando-se cada vez mais distantes da realidade humana. Em *Corpos Dóceis*, capítulo do livro *Vigiar e Punir*, Michel Foucault (1987) apresenta, através de registros históricos institucionais, a progressão do controle e da manipulação do corpo; da descoberta deste “como objeto e alvo de poder”. Segundo o autor, na

Segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, “foi expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”. (FOUCAULT, 1987, p. 117).

Foucault demonstra como, através de procedimentos e técnicas disciplinares, a sociedade “progride” em direção a novas técnicas de poder, sujeição e dominação dos indivíduos, reduzindo o corpo à sua funcionalidade e eficácia, no sentido de uma “nova anatomia política” de coerções sobre o corpo, seus elementos, gestos e comportamentos. Esse “momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano” (FOUCAULT, 1987, p. 119) em que são desenvolvidos mecanismos de controle, domesticação e apropriação desse corpo. Corpo que, então, progressivamente, “se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil” e que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 1987, p. 119). Investe-se no adestramento de um corpo-objeto. Corpo “alvo dos novos mecanismos de poder”, manipulado e passível de ser assujeitado e objetificado, sempre mais à serviço de um poder dominante que trata de “reger as relações do tempo, dos corpos e das forças” (FOUCAULT, 1987, p. 132-3). Ainda nas palavras do autor:

O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido descritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. [...] não simplesmente para que façam o que se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. [...] A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela *dissocia o poder do corpo*; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade que ela procura aumentar; e *inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita*. (FOUCAULT, 1987, p. 118-119, grifo nosso).

Na passagem acima, Foucault identifica dois registros dessa “nova técnica para a apropriação do tempo das existências singulares” (FOUCAULT, 1987, p. 133): um relacionado à ciência e outro relacionado às instituições, mostrando que tal poder disciplinar se constrói ao longo do tempo, de maneira minuciosa e através de múltiplos processos. Processos e mecanismos por vezes aparentemente mínimos de controle, com o intuito de reduzir o corpo à sua dimensão funcional, da maneira mais eficaz e disciplinada, estruturando o que os teóricos do século XVIII já viam como “Arquitetura, anatomia, mecânica, economia do corpo disciplinar.” (FOUCAULT, 1987, p. 141).

Tais processos e mecanismos estruturais de manipulação e opressão foram sendo progressivamente refinados e aprofundados – de maneira cada vez mais eficaz e intensa ao mesmo tempo que mais sutil e impalpável – sempre no sentido de favorecer as benesses de uma elite dominante. Porém, com o lugar de subalternidade e/ou coisificação engendrado nos corpos do corpo social – pela lógica moderna da ciência e da cultura “ilustrada”, aceleradamente agravada pelos requintes tecnológicos e subliminares de manipulação – juntamente com a avalanche da globalização, temos atingido níveis extremos de alienação e de distanciamento afetivo da natureza e da nossa própria natureza. Condição um tanto esquizofrênica que, de certa forma, transferiu-se de uma condição metafórica de ilusão para aquela de experiência real de alienação da corporeidade e de um estado crescente de ausência no/do corpo.

Cristine Takuá, no evento Selvagem ciclo 2019<sup>63</sup>, elaborando reflexões relacionadas à monocultura mental, à unificação das pessoas e à perda de sentido em relação à fruição da vida e à complexidade dos diálogos criativos nas relações, utiliza a poderosa metáfora das árvores ocas: “Bom, eu fico observando quando ando por aí. As pessoas andam muito adoecidas, me parece. Adoecidas no sentido de um vazio, como uma árvore que é um pau oco por dentro, que ele só por fora é pau, mas por dentro é oco; parece-me que muitos estão ocos por dentro.” (TAKUÁ, 2019, 11:33).

Quando ouço Cristine tecendo a metáfora da árvore oca, minha imaginação remete ao que tenho chamado de *ausência do corpo* ou de *corporeidade alienada de si*. Como árvores ocas, nós, seres humanos modernos, especialmente da civilização ocidental capitalista, que nos rendemos e assumimos a “ilusão de separatividade” entre nós e a natureza (CAPRA, 1986), incorporamos conseqüentemente uma separatividade de fato entre nossa consciência e nossa corporeidade. Passamos a não sentir, não perceber, não ter consciência ou conexão com a

---

<sup>63</sup> Roda de conversa do #selvagemciclo sobre ‘Biosfera’ do dia 13 de novembro. Canal Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://youtu.be/7hzJVxUOjc8>. Acesso em: 7 maio 2020.

integridade corpórea que somos. Distanciamos-nos de nossa corporeidade viva, vibrante e fomos anesthesiando nossos sentidos, nossas habilidades sensoriais, perceptivas, cinestésicas, cognitivas, expressivas e criativas, assim como fomos perdendo nossas habilidades corporais em relação ao movimento.

Tim Ingold, no ensaio *A cultura no chão: o mundo percebido através dos pés* (2017), examina o distanciamento entre a civilização ocidental e a natureza, a forma como a sociedade inferiorizou as habilidades e inteligência relacionadas à parte inferior do corpo e superestimou ou valorizou como referenciais suficientes as habilidades relacionadas à parte superior do corpo, aqui entendidas como mente, mãos, racionalidade etc. Ingold desenvolve reflexões sobre essa separação artificial, porém radicalizada na sociedade moderna ocidental, mostrando manifestações e reflexos de uma certa civilidade bípede de botas, explícitas na relação dos pés humanos com a terra. Os pés se calçaram de botas e sapatos e a terra foi calçada de cimento. Perdemos o contato com a terra (e aqui penso em natureza, mãe, origem, raízes) no processo de desvalorização do corpo e de tudo que foi relacionado à parte inferior do corpo – como o instinto, a sexualidade, a afetividade e a maioria dos aspectos concernentes a nossa condição de pertença ao reino animal. Tema a que retorno em outro movimento.

Por outro lado, acreditando supervalorizar as partes superiores do corpo e as habilidades relacionadas às mãos e ao cérebro, como se estas fossem qualidades independentes e isoláveis entre si, não percebemos a progressiva mutilação orgânica e existencial a que essa separação artificial poderia nos levar, tanto como espécie quanto como civilização e sociedade. "Graças a suas mãos e a suas botas pesadas o homem civilizado, ao que parece, é em cada centímetro um cientista em cima, mas uma máquina em baixo." (INGOLD, 2017, p. 74). Vale lembrar que lidamos da mesma maneira com a dimensão da espiritualidade, relegando, teoricamente, à mente e ao "espírito" a relação com o divino, esquecendo-nos que a conexão com a terra, o planeta e o cosmos é o que nos faz sermos seres integrantes e integrados à criação.

Como disse Cristine Takuá (2019), as escolas e o tempo das escolas têm feito com que as crianças deixem de sonhar. E, com o sonho, outras tantas faculdades relacionadas à sensibilidade, ao imaginário, à percepção têm sido perdidas, esquecidas ou adormecidas. Acredito que, na medida em que deixamos de ouvir a natureza, nos separamos artificialmente dela em nós e da nossa condição de natureza e, portanto, reduzimos nossas existências a condições também artificiais; perdemos-nos de nós mesmos, do nosso ser como corpo social, como natureza, como seres vivos em nossa pertença ao organismo Terra - o que nos trouxe progressivamente às condições em que nos encontramos hoje, e que se revela tão mais

insustentável quanto a Pandemia revela nossa relação cancerígena com nosso corpo orgânico planetário.

Podemos nomear de diversas maneiras e não será suficiente para esclarecer a complexidade do panorama que enfrentamos como espécie. Mas podemos perceber, com um pouco de abertura, o drama social em que estamos mergulhados e a situação limiar que, neste momento planetário, envolve claramente a totalidade da nossa espécie. Momento de crise que, portanto, traz grandes oportunidades de transformação. Ainda que, como espécie, ainda não tenhamos essa consciência da nossa unidade e pertença coletiva à Terra, sobre e na qual existimos e que somos parte.

Podemos observar vários indícios que nos levam a crer que o *zeitgeist* atual, hoje, de certa forma, e sob inúmeros aspectos também globalizado, parece estar passando por mudanças estruturais radicais. Ou seja, diante de tantas mudanças estruturais, de fato e potenciais – relacionadas a essa perspectiva da falência da sociedade moderna-colonial-capitalista-necropolítica-autocida-cancerígena – pode ser interessante a reflexão sobre as possibilidades de desenvolvermos o cultivo de saberes múltiplos, complementares, de modo a integrar também saberes secularmente excluídos ou marginalizados, nas instituições de ensino, pesquisa e produção de conhecimento.

Porém, trata-se aqui do cultivo e prática de uma integração de fato e de direito – em condições de igualdade e valor – em relação ao saber moderno capitalista colonial antro-po-falo-ego-logocêntrica (ROLNIK), adotado hegemonicamente e de maneira excludente em relação aos saberes locais, originários, ancestrais, assim como em relação aos saberes arcaicos e aos saberes da experiência e do senso comum acumulados secular e coletivamente, por exemplo. Nas palavras de Michel Maffesoli, em *Elogio da razão sensível* (1998), trata-se de diversas dimensões de saberes com qualidades de “saber dionisíaco”, de “saber orgânico”, de um “modo poético de conhecimento”, “enraizado” na existência e na experiência humana, coletiva. Segundo o autor:

Em todas essas coisas há uma boa dose de vibrações comuns, aquilo que A. Schultz denominava “sintonia”, ou de emoções “estéticas” que são, em essência, concretas, enraizadas. É isso, propriamente, que o sociólogo ou o filósofo social deve pôr em evidência. *Não há mais que se procurar o sentido no longínquo ou num ideal teórico imposto do exterior ou em função de um sistema de pensamento, mas, isto sim, vê-lo em ação numa subjetividade comunitária, o que quer que se leve a sério o sensível, quanto mais não seja para dar-lhe fundamento racional.* Isso se traduz na recusa a opor os fatos afetivos e os fatos cognitivos mas, em vez disso, reconhecer a dinâmica que os une sem cessar. Dinâmica em ação na vida social, dinâmica que deve se encontrar, de fato, no ato de conhecimento. (MAFFESOLI, 1998, p. 194, grifo nosso).

Foi na etapa do doutorado sanduiche em Berlim, Alemanha, que o *acaso se tornou o primeiro dos elementos que vieram a compor a perspectiva metodológica*, de maneira consciente, e que pude nomear. Nesse ponto já buscava cultivar uma entrega incondicional ao movimento investigativo – através da experiência de uma corporeidade presente, consciente, curiosa e aberta aos acasos, ao desconhecido, ao imprevisível e aos afetos – em relação aos momentos/processos/encontros/descobertas, nas diferentes etapas da pesquisa de campo. Progressivamente fui identificando os cinco elementos que se mostraram determinantes da minha curiosidade, das minhas vontades e pensamentos, assim como das minhas reflexões e escolhas, ou seja, determinantes do meu movimento e performatividade investigativa que, por sua vez, determinavam minhas escolhas metodológicas – todos inter-relacionados entre si: o *acaso, o caos, o afeto, a intuição e a criatividade*.

A percepção e elaboração da importância destes elementos, no meu processo de investigação, foi o que me fez compreender as características peculiares da prática metodológica que fui desenvolvendo e que, como disse, passei a chamar de *metodologia intuitivo-criativa*.

## 6.8 Saberes arcaicos e nosso ser animal

Como diz a bailarina, educadora e pesquisadora Ana Thomaz, em *O trabalho está em nós*, documentário de curta-metragem produzido por continuecurioso (2014), “Se tem uma constância na natureza, se tem uma coisa que você fala: isso é constante, é a mudança.” E é sobre a possibilidade de mudança radical (radice - raiz) da existência – que concernem ao despertar da conexão, contato, percepção, consciência e habilidades relacionadas aos saberes do corpo sensível, consciente e criativo – que se trata aqui, quando contextualizando os saberes do corpo em nossa contemporaneidade e em relação ao *zeitgeist* da atualidade. Letícia Teixeira, professora e pesquisadora do movimento, no livro *Conscientização do Movimento: uma prática corporal*, em que apresenta os fundamentos e princípios do trabalho realizado na Escola e Faculdade Angel Vianna, desde sua experiência docente, explica:

Um corpo vivo expõe-se perante o outro, com suas singularidades, como um corpo cheio de sentidos. Ninguém possui um corpo igual. O corpo é sempre exclusivo. A leitura do mundo é uma construção múltipla, ela é própria enquanto manifestação conduzida conforme as circunstâncias que lhe foram proporcionadas.

O propósito da existência, segundo a educação, é ativar o ser potente que existe em cada um, com todas as suas capacidades e potencialidades. O carimbo é lacrado no momento do nascimento. As condições poderão ser amenizadas ou não, dependendo do lugar e da identidade conferida a cada um. O mesmo ocorre com a objetividade da existência. Tudo depende das circunstâncias.

Sabe-se que o horizonte é infinito, que se prolonga para além do visto. [...] O fato de se viver num corpo específico compromete a vida enquanto tal. A apresentação no mundo é com ele. A exposição no mundo também o é. [...] *Trata-se de uma área ou campo de trabalho corporal em que o estudo é voltado para o corpo vivido.* (TEIXEIRA, 1998, p. 86-88, grifo nosso).

Uma das qualidades do trabalho nas práticas corporais sensíveis, conscientes e criativas, é, como anuncia Letícia, a infinitude de caminhos e de expressão e manifestação tanto dos processos como dos resultados, no abrir-se aos saberes do corpo - o que envolve dimensões múltiplas, plurais, complexas e sistêmicas, configurando um ambiente e uma prática sempre e necessariamente flexíveis e criativas, de acordo com cada contexto e situação, se queremos que o trabalho se realize em sua plena potência e no fluxo dos corpos e corporeidades envolvidas, dependendo da presença ou presenças manifestas, na dimensão do infinito e a cada novo instante. Um processo de criação em eterno devir.

Nesse sentido, tomo como um exercício paradoxal o que considero, em princípio, uma sistematização do indefinível, do impossível de significar apenas com palavras e/ou mesmo com a ajuda de outros signos que possam ser impressos em um papel. Mas assumo o lugar da contradição em que me encontro e o desafio instigante de enfrentar essa empreita que considero, senão impossível, certamente para mim um tanto frustrante, que é falar do inefável.

Retorno, então, ao início do texto, quando falava da escuta no e do corpo, que relacionei ao que costumamos chamar, nas práticas corporais, de presença. Essa presença, relacionada ao contato com a respiração e com o corpo, representa a condição fundamental para acessar as habilidades sensoriais, perceptivas, cognitivas e criativas em suas dimensões globais. Esboço aqui, artificialmente separadas, algumas noções que se entrelaçam e se compõem mutuamente, em um exercício de sistematização.

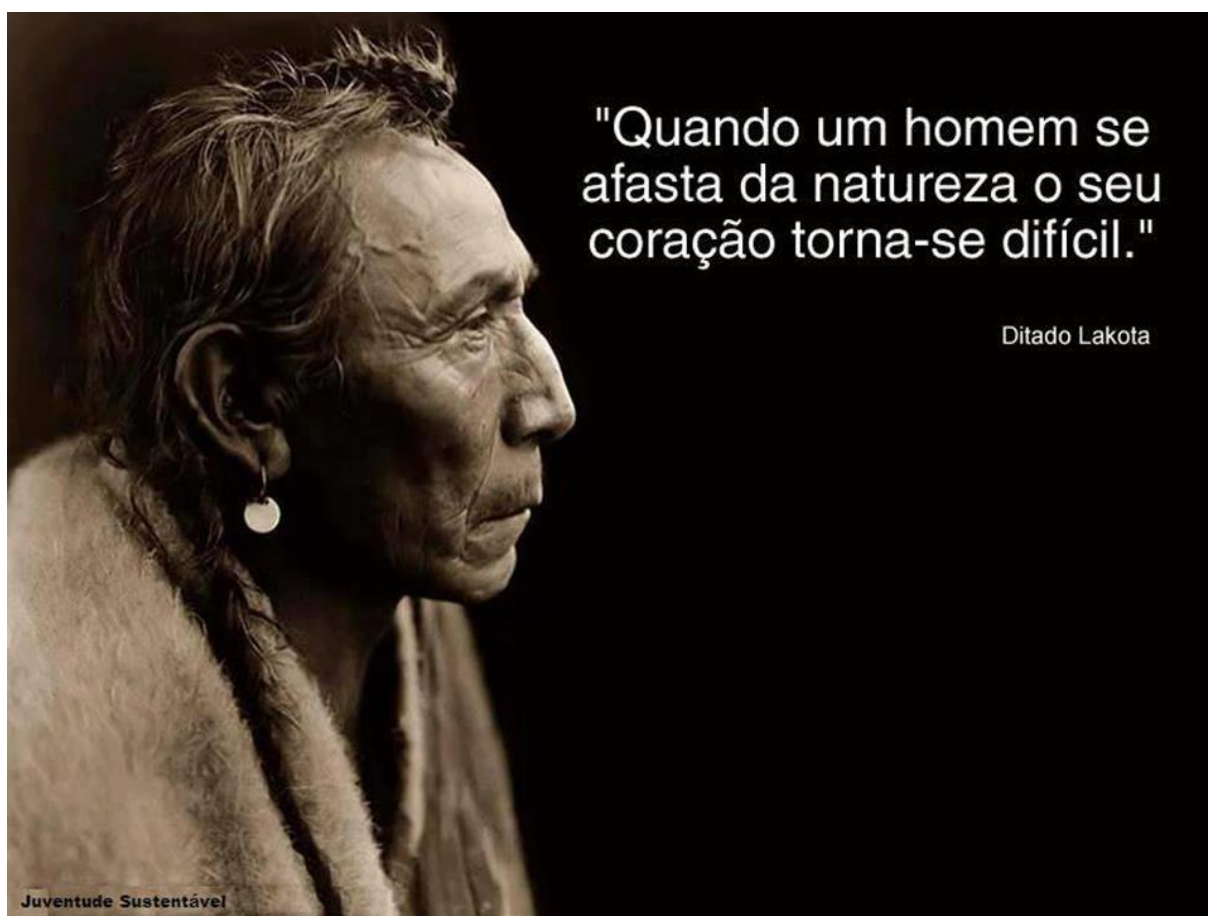
Portanto, insisto que não se trata de uma classificação com pretensões definidoras ou definitivas, mas, ao contrário, uma apresentação aberta e flexível em sua essência, com o objetivo de nomear alguns aspectos e dimensões fundamentais, dentro do território sem fronteiras a que estou chamando de saberes do corpo em movimento. Saberes comuns, próprios dos sistemas e práticas corporais integrativas que favorecem o autoconhecimento, a conscientização, a autonomia e a liberdade de escolha e de criação corporal, artística, relacional, social e existencial, a emancipação e o desenvolvimento da totalidade das faculdades humanas de maneira integrada e global, além do desenvolvimento de incontáveis aspectos e características de nossa animal-humanidade, muitas vezes emudecidos ou relegados à margem,

entre as quais: a imaginação, o afeto, a intuição, a criatividade, a liberdade de criação e as habilidades de expressão e interação pelo movimento.

O que importa neste momento do texto é ressaltar as múltiplas dimensões das artes e práticas corporais – que nutrem perspectivas sensíveis, conscientes e criativas – no sentido de favorecer os saberes do corpo e seu potencial. Ou seja, trata-se de práticas que possibilitam e potencializam uma corporeidade mais integrada e consciente e, portanto, *uma autonomia e inspiração para a criação de mundos e realidades* – e aqui falo da experiência prática e não de conceitos utópicos – *assim como para a recriação de si, do ser corpomundo, a partir da autocriação do ser/existir/fluir/relacionar-se. Saberes que nutrem o vir-a-ser como construção consciente e criativa do devir existencial no mundo.*

Em resumo, por serem práticas fecundas para o desenvolvimento de corporeidades integradas, inspiram e provocam o nutrir de um corpomundo integrado em seu meio, de maneira mais consciente e plena – em seu ser-no-mundo e em entretecer relações e criações transcorporais vigorosas no corpo social e no corpo planetário.

Figura 70 - Natureza Humana



Fonte: Juventude Sustentável

Ainda que vivamos, socialmente, em um enredo e uma dramaturgia histórica que não escolhemos, com a qual não nos identificamos, ou que chegue a nos desagradar deveras. Quero dizer que, sendo fiéis a nós mesmos e maestros de nossas máscaras, papéis, falas, ações e movimentos relacionais, talvez possamos compor uma existência que faça sentido verdadeiro, dentro da nossa verdade subjetiva e dentro da nossa subjetividade coletiva. Desde aí, e tendo em vista nossa essência anárquica e nossa necessidade de criar a realidade, como desenvolve Nicolai Evreinov no livro *El teatro en La vida*, sim, talvez seja possível uma reforma radical, não apenas nas nossas existências individuais, mas, também no teor das nossas relações e influenciando os nossos círculos relacionais, nossa coletividade e, portanto, a qualidade das dinâmicas transcorporais que nos constituem...

Claro está que esta é uma perspectiva utópica, u-tópica, sem lugar pronto nas dimensões macro políticas da sociedade. Claro que nos baseamos na construção do que não está dado, dentro do trabalho diário pelo impossível. Na criação de novas realidades, contrárias ao fluxo inercial do *status quo*. Mas, não é disso que se trata, também, o instinto de teatralidade, uma necessidade de transformação da realidade, de transmutação da existência? Não falamos de um sentido maior da existência, especialmente da existência humana?

Es precisamente en el deseo ciego e ilógico de ir "contra sus intereses normales, inmediatos, matemáticos", que la *voluntad de teatro* tiene sus raíces entre los hombres; y hasta cierto punto esta voluntad es siempre "criminal"; pues la delicia de las tentaciones que nos ofrece, reside en la alegre y dichosa transgresión de las leyes "lógicas", "naturales" y otras. (EVREINOV, 1956, p. 117).

Sejamos, então, criminosos!! A serviço da *vontade de teatro*, do *instinto de teatralização* e transmutação, em seu sentido anárquico e criador, e sendo fiéis a nós mesmos: sejamos transgressores e exerçamos nossa desobediência civil, ainda que correndo os riscos naturais das atitudes marginais! É fácil concluir que, somente se dispondo a mergulhar nos abismos da liminaridade, arriscando incomodar os parâmetros e paradigmas socialmente construídos, incorrendo em estar no limiar da lógica civil, à margem do *status quo*, é possível ser fiel, realmente, a si mesmo ao longo de uma existência. Talvez seja este um dos motivos que levam pessoas a dedicarem uma vida ao teatro, mesmo indo contra a lógica capital burguesa ocidental e globalmente colonial, no caso das sociedades complexas. Evreinov dramatiza e exagera um tanto ao falar desta “criminalidade”, porém, não tanto sem sentido:

La esencia misma del teatro no está contenida acaso en la violación de las normas impuestas por la naturaleza, por el estado, por el público? Así es. El teatro, en el sentido filosófico de la palabra, no es otra cosa que un crimen. Si no lo fuera, perdería todo su encanto, toda su irresistible atracción; en resumidas cuentas, su razón de ser. En este punto conviene agregar que el teatro es alguna vez criminal, en sus métodos;

no sólo en un sentido filosófico, sino en un sentido estrictamente judicial. Mentiras, simulacros, engaños, empleo de falsos nombres (nombres de guerra), abrazos lascivos y besos a la vista del público, " (EVREINOV, 1956, p. 118).

O teatro como meio, espaço/tempo, caminho curativo também é algo recorrente na história das civilizações. Visto de uma maneira ou de outra, o processo catártico que o teatro permite dar vida, seja de uma maneira mais ritualística, corporal e extática, ou, de um modo mais intencionalmente militante, político, de reflexão intelectual, entre outras maneiras que vão dos rituais ao entretenimento, possibilita processos de espelhamento, identificação, elaboração, “exorcismo”, e etc. que passam muitas vezes por processos de conscientização e cura, tanto dos atores em cena, quanto dos atores sociais envolvidos, seja como técnicos, produtores ou público. Acontece com certa frequência, em trabalhos teatrais de qualidade, um processo de sublimação, que podemos entender como terapêutico, para ambos os lados das performances teatrais; processo, que é, então, transformador e “curativo”. “El teatro cura a los actores. Cura también al auditorio. El gran Aristóteles, en su doctrina de la "Cátarsis" "aprecia el valor curativo de una tragedia bien puesta en escena.” (EVREINOV, 1956, p. 126).

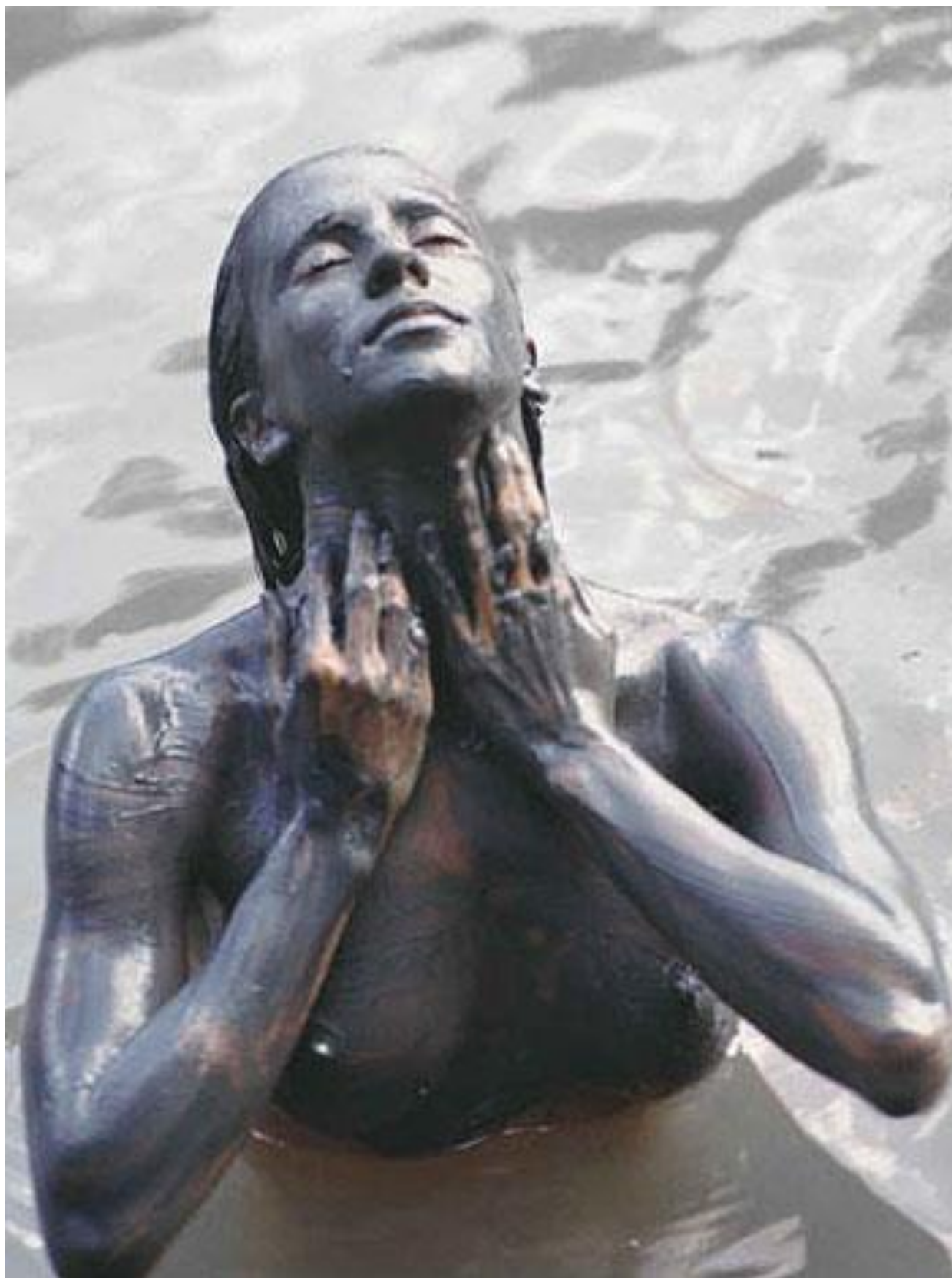
Assim como com o teatro encenado, pode acontecer na vida cotidiana. Tudo sendo uma questão de perspectiva, ao menos para o que crê Evreinov: “Pues ahora, decididamente prefiero mi "irreal" y personal teatro. Por ejemplo, antes, no amaba las obligaciones mundanas; almuerzos, té, recepciones, etc. Hoy en día son para mí una fuente inimaginable de placeres.” (EVREINOV, 1956, p. 177). Podemos entender como uma postura digna, fiel certamente ao que o sujeito Evreinov entende como uma existência íntegra. Confesso que, para mim, parece um posicionamento perfeito, uma performatividade ética, como filosofia/prática de vida, como perspectiva política, como método performático/existencial. Não obstante, Evreinov insiste nos fazeres teatrais como um caminho de aperfeiçoamento humano, ético e estético e discorre longamente acerca das maneiras de se fazer um teatro que valha a pena fazer, viver, contemplar, assim como uma vida que valha a pena viver, atuar, criar. O autor deixa claro, e dessa crença sou cúmplice convicta e fiel, que temos da vida, assim como do teatro, o quanto nos dispomos a dar à vida, ou ao teatro. O que ele chama de “teatro para si”:

Mi último consejo será éste: no temáis crear, improvisar, poner en juego vuestro propio gusto, vuestra propia inventiva: "Cada uno de nosotros, estima Schopenhauer, puede *tomar* del arte exactamente lo que puede *darle*": Explayaos y desarrollaos, y el encanto del "teatro para sí" se abrirá por sí mismo para vosotros. (EVREINOV, 1956, p. 191).

Seguindo o fluxo da noção de “teatro para si”, deixo ressoar em movimento criativo para a dança e outras artes da cena, assim como para nossas performances do cotidiano.

Vislumbrando a fecundidade presente nas possibilidades de “tomar” da vida o melhor que podemos dar à vida. Ou seja, quanto melhor de nós pudermos dar à vida, melhor da vida teremos enquanto possibilidade de se descortinar nossa vida, como o melhor da *vida para si*.

Figura 71 - Ensaio Terra Mater



Fotografia: Roberto Cavanna. Intérprete: Ceila Portilho. Fonte: arquivo pessoal.

## 6.9 19/01/18 – Madrugada no trem de Wardha para Bangalore, no meio da viagem, já 12 horas transcorridas

Figura 72 - No trem para Wardha.



Fonte: arquivo pessoal.

Muitas foram as coisas especiais e tão especiais nos encontros em Wardha, Maharashtra, Índia. Aonde fui para participar na XIV International Conference of Indian Society for Theater Research, de 15 a 17 de janeiro de 2018, apresentando comunicação sobre o processo desta pesquisa de doutorado, com o título *Anthropoetics of body and movement: resistance and drifts for a decolonial embodied epistemology*, no Department of Performing Arts (Film and Theatre), da Universidade Mahatma Gandhi Antarrashtriya Hindi Vishwavidyalaya.

Muitas tantas que certamente as palavras não dão conta de abarcar, umas pela sutileza, outras pela beleza, outras pela magia, outras pela intensidade, outras pela profundidade e intensidade, outras pela complexidade, umas pela delicadeza e ainda outras pela simplicidade... A maioria de uma grandeza ou de uma inteireza, para mim que vivi, que as palavras poderiam apenas apontar, anunciar e entregar ao imaginário de quem lê a possibilidade de entrar na viagem e colori-la, avivá-la com o próprio imaginário. E digo, sincera, que apenas com um imaginário afetuoso e sem barreiras seria possível se aproximar. De todo o vivido em si

inefável, alheios às palavras já no momento da experiência. Em que nos encontramos, nos comunicamos, nos tocamos profundamente e vivemos o afeto amoroso possível para os seres humanos, na maioria das vezes com pouquíssimas palavras ou com inúmeras palavras cujo significado podíamos imaginar, construir e compreender apenas com o ritmo, o tom, o fluxo, a intensidade... Eu não falava Hindi e a maioria das pessoas nesses divinos encontros não falavam inglês. E, nos entendíamos. Dissemos em meia dúzia de palavras comuns, que era a língua do coração, a língua dos afetos... Falamos de amor e alegria, de cumplicidade, parceria e eternidade nesses encontros. Falamos com a voz do coração, pelos olhares, pelos sorrisos, pelas lágrimas, pelos toques sutis e os abraços apertados, pelos beijos cheios e plenos de afeto. Gratidão!!! Estamos nutridas de amor fraterno por toda uma existência, é o que sinto no meu coração, corpo e alma, neste instante e nos instantes que vivemos. Obrigada meninas!!! Gratidão à vida!!! :-D

Figura 73 - Pintura de Dipti Ogre



Parte do livrinho de desenhos que ela fez de presente para a autora. Nessa pintura ela falou: “Essas somos você e eu”. Fonte: arquivo pessoal.

E qual a relevância desse episódio para a pesquisa? São muitos os aspectos além do afeto que me nutre e me inspira e que já seria suficiente, posto que a linguagem que falamos foi a linguagem do corpo/alma/coração, foi a linguagem sem palavras, e muito além e anteriores a qualquer racionalização possível. Nada que o intelecto pudesse sozinho explicar e menos ainda em relação à força expressiva e a potência transformadora da experiência para nós. Algo que surpreendeu e em maior ou menor grau, de uma ou outra maneira, afetou aos que testemunharam. Um processo extático singelo, natural e poético que foi se criando em fluxo livre e leve, como um ritual catártico em doses homeopáticas. Algo que eu chamaria de um estado inesperado e espontâneo de “*communitas*” (Turner).

Um fenômeno belo, lúdico e curioso mencionado inclusive pelo “presidente” (honorário?) do evento, Dr. Ravi, na sessão final de fechamento da Conferência, na qual participei como palestrante e via do palco no auditório aqueles tantos olhos brilhantes e sorrisos cativantes enquanto eu falava. Ele falou dessa magia do afeto que nos conectou de forma intensa e contagiante, que preencheu os corredores e halls do evento em todas as pausas e em algumas sessões de apresentações de *papers*, em que nossas performances afetivas às margens do fluxo cotidiano, continuavam escapando pelos espaços abertos e sessões espontâneas. Rituais afetivos e anímicos à margem do comum, em que nos entregávamos a momentos de contações de histórias, construções de estórias comuns, reflexões e intercâmbios de temas de pesquisas, de desafios, de desejos e utopias, de visões e intuições. Inicialmente sem intenção ou objetivos e ainda desde a temática de performance e protesto, mas com um tom de afeto, paz e fraternidade, talvez um tanto inspirada nos ecos da “performance mor” que nos inspirava ali na Universidade Mahatma Gandhi, essa mesma, sim do *Bapu*, como era chamado carinhosamente.

Paz, Amor, Afeto, Comunhão, Luta em silêncio e com o coração, de mãos dadas com os pares de revolução. Nossa performance amorosa, reivindicando o lugar dos encontros e do amor leve, livre e alegre, protestando pacífica e poeticamente por um mundo mais humano, por uma existência mais autêntica e verdadeira dos afetos nos encontros artísticos e científicos, por uma linguagem mais amorosa e poética na academia e nas ciências, por um mundo mais simples, por relações mais sinceras, por uma ciência construída com humanidade, essencialmente inspirada pela vida e sintonizada pela noção de comunhão no planeta. Nas palavras soa piegas, absurdo, *nonsense*. Mas na nossa vivência, nosso rito de passagem, criando esse espaço brilhante e contagiante de liminaridade que sutilmente tomou conta do evento foi algo anos luz distante de qualquer redução semelhante.

Renascemos, claramente, nós todas envolvidas e muitas e muitos das e dos que testemunharam. Os meninos rapazes e os homens de todas as idades observavam em torno, um

tanto encantados, um tanto enciumados, já que também participaram um pouco do ritual, mas sempre mais pelas bordas, apoiando, testemunhando, apreciando e por vezes se aproximando somente o tanto que permitíamos, já que inconscientemente sustentamos uma aura de proteção em relação a qualquer interferência não completamente sintonizada nessa mesma pureza, entrega e intensidade; coisas que os homens na sociedade moderna tem histórica e culturalmente ainda menos possibilidades de exercitar. Mas, foram nutridos e inspirados por nossos movimentos, nossas coreografias afetivas espontâneas, tanto que pareciam abelhas rondando as flores, sempre em torno, mais de perto ou mais de longe, mas sempre testemunhando. Foi lindo!!!

Figura 74 - Escapada dos participantes estrangeiros ao Ashram de Gandhi – Bapu.



Fonte: arquivo pessoal.

Uma antropóloga e dançarina russa, em nossa fuga para visitar o Ashram de Gandhi, descreveu em suas palavras sobre a intensa e constante relação de encontros entre mim e as jovens mulheres do evento: “they were eating you”. E eu pensei que, apesar da expressão ser bastante violenta e capitalista para descrever a relação, na minha percepção, que eu podia

entender isso como um fenômeno cultural antropofágico, sim; e, nesse sentido: they were eating me and I was eating them.

Porém, sinceramente, sinto que estávamos mais nos nutrindo reciprocamente do que nos devorando. Pois não se tratava de comer, tomar para si, mas de compartilhar, nutrir-se reciprocamente, compartilhar o pão que se multiplica na medida que se distribui... Assim creio que seja o amor, o “Amor Verdadeiro” ou o que chamam de amor incondicional. Não queríamos levar nada, mas nos entregar, nos integrar, nos entrelaçar em nossos sonhos, desejos, visões, utopias. E, assim, nesse exercício e experiência forte e clara de transcorporeidade intencional, nos nutrimos, profunda e plenamente, para sempre. Ainda hoje, quando lembro, penso ou quando trocamos mensagens sinto o mesmo amor se expandindo no meu chakra do coração. Um amor que me nutre, me inspira e me fortalece. Uma sensação de que continuamos fazendo parte umas das outras, nesta transcorporeidade amorosa que nutrimos e que se integrou em nosso ser. Gratidão eterna!!!

Como disse em palavras a Dipti, que como a maioria não falava mais que umas pouquíssimas palavras em inglês, uma das lindas jovens mulheres, artista plástica (que preencheu o evento com suas lindas imagens de protesto), com quem nos abraçamos, acolhemos e nos amamos fraternalmente, tão intensa quanto leve e alegremente, apenas com olhares, sorrisos, respirações e breves toques sutis: “I miss you Always”. Yes Dipti, I miss you Always and I will have you in my heart Always, until the day we meet again and forever. Trocamos “I love you”, “I am so happy to meet you” E outras pequenas frases dessa simplicidade e com essa verdade, por todos os corredores e nos arredores, pelos caminhos dos 5 morros de Gandhi, onde se situa o Campus da universidade.

E me vem ainda um outro aspecto, relevante para a temática da investigação: arrisco dizer que um fenômeno extático e catártico dessa natureza, só seria possível, em princípio, em lugares de coração quente, de afetos à flor da pele, de relações simples e diretas, de pessoas de alma mais singela e habituada à comunhão. Comunidades que não falam ou teorizam sobre, mas que têm consciência prática do fenômeno da transcorporeidade no cotidiano.

## **6.10 Lugar de fala mestiça e o corplaneta feminino**

A transculturalidade e a *transcorporeidade mestiça afrolatinoamericana* é a cor da corporeidade em que me sinto e em que me vejo, com todos os tons, semitons e nuances mais sutis que a compõe. Sobre esse ser *ch'ixi*, (RIVERA CUSICANQUI), sobre essa mistura rara da *mestiza*, (ANZALDÚA) entre outros modos de dizer que se inscreveram ou não nesta

narrativa, ficam mais alusões nos espaços do texto ou no espaço do desejo que me constitui. Mas, aqui, peço licença para dizer que: a mestiça que sou não se identifica, nem se sente representada, absolutamente, com a forma como, por vezes, ativistas ou lideranças de movimentos negros se referem à branquitude, à comunidade branca, incluindo neste bojo uma diversidade de variações de cores e status que não se enquadrem nos padrões da afrobrasilidade ali reconhecida...

Sendo este um tema delicado, em relação ao qual entendo e respeito a necessidade do protagonismo das pretas e pretos, que assim se reconheçam e sejam reconhecidos e, dentro de um racismo estrutural necropolítico institucionalizado no nosso país, quero explicitar que não se trata aqui de uma crítica ao escopo do movimento negro. Muito ao contrário, justo por me sentir identificada e irmanada com os fundamentos e objetivos centrais da maioria entre os diferentes veios do movimento, me importa que, como alerta Angela Davis (2018), possamos nos abrir para integrar e somar os movimentos contra a exploração e a opressão social, mais do que contribuir para segregar ou afastar possíveis pares e coletivos de luta.

Reconheço, porém, com certa culpa e desconforto que, como mestiça, trago os DNAs e as memórias descendentes tanto do corpo feminino estuprado, quanto do corpo masculino estuprador, tanto do corpo torturado quanto do torturador; e que, sim, tive e tenho inúmeros privilégios. Estes, sim, privilégios majoritariamente relegados à branquitude que também me constitui. Privilégios que a maior parte dos negros e indígenas do país não têm. O que, contraditoriamente, não me tira a estranheza de ter que me dizer branca, ou a dor aguda e profunda que sinto quando indígenas falam dos não indígenas e sei que este é o lugar que agora me cabe, por mais que minha alma não reconheça.

Mas, os privilégios, que parte também muito significativa das mestiças e mestiços que compõem a sociedade brasileira não têm, estes reconheço ter. E, desde a minha condição privilegiada de branquitude, busco compreender e acolher o lugar de aliada e reforçar – ética, política e espiritualmente – a necessidade de reconhecermos e lutarmos, todas e todos, por políticas afirmativas e compensatórias dos processos seculares de genocídio, epistemicídio, escravidão, racismo e discriminação. O que inclui a meu ver, desde esse lugar em que me encontro – e me repito – a luta pela emancipação e descolonização das estruturas e práticas acadêmicas, nas instituições de ensino e pesquisa. A luta pelo reconhecimento, valorização e acolhida – de fato, de direito e oficialmente – dos modos de saber e fazer, das perspectivas epistemológicas e metodológicas de culturas e matrizes de saber ainda excluídas, invisibilizadas ou relegadas às margens (projetos de extensão, por exemplo) nas universidades e na sociedade.

Foi, então, desde este lugar de privilégio, de aliada, de irmã de alma, que entendi ser necessário assumir riscos e buscar quebrar paradigmas, ao menos o suficiente para me somar às vozes que gritam – ou que são obrigadas a silenciar – a urgência do reconhecimento destes direitos dentro das universidades. A urgência da luta pela liberdade de compreender, pensar, de expressar e formular saberes desde outras fontes e matrizes de saber que não as eurocêtricas, logocêtricas, coloniais, capitalistas etc. Entendi, nos movimentos, experiências e encontros da minha corporeidade investigativa que, talvez, fosse este canto, este grito coletivo, da transcorporeidade e transculturalidade que marcam, afetam e constituem minha corporeidade, a melhor contribuição que eu pudesse oferecer, desde este lugar de privilégio e com todo o amor, reverência e gratidão da minha alma mestiça.

Sempre bom lembrar que falamos de exclusão e marginalização que, assim como negros e indígenas, a maioria das mulheres, mães solo, pessoas LGBTQI+, pessoas deficientes, imigrantes, etc. também sofrem. Principalmente se, além de mestiças e mestiços, incorporarem outras condições subalternas “marginais”, sendo pobres, artistas e/ou qualquer status que não sirva – eficiente e subalternamente – ao *status quo* colonial capitalista e necropolítico, da modernidade supremacista euroamericana, hoje globalizada. Neste sentido, acredito que, para além de marcarmos nosso lugar de fala e fortalecermos nossos movimentos e lutas reciprocamente, é importante aproveitarmos a enorme força e unidade que pode nascer de uma perspectiva mais inclusiva e menos territorial das lutas e movimentos pela descolonização da existência no planeta.

A luta não tem donas, dones e donos. Ou não deveria ter. É uma luta pela vida. E, não fosse pelo lugar da minha branquitude mestiça que eu pudesse falar, me sentiria totalmente legitimada, para igualmente falar pelas vidas todas que não podem exigir seu lugar de fala, como as plantas, animais e outros tantos reinos em que me sinto integrada e em que encontro meu lugar de pertença e de identidade, como seres/existências/manifestações desse planeta que sou/somos. Vidas animadas, e as ditas inanimadas, às quais me conecto profunda, real e afetivamente com toda a minha sensibilidade, consciência, corporeidade e convicção – de ser parte da mesma vida/organismo/manifestação chamada Terra. É, também e principalmente, por essa perspectiva ou premissa que entendo ser fundamental incorporarmos uma luta em que “vidas negras importam”, “vidas indígenas importam”, “vidas (ditas) irracionais importam” e “todas as vidas importam”, “*all lives matter*” e MUITO.

Neste eco, que creio ouvir da Mãe Terra, sentipenso e entendo que: antes sermos juntas, juntos e juntas, como um grande corpocoletivo pela vida, do que nos empoleirarmos mais ainda nos galinheiros de raça, classe, gênero, status e toda sorte de lugares e estigmas de opressão, a

que fomos e somos (im)postas e (im)postos por tantos séculos de subalternidade e opressão. Com o risco de – nesta segmentação de movimentos pela liberdade, pela igualdade na diversidade, pela ética, e enfim, pela vida e o direito à vida – reproduzirmos e fortalecemos a forma colonial competitiva e excludente, advinda da opressão e exploração que queremos transformar. Em outras palavras, como diz Ailton Krenak, estamos todas e todos e todes existências na Terra, “no mesmo barco”. Ou, eu diria, no mesmo *corplaneta Terra* – *que somos todas*.

Nas palavras de Célia Xacriabá, na *Live Luta Ancestral*, com Sônia Bone Guajajara, pelo Manifesto Pandêmico Colaborativo do Plano de Cura Maracá Emergência Indígena, em 30 de agosto de 2020, trata-se de **“ouvir o chamado do Maracá, para orientar o nosso caminhar”**.

Figura 75 - Ailton Krenak – Assembléia Constituinte de 1988



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=TYICwl6HAKQ&ab\\_channel=Lu%C3%ADsNic%C3%A1cio](https://www.youtube.com/watch?v=TYICwl6HAKQ&ab_channel=Lu%C3%ADsNic%C3%A1cio)

## VII - POR FIM...

Depois do fim e sem conclusão, reabrindo para o início do texto, continuo navegando... Quando eu já estava por terminar esta escrita, me veio um ímpeto de trazer algo que inundasse em palavras, este texto, com algo do que almejo ver tecido na narrativa corporificada das vivências, que vislumbro narrar em tessituras das minhas entranhas estranhas à ciência, mas que ainda assim faça sentido para o universo fora e dentro dos parâmetros acadêmicos. Eis que encontro (e de repente se fez desimportante o fato de fazer ou não, mais ou menos sentido aos parâmetros acadêmicos), encontro ou me encontra, um pedaço das Galáxias de Campos...

## GALÁXIAS

Por HAROLDO DE CAMPOS

*e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever mil páginas escrever milumapáginas para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura por isso recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites miluma-páginas ou uma página em uma noite que é o mesmo noites e páginas mesmam ensimesmam onde o fim é o comêço onde escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso começo descomeço pelo descomêço desconheço e me teço um livro onde tudo seja fortuito e forçoso um livro onde tudo seja não esteja um umbigodomundolivro um umbigodolivromundo um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo e volto e revoltos pois na volta recomeço reconheço remeço um livro é o conteúdo do livro e cada página de um livro é o conteúdo do livro e cada linha de uma página e cada palavra de uma linha é o conteúdo da palavra da linha da página do livro um livro ensaia o livro todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro por isso o fim-comêço começa e fina recomeça e refina e se afina o fim no funil do comêço afunila o comêço no fuzil do fim no fim do fim recomeça o recomêço refina o refino do fum e onde fina começa e se apressa e regressa e retece há milumaestórias na mínima unha de estória por isso não conto por isso não canto por isso a nãoestória me desconta ou me descanta o avesso da estória que pode ser escória que pode ser cárie que pode ser estória tudo depende da hora tudo depende da glória tudo depende de embora e nada e néris e reles e nemnada de nada e nures de néris de reles de ralo de raro e nacos de necas e nanjas de nullus e nures de nenhures e nesgas de nulla res e nenhumzinho de nemnada nunca pode ser tudo pode ser todo pode ser total tudossomado todo somassuma de tudo suma somatória do assomo do assombro e aqui me meço e começo e me projeto eco do comêço eco do eco de um começo em eco no soco de um comêço em eco no oco de um soco no osso e aqui ou além ou alguém ou láacolá ou em toda parte ou em nenhuma parte ou mais além ou menos alguém ou mais adiante ou menos atrás ou avante ou paravante ou à ré ou a raso ou a rés começo re começo rés começo raso começo que a unha-de-fome da estória não me come não me consome não me doma não me redoma pois no osso do comêço só conheço o osso o osso buço do comêço a bossa do comêço onde é viagem onde a viagem é maravilha de tornaviagem é tornassol viagem de maravilha onde a migalha a maravilha a apara é maravilha é vanilla é vigília é cintila de centelha é favilha de fábula é lumínula de nada e descanto a fábula e desconto as fadas e conto as favas pois começo a fala*

(Haroldo de Campos)

Não sabia ainda como iria dizer no corpo da tese, que cheguei ao final da pesquisa com muito mais perguntas do que iniciei. Que, na verdade, todas as descobertas e experiências e elaborações no processo fizeram foi abrir mais e mais questões e caminhos e perspectivas em relação à todas as questões e desafios que eu tinha no início da pesquisa. Na verdade, no início tinha mais desafios do que perguntas. Já comecei “errado”. Não pretendia chegar a respostas, mas, ao contrário, queria percorrer caminhos, movimentos e relações que nutrissem, significassem ramificassem em minha corporeidade experiências de saberes. Saberes que, com sorte fizessem sentido, ou não. Mas, que necessariamente significassem experiências enriquecedoras de vida, na relação com o território e em relação aos saberes do corpomundo, do corpovida, do corpocoletivo.

Me tranquilizei ao ouvir Bonnie repetindo que estava aberta às perguntas, mas que não terias respostas, mas sim o que eu poderia traduzir por retornos. Não funciona em português... *Tradutore, traditore...* Bonnie diante das “questions” propõem “responses” e não “answers”. Esta postura diante da prática e da conceitualização do trabalho, está no todo do trabalho. Ela diz algo parecido com não tem uma verdade, tem a experiência de cada um nesse contato e encontro perceptivo, conectivo, cognitivo, integrador com os sistemas corporais em seus movimentos. A beleza e a generosidade com que Bonnie trabalha, que, certamente a acompanhou desde o início, emanam em cada gesto, em cada olhar, em cada palavra. E, muitas vezes as palavras lhe escapam e ela diz com humor que está aguardando as palavras “to pop up” – brotarem de dentro.

Se eu já tinha certa convicção de que o trabalho pelas vias do corpo sensível, consciente e criativo, além de possibilitarem o autoconhecimento, o desenvolvimento integrado e integrador das múltiplas faculdades vitais, cognitivas, relacionais, criativas etc., traziam maior abertura e potencial de afetividade, compaixão e amorosidade – com Bonnie – nesses dias de encontro a hipótese ou convicção se realizaram. Tornou-se um saber que pulsa em toda a minha corporeidade e que sinto expandir para o planeta, ao final de cada aula. A transcorporeidade que estamos vivenciando é demasiado sutil, porém, na mesma medida, demasiado vigorosa e presente para não assumi-la. Uma experiência coletiva dessa magnitude, se configura claramente como um ritual de passagem para em torno de 70 países, 700 pessoas conectadas via remota, mas principalmente, conectadas pelas redes da noosfera, principalmente em suas dimensões de esfera afetiva e energética.

Como comprovar? Ou como provar ao contrário? Bem, acho interessante que a física quântica esteja desenvolvendo técnicas e aparelhos de detecção e meios de mensurar certas manifestações de tais fenômenos sutis da transcorporeidade. Mas, o que realmente me parece

bastante significativo é o fato de tais saberes e conhecimentos serem transmitidos, e terem registros escritos, nas culturas tradicionais milenares do oriente, assim como serem transmitidos oralmente nas culturas dos povos originários indígenas das américas, do continente africano e asiático, por exemplo, sem que fosse necessário todo o aparato tecnológico, entre outras características da ciência moderna ocidental.

A noção de sujeito coletivo, ou a presença búdica, ou a compaixão religiosa ou, ou, ou, ou trazem essencialmente o mesmo princípio ou as constelações de princípios que movem e se movimentam na noção de transcorporeidade.

A noção de transcorporeidade nasceu da relação do conceito de transculturalidade com a corporeidade e o atravessamento, entre corpos e subjetividades, que é inerente aos processos transculturais. Essa relação se aprofunda especialmente enquanto desafio de uma construção sociocultural desde a perspectiva descolonial e de (des)construção política de práticas e teorias, que, nesse sentido, se percebem, se colocam ou se movem de maneiras revolucionárias.

Por outro lado, desde o campo das artes do corpo em movimento, a noção de transcorporeidade vem nomear uma qualidade inerente e natural própria das experiências comuns nas práticas do campo. Não apenas como reconhecimento de um atravessamento inevitável entre as corporeidades nos processos coletivos, como também, no sentido de uma construção coletiva na tessitura e desenvolvimento dos saberes do corpo em movimento. Essa construção coletiva, ou na voz de Sérgio Bairon essa “produção partilhada do conhecimento” (BAIRON), evidente no campo das artes do corpo, traz uma reflexão que pode ser estendida para outros campos do conhecimento, enquanto questionamento basilar em relação à possibilidade (improvável) de um processo de construção de conhecimento que não seja coletivo.

Talvez, o que seja, ou ao menos o que vejo de relevante, como constatação, compreensão central, essencial no processo de investigação – e que poderia ser visto como resultado da pesquisa – *é a percepção de que a transcorporeidade seja um elemento intrínseco aos processos de produção do conhecimento, seja ela conscientemente reconhecida ou não pelos sujeitos envolvidos.*

*A transcorporeidade em suas distintas, inseparáveis e complementares constelações e dimensões, tais como a dimensão transpessoal (que envolve a manifestação de dimensões outras de consciência, ou de outras dimensões espirituais), a dimensão genética, a dimensão histórico-cultural, a dimensão transsubjetiva (interrelacional), a dimensão social (classe, status), a dimensão ancestral, a dimensão orgânica de nosso ser organismo Terra, a dimensão global cósmica, universal.*

Dimensão de constelações dessa transcorporeidade manifesta em cada partícula, em cada ser, ente, parte, sistema, expressão, em incontáveis e infinitas constelações e suas particularidades. Como conta, canta, com seu jeito próprio, a história de Luênia:

*Sobre as mãos...*

*Conta a história que o coração queria alcançar o mundo, mas ele vivia num lugar muito profundo. Para atender esse ímpeto fundado em fogo, o mesmo fogo que faz essa máquina pulsar e dela verter rios quentes e vermelhos, ele fez brotar dois grandes galhos no corpo, e ao fim dos galhos dois reflexos do órgão original: as mãos. Com as mãos era possível se aproximar de outros corações, a distância agora era toque, e a profundidade do coração poderia ser desvendada na pele... então, se a pessoa tocasse com inteireza e cuidado outra mão poderia sentir, ainda que por instantes, o coração alheio... O coração ficou feliz com a própria invenção, era uma espécie de auto-emancipação. Agora poderia pulsar em gestos, poderia apertar, pegar, tocar, dedilhar, construir um mundo. E quando estivesse cansado e querendo retornar para si, poderia simplesmente se unir, de mãos juntas, como quem olha a si em frente ao espelho, era possível retornar a si, ao seu profundo.*

*Lua nova. Abril. 2020*

*Luênia Guedes*

Entre tantas perspectivas partilhadas, caminhos trilhados e epistemes com que foi se nutrindo minha corporeidade e a transcorporeidade latente ao longo da investigação, trago um toque delicado, uma visão sublime, uma fala doce e certa, que me afeta com qualidades de encantamento. Me afeta, atravessa, nutre, contamina, completa, recria, de maneira sempre radical e revolucionária – ainda que plena de informações que, em princípio, já conheço, já vivenciei, vivi e compartilhei, por toda uma vida pelo território do corpo sensível. Uma fala que entendo ser revolucionária, em si, por ser, eu diria, uma espécie de “canto do mundo”, o canto cósmico em Michel Collot (2015). Ou, o que entendo ser manifestação de uma pura verdade do cosmos – traduzida em palavras humanas, de maneira especialmente extraordinária por sua simplicidade magistral.

Um canto que traz saberes de sempre, curiosamente tão ancestrais e contemporâneos, quanto afinados com os mais recentes avanços da ciência. Um canto que traz saberes longínquos, tão ancestrais e eternos, quanto presentes em nós, em nossa corporeidade, em nossa consciência corporal, em nossa consciência cósmica. Um canto e encanto que, com a simplicidade própria aos sábios, desvela verdades tão óbvias como distantes da nossa consciência civilizada. E, portanto, revolucionárias. Um canto que revela, ressoa, irradia e ecoa, o que entendo ser o cerne dos saberes do corpo e do que penso serem os fundamentos e princípios essenciais em uma perspectiva epistemológica desse multiverso de saberes.

Falo do vietnamita e monge budista Thich Nhat Hanh, mestre do zen-budismo, quando, se dirigindo ao 1 milhão de amigos, seguidores seus, no Facebook, responde no vídeo <https://youtu.be/gMoRtJhVoxc><sup>64</sup> a pergunta: *How do I love myself?* “Antes de tudo você inspira, e você sabe que tem um corpo”. Fala de como nos esquecemos do corpo ao entrar no ciclo de trabalho e nas teias da tecnologia que nos direciona ao futuro. Inspirando, sabemos que temos um corpo e estamos em nosso lar. “Inspirar é o início do amor.” Ensina que precisamos (re)descobrir a maravilha que é o corpo, uma obra de arte do cosmos, o lugar da consciência do cosmos.

Explica, sem necessidade de recorrer à física quântica, que no corpo estão todas as informações do cosmos, de nossos ancestrais, de nossas origens em todos os reinos. Que a mãe terra, o sol, a água pura e o ar puro estão em nós. E que, inspirando, conscientemente, tendo consciência da maravilha que é termos um corpo, o que nos possibilita ter bastante alegria, assim como entrar em contato com a história da vida, de seus ancestrais e com toda informação do cosmos. Que entrar em contato com essas informações pode ser curativo e nutricional. Entrar em contato com o seu sofrimento e com o sofrimento de seus ancestrais, pode ser curativo, para você, para as outras pessoas e pessoas ao seu redor; posto que gera compaixão, que pode gerar mais alegria. Ao mesmo tempo em que expirar liberando a tensão do corpo é um ato de amor. Inspirar, conscientemente, gerando a liberdade da alegria “to generate a freedom of joy”. “To love yourself is very concrete [...] To take care of your body is to take care of your feelings and emotions.” (HAHN, *online*).

E, diz a experiência, que cuidar do nosso corpo, de nossos sentimentos e emoções, inspirar e expirar com consciência da totalidade que somos no todo que habitamos, gera maior alegria, liberdade e amor, por nós mesmos e pelo todo do ao redor de que fazemos parte. Em outras palavras, conectar com nossa corporeidade e com a transcorporeidade que nos constitui, nos permite ter consciência dessa mistura *ch'ixi*, dessa constelação mestiça que somos todas as formas de existência e nos conectar com a vida e com os seres de forma mais amorosa. Viver o melhor de nós é nutrir a Terra e todas as existências de uma transcorporeidade mais plena de vida.

Nada fácil pensar em concluir algo inconclusivo que, na verdade, se abre e se desdobra em variações, derivas e constelações de entrelaçamentos, como um pluriverso fractal pleno de espirais em caminhos promissores e promessas de horizontes a descortinar possibilidades

---

<sup>64</sup> Indico veementemente o encontro com o mestre Thich Nhat Hanh, através do vídeo *How do I love myself? Thich Nhat Hanh Answers Questions* - <https://youtu.be/gMoRtJhVoxc> ou na versão legendada [https://youtu.be/Ff8P2ldP7\\_A](https://youtu.be/Ff8P2ldP7_A). Acesso em: 15 out. 2019, 09:29.

outras, de experiências, de investigações e transtessituras outras. Assim imagino os caminhos da noção de transcorporeidade, desejando que possa ser nutrida e cultivada, em outros territórios, outras relações e perspectivas e ganhar vida própria nas constelações perceptivas, cognitivas, textuais, conceituais, imagéticas etc. com a potência da vida que lhe é própria, na realidade pulsante do real que nos escapa.

Neste sentido – retornando a dimensões da transcorporeidade enquanto fenômeno inevitavelmente presente nos movimentos de construção e elaboração de saberes e conhecimentos – quero trazer as palavras de um autor que apesar de não ter entrado ainda na formulação narrativa da tese, contribuiu, como outras e outros aqui ausentes, com o meu caminhar. Michel de Certeau, apresenta seu livro *A cultura no plural* com palavras que, a meu ver, contemplam esse entendimento, desde a perspectiva da noção de cultura:

Esta obra visa uma desapropriação da cultura, simultaneamente a uma passagem a práticas de significação (a operações produtoras). Ela se dirige para um apagamento da propriedade e do nome próprio. Esse caminho nos conduz, sem que eu seja ainda capaz de fazê-lo, para o mar anônimo no qual a criatividade murmura um canto violento. A origem da criação é mais antiga do que seus autores, supostos sujeitos, e ultrapassa suas obras, objetos cujo fechamento é fictício. Um determinado se articula nessas determinações. Todas as formas da diferenciação remetem cada passagem a uma obra de outrem. Essa obra, mais essencial do que seus suportes ou suas representações, é a cultura. (DE CERTEAU, 2005, p. 17-8).

Após séculos, senão milênios de uma hegemonia e dominação cega, violenta e limitante da mente sobre o corpo, da lógica e da razão sobre a sensibilidade e a intuição, do materialismo sobre a espiritualidade, do homem sobre a mulher, da cultura europeia sobre a cultura dos “povos nativos”, da praticidade sobre a criatividade, do controle sobre a liberdade, da competição sobre a comunhão, por que não buscar novos caminhos para a pesquisa e construção de conhecimentos científicos na sociedade?

Retomo uma fala de texto anterior, que me marcou especialmente e que sintetiza o que gostaria de enfatizar como sendo o cerne da minha compreensão em relação à transcorporeidade: nela digo que sinto que há mais cores entre o céu e a terra do que cabe nesse momento necessário. E que, talvez, possamos abrir ainda mais espaços e tempos de acolhimento, afeto e cuidado no conjunto das lutas pela vida. *Talvez acolhermos a transcorporeidade ancestral e planetária como nosso lugar comum, como nosso elo sagrado.*

Nesse contexto, deixo aqui ecoar reflexões relativas às possíveis perspectivas epistemológicas e transepistêmicas de re-existência, de cura e de coexistência. Como uma provocação no sentido do fortalecimento coletivo dos movimentos diversos em um movimento global, planetário e humano de re-significação e recriação da existência na terra.

“Talvez, quem sabe, um dia...” nossas corporeidades possam sentir e dançar juntas, a transcorporeidade que nos conecta todas, ao som do **“chamado do Maracá”**.

Figura 76 - Territorialidades Transcorpóreas



Fonte: Acervo Pessoal

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGAMBEN, Giorgio. A ideia do enigma. In: AGAMBEN, Giorgio. **Ideia de Prosa**. Lisboa: Cotovia, 1999. p. 106-110.
- ALVES Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dez. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 jul. 2020.
- BAIRON, Sérgio. **Multimídia**. São Paulo: Editora Global: 1995.
- BAIRON, Sérgio. **Texturas sonoras**: áudio na hipermídia. São Paulo: Hacker, 2005.
- BAIRON, Sérgio. Experiência estética e produção do conhecimento. In: IOKOI, Zilda Marcia Gricoli. (org.). **A Escrita do Historiador**. São Paulo: Editora Unesp, 2018, v. 1, p. 169-199.
- BARRETO, Francisco Sá. Apresentação In: BENZAQUEN, Julia; BARRETO, Francisco Sá (org.). **Curupiras**: colonidades e outras epistemologias. Recife: Editora da Universitária UFPE, 2017.
- BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BELCHIOR, Antônio Carlos. Velha roupa colorida. **Álbum Alucinação**. Polygram, 1976.
- BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. Porto Alegre: Globo, 1970.
- BOSI, Alfredo. O som no signo. In: BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, Alfredo. Imagem, discurso. **Revista Discurso**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 65-86, 1974. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1974.37780>.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de Campo**: a antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRANDSTETTER, Gabriele. Dança como cena-grafia do saber. **Urdimento**, v. 2 n. 19, p. 101-111, 2012.
- CAMARGO, Robson. Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. **Karpa Journal**. Karpa 6. Dossie Performances Culturais Brasil – II, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo: Ex-libris, 1984.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1986.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Tradução J. Guinsburg e Míriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHAITIN, Gregory; CHAITIN, Virginia M. F. G.; ABRAHÃO, Felipe S. Metabiología: los orígenes de la creatividad biológica. **Investigación y Ciencia**, jan. 2014. Disponível em: <https://www.investigacionyciencia.es/revistas/investigacion-y-ciencia/la-era-de-los-macrodatos-591/metabiologa-los-origenes-de-la-creatividad-biologica-11696>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CHAITIN, Virginia M. F. G. **Redes conceituais em mimesis na história das ideias**: uma proposta de epistemologia pluralista. 2009. 179 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CHAITIN, Virginia; MAZZEI, Luiz. O fim da “hegemonia da ciência” em Paul Feyerabend. [Entrevista cedida a] Márcia Junges e Ricardo Machado. **IHU On-Line**, ed. 456, 20 out. 2014. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5721-virginia-chaitin-e-luiz-mazzei>. Acesso em: 02 jul. 2020.

COLLOT, Michel. O canto do mundo. **Signótica**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 221-224, jan./jun. 2015.

CONQUERGOOD, D. Rethinking Ethnography: Toward a Critical Cultural Politics. **Communication Monographs**, v. 58, n. 2, p. 179-194, jun. 1991.

CORRÊA, Carolina Salomão; SOUZA, Solange Jobim. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. **Mnemosine**, v. 12, n. 2, p. 2-25, 2016.

COUTO, Mia. Repensar o Pensamento, redesenhando fronteiras. **Fronteiras do Pensamento**, 10 ago. 2014. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/mia-couto-repensar-o-pensamento-redesenhando-fronteiras>. Acesso em: 19 jun. 2020.

CRARY, Jonathan. **24/7**: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAWSEY, John. Sismologia da performance: Ritual, drama e play na teoria antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 527-70, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27271/29043>. Acesso em: 19 jun. 2020.

DAWSEY, John. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 163-176, 2005.

DAWSEY, John. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. **Campos**, v. 7, n. 2, p. 17-25, 2006.

DAWSEY, J. Sismologia da performance: ritual, drama e play na teoria antropológica. **Revista de Antropologia**, v. 50, n. 2, p. 527-570, 1 dez. 2007.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano. **Linha D'água**, n. 8, p. 31-45, julho, 1993. Tradução: José Luiz Miranda

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobránsky. 4. ed. São Paulo: Ed. Papirus, 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

EVARISTO, Conceição. A liberdade é uma luta constante. **Blog da Boitempo**, 20 nov. 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/11/20/a-liberdade-e-uma-luta-constante/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

EVREINOV, Nikolai N. **El teatro en La vida**. Tradução Malcha Rabell. Buenos Aires: Leviatán, 1956.

EXPÓSITO, Marcelo. La potencia de la cooperación. Diez tesis sobre el arte politizado en la nueva onda global de movimientos. **Viento Sur**, n 135, p. 53-62, ago. 2014. Disponível em: [https://vientosur.info/wp-content/uploads/spip/pdf/VS135\\_M\\_Exposito\\_Potencia\\_cooperacion\\_diez\\_tesis\\_sobre\\_arte\\_politizado.pdf](https://vientosur.info/wp-content/uploads/spip/pdf/VS135_M_Exposito_Potencia_cooperacion_diez_tesis_sobre_arte_politizado.pdf). Acesso em: 20 ago. 2020.

EXPÓSITO, Marcelo. La potencia de la cooperación. Diez tesis sobre el arte politizado en la nueva onda global de movimientos. **Errata**, n. 7, 2012, p. 17

FALCÃO, Viviane Morel. **Texto autoral** no perfil do Facebook, em 22 de setembro de 2020.

FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade, Integração. **Art Research Journal**, v. 1/2, p. 76-95, jul./dez. 2014.

FEYERABEND, Paul. **Como defender a sociedade contra a ciência**. Tradução por Paulo Luiz Durigan; Curitiba, nov. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Mchel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, R.J: Vozes, 1999.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas**: o antropólogo como autor. 4. ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2018.

GIL, José. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores; 1997

GIL, José. **Movimento total**: o corpo e a dança. Lisboa: Relógio d'Água; 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

GOMES, Nilma Lino de. Pedagogia de Resistência e Protagonismo do Movimento Negro. *In: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO GRUPO DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS, MOVIMENTOS SOCIAIS E CULTURAIS*, 2., 2019. Youtube – TV, Rio de Janeiro, Uerj, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/pw8MqYauzc0>

GONZÁLES CASANOVA, Pablo. El colonialismo interno. *In: De la sociología del poder a la sociología de la explotación*: pensar América Latina en el siglo XXI. Bogotá: Lugar Siglo del Hombre Editores CLACSO, 2009.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. **Archivo Artea**, p. 1-10, 2005.

HAHN, Thich Nhat. How do I love myself? Thich Nhat Hanh Answers Questions - <https://youtu.be/gMoRtJhVoxc> ou na versão legendada Disponível em: [https://youtu.be/Ff8P2ldP7\\_A](https://youtu.be/Ff8P2ldP7_A). Acesso em: 15 out. 19, 09:29.

HASEMAN, Brad. A Manifesto for Performative Research. **Media International Australia incorporating Culture and Policy**, v. 118, n. 1, p. 98-106, 2006.

HARTMANN, Luciana. “**Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento...**”: Tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. 2004. 360 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

HARTMANN, Luciana. Tomazito, eu e as narrativas: “Porque estoy hablando de mi vida”. *In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (org.). Etnobiografia*: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 179-206.

HARTMANN, Luciana *et al.* Tradição e tradução de saberes performáticos nas universidades brasileiras. **Repertório**, Salvador, ano 22, n. 33, p. 8-30, 2019. DOI: <https://doi.org/10.9771/r.v0i33.32015>.

hooks, bell. **All about love**. Nova York, NY: William Morrow Paperbacks, 2001.

hooks, bell. Love as the practice of freedom. *In*: hooks, bell. **Outlaw Culture**. Resisting Representations. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Nova Iorque: Routledge, 2006. p. 243-250.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019

INGOLD, Tim. A cultura no chão: o mundo percebido através dos pés. *In*: INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 71-94.

IZZO, João Artur. Noosfera e Mídiosfera: O Imaginário Humano e o Engenho da Mídia. **BOCC**, p. 1-10, 2009.

JUNTA, Cristiano. Quando a relação professor/estudante se torna abusiva na Pós-Graduação? **ANPG**. 11 abr. 2017. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/11/04/2017/quando-a-relacao-professorestudante-se-torna-abusiva-na-pos-graduacao/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

KATZ, Helena. **Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo**. 1994. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

KILOMBA, Grada. O Brasil é uma história de sucesso colonial. Entrevista CNN, com Márcia Tiburi, São Paulo, 2020. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/06/06/o-brasil-e-uma-historia-de-sucesso-colonial-lamenta-grada-kilomba>

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. Tradução Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEFORT, Claude. Prefácio. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 6-9.

LIMA, João Paulo Correia. **Efeitos da administração nasal da ocitocina sobre parâmetros autonômicos e níveis salivares de cortisol em um modelo de stress social**. 2017. 118 f. Tese (Doutorado em Ciência) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2017.

LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Sabia, 1964.

LOWEN, Alexander **Medo da vida: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

MACIEL, Elter. Emoção agregadora. **Revista Sinais Sociais**, v. 1, n. 3, p. 66-121, jan./abr. 2007

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e soialidade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

MAFESSOLI, Michel. **A Palavra do Silêncio**. São Paulo: Palas Athena, 2019.

MARQUES, Fabrício. Para enfrentar o assédio sexual na academia. **Revista Pesquisa**, FAPESP, n. 369, p. 4-6, jul. 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/para-enfrentar-o-assedio-sexual-na-academia/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

PELBART, Peter Pál. **Necropolítica tropical**: fragmentos de um pesadelo em curso. São Paulo: n-1 edições, 2018. (Série Pandemia).

PRESTON-DUNLOP, Valérie and SANCHEZ-COLBERG, Ana. **Dance and the Performative**: A Choreological Perspective - Laban and Beyond. London: Dance Books, 2010. p. 9

MCCALLUM, Cecília. O corpo que sabe: da epistemologia Kaxinawá para uma antropologia médica das terras baixas sul-americanas. In: ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina (org.). **Antropologia da saúde**: traçando identidade e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: Editora FIOGRUZ/ Editora Relume Dumará, 1998. p. 215-236.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2014. [E-book]

MONTAGU, Ashley. **Tocar**: o significado humano da pele. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MOTTA, Pedro Mourão Roxo da; BARROS, Nelson Filice de. Resenha. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 1339-1340, jun. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2015000601339&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000601339&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2020.

NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da multidão. **Lugar Comum**, n. 19-20, p. 15-26, 2004.

NODARI, Alexandre. Limitar o limite: modos de subsistência. **Os mil nomes de Gaia**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/alexandre-nodari.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

O TRABALHO está em nós. Direção Juliana Mendonça e Cristiane Schmidt. 2014. 1 vídeo (29 min).

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lúcia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 18, p. 35-47, jan./jun. 2000.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 7-16.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERES, Marta Simões. **Corpos em obras: Um olhar sobre as práticas corporais em Brasília**. 2005. 347 f. Tese (Doutora em Sociologia) – Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, Brasília, 2005.

PESSOA, Fernando. Viajar! Perder países! 24/10/2016. Disponível em: <http://www.fpessoa.com.ar/poesias.asp?Poesia=062>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PEIRANO, Mariza. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. **Campos**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 9-16, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7321/5248>. Acesso em: 14 set. 2019.

PORGES, Stephen W. The polyvagal theory: New insights into adaptive reactions of the autonomic nervous system. **Cleveland Clinic Journal of Medicine**., v. 76 (Suppl\_6), p. S86-90, 2009

POURIAN, Heike. Das Kleine TAO der Contact Improvisation. *In*: POURIAN, Heike. **Eine Berührbare Welt: Contact Improvisation als Gesellschaftenbewegende Kultur**. [2020]. Disponível em: <https://beruehrbarewelt.de/#slide4>

QUINTILIANO, Marta; OLIVEIRA, Vanessa Fonte; KRAHÔ, Letícia Jôkâhkwyj. Epistemologias que curam: por conhecimentos Indígenas, negras e Quilombolas na Universidade Federal de Goiás. *In*: SIMPÓSIO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 5.; 2019, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2019. Tema: Democracia e direitos humanos: crises e conquistas.

RIBEIRO, Darci. **Falando dos Índios**. Brasília, DF: Ed. UnB, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch'ixi es posible: Ensayos desde un presente en crisis**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

ROCHA, Marília Librandi. Escritas de ouvido na literatura brasileira. **Literatura e Sociedade**, v. 19, n. 19, p. 131-148, 13 abr. 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. **RUA**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 49-61, 1995.

ROLNIK, Suely. Entrevista cedida a [Leonardo Nascimento]. **Pernambuco**. 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2206-entrevista-suely-rolnik.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Coimbra: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, p. 237-280, out. 2002.

SCHECHNER, Richard. **Between Teatre and Anthropology**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1985.

SCHECHNER, Richard. Qué son los estudios de performance y por qué hay que conocerlos? In: SCHECHNER, Richard. **Performance**: teoría y practicas interculturales”. Buenoas Aires; Libros del Rojas UBA, 2000. p. 11-27.

SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. Cristine Takuá no Selvagem ciclo 2019. 13 nov. 2019. 1 vídeo (24 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8&feature=youtu.be&ab\\_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida](https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8&feature=youtu.be&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida). Acesso em: 11 jul. 2020.

TEIXEIRA, Letícia. **Conscientização do movimento**: uma prática corporal. São Paulo: Editora Caioá, 1998.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência (primeira parte). **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 177-185, 2005.

TURNER, Victor. Betwixt and Between: o período liminar nos “ritos de passagem”. In: TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**: aspectos dos rituais Ndembu. Tradução Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói, R.J: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 137-158.

TURNER, Victor. Liminality and Communitas. In: TURNER, Victor. **The Ritual Process**: Structure and Anti-Structure. Chicago: Aldine Pub., 1969. p. 94-130.

TURNER, Victor. Passages, Margins and Poverty: Religious Symbols of Communitas. In: **Dramas, Fields and Metaphors**: Symbolic action in Human Society. Ithaca: Cornell University Press, 1974. p. 231-270.

TURNER, Victor. **Do ritual ao teatro**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

VARGAS, Rocio Del Carmen Tisnado. O sul corpóreo: trajeto de um corpo sociocultural ao corpo poético. **Ouvirouver**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 366-376, ago. dez. 2016. Disponível

em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirover/article/view/31152/19512>. Acesso em: 22 fev. 2020.

VERSIANI, Daniela Gianna Claudia Beccaccia. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance Recepção e Leitura**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.